
SUE MONK KIDD
A VIDA SECRETA DAS ABELHAS

SUE MONK KIDD

A VIDA SECRETA DAS ABELHAS

Tradução
MARIA IGNEZ DUQUE ESTRADA

pa ra le la

Para meu filho Bob e para Ann e Sandy, com todo o meu amor

1

A rainha, por sua vez, é a força unificadora da comunidade; se for retirada da colmeia, as operárias logo sentem a ausência. Depois de algumas horas, ou até menos tempo, elas mostram inconfundíveis sinais da falta de liderança.

Man and Insects

À noite eu me deitava na cama e ficava assistindo ao espetáculo: as abelhas espremendo-se nas frestas das paredes do meu quarto e voando em círculos, com um ruído de hélice, um zumbido em tom alto que atravessava a minha pele. Eu observava as asas brilhando como pedacinhos de cromo no escuro e sentia uma ânsia subir-me no peito. O modo como aquelas abelhas voavam, sem ao menos procurar uma flor, somente para sentir o vento, cortava meu coração.

Durante o dia eu as ouvia fazendo um túnel pelas paredes do quarto, soando como um rádio com estática no quarto ao lado, e as imaginava transformando as paredes em favos e o mel escorrendo para que eu o provasse.

As abelhas chegaram no verão de 1964, o verão em que fiz catorze anos de idade e quando a minha vida passou a girar em uma nova órbita, isso mesmo, em *uma nova órbita*. Relembrando agora tudo que aconteceu, acho que as abelhas foram enviadas para mim. Acho que elas apareceram como o anjo Gabriel apareceu à Virgem Maria, criando acontecimentos que eu nunca imaginaria que ocorressem. Sei que é pretensioso comparar minha vidinha com a dela, mas tenho razões para acreditar que ela não se importaria com isso. Explicarei isto mais tarde. No momento, basta dizer que, apesar de tudo o que aconteceu naquele verão, continuo sentindo ternura pelas abelhas.

Primeiro de julho de 1964. Estou na cama esperando que as abelhas apareçam, pensando no que Rosaleen disse quando lhe contei sobre minhas visitantes noturnas.

"As abelhas voam em enxame quando alguém vai morrer", ela tinha dito.

Rosaleen começou a trabalhar para nós depois que minha mãe morreu. Meu pai — que eu chamava de T. Ray porque "papai" não combinava com ele — a tinha encontrado no pomar, onde ela trabalhava colhendo pêssegos para ele. Seu rosto era grande e redondo, seu corpo descia diretamente do pescoço como uma barraca, e sua pele era tão escura que a noite parecia filtrar-se por ela. Rosaleen vivia sozinha em uma cabana escondida na mata perto de nossa casa, e vinha todos os dias cozinhar, limpar e cuidar de mim como minha mãe substituta. Ela nunca teve filhos, por isso nos últimos dez anos eu lhe servi de cobaia.

As abelhas voam em enxame quando alguém vai morrer. Ela tinha umas ideias malucas a que eu não dava importância, mas fiquei pensando nessa em especial e imaginando se as abelhas tinham aparecido tendo em vista a minha morte. Sinceramente, não me perturbei com isso. Todas aquelas abelhas podiam vir para cima de mim como um bando de anjos e me picar até que eu morresse, e não seria a pior coisa que poderia acontecer. Quem acha que morrer é a pior coisa do mundo não sabe nada sobre a vida.

Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos de idade. Foi um fato da vida, mas quando eu falava sobre isso as pessoas imediatamente começavam a mexer nas unhas e nas cutículas, ou ficavam olhando para o céu como se não estivessem me escutando. Mas de vez em quando uma alma caridosa dizia:

"Tire isso da sua cabeça, Lily. Foi um acidente. Você não teve culpa."

Naquela noite, continuei deitada e pensei em morrer, e me encontrar com a minha mãe no paraíso. Eu diria logo:

"Perdão, mamãe. Por favor, me perdoe", e ela me beijaria até marcar a minha pele e diria que eu não tive culpa. Diria isso para mim nos primeiros dez mil anos.

Nos dez mil anos seguintes, ela ajeitaria o meu cabelo. Escovaria e deixaria tão lindo que as pessoas do céu deixariam suas harpas de lado para me admirar. Dá para reconhecer as meninas que não têm mãe pelo jeito do seu cabelo: o meu vivia espetado para os lados, e T. Ray, naturalmente, recusava-se a comprar rolinhos de arame para mim; então eu tinha de enrolar o cabelo em latas de suco de uva Welch, o que me deixava com insônia. Eu sempre precisava escolher entre um cabelo decente e uma boa noite de sono.

Decidi que levaria uns quatro ou cinco séculos para contar a ela como era desesperador viver com T. Ray. Ele tinha mau humor o ano inteiro, mas especialmente no verão, quando trabalhava no pomar de pêssegos da manhã à noite. A maior parte do tempo eu ficava longe dele. Só era gentil com Snout, sua cadela de caça, que dormia na sua cama e ganhava carinhos na barriga toda vez que ficava de patas para o ar. Eu vi Snout fazer pipi nas botinas de T. Ray e ele nem se importar.

Pedi muitas vezes a Deus para fazer alguma coisa com T. Ray. Ele ia à igreja havia quarenta anos, mas estava cada vez pior. Talvez Deus fizesse alguma coisa a respeito disso.

Chutei o lençol para o lado. O quarto estava em silêncio total, não havia abelhas em lugar algum. A cada minuto eu olhava para o relógio da cômoda e ficava imaginando por que elas ainda não estavam ali.

Finalmente, perto da meia-noite, quando minhas pálpebras estavam pesadas e quase se fechando, comecei a ouvir o zumbido em um canto, baixo porém vibrante, parecendo o ronronar de um gato. Instantes depois umas sombras começaram a se movimentar pelas paredes, pareciam manchas, e quando cobriam a luz, ao passar diante da janela, dava para ver o contorno das asas. O som foi aumentando no escuro até o quarto inteiro pulsar, até o próprio ar tornar-se vivo e forrado de abelhas. Elas cercaram o meu corpo, fazendo de mim o centro perfeito de uma nuvem em turbilhão. O zumbido era tão alto que eu não conseguia nem ouvir meus pensamentos.

Cravei as unhas nas palmas das mãos até a pele ficar como uma espinha de peixe. Uma pessoa podia ser picada até quase

morrer em um quarto cheio de abelhas.

Mesmo assim, a cena *era* um verdadeiro espetáculo. De repente não pude mais ficar sem mostrar aquilo a alguém, embora a única pessoa por perto fosse T. Ray. E se ele fosse picado por umas duzentas abelhas, bem, eu ficaria com pena.

Saí da cama, atravessei o enxame e segui para a porta. Acordei T. Ray tocando no seu braço com o dedo, de início bem mansinho, depois cada vez com mais força, até apertar a pele do seu braço, me admirando ao sentir como era dura.

T. Ray deu um pulo da cama, só de cueca. Levei-o para o meu quarto, enquanto ele gritava que tinha de ser uma coisa importante que eu ia mostrar, como a casa pegando fogo, enquanto Snout latia como se estivéssemos numa caçada aos pombos.

"Abelhas!", eu gritei. "Há um enxame de abelhas no meu quarto!"

Mas quando entramos, elas tinham desaparecido pelas paredes como se soubessem que ele ia chegar, como se não quisessem gastar seus ferrões com ele.

"Que droga, Lily, não tem graça nenhuma!"

Examinei as paredes de alto a baixo. Procurei debaixo da cama e implorei à própria poeira e às molas do meu colchão que mostrassem alguma abelha.

"Elas estavam aqui. Voando por todo lado."

"É, e uma manada de búfalos também."

"Escute só, dá para ouvir o zumbido delas."

Ele encostou a cabeça na parede, fingindo seriedade.

"Não estou ouvindo zumbido nenhum", disse, girando um dedo na têmpora. — Acho que elas saíram desse relógio de cuco que você chama de cérebro. Se você me acordar de novo, Lily, vou fazer você ajoelhar no Martha Whites, está ouvindo?

Martha Whites era uma forma de castigo que só T. Ray podia imaginar. Calei a boca na mesma hora.

Mas não podia deixar as coisas assim — T. Ray achando que eu estava maluca a ponto de inventar uma invasão de abelhas para chamar atenção. Tive a brilhante ideia de pegar um jarro daquelas abelhas e mostrá-las para T. Ray, dizendo:

“Agora você ainda acha que eu estou inventando coisas?”

Minha primeira e única lembrança da minha mãe é do dia em que ela morreu. Tentei durante muito tempo criar uma imagem dela antes disso, qualquer coisa que fosse, ela me pondo para dormir, lendo as aventuras do Tio Wiggly ou pendurando minha roupa de baixo perto do aquecedor nas manhãs geladas. Ficaria contente até mesmo se me lembrasse dela cortando um galho espinhoso e batendo nas minhas pernas.

Ela morreu no dia 3 de dezembro de 1954. O aquecimento estava tão forte que minha mãe tirou o suéter e ficou só com a blusa de manga curta, tentando abrir a janela do seu quarto que estava emperrada por causa da tinta seca. Finalmente desistiu e disse:

“Tudo bem, acho que nós vamos torrar aqui dentro.”

Seu cabelo era preto e cheio, com cachos grossos em volta do rosto, um rosto que nunca visualizei muito bem, apesar da clareza de tudo o mais.

Estendi os braços e ela me ergueu do chão, dizendo que eu já estava grande para isso, mas me pondo no colo mesmo assim. No instante em que ela me levantou eu fui envolvida pelo seu cheiro.

Aquele cheiro de canela impregnou-se em mim com toda a exatidão e para sempre. Eu ia regularmente à Sylvan Mercantile para cheirar todos os perfumes que eles vendiam, tentando identificar o da minha mãe. Toda vez que eu aparecia, a vendedora fingia surpresa e dizia:

“Meu Deus, vejam quem está aqui!”, como se eu não tivesse ido lá na semana anterior e experimentado todos os perfumes da loja. Shalimar, Chanel nº 5, White Shoulders. Então eu perguntava:

“Chegou alguma novidade?”

Mas nunca chegava.

Por isso, um dia tive um choque quando senti aquele cheiro na minha professora da quinta série e ela disse que não era um perfume, era apenas um creme da Ponds.

Na tarde em que minha mãe morreu havia uma mala aberta no chão, perto da janela. Ela entrava e saía do closet e jogava coisas dentro da mala, sem dobrar nada.

Eu a segui até o closet e me escondi no escuro atrás dos vestidos e das calças compridas, num canto empoeirado com traças mortas, onde a lama do pomar e o cheiro mofado de pêssegos prendiam-se nas botas de T. Ray. Enfiei as mãos dentro de um par de sapatos brancos de salto alto e bati um contra o outro.

O chão do closet vibrava sempre que alguém subia as escadas em baixo, por isso percebi que T. Ray estava chegando. Por cima da minha cabeça ouvia minha mãe puxar as roupas dos cabides. *Depressa*, ela disse.

Quando os sapatos dele pisaram no quarto ela suspirou, e o ar saiu de dentro dela como se os seus pulmões tivessem de repente se apertado. É a última coisa de que me lembro com precisão — sua respiração caindo sobre mim como um pequeno paraquedas e desabando sem deixar traços entre as pilhas de sapatos.

Não me lembro do que eles disseram, só me lembro da fúria das palavras chicoteando o ar. Mais tarde isso me fez lembrar de passarinhos presos em um quarto fechado, jogando-se contra as janelas e paredes, e um contra o outro. Eu me encolhi no fundo do closet, enfiei os dedos na boca e senti o gosto de sapatos e de pés.

Em certo momento fui arrancada dali, não sei por quem, e me vi nos braços da minha mãe e senti o seu cheiro. Ela acariciou meu cabelo e disse:

"Não se preocupe." Mas assim que falou, fui puxada por T. Ray, que me carregou até a porta, me largou no corredor e disse: "Vá para o seu quarto".

"Não quero ir", falei chorando, tentando passar por ele, voltar para o quarto, para onde ela estava.

"Vá para o seu maldito quarto!", ele gritou, me empurrando. Fui bater na parede e caí para a frente, apoiada nas mãos e nos joelhos. Ao levantar a cabeça, vi que ela corria pelo quarto. Corria e gritava: "Deixe ela em paz!".

Eu me encolhi no chão, ao lado da porta, e tive a impressão de que o ar estava todo arranhado. Vi T. Ray segurá-la pelos ombros e sacudi-la, fazendo sua cabeça balançar para a frente e para trás. Vi que os lábios dele estavam brancos.

Então — embora tudo esteja embaralhado na minha cabeça agora — ela afastou-se dele e se enfiou no closet, livrou-se daquelas mãos e começou a procurar uma coisa na prateleira do alto.

Quando vi a arma na mão dela, corri em sua direção, cambaleando, querendo salvá-la, salvar todos nós.

O tempo desdobrou-se em si mesmo. O resto ficou bem claro na minha cabeça, porém em partes desconjuntadas. O revólver brilhando como um brinquedo na mão dela, ele arrancando e jogando-o para o lado. O revólver no chão. Abaixando para apanhá-lo. A explosão à nossa volta.

É isso que sei sobre mim. Ela era tudo que eu queria. E eu a levei embora.

T. Ray e eu morávamos perto de Sylvan, na Carolina do Sul, um vilarejo com 3100 habitantes. Barracas de pêssegos e igrejas batistas, nada mais que isso.

Na entrada da fazenda havia uma grande placa de madeira em que se lia EMPRESAS DE PÊSSEGOS OWENS, em letras pintadas no tom de laranja mais feio do mundo. Eu odiava aquela placa. Mas isso não era nada comparado ao pêssego gigante empoleirado em um poste de vinte metros de altura ao lado da porteira. Todos da escola referiam-se a ele como o Bumbum Grande, e eu estou melhorando o palavreado. Aquela cor no tom de pele e o vinco descendo até em baixo tinham o aspecto inconfundível de um traseiro. Rosaleen dizia que era a forma de T. Ray desrespeitar o mundo inteiro. T. Ray era assim.

Ele achava que era bobagem eu ir dormir na casa de uma amiga, o que não me preocupava porque eu nunca era convidada mesmo, mas ele também se recusava a me levar aos jogos de futebol, às reuniões esportivas dos estudantes, ou às lavagens de carro no Beta Clube, que se realizavam aos sábados. Não se incomodava ao me ver usando as roupas que eu mesma fazia nas aulas de economia doméstica, blusas de algodão

estampado com o zíper todo torto e saias abaixo dos joelhos, roupas que só as meninas da seita pentecostal usavam. Era como se eu estivesse com um cartaz nas costas dizendo: NÃO SOU POPULAR E NUNCA SEREI.

Eu precisava de toda a ajuda que a moda pudesse me dar, pois ninguém, ninguém mesmo, jamais me disse: "Lily, você é uma menina tão bonitinha!". A não ser a srta. Jennings da igreja, que era praticamente cega.

Eu olhava meu reflexo não só no espelho, mas nas vidraças das lojas e na tela da televisão quando estava desligada, tentando dar um jeito na minha aparência. Meu cabelo era preto como o da minha mãe, mas vivia emaranhado e, para minha tristeza, eu tinha pouco queixo. Achava sempre que o queixo aumentaria quando meu peito crescesse, mas isso não aconteceu. Meus olhos eram bonitos, pareciam com os de Sophia Loren, mas nem os meninos que penteavam o cabelo para trás, pingando vaselina, e sempre com um pente no bolso da camisa, se interessavam por mim e eles eram considerados carentes.

Meu peito estava começando a ganhar relevo, mas eu não podia mostrar essa parte. Era moda usar conjunto de cashmere e saia de xadrez bem curta, mas T. Ray dizia que por nada desse mundo eu usaria uma roupa assim: "será que eu queria ficar grávida como Bitsy Johnson, que usava uma saia que mal dava para cobrir a bunda?". Como ele sabia sobre Bitsy é um mistério para mim, mas é verdade que suas saias eram curtíssimas e que ela acabou grávida. Uma infeliz coincidência, só isso.

Rosaleen sabia menos de moda do que T. Ray, e, quando estava frio, Deus me livre, ela me obrigava a ir para o colégio com ceroulas debaixo dos meus vestidos pentecostais.

Não havia nada que eu detestasse mais do que ver as meninas cochichando pelos cantos e calando a boca quando eu passava. Eu começava a tirar casquinhas do meu corpo, e quando não tinha nenhuma, roía a pele em volta das unhas até sangrar. Vivia tão preocupada em me apresentar bem e em fazer as coisas certas, que na maior parte do tempo me sentia

como se estivesse representando uma menina, em vez de realmente ser uma.

Na primavera passada, pensei que minha sorte ia mudar se fizesse o curso de etiqueta no Clube de Mulheres, nas sextas-feiras à tarde durante seis semanas, mas fui barrada porque não tinha mãe, nem avó, nem mesmo uma mísera tia para me presentear com uma rosa branca na cerimônia de encerramento. Rosaleen assumir esse papel era contra as regras. Eu chorei até vomitar na pia.

"Você sabe se comportar", disse Rosaleen lavando o vômito da pia. "Não precisa fazer um curso boboca para aprender."

"Preciso sim. Elas ensinam tudo. Como andar e girar o corpo, o que fazer com os tornozelos quando você se senta em uma cadeira, como entrar em um carro, servir o chá, tirar as luvas..."

Rosaleen bufou: "Deus meu!", disse.

"Como arrumar flores em um vaso, conversar com os meninos, acertar as sobrancelhas, raspar as pernas, usar batom..."

"E vomitar na pia? Eles ensinam uma forma charmosa de fazer isso?"

Às vezes eu simplesmente detestava a Rosaleen.

Na manhã seguinte à que eu acordei T. Ray, Rosaleen parou na porta do meu quarto e ficou me vendo caçar uma abelha com um vidro. Seus lábios estavam tão arreganhados que dava para ver o céu da boca rosado.

"O que você está fazendo com esse vidro?"

"Estou pegando abelhas para mostrar a T. Ray. Ele acha que eu invento coisas."

"Meu Deus, me dê forças." Rosaleen tinha vindo da varanda, onde estava descascando feijão, e o suor escorria em bicas do cabelo para a testa. Ela puxou a frente do vestido para entrar um pouco de ar, deixando ver seus seios grandes e macios como um travesseiro.

A abelha parou no mapa estadual preso na parede. Fiquei vendo-a passar pela costa da Carolina do Sul, na panorâmica rodovia 17. Prendi a boca do vidro na parede, apanhando a

abelha entre Charleston e Georgetown. Quando coloquei a tampa, ela desceu como um parafuso e jogou-se várias vezes contra o vidro, fazendo lembrar o granizo que batia às vezes nas janelas.

Eu tinha arrumado o vidro do melhor modo possível, tinha depositado pétalas macias, cheias de pólen, e feito vários furinhos na tampa para que a abelha não morresse, pois acreditava que as pessoas podiam voltar um dia transformadas nas próprias coisas que haviam matado.

Levantei o vidro na altura do meu nariz.

"Venha ver essa coisinha lutando", disse para Rosaleen.

Quando ela entrou no quarto seu cheiro me envolveu, forte e apimentado como o tabaco que tinha dentro da boca. Pegou sua escarradeira com tampa do tamanho de uma moeda e uma alça para passar o dedo. Apertou-a contra o queixo, os lábios se abriram como uma flor, e cuspiu dentro um caldo preto.

Olhou para a abelha e sacudiu a cabeça: "Se você for mordida, não venha se queixar para mim porque não vou querer ouvir".

Isso era uma mentira.

Eu era a única pessoa que sabia que, apesar daquele jeito rude, seu coração era mais terno que a pétala de uma flor, e ela me adorava.

Eu só soube disso quando tinha oito anos de idade e ela comprou para mim um pintinho tingido, de presente de Páscoa. Eu o encontrei tremendo no canto da gaiola, todo pintado de roxo, com os olhinhos tristes procurando por sua mãe. Rosaleen deixou que eu o levasse para casa. Eu o coloquei na sala e espalhei um pouco de aveia no chão para que ele comesse, e ela nem reclamou.

O pintinho foi largando excremento riscado de roxo pelo chão inteiro, certamente porque a tinta tinha penetrado no seu frágil organismo. Nós estávamos limpando tudo quando T. Ray entrou e ameaçou cozinhar o pobrezinho para o jantar e despedir Rosaleen por ter agido como uma imbecil. Ia investir contra o pintinho com as mãos sujas de graxa, mas Rosaleen plantou-se em frente a ele.

“Há muita coisa pior nesta casa do que cocô de galinha”, disse, olhando-o de alto a baixo. “O senhor não vai tocar no pintinho.”

Suas botas foram rinchando pelo corredor. E eu pensei: *Ela gosta de mim*, e pela primeira vez essa ideia tão distante me ocorreu.

A idade de Rosaleen era um mistério, pois ela não tinha certidão de nascimento. Dizia que tinha nascido em 1909 ou 1919, dependendo da idade que sentia no momento. Mas tinha certeza do lugar: McClellanville, Carolina do Sul, onde sua mãe fazia cestas para vender na estrada.

“Igual a mim, que vendo pêssegos”, eu disse para ela.

“Não é a mesma coisa. Você não tem sete filhos para dar de comer.”

“Você tinha *seis* irmãos e irmãs?” Eu achava que ela não tinha ninguém no mundo a não ser eu.

“Tinha, mas não sei onde nenhum deles foi parar.”

Ela enxotou o marido de casa três anos depois que se casaram porque ele vivia bêbado.

“Se você pusesse o cérebro dele em um pássaro, o pássaro voaria para trás”, costumava dizer. Eu vivia imaginando o que um pássaro faria com o cérebro de Rosaleen. Achava que às vezes ele cagaria em cima da cabeça de alguém, e às vezes cuidaria de ninhos abandonados, com as asas bem abertas.

Eu costumava sonhar acordada, fantasiando que era branca e casada com T. Ray, e que me tornava mãe. Outras vezes, eu era uma órfã negra que Rosaleen tinha encontrado em um campo de milho e adotado. De vez em quando sonhava que vivíamos em uma cidade como Nova York, onde ela podia me adotar e nós podíamos manter nossas cores de nascença.

O nome da minha mãe era Deborah. Eu achava o nome mais lindo que poderia ouvir, mas T. Ray se recusava a pronunciá-lo. Se eu o mencionasse, ele dava a impressão de que iria à cozinha esfaquear alguma coisa. Um dia perguntei quando era o aniversário dela e qual cobertura de bolo ela preferia, e ele me mandou calar a boca; quando perguntei pela segunda vez,

ele pegou um vidro de geleia de amora e atirou-o no armário. Até hoje o armário tem umas manchas azuladas.

Mesmo assim eu consegui descobrir algumas informações com ele, que minha mãe tinha sido enterrada na Virgínia, terra da família dela. Fiquei animada com isso, e achei que um dia poderia descobrir minha avó. Ele disse que não, que minha mãe era filha única e a mãe dela tinha morrido havia muitos anos. Naturalmente. Quando um dia ele pisou em uma barata na cozinha, disse que minha mãe passava horas tirando baratas da casa com pedacinhos de *marshmallow* e trilhas de miolo de pão de centeio e que ela fazia maluquices para salvar insetos.

As coisas mais estranhas faziam com que eu sentisse falta dela, como sutiãs para fazer esporte, a quem eu perguntaria sobre isso? E quem a não ser minha mãe poderia ter entendido a importância de me levar aos treinos das torcidas do colégio? T. Ray é que não levaria nunca. Mas sabem quando foi que senti mais falta dela? Quando tinha doze anos de idade e acordei com uma mancha avermelhada na calcinha. Fiquei muito orgulhosa, mas não tinha ninguém para mostrar a não ser Rosaleen.

Logo depois disso encontrei no sótão uma sacola de papel grampeada na ponta. Dentro estavam os últimos vestígios da minha mãe.

Era a fotografia de uma mulher sorrindo na frente de um carro velho, com um vestido de cor clara e ombreiras. Pela sua expressão, ela parecia dizer: “Não ouse tirar essa foto”, mas querendo que a foto fosse tirada. Não dava para acreditar nas histórias que vi nessa foto; imaginei que ela estava junto ao para-lama do carro esperando pelo seu amor, e sem muita paciência.

Coloquei aquela foto ao lado da minha fotografia na oitava série e examinei todas as semelhanças possíveis. Ela também tinha pouco queixo, mas mesmo assim era especialmente bonita, o que me deu muita esperança sobre o futuro.

Dentro da sacola de papel havia um par de luvas brancas de algodão amareladas pelo tempo. Quando peguei as luvas, pensei: *As mãos dela estiveram aqui dentro*. Hoje acho isso uma

bobagem, mas naquela época enchi as luvas com bolas de algodão e fiquei agarrada a elas a noite inteira.

O maior mistério dentro da sacola era uma pequena imagem de madeira de Maria, a mãe de Jesus. Eu a reconheci embora sua pele fosse negra, só um pouco mais clara que a de Rosaleen. Parecia que alguém tinha cortado a imagem de Maria negra de um livro, colado em um pedaço de madeira de cerca de cinco centímetros de largura e envernizado a madeira. Nas costas, uma mão desconhecida tinha escrito: Tiburon, C. S.

Durante dois anos guardei as coisas dela em uma lata enterrada no pomar. Havia um lugar especial lá, num longo túnel de árvores, que ninguém conhecia, nem mesmo Rosaleen. Eu tinha começado a ir lá antes de aprender a amarrar os cadarços. De início era só um lugar para me esconder de T. Ray e sua maldade ou da lembrança daquela tarde em que a arma disparou, mas depois passei a ir lá assim que T. Ray ia para a cama, só para ficar deitada debaixo das árvores e me sentir em paz. Era o meu pedaço de terra, meu esconderijo aconchegante.

Coloquei as coisas dela dentro da lata e enterrei tarde da noite, com a ajuda de uma lanterna, pois tinha medo de deixar tudo solto no meu quarto, nem que fosse no fundo de uma gaveta. Tinha medo que T. Ray fosse ao sótão, descobrisse que as coisas dela não estavam lá e revirasse o meu quarto até encontrá-las. Eu detestava pensar no que ele faria comigo se encontrasse tudo escondido no meio das minhas coisas.

De vez em quando eu ia lá e desenterrava a lata. Ficava deitada no chão debaixo das árvores, usando as luvas dela, sorrindo para sua fotografia. Examinava as palavras Tiburon, C. S. nas costas da imagem da Maria negra, a inclinação engraçada da letra, e imaginava que tipo de lugar era aquele. Procurei no mapa uma vez, e vi que não ficava a mais de duas horas dali. Será que minha mãe tinha estado lá e comprado a imagem? Eu sempre me prometi que um dia, quando fosse grande, tomaria o ônibus e iria até lá. Queria ir a todos os lugares onde ela tinha estado.

Depois de capturar as abelhas durante a manhã, passei a tarde na barraca de pêssego da estrada, vendendo os pêssegos de T. Ray. Era o trabalho de verão mais solitário que uma garota poderia ter, enfiada em uma barraca na estrada com três paredes e um teto chato de zinco.

Eu ficava sentada num banquinho da Coca-Cola, vendo os carros passarem voando, até ficar quase envenenada com a fumaça dos carros e com a monotonia. As tardes de quinta-feira eram em geral o dia do pêssego, quando as mulheres aprontavam as tortas de domingo, mas ninguém parou para comprar.

T. Ray não me deixava levar livros para ler lá, e quando levei *Horizonte perdido* bem escondido debaixo da blusa, a sra. Watson, da fazenda vizinha, encontrou com o meu pai na igreja e disse:

"Vi sua menina lendo na barraca de pêssegos. O senhor deve se sentir orgulhoso dela." E ele teve vontade de me matar.

Que tipo de pessoa é contra a *leitura*? Talvez ele achasse que os livros despertariam em mim a vontade de fazer faculdade, que ele achava uma perda de dinheiro no caso das meninas, mesmo que elas, como eu, tivessem as melhores notas possíveis no teste de aptidão verbal. Minha aptidão para matemática é outra coisa, mas ninguém foi feito para ser brilhante em tudo.

Eu era a única aluna que não gemia quando a sra. Henry nos mandava estudar mais uma peça de Shakespeare. Na verdade, eu *fingia* gemer, mas por dentro ficava tão entusiasmada como se tivesse sido escolhida a Rainha dos Pêssegos de Sylvan.

Até a chegada da sra. Henry, eu acreditava que o curso de esteticista seria meu limite profissional. Uma vez, examinando o seu rosto, disse que se ela fosse minha cliente eu lhe faria um tratamento francês maravilhoso, e a sra. Henry disse, e eu cito:

"Por favor, Lily, você está insultando sua bela inteligência. Você tem ideia de como é inteligente? Podia ser uma professora ou uma escritora com livros de verdade no seu nome. Curso de esteticista. *Por favor*!"

Levei um mês para me refazer do choque de ter possibilidades na vida. Os adultos adoram perguntar: "Então... o que você vai ser quando crescer?". Eu detestava essa pergunta, mas de repente passei a falar espontaneamente para os outros, para gente que nem me conhecia, que planejava ser professora e escritora de livros de verdade.

Fiz uma coleção dos meus escritos. Durante algum tempo tudo que eu escrevia tinha um cavalo no meio. Depois que lemos Ralph Waldo Emerson na classe escrevi "Minha filosofia de vida", que seria o início de um livro, mas só consegui terminar três páginas. A sra. Henry disse que eu precisava viver muito mais que catorze anos para ter uma filosofia de vida.

Ela disse que uma bolsa de estudos era minha única esperança de futuro, e me emprestou vários livros para eu ler no verão. Sempre que eu abria um, T. Ray dizia:

"Quem você acha que é, Julius Shakespeare?" Ele realmente achava que o primeiro nome de Shakespeare fosse Julius, e se você acha que eu devia ter corrigido esse erro é porque não conhece a arte de sobreviver. Ele também se referia a mim como srta. Metida-a-Estudiosa e às vezes como srta. Emily-Cabeça-Oca-*Diction*. Ele queria dizer Dickinson, mas há coisas que é melhor a gente deixar passar.

Sem livros na barraca de pêssegos, em geral eu passava o tempo criando poesias, mas naquelas tardes lentas não tinha paciência para rimar as palavras. Ficava sentada ali, pensando como eu detestava aquela barraca de pêssegos, como abominava aquele lugar.

Na véspera de ir para a primeira série do colégio, T. Ray me pegou na barraca enfiando um prego em um dos seus pêssegos.

Ele caminhou na minha direção com os polegares enfiados nos bolsos e os olhos apertados por causa da luz. Vi sua sombra deslizar pela terra e pelas ervas daninhas, e pensei que ele fosse me dar um castigo por eu estar apunhalando um pêssego. Eu nem sabia por que estava fazendo aquilo. Mas ele disse: "Lily, você vai para o colégio amanhã e tem umas coisas que precisa saber. Sobre sua mãe".

Por um momento tudo ficou quieto e silencioso, como se o vento tivesse morrido e os passarinhos tivessem parado de voar. Quando ele chegou perto de mim, eu me vi presa numa escuridão da qual não conseguia me libertar.

"Já é hora de você saber o que aconteceu com ela, e quero que saiba por mim. Não pelo que os outros falam."

Nós nunca tínhamos conversado sobre aquilo, e senti um arrepio. A lembrança daquele dia voltava à minha cabeça em momentos estranhos. A janela emperrada. O cheiro dela. O barulho dos cabides se chocando. A mala. O modo como eles brigaram e gritaram. Mais que tudo, o revólver no chão, seu peso quando o levantei.

Eu sabia que a explosão que ouvi naquele dia tinha matado ela. O ruído ainda se infiltrava na minha cabeça de vez em quando e me causava espanto. Às vezes parecia que não ouvi barulho algum ao pegar a arma, que o barulho veio depois, mas outras vezes, sentada sozinha no degrau da varanda, aborrecida e desejando fazer alguma coisa, ou fechada no meu quarto em um dia de chuva, sentia que eu é que *tinha causado* aquilo, que quando peguei a arma do chão o barulho atravessou o quarto e trespassou nossos corações.

Era um conhecimento secreto que tomava conta de mim, e eu descia o morro correndo — mesmo que estivesse chovendo lá fora — e ia para o meu lugar especial no pomar de pêssegos. Ficava deitada no chão e isso me acalmava.

T. Ray pegou um punhado de terra e deixou cair das mãos.

"No dia em que ela morreu, estava limpando o closet", ele disse. Eu não entendi o tom estranho da sua voz, um som pouco natural, quase, mas não exatamente, *bondoso*.

Limpando o closet. Eu nunca tinha pensado no que ela estava fazendo naqueles últimos minutos de vida, por que estava no closet, por que eles tinham brigado.

"Eu me lembro", falei. Minha voz soou baixa e distante para mim, como se viesse de um buraco de formiga no chão.

Ele levantou as sobrancelhas e aproximou o rosto de mim. Só seus olhos mostravam uma certa confusão. "Você *o quê*?"

"Eu me lembro", repeti. "Vocês estavam gritando."

Seu rosto ficou tenso.

"Verdade?" Seus lábios estavam pálidos, o que sempre me dava medo. Dei um passo atrás. "Que droga, você tinha quatro anos de idade!", ele gritou. "Não sabe do que se lembra."

No silêncio que se seguiu, pensei em mentir para ele e dizer: *Retiro o que disse*, *não me lembro de nada*. *Conte o que aconteceu*, mas havia muito tempo eu tinha uma enorme necessidade de falar sobre isso, de dizer aquelas palavras.

Olhei para baixo, para os meus sapatos e para o prego que tinha deixado cair quando tinha visto ele chegando. "Eu me lembro de uma arma."

"Santo Deus!"

Ele olhou para mim durante um longo tempo, depois foi até as cestas empilhadas no fundo da barraca. Ficou ali um instante sem saber o que fazer, depois se virou e voltou.

"O que mais? Diga agora o que você sabe."

"A arma estava no chão..."

"Você a apanhou. Acho que se lembra disso."

O som da explosão começava a ecoar na minha cabeça. Olhei para o pomar, com vontade de sair correndo para lá.

"Me lembro que peguei a arma. Mas só me lembro disso."

Ele se abaixou, me segurou pelos ombros e me sacudiu.

"Não se lembra de nada mais? Tem certeza? Pense bem."

Fiquei em silêncio por tanto tempo que ele balançou a cabeça e olhou para mim desconfiado.

"Não senhor, só me lembro disso."

"Preste atenção," ele falou, apertando meus braços. "Nós estávamos discutindo, como você disse. No início não percebemos que você estava ali. Quando nos viramos, vimos você segurando a arma. Você a apanhou do chão. Então a arma disparou."

Ele me soltou e enfiou as mãos nos bolsos. Eu podia ouvir suas mãos mexendo nas chaves e nas moedas. Tive vontade de me agarrar nas pernas dele, para que ele me segurasse e me apertasse, mas não conseguia me mexer, nem ele. Ele ficou olhando para um lugar por cima da minha cabeça. Um lugar que estava examinando com cuidado.

“A polícia fez uma porção de perguntas, mas foi uma dessas fatalidades. Você não teve intenção de fazer aquilo”, ele disse com voz macia. “Mas se alguém quiser saber, foi isso que aconteceu.”

Então ele saiu e foi caminhando para casa. Um instante depois virou-se: “E não enfie o prego nos meus pêssegos de novo”.

Já passava das seis horas da tarde quando saí da barraca e voltei para casa, sem ter vendido nada, nem um único pêssego, e encontrei Rosaleen na sala. Em geral a essa hora ela já tinha ido embora, mas estava lutando com a antena da televisão, tentando tirar o chuvisco da tela. O presidente Johnson aparecia e sumia, perdido no chuvisco. Eu nunca tinha visto Rosaleen tão interessada num programa de televisão a ponto de gastar sua energia física com isso.

“O que aconteceu?”, perguntei. “Eles jogaram uma bomba atômica?”

Desde que começaram a ensinar sobre as bombas no colégio, eu não conseguia deixar de pensar que meus dias estavam contados. Todo mundo criava abrigos nucleares nos quintais, engarrafava água da pia, preparava-se para o fim do mundo. Treze alunas da minha classe fizeram modelos de abrigos nucleares para o projeto de ciências, o que mostra que não era só eu que me preocupava com isso. Nós vivíamos obcecados com o sr. Kruschev e seus mísseis.

“Não, a bomba não explodiu. Venha cá ver se você consegue ajeitar a televisão.” Seus punhos estavam tão enfiados nos quadris que tinham quase desaparecido.

Eu enrolei papel de alumínio na antena. A imagem clareou o suficiente para vermos o presidente Johnson sentar-se à mesa, com umas pessoas à sua volta. Eu não gostava muito do presidente porque ele puxava seus cachorros pelas orelhas. Mas admirava a mulher dele, Lady Bird, que parecia sempre querer criar asas e voar para longe dali.

Rosaleen arrastou um banquinho para junto da televisão, se sentou, e não deu para ver mais nada na tela. Ela se inclinou

para a frente, segurando uma prega da saia e enrolando-a nas mãos.

"O que está acontecendo?", perguntei, mas ela estava tão concentrada nos acontecimentos que não respondeu. Na tela o presidente assinava seu nome num pedaço de papel usando umas dez canetas.

"Rosaleen..."

"Sssshhhh", ela sussurrou, sacudindo a mão.

Tive de esperar o noticiário.

"Hoje, dia 2 de julho de 1964, o presidente dos Estados Unidos assinou o Código de Direitos Civis em lei, na Sala Leste da Casa Branca..."

Olhei para Rosaleen, sentada ali balançando a cabeça e murmurando, "Meu Deus, tenha piedade". Ela parecia tão incrédula e feliz como aqueles que ganham o prêmio no programa de perguntas da televisão.

Eu não sabia se ficava animada ou preocupada com ela. Depois da missa, as pessoas sempre ficavam falando sobre os negros e se eles conseguiriam seus direitos civis. Quem estava ganhando — o time dos brancos ou o time dos negros? Era como uma competição de vida ou morte. Quando, no mês anterior, o ministro de Alabama, o reverendo Martin Luther King, tinha sido preso na Flórida porque quis comer em um restaurante, os homens da igreja reagiram como se o time dos brancos tivesse vencido o jogo. Eu sabia que eles não receberiam essa notícia com calma, nem em um milhão de anos.

"Aleluia, Jesus", disse Rosaleen no seu banquinho. Esquecida do mundo.

Rosaleen tinha deixado o jantar no fogão, sua famosa galinha ensopada. Enquanto eu preparava o prato de T. Ray, pensava em como abordar o delicado assunto do meu aniversário, coisa à qual ele nunca tinha dado atenção em todos os anos da minha vida, mas todo ano eu tinha esperança que *daquela* vez ele daria.

Meu aniversário caía no mesmo dia que o aniversário do país, que o tornava ainda mais difícil de ser notado. Quando eu

era pequena, achava que as pessoas lançavam fogos de artifício por minha causa: *Viva! Lily nasceu!* Depois veio a realidade, como sempre acontece.

Eu queria dizer a T. Ray que toda menina adoraria ter uma pulseira de berloques de prata, que no ano passado eu era a única aluna do Ginásio Sylvan que não tinha uma, que o ponto alto da hora do almoço era ficar na fila da lanchonete mexendo no pulso, deixando que os outros vissem sua coleção de pingentes.

"Então", eu disse, passando o prato para ele, "meu aniversário é neste domingo..."

Ele retirou a carne do osso da galinha com o garfo.

"Eu estava pensando que adoraria ter uma dessas pulseiras com pingentes de prata vendidas lá na loja."

A casa rinchou como acontecia de vez em quando. Do lado de fora Snout deu um latido, e o ar ficou tão silencioso que dava para ouvir T. Ray mastigando sua comida.

Ele comeu o peito da galinha e começou a comer a coxa, olhando a toda hora para mim com aquele seu olhar duro.

Eu ia dizer *Então, e a pulseira?*, mas percebi que ele já tinha dado a resposta, o que fez crescer dentro de mim um tipo de tristeza fresca e suave que na verdade não tinha nada a ver com a pulseira. Hoje eu acho que foi uma tristeza causada pelo ruído do seu garfo arranhando o prato, o que aumentava a distância entre nós, como se eu nem estivesse na sala.

Naquela noite fiquei ouvindo os piparotes da abelha dentro do vidro, enquanto esperava escurecer bastante para poder ir até o pomar e desenterrar a lata com as coisas da minha mãe. Queria deitar no chão do pomar e deixar que ele me envolvesse.

Quando a lua subiu para o alto do céu, saí da cama, vesti uns shorts e um top e passei pela porta do quarto de T. Ray em silêncio, deslizando os braços e as pernas como se estivesse esquiando no gelo. Não vi as botas dele, que costumavam ficar jogadas no meio do hall. Quando caí, fiz tanto barulho que o ronco de T. Ray mudou de ritmo; de início, parou por

completo, mas depois de três bufadas rápidas ele voltou a roncar.

Desci as escadas e atravessei a cozinha. Quando senti o ar da noite tive vontade de rir. A Lua era um círculo perfeito, tão cheio de luz que tudo em volta tinha um tom âmbar. Saí correndo de pés descalços pelo gramado.

Para chegar aonde eu queria, tinha de seguir até a oitava fileira à esquerda do galpão do trator, depois andar mais um pouco, contando as árvores até a de número trinta e dois. A lata estava enterrada na terra fofa embaixo da árvore, rasa o suficiente para eu conseguir tirá-la dali cavando com as mãos.

Quando limpei a terra da tampa e abri a lata, vi primeiro a brancura das luvas dela, depois a foto enrolada em papel encerado, exatamente como eu tinha deixado. Finalmente a imagem engraçada de Maria com o rosto escuro. Tirei tudo de dentro, me espalhei entre os pêssegos caídos e fiquei deitada de barriga para baixo.

Quando olhei para cima através da copa das árvores, a escuridão era total, e por um instante me senti sem limites, como se o céu fosse minha própria pele e a lua fosse meu coração batendo ali no escuro. Um raio passou, não em zigue-zagues, mas em suaves pinceladas douradas pelo céu. Desabotoei a blusa e abri-a bem para que a noite penetrasse na minha pele, e acabei dormindo ali no meio das coisas da minha mãe, com a umidade do ar no meu peito e o céu pontilhado de luz.

Acordei com os passos de alguém no meio das árvores. *T. Ray!* Sentei-me, apavorada, e abotoei a blusa. Ouvi seus passos e a sua respiração pesada e ofegante. Olhei para baixo e vi as luvas da minha mãe e as duas fotografias. Parei de abotoar a blusa e peguei aquelas coisas, sem conseguir pensar no que fazer, como esconder tudo aquilo. Eu tinha deixado a lata dentro do buraco, muito longe do meu alcance.

"Lilyyyy!", ele gritou, e eu vi sua sombra aproximar-se de mim.

Enfiei as luvas e as fotos na cintura dos shorts, e acabei de abotoar a blusa com dedos trêmulos.

Antes que pudesse abotoar tudo, uma luz bateu no meu rosto e lá estava ele, sem camisa, segurando uma lanterna. O facho de luz varreu tudo e me cegou quando atingiu meus olhos.

"Quem estava aqui com você?", ele gritou, iluminando minha blusa semiaberta.

"Niiiinguém", respondi, juntando os joelhos entre os braços, assustada com o que ele estava pensando. Não conseguia olhar muito tempo para a cara dele, grande e furiosa como a cara de Deus.

T. Ray iluminou em volta.

"Quem está aí?", gritou.

"Por favor, T. Ray, eu estou sozinha aqui."

"Levante-se agora mesmo", ele gritou.

Eu o segui até a casa. Seus pés batiam com tanta força no chão que tive pena da terra escura. Ele não deu uma palavra até a cozinha, e então tirou os grãos de milho Martha White do armário.

"Eu podia esperar isso de meninos, Lily, não é culpa deles, mas esperava mais de você. Você agiu como uma vagabunda."

Despejou os grãos de milho e fez um monte no chão de pinho do tamanho de um formigueiro.

"Venha cá e se ajoelhe."

Eu era obrigada a me ajoelhar nesses grãos desde que tinha seis anos, mas nunca me acostumei com aquela sensação de pó de vidro debaixo da pele. Fui até lá em passos miúdos, como se fosse uma japonesa, e me abaixei no chão, decidida a não chorar, mas as lágrimas já se juntavam nos meus olhos.

T. Ray sentou em uma cadeira e limpou as unhas com um canivete. Fiquei trocando de um joelho para o outro, na esperança de ter um a dois segundos de alívio, mas a dor atravessava a minha pele. Mordi o lábio, e nesse momento senti a imagem de madeira de Maria negra debaixo da minha blusa. Senti o papel encerado que envolvia a foto da minha mãe e as luvas enfiadas no meu cinto, e pareceu de repente que minha mãe estava ali, encostada no meu corpo, como se ela moldasse

pontos de isolamento na minha pele, ajudando-me a absorver toda a maldade de T. Ray.

Na manhã seguinte, acordei tarde. Assim que meus pés tocaram no chão eu olhei debaixo do colchão onde tinha escondido as coisas da minha mãe: um esconderijo temporário até eu conseguir enterrar tudo de volta no pomar.

Satisfeita ao ver que as coisas estavam a salvo, fui para a cozinha e encontrei Rosaleen varrendo os grãos de milho.

Passei manteiga numa fatia de pão Sunbeam.

Ela levantava a vassoura quando varria, levantando poeira.

"O que aconteceu?", perguntou.

"Fui ao pomar ontem à noite e T. Ray achou que eu estava lá com algum garoto."

"E estava?"

"Não", respondi, revirando os olhos.

"Quanto tempo ele te deixou ajoelhada nesses grãos?"

Dei de ombros.

"Mais ou menos uma hora."

Ela olhou para os meus joelhos e parou de varrer. Estavam inchados, cobertos de vergões vermelhos, que iam inflamar debaixo da pele.

"Olhe para você, menina. Olhe o que ele fez com você", ela disse.

Meus joelhos já tinham sido torturados assim tantas vezes que eu nem achava isso fora do comum; era apenas uma coisa que eu tinha de aguentar de tempos em tempos, como se fosse uma gripe qualquer. Mas de repente o olhar de Rosaleen me chamou a atenção. *Olhe o que ele fez com você.*

Eu estava examinando os meus joelhos quando T. Ray entrou pela porta de trás.

"Veja quem resolveu se levantar." Então tirou o pão da minha mão e jogou na tigela de ração da Snout. "Por que você não vai para a barraca de pêssego trabalhar um pouco? Você não é Rainha por um Dia, sabia?"

Pode parecer uma loucura, mas até aquele momento eu achava que T. Ray provavelmente gostava um pouco de mim. Nunca pude me esquecer do dia em que ele sorriu para mim

na igreja quando me viu cantando com o livro de hinos de cabeça para baixo.

Olhei para a cara dele, e senti seu ar de desprezo e raiva.

"Enquanto você viver sob o meu teto vai fazer o que eu mandar!", ele gritou.

Então eu vou procurar outro teto, pensei.

"Entendeu?"

"Sim, senhor", eu disse, e tinha entendido mesmo. Tinha entendido que um novo teto seria uma maravilha para mim.

No final da tarde, peguei mais duas abelhas. Fiquei deitada de bruços na cama, vendo-as voar dentro do vidro e dando voltas como se tivessem tentando encontrar uma saída.

Rosaleen enfiou a cabeça pela porta.

"Você está bem?"

"Estou ótima."

"Está na hora de eu ir embora. Diga ao seu papai que vou à cidade amanhã em vez de vir para cá."

"Você vai à cidade? Posso ir com você?"

"Por que quer ir lá?"

"*Por favor*, Rosaleen."

"Você vai ter de andar o dia inteiro."

"Não faz mal."

"Não vai ter muita coisa aberta, só a barraca de fogos e o armazém."

"Não faz mal. Eu só quero sair de casa no dia do meu aniversário."

Rosaleen veio me olhar de perto, parando sobre seus tornozelos grossos:

"Tudo bem, mas você vai ter de pedir ao seu pai. Eu passo aqui bem cedinho."

Ela ainda estava perto da porta quando chamei:

"Por que você vai à cidade?"

Ela continuou de costas por um instante, imóvel. Quando se virou, seu rosto estava suave e mudado, como se ela fosse uma outra Rosaleen. Com a mão no bolso, os dedos procuravam alguma coisa. Ela tirou uma folha de papel dobrada e veio

sentar-se ao meu lado na cama. Eu esfreguei os joelhos enquanto ela alisava o papel no colo.

Seu nome, Rosaleen Daise, estava escrito pelo menos vinte e cinco vezes na página, numa letra cursiva grande e bem-feita, como no primeiro trabalho de casa que a gente entrega no colégio.

"Este é o papel em que eu treino minha assinatura. No dia 4 de julho vão fazer uma votação na igreja dos negros. Eu vou me registrar para votar."

Uma sensação de desconforto passou pelo meu estômago. Na noite anterior tinham dito na televisão que um homem foi morto no Mississippi porque se registrou para votar, e eu mesma ouvi o sr. Bussey, um dos diáconos, dizer a T. Ray:

"Não se preocupe, eles vão fazer os pretos assinarem o nome numa letra cursiva perfeita, mas o cartão será recusado se faltar um pingo no i ou se o y não estiver bem desenhado."

Eu examinei as curvas do R de Rosaleen.

"T. Ray sabe o que você está fazendo?"

"T. Ray não sabe de nada."

Quando o sol se pôs, ele entrou, suado do trabalho. Fui falar com ele na cozinha, com os braços cruzados na frente da blusa.

"Estou com vontade de ir à cidade com Rosaleen amanhã. Preciso comprar suprimentos higiênicos."

Ele aceitou isso sem comentários. T. Ray odiava a puberdade feminina mais do que tudo.

Naquela noite olhei para o vidro de abelhas na minha cômoda. As pobres criaturas mal se moviam no fundo, obviamente incapacitadas de voar. Lembrei que elas tinham saído das fendas das paredes só por prazer. Pensei em como a minha mãe fazia trilhas de miolo de pão e *marshmallow* para levar as baratas para fora de casa em vez de pisar nelas. De certo ela não aprovaria ver aquelas abelhas presas num vidro. Desatarraxei a tampa e larguei o vidro.

"Podem sair", disse.

Mas as abelhas continuaram ali, como aviões em uma pista sem saber que tinham recebido sinal verde para decolar. Arrastaram-se nas patinhas em volta das paredes do vidro

como se o mundo se resumisse nele. Dei uns tapas no vidro e coloquei-o de lado, mas as malucas das abelhas não conseguiram sair.

*

As abelhas continuavam lá na manhã seguinte, quando Rosaleen apareceu. Vinha trazendo um pão de ló com catorze velinhas.

"Aqui está, feliz aniversário!", ela disse. Nós nos sentamos e comemos duas fatias com copos de leite. O leite deixou-lhe uma marca branca no lábio superior, que ela não se preocupou em limpar. Mais tarde eu me lembraria que ela saiu para a cidade com um ar determinado.

Sylvan ficava a quilômetros de distância. Nós fomos caminhando pelo acostamento da estrada, Rosaleen andando a um passo lento, com a escarradeira presa no dedo. As árvores estavam cobertas de névoa, e o ar cheirava a pêssegos maduros.

"Você está mancando?" Rosaleen perguntou.

Meus joelhos doíam tanto que eu tinha de me esforçar para acertar o passo com ela.

"Um pouco."

"Por que a gente não senta um pouco do lado da estrada?"

"O.k. É uma boa ideia."

Um carro passou voando, deixando um rastro de poeira. Rosaleen suava com o calor. Secou o rosto e respirou fundo.

Nós estávamos chegando à Igreja Batista Ebenezer, que T. Ray e eu frequentávamos. O campanário ficava acima de um grupo de árvores; abaixo, os tijolos vermelhos pareciam sombrios e frios.

"Vamos", eu disse, dirigindo-me para a entrada.

"Para onde você está indo?"

"Nós podemos descansar na igreja."

O ar lá dentro era ralo e sereno, e a luz entrava pelas janelas laterais, não aquelas janelas bonitas com vidros pintados, mas vidraças leitosas que não davam para ver do outro lado. Fui andando para a frente e me sentei no segundo banco, deixando lugar para Rosaleen. Ela puxou um leque de papel da caixa do

livro de hinos e ficou olhando a figura: uma igreja branca com uma mulher branca sorridente aparecendo na porta.

Rosaleen se abanava e eu fiquei ouvindo os pequenos jatos de ar saírem das suas mãos. Ela nunca ia à igreja, mas nas poucas vezes que T. Ray me deixou ir até a casa dela no fundo da mata, eu vi sua prateleira especial, com um toco de vela, pedras de rio, uma pena vermelha, um pedaço de raiz, e no centro o retrato de uma mulher ajeitado na prateleira, sem moldura.

A primeira vez que vi isso perguntei a Rosaleen:

"É você?", pois jurava que a mulher era igualzinha a ela, com tranças grossas, pele escura, olhos puxados, com a parte inferior do corpo larga como uma berinjela.

"É minha mãe", ela disse.

O retrato estava com as beiradas um pouco apagadas, nos pontos em que seus polegares o seguraram. A prateleira servia de altar a uma religião que ela tinha criado para si, uma mistura de adoração à natureza e aos ancestrais. Rosaleen tinha deixado de ir à igreja anos atrás porque o culto começava às dez da manhã e só terminava às três da tarde, o que dava para matar uma pessoa, ela disse.

T. Ray dizia que a religião de Rosaleen era esquisita, e que eu devia me afastar dessas coisas. Mas eu me sentia atraída porque achava que ela gostava de pedras de rio e penas de pica-pau, e porque tinha um único retrato da sua mãe, como eu.

Uma das portas da igreja abriu, e irmão Gerald, nosso ministro, entrou no santuário.

"Pelo amor de Deus, Lily, o que você está fazendo aqui?"

Então ele viu Rosaleen e começou a esfregar a careca com tanta agitação que achei que ia chegar até o crânio.

"Estávamos indo para a cidade e paramos aqui para nos refrescar um pouco."

Sua boca formou a palavra "Oh!", mas não chegou a dizer nada; estava preocupado olhando para Rosaleen na sua igreja, e nesse exato momento Rosaleen resolveu cuspir na escarradeira portátil.

É engraçado como a gente esquece das regras. Ela não deveria estar ali. Toda vez que havia um boato de que um grupo de negros iria à nossa igreja no domingo de manhã, o diácono ficava de braços cruzados nos degraus da igreja para não deixar que entrassem. “Nós os amamos no Senhor”, dizia o irmão Gerald, mas eles têm suas próprias casas de oração.

“Hoje é meu aniversário”, eu disse, esperando desviar a atenção dele para outra coisa.

“É mesmo? Meus parabéns, Lily. Quantos anos está fazendo?”

“Catorze.”

“Pergunte se ele pode dar dois desses leques pelo seu aniversário”, disse Rosaleen.

Ele emitiu um som fino, que pretendia ser de riso.

“Se nós déssemos um leque a todos que pedissem, a igreja não teria mais nenhum.”

“Ela estava só brincando”, falei, me levantando. Ele sorriu satisfeito, e foi me acompanhando até a porta, deixando Rosaleen para trás.

Do lado de fora o céu estava cheio de nuvens, e o brilho da luz ofuscou meus olhos. Depois que atravessamos o pátio da igreja, quando já estávamos na estrada, Rosaleen tirou dois leques do decote do vestido e, imitando o meu ar inocente, disse: “Oh, irmão Gerald, ela estava só brincando”.

Chegamos em Sylvan pela parte pior da cidade. Casas velhas feitas de blocos de cimento. Ventiladores presos nas janelas. Jardins de terra batida. Mulheres com rolinhos rosa na cabeça. Cachorros sem coleiras.

Depois de alguns quarteirões nos aproximamos do posto Esso na esquina da West Market com a Park Street, em geral conhecida como ponto dos homens que tinham muito tempo sobrando na vida.

Eu notei que não havia um só carro abastecendo. Três homens estavam sentados em cadeirinhas ao lado da garagem, com uma peça de madeira compensada nos joelhos. Estavam jogando cartas.

“Tente me vencer”, um falou, e o carteador, de boné na cabeça, jogou uma carta na frente dele. Depois olhou para cima

e nos viu, Rosaleen abanando-se e virando o leque de um lado para o outro.

"Olhem o que temos aqui", ele disse. "Aonde você vai, sua negra?"

Fogos de artifício estouraram à distância.

"Continue andando", eu disse. "Não ligue para ele."

Mas Rosaleen, que tinha menos bom senso do que eu imaginava, disse num tom de quem está explicando uma coisa difícil para um aluno de jardim de infância:

"Estou indo registrar meu nome para poder votar, só isso."

"Vamos embora depressa", falei, mas ela continuou andando no seu passo lento. O homem ao lado do carteador, com o cabelo liso penteado para trás, pôs as cartas na mesa e disse: "Você ouviu isso? Nós temos uma cidadã-modelo aqui".

Eu ouvi o som do vento passando pela rua por trás de nós e indo parar na sarjeta. Continuamos andando, mas os homens empurraram a mesa improvisada e foram para a calçada esperar por nós, como se fossem espectadores em uma parada e nós fôssemos a atração.

"Você já viu alguém tão preto?", disse o carteador.

E o homem do cabelo penteado para trás falou: "Não, e também nunca vi uma pessoa tão gorda".

É claro que o terceiro homem sentiu-se obrigado a dizer alguma coisa, então olhou para Rosaleen, que continuava imperturbável segurando o leque com a figura da mulher branca, e disse: "Onde você arranjou esse leque, negra?".

"Eu roubei da igreja", ela respondeu. Com a maior simplicidade.

Eu desci uma vez de jangada pelo rio Chattooga com meu grupo da igreja, e foi a mesma sensação que tive naquele dia: a sensação de estar sendo levada pela correnteza, por um turbilhão de acontecimentos que eu não podia reverter.

Aproximando-se dos homens, Rosaleen levantou a escarradeira cheia de cuspe preto e calmamente despejou tudo nos sapatos deles, movimentando a mão em círculos como se estivesse escrevendo seu nome — Rosaleen Daise — como tinha treinado.

Durante um segundo eles ficaram olhando aquela meleira parecendo óleo de carro nos sapatos. Piscaram, tentando registrar o fato. Depois nos encararam e vi que a expressão deles passava da surpresa para o ódio, e depois para a fúria. Voaram para cima dela, e tudo começou a rodar. Lá estava Rosaleen, agarrada por eles e empurrada de um lado para outro, sacudindo os homens com seus braços como podia, e eles gritando para que ela se desculpasse e limpasse os sapatos deles.

"Limpem vocês!" Foi só o que eu ouvi, várias vezes. Depois os piados de passarinhos, agudos como agulhas, vindos dos galhos mais baixos das árvores e o cheiro de pinho, nesse momento eu soube que para o resto da vida eu não suportaria aquele cheiro.

"Chame a polícia!", gritou o carteador para um outro homem.

A essa altura Rosaleen estava estatelada no chão, torcendo os dedos nas moitas da grama. O sangue escorria de um corte abaixo do seu olho, descendo pelo queixo como lágrimas.

Quando o guarda chegou, disse que nós tínhamos de entrar no banco traseiro do seu carro.

"Você está presa", falou para Rosaleen. "Agressão, roubo e perturbação da ordem pública." Depois se virou para mim. "Quando chegarmos na delegacia, vou telefonar para seu pai vir buscar você."

Rosaleen entrou no carro e deslizou pelo banco. Eu deslizei pelo banco também e me sentei ao seu lado.

A porta se fechou. Tão silenciosa que só se sentiu o estalo do ar, e era estranho como um ruído tão tênue como aquele pôde cair sobre o mundo inteiro.

2

Ao deixar o ninho antigo, o enxame normalmente voa só uns poucos metros e para. As abelhas exploradoras procuram um lugar apropriado para começar a nova colônia. Finalmente, um local é encontrado e todo o enxame voa para lá.
Bees of the World

O policial que nos levou para a cadeia era o sr. Avery Gaston, mas os homens do posto Esso o chamavam de Sapato. Um apelido intrigante, pois não havia nada de especial com os seus sapatos nem com seus pés, que eu pudesse ver. A única coisa nele que chamava a atenção eram as orelhas muito pequenas, orelhas de criança, que mais pareciam damascos. Fixei meus olhos nelas do banco de trás e fiquei pensando por que não o chamavam de Orelhas.

Os três homens nos seguiram em uma picape com uma estante de armas dentro. Ficaram colados no nosso para-choque e buzinavam a toda hora. Eu dava um pulo cada vez que a buzina tocava, e Rosaleen dava uma palmadinha na minha perna. Em frente à Western Auto os homens começaram uma brincadeira de emparelhar conosco gritando coisas pela janela, mas nós não ouvíamos quase nada porque os vidros do carro estavam fechados. Reparei que os bancos de trás do carro de polícia não têm manivela nas portas nem nas janelas, portanto foi uma benção irmos para a polícia torrando de calor, e vendo os homens gritarem coisas que felizmente não conseguíamos entender.

Rosaleen olhava para a frente, agindo como se os homens fossem moscas insignificantes zumbindo na porta telada. Eu era a única que percebia que suas coxas tremiam, pois o assento de trás parecia uma cama vibratória.

“Sr. Gaston”, eu disse “aqueles homens não estão vindo conosco, estão?”

O sorriso dele apareceu no espelho retrovisor.

“Não posso saber o que homens tão enfurecidos pretendem fazer.”

Antes da Main Street eles se cansaram da brincadeira e foram embora. Respirei aliviada, mas quando chegamos no terreno baldio atrás da delegacia eles estavam esperando nos degraus dos fundos. O carteador batia com uma lanterna na palma da mão. Os outros dois seguravam nossos leques da igreja, virando-os de um lado para o outro.

Quando saímos do carro, o sr. Gaston algemou Rosaleen e prendeu seus braços nas costas. Eu fui andando tão perto dela que sentia o vapor do calor emanando da sua pele.

Ela parou a dez metros dos homens e recusou-se a dar mais um passo.

“Olhe aqui, não me obrigue a pegar minha arma”, disse o sr. Gaston. Em geral a polícia de Sylvan só andava armada quando era chamada para matar cascavéis encontradas nos jardins.

“Vamos, Rosaleen”, eu disse. “O que eles podem fazer com você se a polícia está aqui?”

Foi então que o carteador levantou a lanterna acima da cabeça e abaixou-a com toda a força na testa de Rosaleen. Ela caiu de joelhos.

Não lembro de ter gritado, mas logo em seguida só consegui ver o sr. Gaston tapando minha boca com a mão.

“Quietinha”, disse ele.

“Talvez agora você queira se desculpar”, falou o carteador. Rosaleen tentou se levantar, mas sem a ajuda das mãos ficava difícil. Eu e o sr. Gaston tivemos que ajudar para ela ficar de pé.

“Seu rabo preto vai pedir desculpas de uma forma ou de outra”, disse o carteador, aproximando-se de Rosaleen.

“Calma aí, Franklin”, disse o sr. Gaston, nos levando para a porta. “Agora não é hora para isso.”

“Eu não vou descansar enquanto ela não se desculpar.” Foi a última coisa que eu o ouvi gritar antes de entrarmos na cadeia,

onde eu senti um impulso irresistível de me ajoelhar e beijar o chão.

A única imagem que eu tinha das cadeias era dos filmes de caubói, e aquela ali era muito diferente. Para começar, era pintada de rosa e tinha cortinas estampadas na janela. É que nós tínhamos entrado pelo alojamento do carcereiro. A mulher do sr. Gaston veio da cozinha, untando uma fôrma para assar pão.

"Você tem mais duas bocas para alimentar", disse o sr. Gaston, e ela voltou a trabalhar sem um sorriso de solidariedade.

Ele nos levou para a parte da frente, onde havia duas fileiras de celas, todas vazias. O sr. Gaston tirou as algemas de Rosaleen e lhe passou uma toalha do banheiro. Ela pressionou a toalha na cabeça, enquanto ele preenchia papéis em uma mesa e procurava umas chaves na gaveta de um arquivo.

As celas da cadeia cheiravam a bebida. Ele nos colocou na primeira cela da primeira fileira, onde alguém tinha escrito "Trono da Merda" em um banco preso na parede. Nada parecia real. *Nós estamos na cadeia*, pensei. *Nós estamos na cadeia.*

Quando Rosaleen tirou a toalha da cabeça, eu vi um corte de quase três centímetros por cima da sobrancelha inchada.

"Está doendo muito?", perguntei.

"Um pouco." Ela deu a volta na cela duas ou três vezes antes de se afundar no banco.

"T. Ray vai nos tirar daqui", eu disse.

"Ahããmm."

Ela não deu mais uma palavra até o sr. Gaston abrir a porta da cela, meia hora depois.

"Vamos", ele disse. Rosaleen ficou esperançosa por um instante. Realmente começou a se levantar. Mas ele sacudiu a cabeça. "Você não vai a lugar nenhum, só a menina."

Na porta, eu agarrei a barra da cela como se fosse um osso do braço de Rosaleen.

"Eu vou voltar. Está bem?... Está bem, Rosaleen?"

"Vá, eu me arrumo."

A expressão sombria do seu rosto quase acabou comigo.

A agulha do velocímetro do caminhão de T. Ray mexia tanto que eu não sabia se estava apontado para setenta ou oitenta. Debruçado sobre o volante, ele apertava o pé no acelerador, tirava um pouco o pé e depois acelerava de novo. O pobre caminhão chacoalhava a tal ponto que eu achei que o capô voaria e decapitaria os pinheiros da estrada.

Imaginei que T. Ray estava indo tão depressa para casa para começar imediatamente a construir pirâmides de grãos de milho por todo canto: uma câmara de tortura de grãos comestíveis, onde eu iria de uma pilha para outra, de joelhos, durante horas sem fim, me levantando apenas para ir ao banheiro. Eu não me importava. Só conseguia pensar em Rosaleen na cadeia.

Olhei para ele de lado e perguntei:

"E Rosaleen? Você precisa tirar ela de lá..."

"*Você* teve sorte de ter saído!", ele gritou.

"Mas ela não pode ficar lá..."

"Ela cuspiu no sapato de três homens brancos! O que achava que iria acontecer? E logo em Franklin Posey! Francamente! Será que não podia ter escolhido uma pessoa normal? Não há ninguém em Sylvan que odeie mais os negros do que ele. Para ele, é mais fácil matar a Rosaleen do que olhar para ela."

"Você está exagerando. Ele não mataria *realmente* a Rosaleen."

"O que eu quero dizer é que não ficaria surpreso se ele a matasse."

Senti meus braços enfraquecerem. Franklin Posey era o homem da lanterna e ele mataria Rosaleen. Mas no fundo eu já sabia disso, antes mesmo de T. Ray falar alguma coisa.

Ele me seguiu pela escada. Subi bem devagar de propósito, sentindo a raiva de repente crescer dentro de mim. Como é que ele podia deixar Rosaleen assim na cadeia?

Quando entrei no meu quarto ele parou na porta.

"Tenho de preparar a folha de pagamento dos catadores de pêssego. Você está proibida de sair do quarto. Entendeu? Fique sentada aí pensando no que vou fazer com você quando voltar. Pense bem nisso."

"Não tenho medo de você", eu disse, quase sem respiração.

Ele já estava saindo, mas se virou para mim.

"O que foi que você disse?"

"Não tenho medo de você", repeti, mais alto ainda. Uma espécie de atrevimento se soltou em mim, *uma coisa* que estava trancada no meu peito.

Ele veio na minha direção e levantou a mão como se fosse me dar um tapa na cara.

"É bom tomar cuidado com o que diz."

"Pode me bater!", gritei.

Quando ele deu o golpe, desviei o rosto. T. Ray errou o alvo.

Corri e pulei para o meio da cama, arfando.

"Minha mãe nunca vai deixar você me bater de novo!", gritei.

"*Sua mãe?*" O rosto dele estava vermelho. "Você acha que aquela maldita mulher ligava para você?"

"Minha mãe me amava!", eu disse chorando.

Ele jogou a cabeça para trás e deu um riso amargo e forçado.

"Nã-não tem graça nenhuma", gaguejei.

Ele investiu para a cama, apoiando-se no colchão com os punhos, o rosto tão perto de mim que eu podia ver os buraquinhos minúsculos por onde sua barba crescia. Desviei o corpo para trás, sobre os travesseiros, e minhas costas bateram na cabeceira.

"Não tem graça?", ele gritou. "*Não tem graça*? Foi a coisa mais engraçada que já ouvi: você pensa que sua mãe é seu anjo da guarda." E deu outra risada. "Aquela mulher nunca te deu a menor atenção."

"Isso não é verdade", reagi. "*Não é!*"

"E como é que você sabe?", ele disse, ainda debruçado sobre mim. Um resto de sorriso ainda puxava os cantos de sua boca.

"Eu te odeio!" Gritei.

Ele parou de rir imediatamente. Seu corpo se enrijeceu.

"Sua filha da puta!", disse. A cor sumiu dos lábios dele.

De repente fiquei gelada, como se alguma coisa perigosa tivesse entrado no quarto. Olhei pela janela e senti um tremor na espinha.

"Preste bem atenção!", ele falou, com a voz muito calma. "A verdade é que sua pobre mãe fugiu e largou você. No dia em

que ela morreu tinha voltado para pegar as coisas dela, só isso. Você pode me odiar, mas foi *ela* que te largou."

O quarto ficou em silêncio absoluto.

Ele espanou alguma coisa da sua camisa e se encaminhou para a porta.

Depois que ele saiu eu não me mexi, a não ser para acompanhar com os dedos os raios de luz sobre a cama. O barulho das botas dele descendo as escadas foi sumindo. Peguei os travesseiros debaixo da colcha e coloquei-os à minha volta, como se estivesse fazendo uma boia para me manter flutuando. Eu podia entender que ela tivesse deixado T. Ray. Mas *me* deixar? Isso me afundaria para o resto da vida.

O vidro das abelhas estava na mesinha de cabeceira, vazio. Em algum momento elas finalmente tinham conseguido voar para fora. Peguei o vidro com as duas mãos, e então explodiram as lágrimas que eu vinha retendo parece que havia anos.

Sua pobre mãe fugiu e largou você. No dia em que ela morreu tinha voltado para pegar as coisas dela, só isso.

Meu Deus, faça com que ele retire o que disse.

As lembranças tomaram conta de mim. A mala no chão. A briga dos dois. Meus ombros começaram a tremer de forma estranha e incontrolável. Prendi o vidro entre os seios na esperança de me acalmar, mas não conseguia parar de tremer, não conseguia parar de chorar, fiquei assustada, como se tivesse sido atropelada por um carro que não tinha visto passar e estivesse deitada do lado da estrada, tentando compreender o que tinha acontecido.

Sentei-me na beira da cama, relembrando daquelas palavras sem cessar. Toda vez que as repetia sentia um aperto no coração.

Não sei quanto tempo fiquei sentada ali, sentindo-me devastada. Finalmente fui até a janela e fiquei olhando os pessegueiros que se estendiam na direção da Carolina do Norte, com os galhos cobertos de folhas e levantados para o alto, como que fazendo uma súplica. O resto era o céu, o ar e o espaço solitário.

Olhei para o vidro das abelhas, ainda apertado na minha mão e vi minhas lágrimas no fundo. Abri a tela da janela e joguei as lágrimas fora. O vento as levou e espalhou-as pelo gramado. *Como ela pôde me deixar?* Fiquei ali vários minutos olhando o mundo, tentando compreender. Os passarinhos cantavam, tão perfeitos.

Foi então que veio à minha cabeça a ideia. *E se minha mãe não tinha me deixado? E se T. Ray tivesse inventado isso para me castigar?*

Fiquei quase tonta de alívio. Era isso. Tinha de ser isso. Meu pai era um verdadeiro Thomas Edison quando se tratava de inventar castigos. No dia em que eu fui malcriada ele disse que minha coelhinha Mademoiselle tinha morrido; eu chorei toda a noite, e na manhã seguinte descobri que ela estava viva e muito saudável na sua gaiola. Ele tinha de estar inventando isso agora. Algumas coisas não eram possíveis neste mundo. Não era possível uma criança ter pais que se recusavam a amá-la. O pai ou a mãe talvez, mas os dois, pelo amor de Deus.

Com certeza era como ele tinha dito antes: ela estava limpando o closet no dia do acidente. As pessoas viviam limpando os seus closets.

Respirei fundo para me acalmar.

Eu nunca tinha tido um momento de verdadeira religiosidade, nunca tinha ouvido uma voz dentro de mim, que não a minha falando com tanta sinceridade que as palavras brilhavam nas árvores e nas nuvens, mas tive aquele momento exatamente ali, no meu próprio quarto. Ouvi uma voz dizer, *Lily Melissa Owens, seu vidro está aberto.*

Em uma questão de segundos, soube exatamente o que eu deveria fazer: *ir embora.* Eu tinha que fugir de T. Ray, que já devia estar voltando para fazer comigo só Deus sabia o quê. Além disso, precisava tirar Rosaleen da cadeia.

O relógio marcava 14h40. Eu precisava de um plano sólido, mas não podia me dar ao luxo de sentar para pensar. Peguei minha sacola de lona grossa cor-de-rosa, que eu reservava para passar a noite fora se alguém me convidasse. Peguei os trinta e oito dólares que tinha recebido vendendo pêssegos e enfiei na sacola, junto com as minhas sete melhores calcinhas, que

tinham os dias da semana bordados na parte de trás. Coloquei dentro meias, cinco shorts, tops, uma camisola, xampu, escova, pasta de dente, escova de dente, elástico de cabelo, vigiando a janela todo o tempo. *O que mais?* Peguei o mapa que estava grampeado na parede, sem nem me preocupar em tirar as tachinhas.

Levantei o colchão e tirei o retrato da minha mãe, as luvas e a imagem de madeira de Maria negra, e enfiei na sacola também.

Arranquei uma folha do caderno de inglês do ano anterior e escrevi um bilhete curto e direto: *Caro T. Ray, não precisa me procurar. Lily. P. S.: gente mentirosa como você deve apodrecer no inferno*.

Fui até a janela e vi T. Ray chegando do pomar, com os punhos cerrados e a cabeça para a frente, como um touro querendo chifrar alguma coisa.

Coloquei o bilhete em cima da cômoda e fiquei parada um instante no meio do quarto, pensando se algum dia eu o veria de novo.

"Adeus", disse, sentindo uma pontinha de tristeza no coração.

Do lado de fora, espiei pelo vão da treliça que rodeava a casa. Espremendo-me através dela, fiquei invisível no meio da luz violeta e do ar rarefeito.

As botas de T. Ray pisavam forte pelo pomar.

"Lily! Li-lyyyyyyyyyy!" Ouvi seus gritos atravessarem a madeira do chão da casa. De repente percebi Snout farejando o lugar onde eu me enfiara. Tentei me esconder melhor na escuridão, mas ela sentiu meu cheiro e começou a latir.

T. Ray apareceu com o meu bilhete na mão, gritou para Snout parar de latir e entrou no caminhão, deixando um rastro de fumaça na entrada da casa.

Caminhando pela faixa cheia de mato ao longo da estrada pela segunda vez naquele dia, fui pensando como os catorze anos tinham me tornado mais velha. Em algumas horas eu me sentia com quarenta anos.

A estrada estava vazia até onde minha vista alcançava, e o vapor do calor tornava o ar ondulado em alguns pontos. Se eu conseguisse libertar Rosaleen — um "se" tão grande que podia se tratar do planeta Júpiter — para onde iríamos?

De repente me veio uma ideia. *Tiburon*, *Carolina do Sul*. É claro. A cidade escrita atrás da imagem de Maria negra. Eu não andava planejando ir até lá um dia desses? Fazia todo sentido: minha mãe tinha estado lá. Ou então conhecia pessoas lá que tinham tido a gentileza de lhe mandar uma bonita imagem da mãe de Jesus. E quem se lembraria de nos procurar lá?

Agachei-me ao lado da vala e desdobrei o mapa. Tiburon era um pontinho ao lado da grande estrela vermelha de Colúmbia. T. Ray iria me procurar na estação de ônibus, então Rosaleen e eu teríamos de pedir carona na estrada. Seria muito difícil? Era só ficar com o dedo esticado até alguém ficar com pena e parar o carro.

A pouca distância da igreja, o irmão Gerald passou no seu Ford branco. Eu vi as luzes do freio acenderem. Ele deu marcha à ré.

"Achei que era você", ele disse pela janela. "Aonde você vai?"

"Vou até a cidade."

"De novo? Para que a sacola?"

"Eu... estou levando umas coisas para Rosaleen. Ela está na cadeia."

"É, eu sei", ele disse, abrindo a porta do carona. "Entre, também estou indo para lá."

Eu nunca tinha entrado no carro de um pastor. Não que eu esperasse ver uma tonelada de Bíblias empilhadas no banco de trás, mas fiquei surpresa ao ver que era como o carro de qualquer outra pessoa.

"O senhor vai ver a Rosaleen?"

"A polícia me telefonou pedindo para eu apresentar queixa por ela ter roubado propriedade da igreja. Eles disseram que ela pegou uns leques lá. Você sabia disso?"

"Foram só dois leques..."

Imediatamente ele assumiu a voz usada no púlpito.

"Aos olhos de Deus não importa se foram dois ou duzentos leques. Roubo é roubo. Ela perguntou se podia levar os leques e eu disse que não, em tom bem claro. Mas ela levou assim mesmo. E isso é pecado, Lily."

Gente religiosa sempre me dava nos nervos.

"Mas Rosaleen é surda de um ouvido", falei. "Acho que ela não ouviu o que o senhor falou. Está sempre fazendo esse tipo de coisa. T. Ray diz, 'Passe *duas* camisas minhas' e ela passa *todas* as camisas."

"Um problema de audição. Bom, eu não sabia disso."

"Rosaleen nunca roubaria nada."

"Eles disseram que ela atacou uns homens no posto Esso."

"Não foi bem assim. Ela estava cantando seu hino favorito, 'Você estava lá quando crucificaram o meu Senhor?'. Eu acho que aqueles homens não são cristãos, irmão Gerald, porque gritaram para ela parar com aquela baboseira de Jesus. Rosaleen disse: 'Vocês podem me xingar, mas não podem blasfemar contra Jesus'. Mas eles continuaram. Então ela jogou o cuspe da sua escarradeira de bolso no sapato deles. Pode ser que estivesse errada, mas na cabeça dela estava defendendo Jesus." Eu suava em bicas nas costas e nas coxas.

O irmão Gerald mordeu os lábios. Dava para ver que ele estava realmente considerando o que eu tinha dito.

O sr. Gaston estava sozinho no posto policial, comendo amendoins cozidos em sua mesa quando o irmão Gerald e eu atravessamos a porta. Sendo o tipo de pessoa que era, o sr. Gaston tinha o chão cheio de cascas de amendoim.

"Sua preta não está aqui", ele disse, olhando para mim. "Levei-a para o hospital para dar uns pontos. Ela caiu e bateu a cabeça."

Caiu uma ova. Tive vontade de jogar seus amendoins cozidos contra a parede.

Não consegui me calar e gritei para ele:

"O que o senhor quer dizer com ela caiu e bateu a cabeça?"

O sr. Gaston olhou para o irmão Gerald com aquele olhar de entendimento que os homens trocam quando uma mulher se mostra um pouco histérica.

“Vamos, se acalme”, disse para mim.

“Não vou me acalmar enquanto não souber se ela está passando bem”, respondi, em voz mais calma, mas ainda tremendo um pouco.

“Ela está bem. Foi apenas uma pequena batida. Espero que ela saia de lá no fim da tarde. O médico quer que fique em observação por algumas horas.”

Enquanto o irmão Gerald explicava que não podia assinar os papéis da queixa uma vez que Rosaleen era quase surda, me dirigi para a porta.

O sr. Gaston me lançou um olhar de advertência.

“Deixamos um guarda de plantão tomando conta dela no hospital e ele não vai deixar ninguém entrar, de modo que você pode voltar para casa, está entendendo?”

“Está certo, senhor. Estou indo para casa.”

“Faça isso”, ele disse. “Porque se eu souber que você se aproximou do hospital, vou chamar seu pai novamente.”

O Hospital Memorial de Sylvan era um prédio baixo de tijolinhos, com uma ala para brancos e outra para negros.

Passei por um corredor deserto que exalava vários tipos de cheiros. Cravos, gente velha, álcool hospitalar, desinfetante de banheiro, gelatina vermelha. Na ala dos brancos havia aparelhos de ar-condicionado projetados para fora das janelas, mas ali só havia ventiladores movimentando o ar de um lado para o outro.

Um policial estava debruçado na mesa de recepção da enfermagem. Parecia um rapaz recém-saído do colégio, que tinha sido reprovado em física e estava conversando com os balconistas que fumavam no intervalo. Conversava com uma moça de branco. Uma enfermeira, pensei, mas ela não parecia muito mais velha que eu.

“Eu termino meu plantão às seis horas”, ele disse. Ela ficou ali sorrindo e colocou uma mecha de cabelo para trás da orelha.

No outro lado do corredor havia uma cadeira vazia junto à porta de um dos quartos, com um quepe de polícia em cima.

Eu corri até lá e vi a placa na porta: é proibido visitas. Entrei na mesma hora.

Eram seis leitos, todos vazios, a não ser o último ao lado da janela. Os lençóis tentavam cobrir um grande volume embaixo. Larguei minha sacola no chão e perguntei: "Rosaleen?".

Uma atadura de gaze do tamanho de uma fralda estava enrolada na cabeça dela, e seus pulsos estavam amarrados na grade da cama.

Quando ela me viu ali começou a chorar. Durante todos aqueles anos em que ela cuidou de mim, eu nunca tinha visto uma só lágrima em seus olhos. Agora a barragem estava aberta. Mexi no seu braço, na perna, na bochecha e na mão.

Quando suas glândulas lacrimais finalmente ficaram exaustas, eu disse:

"O que fizeram com você?"

"Depois que você saiu o policial chamado Sapato deixou aqueles homens entrarem para me obrigar a pedir desculpa."

"Eles bateram em você de novo?"

"Dois me seguraram pelos braços e o outro me bateu, aquele da lanterna, dizendo 'Preta, peça desculpas'. Como eu não pedi, ele veio em cima de mim e me bateu até que o policial disse que bastava. Mas eu não pedi desculpas."

Eu queria que aqueles homens torrassem no inferno pedindo água gelada, mas fiquei com raiva de Rosaleen também. *Por que você não se desculpou? Talvez Franklin Posey tivesse batido em você só um pouco.* Com isso ela tinha garantido que eles voltariam.

"Você tem que sair daqui", eu disse, soltando seus pulsos.

"Não posso *sair* sem mais nem menos. Ainda estou presa."

"Se ficar aqui, aqueles homens vão voltar para te matar. Estou falando sério. Eles vão te matar, como fizeram com aqueles negros no Mississippi. Até T. Ray disse isso."

Quando ela se sentou, a camisola do hospital subiu até suas coxas. Ela puxou-a para os joelhos, mas a roupa subiu de novo como se fosse elástica. Eu encontrei o vestido dela no armário e lhe dei.

"Isso é loucura", ela disse.

“Vista a sua roupa. Vista logo, está bem?” Rosaleen passou o vestido pela cabeça e ficou ali com a atadura cobrindo sua testa.

“Essa atadura tem que sair”, eu disse. Soltei um pouco o pano e vi duas fileiras de pontos. Depois, fazendo sinal para ela ficar bem quieta, abri a porta para ver se o policial tinha voltado para a cadeira.

Ele já estava lá. Seria pedir demais que ele ficasse flertando com a enfermeira até que nós conseguíssemos sair dali. Fiquei parada um instante, tentando pensar em algum tipo de plano, depois abri a sacola, tirei o dinheiro do pêssego e umas moedas soltas.

“Vou tentar me livrar dele. Volte para a cama, para o caso de ele olhar.”

Rosaleen me fitou com os olhos inchados.

“Meu Deus!”, ela disse.

Quando saí no corredor, ele deu um pulo da cadeira.

“Você não devia estar aí dentro.”

“Eu sei disso. Estou procurando a minha tia. Eu jurava que tinham me dito que ela estava no quarto 102, mas lá dentro tem só uma negra.” Sacudi a cabeça, fingindo estar confusa.

“Você está perdida. Deve ir para a outra ala do prédio. Aqui é a seção de pretos.”

Dei um sorriso: “Oh!”.

Na ala dos brancos do hospital encontrei um telefone público ao lado de uma sala de espera. Consegui o número do hospital com a telefonista de Informação e disquei para a recepção de enfermagem da ala dos pretos.

Pigarreei e disse: “Aqui é a mulher do carcereiro da delegacia”, para a moça que atendeu o telefone. “O sr. Gaston pediu para o policial que está aí voltar para a delegacia. O pastor está trazendo uns papéis para o sr. Gaston assinar, e ele teve de sair. Então, eu gostaria que ele viesse para cá imediatamente...”

Parte de mim dizia essas palavras e parte ouvia o que era dito, enquanto eu pensava que deveria estar em um

reformatório ou lar para meninas delinquentes juvenis, para onde eu provavelmente iria em breve.

Ela repetiu todo o recado para ver se tinha entendido bem. Ouvi seu suspiro do outro lado da linha: "Pode deixar que eu falo com ele".

Ela vai falar com ele. Eu não conseguia acreditar.

Voltei depressa para a ala dos negros, me escondi por trás do bebedouro e ouvi a moça de branco dar o recado para ele, gesticulando muito. Vi o policial vestir o quepe, atravessar o corredor e sair pela porta.

Quando Rosaleen e eu saímos do quarto, olhei para a esquerda e para a direita. Nós tínhamos de passar pela recepção da enfermaria, mas a moça de branco parecia preocupada, sentada com a cabeça abaixada, escrevendo alguma coisa.

"Vá andando como se fosse uma visita", eu disse para Rosaleen.

Estávamos perto da mesa da recepção quando a moça parou de escrever e levantou-se.

"Que merda", falei. Agarrei o braço de Rosaleen e entrei com ela no quarto de um paciente.

Uma mulher velhinha com o rosto que nem uma amora preta estava deitada na cama, parecendo um passarinho. Abriu a boca redonda quando nos viu e estirou a língua para fora.

"Preciso de um pouco de água", ela disse. Rosaleen despejou um pouco da água de uma jarra num copo e passou-o para a mulher, e eu fiquei agarrada à minha sacola olhando pela porta aberta.

Vi a moça desaparecer em um quarto próximo dali, carregando uma espécie de garrafa de vidro.

"Vamos", falei para Rosaleen.

"Vocês já têm de ir?", perguntou a velhinha.

"Já, mas eu provavelmente vou voltar antes do final do dia", Rosaleen falou, mais por minha causa do que pela mulher.

Dessa vez não foi preciso andar como se fôssemos visitas, passamos correndo para sair do hospital. Do lado de fora peguei a mão de Rosaleen e a puxei até a calçada.

“Como você já pensou em tudo, acho que sabe para onde estamos indo”, ela disse com um tom de reprovação.

“Nós vamos para a rodovia 40 pegar uma carona para Tiburon, na Carolina do Sul. Pelo menos vamos tentar.”

Atravessamos o parque da cidade, descemos por uma aleia na direção da Lancaster Street, andamos três quarteirões até a May Pond Road e chegamos ao terreno baldio por trás do armazém Glenn.

Vagamos entre umas plantas roxas de talo alto, no meio das libélulas e de um cheiro de jasmim tão forte que quase dava para vê-lo circulando no ar como fumaça dourada. Ela não perguntou por que estávamos indo para Tiburon nem eu contei. O que perguntou foi: “Quando você começou a falar ‘que merda’?”.

Eu não costumava dizer palavrões, embora tivesse ouvido muitos de T. Ray e lido vários nos banheiros públicos.

“Eu já tenho catorze anos, e acho que posso falar como quiser.” E tive vontade de xingar naquele mesmo minuto.

“Merda”, falei.

“Merda, fogo do inferno, danação e filho da puta”, disse Rosaleen, parando em cada palavra como se houvesse uma batata-doce na sua boca.

Nós ficamos ao lado da rodovia 40, na sombra projetada por um cartaz desbotado dos cigarros Lucky Strike. Levantei o dedo polegar pedindo carona, mas todos os carros aumentavam a velocidade quando nos viam.

Um negro que dirigia uma caminhonete Chevrolet velha cheia de melões teve pena de nós. Eu entrei primeiro e fiquei meio imprensada depois que Rosaleen sentou-se na janela.

O homem disse que estava indo visitar a irmã em Colúmbia e que ia levar os melões para o mercado estadual de produtores. Eu disse que estávamos indo para Tiburon visitar minha tia, e que Rosaleen vinha comigo para ajudar na casa. Não parecia verdade, mas ele aceitou a história.

“Posso deixar vocês a seis quilômetros de Tiburon”, ele falou.

O pôr do sol é a luz mais triste que existe. Nós viajamos um longo tempo com essa luz, em silêncio, a não ser pelos grilos e

sapos que anunciavam o crepúsculo. Olhei pela janela quando o céu começou a escurecer.

O fazendeiro ligou o rádio e a voz das Supremes invadiu a cabine da caminhonete com "Baby, baby, where did our love go?". Não há nada como uma música sobre o amor perdido para nos lembrar que todas as coisas preciosas podem desaparecer com facilidade de onde foram postas com tanto cuidado. Encostei a cabeça no braço de Rosaleen. Queria que ela fizesse a vida voltar para o lugar, mas suas mãos continuaram inertes no seu colo.

Cento e cinquenta quilômetros depois de termos subido na caminhonete, o fazendeiro parou no acostamento da estrada, ao lado de uma placa que dizia TIBURON 6 QUILÔMETROS. Apontava para a esquerda, para uma estrada que fazia uma curva na escuridão prateada. Ao descer da caminhonete, Rosaleen perguntou se nós podíamos ganhar um daqueles melões para comer no jantar.

"Peguem dois", disse o homem.

Nós esperamos em silêncio, sem nos mexermos, até a luz traseira da caminhonete parecer um inseto na estrada. Eu tentava não pensar em como estávamos tristes e perdidas. Não tinha certeza se aquilo era melhor do que a vida com T. Ray, ou a vida na prisão. Não havia uma alma viva à volta para nos ajudar. Ainda assim eu me sentia viva, como se todas as células do meu corpo tivessem dentro uma pequena chama queimando com tanta força que chegava a doer.

"Pelo menos temos lua cheia", eu disse para Rosaleen.

Começamos a caminhar. Quem pensa que o campo é silencioso é porque nunca viveu nele. Três sapos já bastam para a gente querer pôr algodão nos ouvidos.

Fomos caminhando, fingindo que estávamos num dia comum. Rosaleen disse que a colheita de melão, do fazendeiro que nos tinha dado carona, parecia ter sido boa. Eu disse que era incrível não termos sentido ainda nenhum mosquito.

Quando chegamos a uma ponte com água correndo abaixo, decidimos descer até o riacho e descansar na margem durante a noite. Era um universo diferente ali em baixo, a água

salpicada pelo brilho da luz com trepadeiras enroscadas entre os pinheiros como se fossem redes gigantescas. Eu me lembrei da floresta dos Irmãos Grimm, e me senti envolvida pelo mesmo nervosismo que sentia quando abria as páginas dos contos de fadas, onde as coisas fantásticas podiam acontecer: nunca se sabe.

Rosaleen abriu os melões jogando-os contra uma pedra do riacho. Comemos toda a fruta, deixando só a casca; depois pusemos as mãos em concha e bebemos água, sem nos importar com as algas e girinos, ou se o gado usava aquele riacho como banheiro. Depois nos sentamos na margem e olhamos uma para a outra.

"Eu só quero saber por que de todos os lugares do mundo você escolheu Tiburon", ela resmungou. "Nunca ouvi falar desse lugar."

Embora estivesse escuro, tirei da sacola a imagem de Maria negra e passei para ela.

"Pertencia à minha mãe. Atrás está escrito Tiburon, Carolina do Sul."

"Deixe ver se entendi bem. Você escolheu Tiburon porque sua mãe tinha uma imagem com o nome dessa cidade escrito atrás, *só por isso*?"

"Acho que sim. Ela deve ter estado lá em alguma época da vida para ter esse retrato. E se esteve, talvez alguém se lembre dela."

Rosaleen levantou a imagem para ver melhor à luz do luar.

"Quem é essa?"

"A Virgem Maria", respondi.

"Não sei se você notou que ela é negra", Rosaleen falou, e percebi que ela estava impressionada com isso pela forma como sua boca se abriu enquanto olhava a imagem. Eu podia até imaginar o que ela estava pensando: *Se a mãe de Jesus é negra, como é que nós só conhecemos a Maria branca?* Era como se as mulheres descobrissem que Jesus teve uma irmã gêmea com a metade dos genes de Deus, mas nada da sua glória.

Ela me devolveu a imagem: "Acho que posso ir para o túmulo agora, pois já vi tudo nesse mundo".

Coloquei a imagem dentro do bolso.

"Sabe o que T. Ray disse sobre a minha mãe?", perguntei, querendo finalmente contar a ela o que tinha acontecido. "Disse que ela me abandonou e abandonou T. Ray antes de morrer. Que só tinha voltado para buscar suas coisas no dia em que ocorreu o acidente."

Esperei que Rosaleen dissesse que isso era ridículo, mas ela apertou os olhos como se estivesse pensando nessa possibilidade.

"Mas não é verdade", falei, e minha voz se elevou como se alguma coisa a tivesse agarrado lá embaixo e empurrado para fora pela garganta. "E se ele pensa que vou acreditar nessa história, é porque tem um buraco no lugar do que chama de cérebro. Só inventou essa história para me castigar. Eu sei disso."

Eu podia ter acrescentado que as mães têm instintos e hormônios que não deixam que elas abandonem seus bebês, que até mesmo os porcos e gambás não deixam suas crias, mas Rosaleen, depois de pensar no assunto, falou:

"Você deve estar certa. Conhecendo seu pai, sei que ele pode ter feito uma coisa dessas."

"E minha mãe nunca teria feito o que ele disse", acrescentei.

"Não conheci sua mamãe, mas muitas vezes eu a via de longe quando ia colher pêssegos no pomar. Ela estava pendurando roupas no varal ou regando as plantas, com você sempre ao lado, brincando. Só uma vez eu vi sua mamãe sem você nos pés dela."

Eu não fazia ideia de que Rosaleen tinha algum dia visto a minha mãe. Senti de repente a cabeça leve, sem saber se era de fome, de cansaço ou de surpresa ao ouvir isso.

"O que ela estava fazendo nesse dia em que você a viu sozinha?"

"Estava por trás do galpão do trator, sentada no chão, olhando para o nada. Quando nós passamos, ela nem notou. Lembro que a achei um pouco triste."

"E quem não estaria triste vivendo com T. Ray?"

Vi o rosto de Rosaleen iluminar-se ao reconhecer a situação.

"Ah, já entendi. Você fugiu de casa por causa do que seu papai disse sobre sua mãe. Não porque eu estava na prisão. Eu pensei que você tivesse fugido e se enrolado por minha causa, mas agora sei que teria fugido de qualquer maneira. Não foi legal você não ter me contado os detalhes assim."

Esticou o lábio para a frente e olhou para a estrada, dando a ideia de que estava pensando em voltar.

"O que você está planejando fazer?", ela perguntou. "Ir de cidade em cidade perguntando sobre sua mãe? É essa a sua brilhante ideia?"

"Se eu precisasse de alguém para me criticar o tempo todo, teria trazido T. Ray comigo", gritei. "Para seu governo, eu não tenho exatamente um plano."

"Mas você tinha um quando chegou no hospital, dizendo que ia fazer isso e aquilo, e agora quer que eu te siga como se fosse um cachorrinho de estimação. Está se comportando como se fosse minha dona. Como se eu fosse uma negra burra que você vai salvar." Seus olhos estavam duros e apertados.

Eu me levantei.

"Isso não é justo!", disse, sentindo os pulmões se esvaziarem de raiva.

"Você teve boa intenção e eu estou contente de estar longe de lá, mas já pensou alguma vez em pedir a minha opinião?", disse Rosaleen.

"Você *é* burra mesmo", eu disse aos berros. "Se não fosse, não cuspiria nos sapatos daqueles homens. E foi mais burra ainda por não ter pedido desculpas para salvar sua vida. Eles iam voltar lá e te matar, ou fazer alguma coisa pior. Eu te tirei de lá e é assim que você me agradece. Muito bem".

Arranquei os tênis dos pés, peguei minha sacola e entrei no riacho. O frio criou círculos na água em volta das minhas pernas. Eu não queria estar com ela no mesmo planeta, muito menos do mesmo lado do riacho.

"Daqui em diante você vai encontrar seu próprio caminho!", gritei por cima do ombro.

Na margem oposta pisei na terra lamacenta. Ficamos nos olhando por cima da água. No escuro ela parecia uma

montanha moldada durante quinhentos anos de tempestades. Deitei de costas e fechei os olhos.

No meu sonho eu estava de volta ao pomar de pêssegos, sentada atrás do galpão do trator, e embora fosse dia eu podia ver uma enorme lua redonda no céu. Uma lua perfeita. Fiquei olhando para o céu durante algum tempo, depois me encostei na parede do galpão e fechei os olhos. Em seguida ouvi um barulho de gelo quebrando, e ao olhar para cima vi a lua se esfacelar e começar a cair. Tive de sair correndo para salvar minha vida.

Acordei com o peito doendo. Procurei a lua e encontrei-a inteira no céu, ainda brilhando sobre o riacho. Olhei para o outro lado da margem e não vi Rosaleen. Ela tinha ido embora.

Meu coração ficou aos pulos.

Por favor, meu Deus. Eu não queria tratar Rosaleen como se ela fosse um cachorrinho de estimação. Estava tentando salvar a vida dela. Só isso.

Enquanto procurava os sapatos senti a mesma tristeza que costumava sentir na igreja no Dia das Mães. *Perdão, mãe.*

Rosaleen, onde você está? Peguei a sacola e fui correndo ao longo do riacho na direção da ponte. Tropecei num toco, me esparramei no chão e não me preocupei em me levantar. Podia imaginar Rosaleen a quilômetros dali, andando pela estrada, murmurando: *Garotinha de merda.*

Quando olhei para cima notei que a árvore em baixo da qual eu tinha caído estava praticamente careca. Só se viam uns verdinhos aqui e ali, e muita folha seca pelo chão. Mesmo na escuridão dava para perceber que a árvore estava morrendo, sozinha no meio de todos aqueles pinheiros despreocupados. Assim eram as coisas. A perda penetra em tudo mais cedo ou mais tarde, e vai corroendo o que encontra.

Ouvi alguém cantarolando no meio da noite. Não era exatamente um hino religioso, mas tinha a mesma entonação. Segui o som e encontrei Rosaleen no meio do riacho, sem uma roupa no corpo. A água passava pelos seus ombros, brilhando como gotículas de leite, e seus seios balançavam na correnteza.

Um tipo de cena que não dá para esquecer. Tive vontade de entrar na água e lamber as gotículas de leite dos seus ombros.

Abri a boca. Eu queria alguma coisa. Alguma coisa. Mas não sabia o quê. *Perdão*, *mãe*. Foi só isso que eu pude sentir. Aquela ânsia antiga em mim me apertando com força.

Tirei os sapatos, os shorts e o top. Hesitei em tirar a calcinha, mas acabei tirando também.

A água parecia uma geleira se derretendo nas minhas pernas. Devo ter suspirado alto porque Rosaleen olhou para cima e, ao me ver nua dentro da água, desatou a rir.

"Olhe só você toda metida por aí com os peitinhos balançando e tudo."

Fiquei reconfortada ao lado dela, e prendi a respiração ao sentir a água me picando.

"Desculpe", disse.

"Tudo bem, me desculpe também." Rosaleen se aproximou mais de mim e deu um tapinha no meu joelho inchado, como se ele fosse uma massa de biscoito.

Graças à lua dava para ver o fundo do riacho forrado de pedras porosas. Peguei uma delas — avermelhada e suave como um coração de água. Enfiei-a na boca, sugando toda a seiva que tinha dentro.

Apoiada nos cotovelos, fui escorregando até a água se fechar por cima da minha cabeça. Prendi a respiração e fiquei ouvindo o rio arranhar meus ouvidos, afundando o mais que podia naquele mundo escuro e cintilante. Mas estava pensando em uma mala no chão, em um rosto que eu nunca vi muito bem, em um cheiro adocicado de creme para o rosto.

3

Os que se iniciam na criação de abelhas aprendem que a maneira de encontrar a tímida rainha é pela localização de seu círculo de servidoras.

The Queen Must Die: And Other Affairs of Bees and Men

Depois de Shakespeare, meu autor favorito era Thoreau. A sra. Henry nos fizera ler trechos de *Walden Pond*, e depois passei a fantasiar que ia a um jardim secreto onde T. Ray nunca me encontraria. Comecei a apreciar a Mãe Natureza e o que ela tinha feito no mundo. Na minha cabeça, ela se parecia com Eleanor Roosevelt.

Eu pensei nela na manhã seguinte, quando acordei ao lado do riacho, deitada sobre uma camada de folhas. A neblina flutuava como um barco pela água, e libélulas azuis iridescentes voavam de um lado para o outro como se estivessem costurando o ar. Uma cena tão linda que por um instante esqueci a sensação de peso que me inquietava desde que T. Ray tinha falado sobre a minha mãe. Nesse instante me senti no lago de Walden que Thoreau descreveu. *O primeiro dia da minha vida nova*, disse para mim mesma. *É isso aí.*

Rosaleen dormia com a boca aberta, com um fio de baba escorrendo do lábio inferior. Eu podia dizer, pelo jeito com que seus olhos se reviravam sob as pálpebras, que ela estava olhando para a tela prateada de onde os sonhos vêm e vão. O inchado em seu rosto parecia melhor, mas à luz do dia eu notei umas marcas roxas nos seus braços e nas pernas também. Nenhuma de nós duas estava com relógio, mas vi pela posição do sol que tínhamos dormido mais da metade da manhã.

Tive pena de acordar Rosaleen, então tirei a imagem de madeira de Maria da minha bolsa e a coloquei de pé contra um tronco de árvore para poder examiná-la direito. Uma joaninha

pousou na Virgem Maria, e ficou como uma pinta pretinha e bonita na bochecha dela. Fiquei imaginando se Maria gostaria de viver ao ar livre, se apreciaria mais as árvores e os insetos do que a auréola que tinha na cabeça.

Fiquei recostada, tentando inventar uma história para explicar por que minha mãe tinha essa imagem de Maria negra. Mas me deu um branco, provavelmente devido à minha ignorância sobre Maria, que nunca recebeu muita atenção na nossa igreja. Segundo o irmão Gerald, o inferno nada mais era do que uma fogueira para os católicos. Não havia católicos em Sylvan — só batistas e metodistas —, mas aprendíamos como eram, para o caso de encontrar algum em nossas viagens. Devíamos oferecer-lhes um plano de salvação com cinco fases, que eles poderiam aceitar ou não. A igreja nos dava uma luva de plástico com cada fase do plano escrita nos dedos. Começava com o dedo mínimo e ia até o polegar. Algumas senhoras guardavam as luvas de salvação dentro da bolsa para usá-las se cruzassem inesperadamente com algum católico.

A única história de Maria que era contada era a do casamento: quando ela persuadiu o filho, praticamente contra a vontade dele, a fazer vinho na cozinha só com água. Isso foi um choque para mim, pois pelo que eu sabia, nossa igreja não aceitava o vinho nem mulheres dando ordens em coisas desse tipo. Então me passou pela cabeça que minha mãe fosse ligada aos católicos de alguma forma, e, para ser franca, isso me deixou fascinada.

Enfiei a imagem no bolso enquanto Rosaleen dormia dando baforadas de ar que faziam seus lábios vibrar. Achei que talvez ela pudesse dormir até o dia seguinte, por isso sacudi seu braço até seus olhos abrirem.

"Meu Deus, meu corpo está todo doído", ela disse. "Parece que levei uma surra de vara."

"E levou mesmo, lembra?"

"Mas não de vara."

Esperei que ela se levantasse, um processo incrivelmente lento de resmungos e suspiros até que seus membros voltaram à vida.

“Com o que você sonhou?”, eu perguntei quando ela ficou de pé.

Rosaleen olhou as copas das árvores esfregando os cotovelos.

“Vamos ver. Sonhei que o reverendo Martin Luther King Jr. se ajoelhava e pintava as unhas do meu pé com cuspe e elas ficavam vermelhas como se ele tivesse mascado pimenta.”

Fiquei pensando nisso enquanto nos dirigíamos para Tiburon, Rosaleen andando como se seus pés tivessem sido ungidos, como se os dedos ocupassem todo aquele território.

Passamos por celeiros cinzentos, milharais precisando de irrigação e grupos de vacas Hereford ruminando em câmera lenta, parecendo bem contentes com suas vidas. Apertando os olhos, vi, à distância, casas de fazenda com varandas largas e balanços de pneus de trator suspensos com cordas nas árvores; moinhos de vento destacavam-se por cima delas, com as gigantescas pás prateadas rangendo quando batia a brisa. O sol tinha tostado tudo na perfeição; até mesmo as groselhas das cercas tinham virado passas.

O asfalto terminou e o resto da estrada era coberto de cascalho. Eu ouvia o barulho que ele fazia debaixo dos nossos sapatos. O suor formou uma poça no peito de Rosaleen, bem no lugar onde as clavículas se encontram. Não poderia dizer qual dos nossos estômagos estava sentindo mais falta de comida, o meu ou o dela, mas desde que tínhamos começado a andar eu me lembrei de que era domingo, dia em que as lojas não abriam. Receei que acabássemos precisando comer dentes-de-leão, desenterrando nabos e raízes bravas para sobreviver.

O cheiro de estrume fresco que pairava pelo campo deu cabo do meu apetite no mesmo instante, mas Rosaleen disse:

“Eu podia comer uma mula.”

“Se conseguirmos encontrar alguma loja aberta quando chegarmos na cidade, eu entro e compro comida para nós.”

“E como vamos fazer para dormir?”

“Se eles não tiverem uma pousada, teremos de alugar um quarto.”

Ela sorriu para mim.

“Lily, minha menina, nenhum lugar vai receber uma hóspede negra. Nem mesmo uma Virgem Maria negra eles vão receber.”

“Então de que adianta o Código de Direitos Civis?”, falei, parando no meio da estrada. “Depois desse código as pessoas não são obrigadas a receber todo o mundo que quiser ficar nos hotéis delas e comer nos seus restaurantes?”

“É o que dizem, mas muita gente vai ter que gritar e apanhar antes que isso aconteça.”

Caminhei os quilômetros seguintes imersa em preocupação. Eu não tinha nenhum plano, nenhuma expectativa para um plano. Até então, acreditava que nós bateríamos em alguma janela e entraríamos para começar uma vida nova. Rosaleen, ao contrário, esperava ser apanhada a qualquer momento. Como se estivesse de férias da cadeia.

O que eu precisava era de um sinal. De uma voz que falasse comigo como a que eu tinha ouvido ontem no meu quarto dizendo, *Lily Melissa Owens, seu vidro está aberto.*

Vou dar dez passos e olhar para cima. O que meus olhos virem será o meu sinal. Quando olhei para cima vi um piloto num voo rasante pulverizando um campo cultivado, e por trás dele uma nuvem de pesticidas saindo como um paraquedas. Eu não conseguia saber qual era a minha parte nessa cena: as plantas que seriam salvas dos insetos ou os insetos que seriam mortos pela pulverização. Eu podia também ser o avião ziguezagueando sobre a terra, salvando e destruindo onde quer que fosse.

Senti-me muito infeliz.

O calor aumentava à medida que andávamos, e agora o suor escorria pelo rosto de Rosaleen.

“Pena que não haja uma igreja por aqui para a gente roubar uns leques”, ela disse.

De longe a loja na entrada da cidade parecia ter uns cem anos, mas ao chegarmos mais perto vi que era ainda mais velha. Uma placa na porta dizia: LOJA E RESTAURANTE ENSOPADO DE SAPO. DESDE 1854.

O general Sherman provavelmente passara por aqui e decidira poupar o lugar por causa do nome, e não pela aparência. Toda a frente era coberta por um verdadeiro painel informativo: Atendimento de Studebaker, Isca viva, Torneio Amistoso de Pesca, Rifles para Caçar Veados $45, e a foto de uma garota usando um boné de tampa de Coca-Cola na cabeça. Um cartaz anunciava um espetáculo de música *gospel* na Igreja Batista Mount Zion, realizado em 1957, caso alguém quisesse saber.

O que eu mais gostei foi a coleção de placas de automóveis de vários estados. Eu gostaria de ler cada uma delas se tivesse tempo.

No pátio lateral, um negro levantou a tampa de uma churrasqueira feita de tambor de gasolina, e o cheiro de porco temperado com vinagre e pimenta me fez salivar tanto que babei na blusa.

Alguns carros e caminhões estavam estacionados ali na frente, provavelmente das pessoas que não se demoravam na igreja e iam para o restaurante logo depois da escola dominical.

"Vou entrar para ver se arranjo alguma comida", eu disse.

"E tabaco. Preciso de um pouco de tabaco", Rosaleen falou.

Ela se sentou em um banco perto da churrasqueira de tambor e entrei pela porta telada, no meio de cheiros misturados de ovos em conserva e serragem, com dezenas de presuntos curados em açúcar pendurados no teto. O restaurante ficava na parte de trás, e na frente, a loja que vendia de tudo, desde roletes de cana-de-açúcar até terebintina.

"O que a mocinha deseja?", perguntou um homem de gravata borboleta, do outro lado do balcão de madeira, quase perdido por trás de uma barricada de potes de geleia e vidros de picles. Sua voz tinha um tom agudo e o olhar era suave e delicado. Não dava para imaginar aquele homem vendendo rifles.

"Acho que nunca vi você", ele disse.

"Eu não sou daqui. Vim visitar minha avó."

“É bom que as crianças passem um tempo com os avós. A gente aprende muita coisa com as pessoas mais velhas.”

“É mesmo”, eu disse. “Aprendi mais com a minha avó do que durante toda a oitava série.”

Ele riu como se fosse a coisa mais engraçada que tinha ouvido havia anos.

“Você veio almoçar aqui? Nós temos um prato especial de domingo — churrasco de porco.”

“Vou levar dois. E duas Coca-Colas, por favor.”

Enquanto eu esperava nosso almoço, fiquei andando pela loja, separando umas coisas para o jantar. Pacotes de amendoim torrado, biscoitos amanteigados, dois sanduíches de queijo e pimentão embrulhados em plástico, balas de frutas e uma lata de fumo Red Rose. Empilhei tudo no balcão.

Quando ele voltou com os pratos e as bebidas, sacudiu a cabeça.

“Sinto muito, mas hoje é domingo. Não posso vender nada na loja, só no restaurante. Sua avó deve saber disso. Como é o nome dela?”

“Rose”, respondi, lendo o nome na lata de fumo.

“Rose Campbell?”

“Sim, senhor, Rose Campbell.”

“Pensei que ela só tivesse netos.”

“Não, senhor, ela tem uma neta também.”

Ele pegou a sacola de balas de frutas.

“Pode deixar tudo aqui. Depois eu ponho no lugar.”

A caixa registradora fez um barulho estridente, e a gaveta se abriu. Eu mexi na bolsa para pegar o dinheiro e paguei ao homem.

“Pode abrir as garrafas de Coca para mim?”, pedi, e quando ele foi para a cozinha enfiei a lata de tabaco Red Rose na bolsa e fechei o zíper.

Rosaleen estava exausta, sem comer, tinha dormido no chão duro, e quem sabe acabaria voltando para a prisão ou sendo morta. Ela merecia seu tabaco.

Decidi que um dia, muitos anos depois, mandaria um dólar para a loja dentro de um envelope para pagar aquele tabaco e

explicaria que vivia arrependida havia anos, quando de repente me vi diante da imagem da Maria negra. Não uma imagem qualquer de Maria negra, mas uma imagem idêntica, exatamente igual à da minha mãe, nos rótulos de dezenas de vidros de mel. MEL DA MADONA NEGRA, dizia o rótulo.

A porta abriu e uma família entrou, vinda da igreja, mãe e filha iguais, com uma roupa azul-marinho e gola Peter Pan. A luz atravessou a porta, enevoada, torcida, com riscas amarelas. A menininha espirrou e a mãe disse:

"Venha cá assoar o nariz."

Olhei de novo para os vidros de mel, para o líquido âmbar tremulando dentro, e respirei lentamente.

Percebi, pela primeira vez na vida, que tudo é mistério no mundo, que o mistério se esconde por trás do tecido dos nossos pobres dias, brilhando, e nós nem percebemos.

Pensei nas abelhas que tinham aparecido no meu quarto à noite, e em como elas faziam parte de tudo aquilo. E na voz que eu tinha ouvido no dia anterior dizendo *Lily Melissa Owens, seu vidro está aberto*, falando com tanta clareza quanto a mulher de azul-marinho falava com a filha.

"Aqui estão suas Coca-Colas", disse o homem de gravata-borboleta.

Eu apontei para os vidros de mel.

"Onde o senhor arranjou isso?"

Ele achou que o tom da minha voz era de reprovação.

"Eu sei o que você está pensando. Muita gente não compra o mel porque a Virgem Maria é negra, mas ela é assim porque a própria mulher que faz o mel é negra."

"Como é o nome dela?"

"August Boatwright. Ela cria abelhas por todo o condado."

Continue respirando, continue respirando.

"O senhor sabe onde ela mora?"

"É claro, é a casa mais esquisita do mundo. Da cor de Pepto-Bismol. Sua avó certamente sabe onde fica: é só seguir pela Main Street até onde ela dobra para a estrada que vai para Florence."

Andei para a porta.

“Obrigada.”

“Lembranças a sua avó.”, ele disse.

Os roncos de Rosaleen faziam as tábuas do banco tremer. Tive de sacudi-la.

“Acorde. Aqui está o seu tabaco, mas guarde no bolso porque eu não paguei.”

“Você roubou?”

“Tive de roubar porque eles não vendem nada da loja aos domingos.”

“Você vai direto para o inferno”, disse Rosaleen.

Espalhei o almoço como um piquenique no banco, mas só consegui comer quando contei a ela sobre a Maria negra no rótulo dos vidros de mel e sobre a criadora de abelhas chamada August Boatwright.

“Você não acha que a minha mãe deve ter conhecido essa mulher? Não pode ser só uma coincidência.”

Ela não respondeu, então falei mais alto.

“Rosaleen? Você não acha?”

“Eu não sei o que pensar. Não quero que você crie muita esperança, só isso”, disse ela, fazendo um carinho no meu rosto. “Oh, Lily, o que nós fizemos?”

Tiburon era um lugar como Sylvan, mas sem pêssegos. Em frente ao prédio do tribunal tinham enfiado uma bandeira dos Confederados na boca do canhão público deles. A Carolina do Sul era Dixie primeiro e América depois.

Na Main Street, fomos seguindo pelas longas sombras azuladas dos prédios de dois andares que ladeiam a rua. Na farmácia eu vi através da vidraça uma máquina de refrigerantes onde vendiam Coca-Colas de sabor de cereja e banana split, e fiquei pensando que em breve aqueles lugares não seriam mais só para brancos.

Passamos pela Agência de Seguros Worth, pelo escritório da Empresa de Eletricidade Rural Tiburon e pela loja Amen Dollar, com bambolês, óculos de natação e caixas de luzes coloridas na vitrine, onde se via escrito DIVERSÕES DE VERÃO pintado com spray. Alguns lugares, como o Banco dos Fazendeiros, exibiam nas janelas cartazes dizendo GOLDWATER

PARA PRESIDENTE, e às vezes colavam na parte de baixo dele um adesivo de para-choque da AFIRMAÇÃO VIETNÃ.

No correio de Tiburon, deixei Rosaleen na calçada e entrei para o canto onde ficavam as caixas postais e os jornais de domingo. Pelo que eu podia ver, não havia fotos minhas ou de Rosaleen pregadas nos cartazes de pessoas procuradas, e a manchete da primeira página do jornal de Colúmbia era sobre a irmã de Fidel Castro que estava espionando para a CIA, e nada sobre uma menina branca que tirou uma mulher negra da cadeia de Sylvan.

Enfiei uma moeda na máquina e tirei o jornal para ver se encontrava a notícia nas outras páginas. Rosaleen e eu esparramamos o jornal no chão de uma aleia e lemos tudo do início ao fim. Malcolm X, Saigon, os Beatles, torneio de tênis em Wimbledon, e um motel em Jackson, no Mississippi, que preferiu fechar a aceitar hóspedes negros, mas nada sobre nós duas.

Às vezes a gente tem vontade de se ajoelhar e agradecer a Deus pela deficiência de notícias que vai pelo mundo.

4

As abelhas são insetos sociáveis e vivem em colônias. Cada colônia é uma unidade familiar, constituída de uma única fêmea que põe os ovos, a rainha, e de suas várias filhas estéreis chamadas operárias. As operárias juntam os alimentos, constroem ninhos e criam os filhotes. Os machos são criados apenas nas épocas do ano em que sua presença é necessária.
Bees of the World

A mulher passou por uma fileira de caixas brancas junto da mata ao lado da casa rosa, uma casa tão rosa que ficou marcada por trás das minhas pálpebras depois que desviei o olhar. Ela era alta, vestida de branco, usava um capacete com véus que flutuavam pelo seu rosto até os ombros e desciam para as costas. Parecia uma noiva africana.

Tirando as tampas das caixas, ela olhou dentro, balançando para baixo e para cima um balde de latão com fumaça. Nuvens de abelhas subiram e voaram em torno da sua cabeça. Duas vezes ela desapareceu nessa névoa de abelhas, reaparecendo aos poucos como um sonho que surgia do fundo da noite.

Rosaleen e eu ficamos mudas durante algum tempo do outro lado da rua. Eu porque estava abismada com aquele mistério, e Rosaleen porque seus lábios estavam selados com o tabaco Red Rose.

"Essa é a mulher que faz o Mel da Madona Negra", eu disse, sem conseguir tirar os olhos dela, a Senhora das Abelhas, o portal de entrada para a vida da minha mãe. *August*.

Rosaleen, com despeito, cuspiu um muco preto depois limpou o bigode de suor acima dos lábios.

"Espero que ela faça um mel melhor do que a escolha da cor da casa."

"Eu gosto", declarei.

Esperamos até ela entrar, então atravessamos a estrada e abrimos o portão da cerca de estacas que estavam quase despencando com o peso do jasmim. Além do jasmim, havia cebolinha, endro e erva-cidreira em volta da varanda, e o cheiro que exalavam era estonteante de tão forte.

Ficamos na varanda iluminada pela luz rosa emanada da casa. Os besouros de junho voavam por todo lado, e de dentro da casa vinham sons musicais que pareciam de um violino, só que muito mais tristes.

Meu coração ficou aos pulos. Batia tão alto que perguntei a Rosaleen se estava ouvindo ele pular.

"Não ouço nada a não ser o Bom Deus me perguntando o que eu estou fazendo aqui." E cuspiu o que eu desejava que fosse o final do seu tabaco.

Bati na porta enquanto ela murmurava frases desconexas. *Me dê forças... Menino Jesus... Perdemos nossas cabeças fracas.*

A música parou. Pelo canto do olho vi um ligeiro movimento na janela, uma veneziana foi aberta e depois fechada.

A mulher que abriu a porta não era a de branco, mas outra vestida de vermelho, com o cabelo tão curto que parecia uma touca de natação acinzentada bem apertada na cabeça. Olhou para nós com um ar desconfiado e carrancudo. Notei que carregava o arco de um instrumento musical debaixo do braço como se fosse um chicote de montaria. Fiquei com medo que quisesse nos bater com ele.

"Pois não?"

"A senhora é August Boatwright?"

"Não, eu sou June Boatwright", ela respondeu, olhando fixamente para os pontos na testa de Rosaleen. "August Boatwright é minha irmã. Vieram falar com ela?"

Eu fiz que sim, e no mesmo instante uma outra mulher apareceu, descalça. Usava um vestido de algodão verde e branco sem mangas e tinha tranças curtas espetadas por toda a cabeça.

"Eu sou May Boatwright. Sou irmã de August também", Sorriu para nós com um sorriso estranho, que mostrava

nitidamente que ela não era uma pessoa normal.

Eu gostaria que a June do arco sorrisse também, mas ela parecia zangada.

"August está esperando vocês?", perguntou, dirigindo-se a Rosaleen.

É claro que Rosaleen logo abriu a boca, pronta para contar toda a história.

"Não, o caso é que Lily tem a imagem..."

Eu interrompi:

"Eu vi um vidro de mel lá na loja e o homem disse..."

"Ah, vocês vieram comprar mel. Por que não disseram logo? Entrem. Vou chamar August."

Olhei para Rosaleen com raiva, como se dissesse *Você está maluca? Não fale para elas sobre a imagem.* Nós teríamos de contar a história toda, isso era certo.

Algumas pessoas têm um sexto sentido e outras são obtusas. Eu acho que tenho, porque assim que entrei naquela casa senti um arrepio na pele, uma corrente descendo pela minha espinha e braços e pulsando na ponta dos dedos. Eu parecia estar emitindo raios. O corpo sabe das coisas muito antes da cabeça até mesmo percebê-las. Fiquei pensando sobre o que o meu corpo sabia e eu não.

O lugar cheirava a cera de lustrar móveis. Alguém tinha passado cera na sala; uma sala grande com tapetes com franjas, um piano velho com um pano rendado cobrindo o teclado, e cadeiras de balanço com assento de vime e almofadas por cima. Cada uma tinha um banquinho de veludo na frente. De veludo. Me aproximei e passei a mão em um deles.

Depois fui até uma mesa dobrável e notei uma vela de cera de abelha com o mesmo cheiro da cera dos móveis. Estava em um castiçal em forma de estrela ao lado de um quebra-cabeça já iniciado, embora ainda não desse para saber a figura que seria formada. Uma garrafa de leite de boca larga cheia de gladíolos estava em cima de outra mesa junto à janela. As cortinas eram de organdi, não muito branco como de costume, mas de um tom cinza prateado, de modo que o ar entrava levemente, dando uma ligeira tremulação cinzenta.

Nas paredes não havia nada pendurado a não ser espelhos. Contei cinco, todos com moldura larga de latão.

Então me virei e olhei para a porta por onde eu tinha entrado. Em um canto vi a escultura de uma mulher com quase um metro de altura, uma dessas figuras que antigamente ficavam na frente dos navios, tão velha que podia ter navegado na nau *Santa Maria* com Colombo.

A figura era preta e retorcida como um toco velho muito exposto ao tempo, e o rosto transmitia as tempestades e viagens que tinha enfrentado. O braço direito estava levantado como se mostrasse o caminho, só que com o punho cerrado. Seu ar era muito sério, como se ela pudesse nos castigar se fosse necessário.

Embora não estivesse vestida como Maria e não se parecesse com a estampa do vidro de mel, eu sabia que era ela. Tinha um coração vermelho desbotado pintado no peito e uma lua crescente amarela, gasta e torta, pintada na parte do corpo que devia ter sido presa na madeira do navio. Uma vela dentro de um vidro vermelho alto refletia e brilhava no seu corpo. A figura era um misto de força e humildade em uma só pessoa. Eu não sabia o que pensar, mas me senti tão magnetizada que parecia que a lua tinha entrado em todo o meu peito.

A única coisa comparável era a sensação que tive uma vez quando voltava da barraca de pêssegos e vi o sol vermelho do final da tarde iluminando o pomar como se fosse fogo, e o escuro chegando por trás. O silêncio pairava sobre a minha cabeça, a beleza multiplicando-se no ar, as árvores tão transparentes que eu achei que poderia ver alguma coisa dentro delas. Meu peito também doeu da mesma forma.

Os lábios da estátua tinham um meio-sorriso bonito e autoritário, o que me fez levar as mãos à garganta. Aquele sorriso parecia dizer, *Lily Owens, eu conheço você todinha*.

Senti que ela sabia o que eu realmente era: mentirosa, assassina e cheia de ódio. Sabia como eu detestava T. Ray, as meninas do meu colégio, mas principalmente a mim mesma por ter levado minha mãe embora.

Tive vontade de chorar, mas ao mesmo tempo de rir, pois a estátua também me fazia sentir como Lily, a Sorridente, como se também houvesse em mim bondade e beleza. Como se eu realmente tivesse aquele belo potencial que a sra. Henry disse que eu tinha.

Parada ali, eu me amei e me detestei. Foi isso o que a imagem da Maria negra fez comigo, fez com que sentisse minha glória e minha vergonha ao mesmo tempo.

Aproximei-me mais dela e senti um ligeiro cheiro de mel na madeira. May chegou perto de mim e então só consegui sentir o cheiro de pomada no seu cabelo, de cebola nas suas mãos e de baunilha no seu hálito. As palmas das mãos eram rosadas como as solas dos pés, os cotovelos mais escuros que o resto do corpo e, por alguma razão, ao vê-los me enchi de ternura.

August Boatwright entrou, usando óculos sem aro e um lenço de gaze verde-limão amarrado no cinto.

"Quem é você?", perguntou, e o som da sua voz fez com que eu voltasse ao meu estado normal.

O suor e o sol lhe deram uma cor de amêndoas, o rosto era cheio de rugas cor de caramelo, e o cabelo parecia polvilhado de farinha, mas o resto dela era décadas mais jovem.

"Eu sou Lily, e ela, Rosaleen", respondi, hesitando quando June apareceu na porta por trás dela. Abri a boca sem ter ideia do que falar. As palavras que saíram me deixaram surpresa. "Nós fugimos de casa e eu não tenho onde ficar."

Em qualquer outro dia da minha vida eu poderia ter ganhado um concurso de mentiras facilmente, mas aquilo, *aquilo* foi o que eu falei: a verdade patética. Fiquei observando a reação das mulheres, especialmente a de August. Ela tirou os óculos e esfregou os lados do nariz, em tal silêncio que eu podia ouvir o tique-taque de um relógio na outra sala.

August recolocou os óculos, foi até Rosaleen e examinou os pontos da sua testa, o corte debaixo do olho, os machucados na têmpora e nos braços.

"Você parece ter apanhado muito."

"Ela levou um tombo nos degraus da frente de casa quando saímos", eu disse, voltando ao meu velho hábito de contar

lorotas.

August e June se entreolharam, e Rosaleen apertou os olhos, me mostrando que eu tinha repetido a mesma coisa, falado por ela como se ela não estivesse presente.

"Bom, vocês podem ficar aqui até saberem o que vão fazer. Não vão ter de dormir debaixo da ponte."

June inspirou com tanta força que parecia que ia sugar todo o ar da sala.

"Mas, August..."

"Elas vão ficar aqui", repetiu, mostrando bem quem era a irmã mais velha e quem era a mais moça. "Vai dar tudo certo. Nós temos aqueles catres no apiário."

June deu uma virada rápida e saiu varrendo o chão com a saia vermelha.

"Obrigada", falei para August.

"De nada. Agora, sentem aí. Vou buscar uma laranjada para vocês."

Nós nos sentamos nas cadeiras de balanço com assento de vime, e May ficou de guarda, com aquele sorriso de maluca. Seus braços eram muito musculosos, eu percebi.

"Por que vocês todas têm nome de meses do ano?", Rosaleen lhe perguntou.

"Nossa mãe gostava da primavera e do verão", May respondeu. "Nós tínhamos uma April também, mas... ela morreu quando era pequena."

O sorriso de May desapareceu dos seus lábios e sem mais nem menos ela começou a cantarolar:

"Oh! Susanna", como se sua vida dependesse disso.

Ficamos olhando para ela enquanto o canto se transformava em choro. Ela passou a chorar como se April tivesse acabado de morrer.

Finalmente August voltou com uma bandeja com quatro copos de geleia enfeitados com lascas de laranja nas bordas.

"Oh, May, minha querida, vá acabar de chorar lá fora", disse apontando para a porta e empurrando-a gentilmente.

August agia como se aquele comportamento fosse normal em todas as casas da Carolina do Sul.

“Aqui está a laranjada de vocês.”

Eu fui bebendo aos goles, mas Rosaleen engoliu tudo tão depressa que soltou um arroto de dar inveja aos meninos do meu colégio. Uma coisa inacreditável.

August fingiu não ter ouvido nada e eu fixei os olhos no banquinho de veludo, desejando que Rosaleen fosse um pouco mais *refinada*.

“Então vocês são Lily e Rosaleen. E os sobrenomes?”

“Rosaleen... Smith, e Lily... Williams”, menti. “Minha mãe morreu quando eu era pequena, e meu pai morreu num acidente de trator no mês passado na nossa fazenda em Spartanburg. Não tenho parentes por aqui, e eles iam me mandar para um orfanato.

August sacudiu a cabeça. Rosaleen também, só que por outro motivo.

“Rosaleen era nossa governanta. Eu sou tudo que ela tem no mundo, então decidimos ir para a Virgínia procurar minha tia. Só que não temos dinheiro; se a senhora nos der algum trabalho para fazer enquanto estivermos por aqui, talvez a gente possa juntar um pouco antes de continuar caminho. Não estamos com pressa de chegar na Virgínia.”

Rosaleen olhou para mim. Durante alguns minutos não se ouviu som algum. Eu não tinha percebido como a sala era sufocante, como eu estava suando. Dava para sentir meu cheiro. Olhei para a estátua da Maria negra e depois para August.

Ela deixou o copo na bandeja. Eu nunca tinha visto aquela cor de olhos, de um amarelo-esverdeado.

“Eu sou da Virgínia”, ela disse, e por alguma razão senti o mesmo arrepio nas pernas que tinha sentido ao entrar. “Tudo bem. Rosaleen pode ajudar May com a casa, e você pode ajudar a mim e a Zach com as abelhas. Zach é meu ajudante, por isso eu não posso te pagar nada, mas pelo menos terá casa e comida até telefonar para sua tia e esperar que ela te mande dinheiro para a passagem de ônibus.”

“Eu não sei o nome completo dela. Meu pai a chamava de tia Bernie, mas eu nunca conheci essa tia.”

“Então o que você está planejando fazer, menina, bater de porta em porta em toda a Virgínia?”

“Não senhora, só em Richmond.”

“Entendi”, disse August. E tinha entendido mesmo.

Naquela tarde, o calor aumentou em Tiburon, e finalmente começou uma tempestade. August, Rosaleen e eu ficamos na varanda telada atrás da cozinha, vendo as nuvens arroxeadas por cima da copa das árvores e o vento batendo nos galhos. Estávamos esperando o tempo melhorar para August nos mostrar as nossas novas acomodações no apiário, uma garagem adaptada nos fundos do quintal e pintada com o mesmo rosa vivo que o resto da casa.

Os respingos de chuva molhavam nossos rostos, mas eu não queria limpar a umidade que fazia o mundo me parecer tão vivo. Não pude deixar de invejar a atenção que todos dão a uma boa tempestade.

August foi de novo à cozinha e voltou com três panelas de alumínio para nós.

“Vamos dar uma corrida até lá. Com as panelas pelo menos não vamos molhar as cabeças.”

August e eu saímos correndo pela chuva com as panelas nas cabeças. Olhei para trás e vi Rosaleen segurando a dela na mão, sem entender o que era para fazer.

Quando August e eu chegamos no apiário, tivemos de esperar na porta por ela. Rosaleen veio escorregando, juntando água da chuva e balançando a panela como se fosse criança. Pisava nas poças de água como se fossem tapetes persas, e, quando um trovão ressoou à nossa volta, ela olhou para o céu, abriu a boca e deixou a água cair dentro. Desde que tinha levado a surra daqueles homens, seu rosto parecia cansado e os olhos, opacos como se a luz tivesse sido arrancada deles. Agora eu via que ela voltava a ser a mesma, parecendo a rainha da chuva, como se nada pudesse lhe fazer mal.

Mas ela podia ser ao menos um pouco mais educada.

O apiário era grande e cheio de máquinas estranhas de preparar o mel, tanques grandes, queimadores de gás, cubas,

manivelas, caixas brancas e engradados empilhados com favos de mel. Meu nariz quase se afogou naquele cheiro tão doce.

Rosaleen deixou poças enormes no chão, e August correu para pegar algumas toalhas. Eu olhei para a parede lateral coberta de prateleiras de alvenaria. Capacetes com véus transparentes, ferramentas e velas de cera estavam pendurados em pregos perto da porta, e uma camada fina de mel cobria tudo. As solas dos meus sapatos grudavam no chão enquanto eu caminhava.

August nos levou a um quarto mínimo nos fundos, com uma pia, um espelho de corpo inteiro, uma janela sem cortina e dois catres de madeira cobertos com lençóis brancos limpos. Coloquei minha bolsa no primeiro catre.

"May e eu dormimos aqui às vezes, quando ficamos colhendo mel vinte e quatro horas por dia. O quarto é muito quente, vocês vão precisar ligar o ventilador."

Rosaleen foi até a prateleira na parede dos fundos, ligou o ventilador, e as teias de aranha presas nas lâminas começaram a voar por todo o quarto. Ela teve de tirar algumas do rosto.

"Você precisa de uma roupa seca", August lhe disse.

"Eu seco no vento mesmo", Rosaleen falou, estirando-se no catre e fazendo um arco com as pernas.

"Quando quiserem usar o banheiro vão ter de ir lá em casa. Nós não trancamos as portas, é só entrar."

Os olhos de Rosaleen estavam fechados. Ela já estava ressonando e soprava pela boca. August baixou a voz: "Então ela escorregou pelos degraus da entrada da casa?".

"Sim, senhora, caiu de cabeça. Prendeu o pé no tapete, feito pela minha mãe, no alto da escada."

O segredo de uma boa mentira é não explicar muito, dar só um bom detalhe.

"Bom, srta. Williams, você pode começar amanhã", disse ela. Eu fiquei ali sem saber com quem ela estava falando, quem era a srta. Williams, e só então lembrei que *eu* era Lily Williams. Esse é o outro segredo da mentira: as histórias precisam ser mantidas.

“Zach vai passar uma semana fora. Sua família foi para a ilha Pawley visitar a irmã da mãe dele.”

“Desculpe perguntar, mas o que vou fazer?”

“Vai trabalhar com Zach e comigo, preparando o mel, fazendo tudo que for preciso. Vamos, eu vou te mostrar tudo.”

Voltamos para o quarto grande com todas aquelas máquinas. Ela me levou até uma pilha de caixas brancas postas umas sobre as outras.

“Estas são as melgueiras”, disse, pondo uma no chão na minha frente e tirando a tampa.

Por fora parecia uma gaveta velha comum tirada de uma cômoda, mas dentro havia vários favos pendurados em fileiras. Cada fileira estava cheia de mel e selada com cera de abelha. Ela apontou para o outro lado.

“Aquilo é a lâmina, de onde tiramos a cera do favo. Depois a cera é derretida ali.”

Eu a segui, pisando em pequenas lascas de favo de mel. Ela parou junto ao grande tanque de metal no centro do quarto.

“Esta é a centrífuga”, disse, dando um tapinha na borda da máquina, como se estivesse fazendo festa num cachorro. “Suba ali e olhe lá dentro.”

Subi os dois degraus da escada e olhei pela borda, enquanto August ligava um motor velho que estalava e rangia. A centrífuga começou a girar lentamente e chegou até a velocidade da máquina de algodão doce da feira, fazendo sair de dentro um aroma celestial que inundou a atmosfera.

“A centrífuga separa o mel. Tira a parte ruim e deixa a parte boa. Eu sempre achei que seria ótimo ter centrífugas assim para os seres humanos. Era só jogá-los aí dentro e pôr a máquina para funcionar.”

Olhei para ela e vi que ela olhava fixamente para mim com seus olhos amarelo-esverdeados. Seria paranoia pensar que quando ela falou dos seres humanos estava se referindo a mim?

O motor foi desligado, e o zumbido parou com vários estalos. Debruçando-se sobre o tubo marrom que se ligava à centrífuga, ela disse, “Daqui o mel vai para o tanque deflector,

depois para o aquecedor e, finalmente, para o último tanque: o portão do mel, onde enchemos os baldes. Você vai aprender a fazer isso."

Eu duvidava. Nunca tinha visto uma coisa tão complexa na minha vida.

"Bom, imagino que você agora gostaria de descansar como a Rosaleen. O jantar é às seis horas. Você gosta de biscoito de batata-doce? É a especialidade de May."

Quando ela saiu, deitei-me no catre vazio, ouvindo a chuva cair no telhado de zinco. Tive a impressão de que viajava havia semanas, fugindo de tigres e leões em um safári na selva para tentar chegar à Cidade do Diamante Perdido, enterrada no Congo, como no último filme que tinha visto em Sylvan antes de ir embora. Senti que de certa forma eu fazia realmente parte dali, mas também *podia* ter estado no Congo por mais longe que fosse. Morar numa casa colorida com mulheres de cor, comer nos seus pratos, deitar nos seus lençóis não era nada demais para mim, embora fosse uma situação absolutamente nova e eu nunca tivesse me sentido tão branca.

T. Ray achava as pessoas de cor pouco inteligentes. Como quero dizer a verdade, incluindo as piores coisas, confesso que eu achava que podiam ser inteligentes, mas não tanto quanto eu, que era branca. Deitada ali, no catre do apiário, fiquei pensando como *August era inteligente e fina*, e fiquei surpresa com isso. Foi assim que eu soube que tinha algum preconceito enterrado dentro de mim.

Quando Rosaleen acordou, antes que ela tivesse chance de levantar a cabeça do travesseiro eu perguntei: "Está gostando daqui?".

"Acho que sim", ela falou, tentando se sentar. "Por enquanto."

"Eu também estou. Então não quero que você fale nada que possa atrapalhar as coisas, O.k.?"

Ela cruzou os braços na barriga e fechou a cara.

"Como assim?"

"Não diga nada sobre a imagem da Maria negra que eu tenho na bolsa, O.k.? E não fale sobre a minha mãe."

Ela começou a juntar as tranças soltas da cabeça.

"Por que você quer fazer segredo disso?"

Eu não tinha tido tempo de pesquisar minhas razões. Tive vontade de dizer, *Porque eu quero ser normal por algum tempo — não uma menina refugiada procurando a mãe, mas uma menina normal fazendo uma visita de verão em Tiburon, Carolina do Sul. Quero um tempo para conseguir conquistar August, para que ela não me mande embora quando descobrir o que eu fiz.* Todas essas coisas eram verdade, mas quando passaram pela minha cabeça eu vi que não explicavam exatamente por que falar sobre a minha mãe com August me deixava tão inquieta.

Comecei a ajudar Rosaleen a ajeitar o cabelo e notei que minhas mãos tremiam um pouco.

"Só quero que você prometa que não vai dizer nada."

"O segredo é seu. Pode fazer o que quiser com ele."

Na manhã seguinte acordei cedo e fui andar nos arredores. A chuva tinha parado, e o sol brilhava por trás das nuvens.

Pinheiros estendiam-se adiante do apiário, espalhando-se em todas as direções. Contei umas catorze colmeias enfiadas nas árvores à distância, seus topos parecendo selos postais brilhantes de tão brancos.

Na noite anterior, durante o jantar, August tinha dito que a área da propriedade deixada pelo seu avô era de vinte e oito acres. Uma menina podia se perder em vinte e oito acres num vilarejo pequeno como aquele. Podia abrir um alçapão e desaparecer.

A luz atravessou a brecha de uma nuvem avermelhada, e eu fui andando pelo caminho que saía do apiário e ia dar na mata. Passei por um carrinho de criança com ferramentas de jardinagem dentro. Ele estava ao lado de tomateiros que cresciam amarrados a estacas de madeira com pedaços de uma mangueira de náilon. No meio dos tomateiros havia zínias cor de laranja e gladíolos.

Dava para ver que as irmãs gostavam de passarinhos. Havia por ali um tanque de concreto para eles se banharem e vários comedores de cabaças ocas e pinhões por todo lado, tudo besuntado de manteiga de amendoim.

No ponto onde terminava o gramado e começava a mata, descobri uma mureta de pedra que não me chegava aos joelhos, mas com quase cinquenta metros de comprimento. Contornava a propriedade e parava abruptamente. Não parecia ser de qualquer utilidade. Depois notei papeizinhos dobrados e enfiados nos vãos das pedras. Fui seguindo o paredão e vi que em toda a sua extensão havia centenas desses papeizinhos.

Desdobrei um deles e vi algo escrito, mas não deu para ler as letras borradas pela chuva. Peguei outro. *Birmingham*, *15 de setembro*, *quatro anjinhos morreram*.

Dobrei o papel de novo e coloquei-o no lugar, sentindo como se eu tivesse feito alguma coisa errada.

Pulei a mureta, fui andando entre as árvores e samambaias com galhos de um verde azulado, tomando cuidado para não estragar os desenhos que as aranhas tinham feito com tanto trabalho durante a manhã. Era como se eu e Rosaleen tivéssemos realmente encontrado a Cidade do Diamante Perdido.

Durante essa caminhada comecei a ouvir o som de água corrente. Era impossível ouvir aquele barulhinho sem procurar saber de onde vinha. Fui me embrenhando mais na mata. As plantas ficaram mais densas e os arbustos arranhavam as minhas pernas, mas eu encontrei o que queria: um riachinho, mais ou menos do tamanho daquele em que Rosaleen e eu tínhamos nos banhado. Fiquei vendo a água correr, e as ondulações suaves de vez em quando quebravam a superfície.

Tirei os sapatos e entrei. O fundo do riacho era de lama, que se enfiou entre os dedos dos meus pés. Uma tartaruga saiu de uma pedra e entrou na água bem na minha frente, quase me fazendo gritar, de susto, por Jesus. Não podia adivinhar que outras criaturas invisíveis deviam estar me rodeando — cobras, sapos, peixes e um mundo de insetos —, mas nada daquilo me importava.

Quando calcei de novo os sapatos e fiz o caminho de volta, feixes de luz jorravam, e eu quis que fosse sempre assim, sem T. Ray, sem o sr. Gaston, sem ninguém querendo bater em Rosaleen. Só a mata lavada pela chuva e a luz subindo.

5

Imaginemos por um instante que somos pequenos o bastante para seguir uma abelha dentro de uma colmeia. Em geral, a primeira coisa com que teríamos de nos acostumar seria a escuridão...
Exploring the World of Social Insects

A primeira semana na casa de August foi um consolo, um alívio. De vez em quando, o mundo nos dá uma breve interrupção; parece que toca uma campainha de ringue de boxe e você vai para o seu canto, onde alguém tem pena da sua vida difícil.

Durante toda aquela semana ninguém mencionou meu pai, que segundo eu disse tinha morrido num acidente de trator, nem a minha tia Bernie da Virgínia. As irmãs do calendário nos acolheram e nada mais.

A primeira coisa que elas fizeram foi cuidar das roupas de Rosaleen. August entrou na caminhonete e foi direto para a loja do vilarejo, onde lhe comprou quatro calças, uma camisola azul-clara de algodão, três blusas, vestidos largos tipo havaianos e um sutiã para sustentar seus seios imensos.

"Eu não quero caridade", disse Rosaleen quando August colocou tudo na mesa da cozinha. "Vou pagar quando puder."

"Você pode pagar com seu trabalho", disse August.

May entrou trazendo bolas de algodão e começou a limpar os pontos de Rosaleen.

"Alguém queria acabar com a sua vida", disse, passando a cantarolar "Oh! Susanna", na mesma velocidade frenética com que tinha cantado antes.

June sacudiu a cabeça por cima da mesa onde examinava as compras.

"Você está cantarolando essa música novamente", disse para May. "Por que não pede licença para sair?"

May largou a bola de algodão sobre a mesa e saiu da sala.

Olhei para Rosaleen, e ela deu de ombros. June terminou o curativo; ela detestava fazer isso; dava para ver pelo modo como apertava os lábios formando um bico.

Fui procurar May para lhe dizer *Vou cantar "Oh! Susanna" com você do começo ao fim*, mas não consegui encontrá-la.

*

Foi May quem me ensinou a música do mel:

Ponha uma colmeia no meu túmulo
e deixe o mel encharcar tudo.
Quando eu tiver morrido,
é isso que quero de você.
As ruas do céu são douradas e ensolaradas,
mas eu vou continuar na minha terra com um pote de mel.
Ponha uma colmeia no meu túmulo
e deixe o mel encharcar tudo.

Eu gostava da bobagem da letra. Cantá-la fez com que eu me sentisse uma pessoa normal de novo. May cantava na cozinha quando enrolava massa ou cortava tomates, e August quando colava os rótulos nos vidros de mel. A letra da música dizia bem como era viver lá.

Nós vivíamos para o mel. Tomávamos uma colher de mel de manhã para despertar e uma à noite para ter sono. Comíamos mel em todas as refeições para acalmar a cabeça, ganhar energia e evitar doenças fatais. Esfregávamos mel no corpo para desinfetar cortes ou curar lábios rachados. Púnhamos mel no banho, no creme de pele, no chá de framboesa e nos biscoitos. Nada existia sem o mel. Em uma semana meus braços e pernas esquálidas começaram a engordar e o meu cabelo encheu-se de ondas sedosas. August dizia que o mel era o manjar dos deuses e o xampu das deusas.

Passava meus dias cuidando do mel com August, e Rosaleen ajudava May com os serviços de casa. Aprendi a passar uma faca aquecida nas caixas de depósitos para retirar a cera dos favos e a colocá-los na centrífuga. Eu ajustava a chama do gerador de vapor e mudava as meias de náilon que August usava para filtrar o mel no último tanque. Aprendi tão

depressa que ela me achou uma maravilha. Suas palavras foram exatamente essas: *Lily, você é uma maravilha*.

Minha atividade favorita era despejar cera de abelha nos moldes de vela. August usava meio quilo de cera por vela e acrescentava umas violetas, que eu pegava na mata. Ela recebia pedidos pelo correio de lojas distantes, até em Vermont e Maine. As pessoas de lá encomendavam tantas velas e vidros de mel que ela não dava conta de todos os pedidos, e vendia também latas de Cera de Abelha Multiuso da Madona Negra para clientes especiais. August dizia que a cera podia fazer a linha de pescar flutuar, a linha do botão ficar mais forte, os móveis brilharem mais, a janela emperrada deslizar, e a pele irritada ficar rosada como um bumbum de bebê. Cera de abelha curava tudo como que por milagre.

May e Rosaleen se entenderam logo. May era curta de inteligência. Não chegava a ser retardada, pois era esperta para algumas coisas e lia livros de receita sem parar. Ela era ingênua e desligada, adulta e criança ao mesmo tempo, e um pouco maluca. Rosaleen gostava de dizer que May era uma candidata ao hospício, mas gostava dela. Eu entrava na cozinha e lá estavam as duas lado a lado na pia debulhando espigas de milho ou passando manteiga de amendoim nos pinhões destinados às aves.

Foi Rosaleen quem descobriu o mistério de "Oh! Susanna". Disse que se a gente falasse de coisas alegres, May se comportava bem, mas se o assunto fosse desagradável — como a cabeça de Rosaleen cheia de pontos ou os tomates de fundo podre —, ela começava a cantarolar "Oh! Susanna". Era sua forma pessoal de conter o choro. Funcionava para coisas como tomates podres, mas para outras, não.

Às vezes ela chorava tanto, gemendo e arrancando os cabelos, que Rosaleen tinha de buscar August no apiário. August, com toda a calma, mandava May para o muro de pedra. Ir para lá era a única coisa que dava jeito nela.

May não admitia ratoeiras na casa, porque não podia nem imaginar um rato sofrendo. Mas o que realmente tirava Rosaleen do sério era ver May pegar as aranhas e levá-las para

fora da casa com o espanador. Eu gostava dessa faceta dela, já que me lembrava da minha mãe com seu amor pelos insetos. Ajudava May a apanhar pernilongos, não porque um inseto esmagado a deixasse nervosa, mas porque eu sentia que estava sendo leal aos desejos da minha mãe.

May tinha de comer uma banana toda manhã, e a banana não podia ter nenhuma marca. Certa manhã eu a observei enquanto descascava sete bananas uma depois da outra até encontrar uma que estivesse perfeita. Ela guardava montes de bananas na cozinha, em tigelas de barro abarrotadas até a boca; depois do mel, era a coisa mais abundante da casa. Toda manhã ela separava mais de cinco bananas até encontrar a ideal, a perfeita, que não tivesse sido machucada na mercearia.

Rosaleen fazia pudim de banana, torta de creme de banana, gelatina de banana, e cortava fatias de banana para misturar com folhas de alface, até que um dia August disse que bastava, ela podia jogar fora as sobras de bananas.

A figura mais difícil da casa era June. Ela ensinava história e inglês na escola para negros, mas sua paixão era a música. Quando eu terminava cedo meu trabalho com o mel, ia para a cozinha ver May e Rosaleen cozinhar, mas o que me interessava mesmo era ouvir June tocar violoncelo.

Ela tocava para doentes terminais, ia à casa deles ou ao hospital para que eles passassem ao outro mundo ouvindo música. Eu nunca tinha ouvido falar de uma coisa assim; ficava sentada na mesa bebendo chá gelado, imaginando se era por isso que June sorria tão pouco. Talvez porque vivesse muito ao redor da morte.

Dava para sentir que ela ainda não tinha aceitado a nossa presença na casa; essa era a única dificuldade para ficarmos lá.

Uma noite ouvi que ela falava de mim com August na varanda dos fundos, quando atravessei o quintal para ir ao banheiro da casa rosa. Parei junto a um canteiro de hortênsias quando ouvi as vozes.

“Você sabe que ela está mentindo”, disse June.

“Eu sei. Mas elas estão com algum problema e precisam de um lugar para ficar. Quem, além de nós, vai se propor a

receber em casa uma menina branca e uma mulher negra? Ninguém por essas bandas."

Por um instante fez-se silêncio. Dava para ouvir as mariposas pousando na lâmpada da varanda. June disse:

"Nós não podemos deixar uma menina que fugiu de casa ficar aqui sem avisar ninguém."

August olhou para fora, fazendo com que eu me escondesse mais na sombra, com as costas apertadas contra a parede da casa.

"Avisar quem? A polícia? Eles a levariam para qualquer outro lugar. Talvez o pai tenha morrido mesmo. Se morreu, quem melhor que nós para ficar com ela por um tempo?"

"E a tia que ela disse que ia procurar?"

"Não existe nenhuma tia, você sabe disso", disse August.

"E se o pai dela *não* morreu nesse suposto acidente de trator? Ele não deve estar procurando pela filha?", June falou, num tom irritado.

Seguiu-se uma pausa. Cheguei mais perto da varanda.

"Eu tenho uma intuição a respeito disso, June. Alguma coisa me diz que eu não devo mandar a menina para um lugar onde ela não quer ficar. Ainda não, pelo menos. Ela teve alguma razão para fugir. Talvez o pai a maltratasse. Eu acho que podemos ajudar."

"Por que você não pergunta diretamente qual é o problema dela?"

"Cada coisa a seu tempo. Não quero de jeito nenhum assustar essa menina com uma porção de perguntas. Ela nos contará tudo quando chegar a hora. Precisamos ter paciência."

"Mas ela é *branca*, August."

Foi uma grande revelação: não o fato de eu ser branca, mas o fato de June talvez não me querer ali por causa da cor da minha pele. Eu não achava isso possível, rejeitar uma pessoa por ela ser *branca*. Uma onda de calor atravessou meu corpo. "Indignação justificada", como diria o irmão Gerald. Jesus sentiu uma indignação justificada quando virou as mesas do templo e expulsou os vendilhões. Tive vontade de entrar ali,

virar umas mesas e dizer, *Com licença, June Boatwright, mas você nem me conhece!*

"Vamos ver se podemos ajudar Lily", disse August quando June desapareceu da minha linha de visão. "Nós lhe devemos isso."

"Não sei por que lhe devemos alguma coisa", disse June. Ouvi uma porta bater. August apagou a luz e deu um suspiro que ficou flutuando na escuridão.

Caminhei de volta para o meu quarto com vergonha de August ter percebido minha farsa, mas aliviada de saber que ela não planejava chamar a polícia nem me mandar de volta para casa. *Ainda não. Ainda não,* ela tinha dito.

Mas fiquei ressentida com a atitude de June. Antes de chegar ao apiário senti o pipi quente descendo pelas minhas pernas. Vi a poça se formando no chão de terra e senti o cheiro subindo na noite. Não havia diferença entre o meu pipi e o de June. Foi o que pensei quando olhei para aquele círculo escuro no chão. Pipi era pipi.

Toda noite depois do jantar a gente se sentava na saleta em volta da televisão, com seu vaso de cerâmica em cima. Mal dava para ver a tela por causa dos galhos de filodendro caídos no meio das imagens.

Eu gostava da cara de Walter Cronkite, com seus óculos de aro preto e uma voz de quem sabia tudo o que valia a pena saber. Ali estava um homem que não era contra os livros, estava na cara. Junte tudo que T. Ray não era e lhe dê o formato de uma pessoa: o resultado seria Walter Cronkite.

Ele nos mostrou uma passeata de integração em St. Augustine que foi atacada por uma multidão de brancos e dispersada com mangueiras d'água e bombas de gás lacrimogêneo. Dois representantes dos direitos civis foram mortos. Duas bombas estouraram. Três estudantes negros foram perseguidos com cabos de machadinha.

Depois que o presidente Johnson tinha assinado a lei de direitos civis, foi como se a vida americana tivesse virado de pernas para o ar. Víamos os governadores apresentarem-se na televisão pedindo "calma e compreensão". August disse que

tinha medo de coisas assim começarem a acontecer em Tiburon.

Eu me sentia branca e constrangida ali, especialmente com June na sala. Constrangida e envergonhada.

Em geral May não via televisão, mas naquela noite estava conosco e de repente começou a cantar "Oh! Susanna". Ela estava abalada com a morte de um negro chamado sr. Raines, que tinha levado um tiro de um carro com placa da Geórgia. Eles mostraram a viúva com os filhos, e de repente May começou a soluçar. É claro que todos pularam como se ela fosse uma granada pronta para explodir e tentaram consolá-la, mas era tarde demais.

May balançava-se para a frente e para trás, batendo os braços e arranhando o rosto. Rasgou a blusa e os pálidos botões amarelos saíram voando como se fossem grãos de milho espocando. Eu nunca tinha visto nada parecido e fiquei assustada.

August e June pegaram May pelos cotovelos e a guiaram para a porta com um movimento tão suave que se percebia já terem feito a mesma coisa antes. Minutos depois ouvi a água correndo na banheira com pés de garra, onde eu havia tomado banho duas vezes com água de mel. Uma das irmãs tinha vestido um par de meias vermelhas em dois pés da banheira, só Deus sabe por quê. Acho que foi May, que não precisava de uma razão para fazer as coisas.

Rosaleen e eu fomos de mansinho até a porta do banheiro. Pela fresta da porta vimos May sentada na banheira no meio de uma pequena nuvem de vapor d'água, agarrada aos joelhos. June enchia as mãos de água que deixava escorrer lentamente pelas costas dela. O choro tinha melhorado e ela agora fungava.

Ouvi a voz de August atrás da porta.

"Isso mesmo, May. Deixe todo esse sofrimento sair de você. Solte isso tudo."

Toda noite depois do noticiário nós nos ajoelhávamos no tapete da sala diante da Maria negra e rezávamos para ela, ou melhor, as três irmãs e eu nos ajoelhávamos, e Rosaleen ficava sentada em uma cadeira. August, June e May chamavam a

estátua de “Nossa Senhora das Correntes”, sem nenhuma razão aparente.

Ave Maria, *cheia de graça*, *o Senhor é convosco*. *Bendita sois vós entre as mulheres*...

As irmãs seguravam terços de madeira e os moviam entre seus dedos. De início Rosaleen recusou-se a participar da reza, mas logo passou a nos acompanhar. Decorei a oração na primeira noite. Isso porque dissemos a mesma coisa tantas vezes que as palavras ficaram se repetindo na minha cabeça mesmo depois que parei de pronunciá-las.

Parecia uma oração católica, mas quando eu perguntei a August se elas eram católicas, ela disse:

“Sim e não. Minha mãe era uma boa católica, ia à missa duas vezes por semana na igreja St. Mary, em Richmond, mas meu pai era um eclético ortodoxo.”

Eu não tinha ideia do que era eclético ortodoxo, mas assenti como se nós tivéssemos um grande grupo deles em Sylvan.

“May, June e eu seguimos o catolicismo da nossa mãe mas misturamos nossos próprios ingredientes. Não sei que religião é essa, só sei que nos convém”, disse August.

Quando terminávamos de rezar a ave-maria umas trezentas vezes, fazíamos nossas orações pessoais em silêncio, bem depressa, uma vez que os joelhos estavam nos matando. Eu não podia reclamar, já que isso não era nada comparado com ajoelhar no milho Martha Whites. Finalmente as irmãs se benziam da testa ao umbigo, e o ritual terminava.

Numa noite, depois de elas terem se benzido e de todos terem saído da sala, menos August e eu, ela disse:

“Lily, se você pedir ajuda a Maria ela te ajudará.”

Eu não sabia o que dizer, então dei de ombros.

Ela fez um sinal para eu me sentar ao seu lado na cadeira de balanço.

“Quero te contar uma história. Uma história que minha mãe costumava nos contar quando ficávamos cansadas do trabalho ou reclamávamos da vida.”

“Eu não estou cansada do trabalho”, falei.

“Sei, mas é uma boa história. Preste atenção.”

Eu me ajeitei na cadeira e me balancei para a frente e para trás, ouvindo o famoso rangido das cadeiras de balanço.

"Há muito tempo, do outro lado do mundo, na Alemanha, havia uma jovem freira chamada Beatriz, que amava Maria. Mas Beatriz se cansou de ser freira e de cumprir todas aquelas tarefas e seguir todas aquelas regras. Uma noite sentiu que não aguentava mais, tirou o hábito, dobrou-o e pôs em cima da cama. Saiu pela janela do convento e fugiu."

Tudo bem, eu podia ver aonde ela queria chegar.

"Ela achou que as coisas seriam maravilhosas", August continuou. "Mas a vida não era como ela pensou que seria para uma freira fugida. Ela andou pelas ruas sentindo-se perdida e acabou tendo de mendigar. Depois de algum tempo, pensou em voltar para o convento, mas sabia que não seria recebida."

Nós não estávamos falando da freira Beatriz, isso era claro como o dia. Estávamos falando de mim.

"O que aconteceu com ela?", perguntei, tentando parecer interessada.

"Um dia, depois de anos de muito andar e sofrer, ela disfarçou-se e voltou ao antigo convento para visitá-lo pela última vez. Foi até a capela e perguntou a uma das irmãs: 'A senhora se lembra da freira Beatriz, que fugiu?'. 'Como assim?', disse a irmã. 'A freira Beatriz não fugiu. Lá está ela perto do altar, varrendo.' Bem, você pode imaginar como isto aturdiu a verdadeira Beatriz. Ela se aproximou da mulher que varria para ver quem era e descobriu que era Maria. Maria sorriu para Beatriz, levou-a para seu quarto e devolveu seu hábito de freira. Veja só, Lily, todo aquele tempo Maria ficou no lugar dela."

O rangido da minha cadeira foi sumindo enquanto eu me balançava mais devagar, até parar. O que August estava tentando dizer? Que Maria ia ficar no meu lugar lá em Sylvan para T. Ray não perceber que eu tinha fugido? Isso era um absurdo até mesmo para os católicos. Acho que estava me dizendo: *Eu sei que você fugiu, todo mundo tem vontade de fazer isso às vezes, porém mais cedo ou mais tarde vai querer voltar para casa. É só pedir ajuda a Maria.*

Dei boa-noite a August, contente em sair da berlinda. Depois disso comecei a pedir a Maria uma ajuda especial, não para ela me levar de volta, como a pobre freira Beatriz. Não. Pedi que cuidasse para que eu nunca voltasse. Pedi que cobrisse a casa rosa com uma cortina para que ninguém pudesse nos encontrar. Pedi isso todos os dias e de fato me surpreendi ao ver que a coisa parecia estar funcionando. Ninguém veio bater na porta para nos arrastar para a cadeia. Maria tinha criado uma cortina de proteção para nós.

Na nossa primeira sexta-feira lá, depois do fim das orações e com o céu ainda tingido do laranja e rosa do crepúsculo, fui com August ao quintal das abelhas.

Eu ainda não tinha visto de perto as colmeias, então para começar ela me deu uma lição sobre o que chamava de "etiqueta do quintal das abelhas". Disse que o mundo nada mais era que um grande quintal, e as regras eram as mesmas para os dois lugares. Não tenha medo, pois nenhuma abelha que preze a vida vai querer te picar. Mas não seja idiota, use mangas e calças compridas. Não esmague nenhuma delas. Nem pense nisso. Se ficar com raiva, assobie. A raiva agita, e o assobio acalma as abelhas. Comporte-se como se soubesse o que está fazendo, mesmo que não saiba. Acima de tudo, trate as abelhas com amor. Todas as coisinhas pequenas querem ser amadas.

August tinha sido picada tantas vezes que tinha imunidade. Quase não sentia a dor. Disse, aliás, que as picadas melhoravam sua artrite, mas como eu não tinha artrite devia me cobrir toda. Ela me fez vestir um dos seus camisões brancos de mangas compridas, depois vestiu um daqueles capacetes na minha cabeça e ajustou o véu.

Dizem que o mundo é dos homens, mas um véu tira a agressividade dele. Tudo parecia mais suave e mais bonito. Quando eu entrei na mata atrás de August com meu véu de abelha, me senti como uma lua flutuando por trás de uma nuvem noturna.

Ela mantinha quarenta e oito colmeias espalhadas pela mata em volta da casa rosa, e mais duzentas e oitenta em várias

fazendas, nas margens dos rios e dos pântanos. Os fazendeiros gostavam das abelhas, graças à polinização que faziam e que tornava as melancias mais vermelhas e os pepinos maiores. Eles deixariam as abelhas ali de graça, mas August pagava a cada um cinco galões de mel.

Ela estava sempre examinando as colmeias, e com sua caminhonete velha ia de um lado para o outro do condado, o "vagão do mel", como ela chamava. Um verdadeiro patrulhamento das abelhas era o que fazia com ele.

August começou a carregar o vagão vermelho que eu tinha visto no quintal com caixas de fecundação, aquelas ripas colocadas nas colmeias para as abelhas depositarem o mel.

"Precisamos criar bastante espaço para a abelha rainha botar os ovos, senão teremos um enxameamento", ela disse.

"Como assim, enxameamento?"

"Quando você tem a rainha e um grupo de abelhas independentes que se separam do resto da colmeia à procura de outro lugar para viver, acontece um enxameamento. Elas quase sempre se juntam em um galho de árvore por aí."

Estava claro que ela não gostava de enxameamentos.

"Então," disse, continuando seu trabalho, "o que temos de fazer é tirar as caixas cheias de mel e pôr outras vazias dentro."

August entrou na caminhonete enquanto eu fui andando atrás carregando o defumador com palha de pinho e folhas de tabaco. Zach tinha deixado um tijolo em cima de cada colmeia para indicar a August o que ela devia fazer. Se o tijolo estivesse na frente, significava que a colônia tinha quase enchido os favos e era preciso outra melgueira. O tijolo atrás indicava que havia problemas, como larvas ou rainhas doentes. O tijolo virado de lado anunciava uma família feliz de abelhas, sem marido, só a mãe e suas dez mil filhas.

August riscou um fósforo para queimar as folhas no fumigador. Fiquei observando seu rosto brilhar com a luz, depois ir sumindo. Ela balançou o balde para fazer fumaça na colmeia, dizendo que a fumaça funcionava melhor do que um sedativo.

Mesmo assim, quando retirou a tampa, as abelhas saíram em fila formando um cordão preto e grosso, uma quantidade de asas mínimas voando em volta dos nossos rostos. O ar ficou impregnado de abelhas, e enviei-lhes amor, como August tinha dito.

Ela puxou para fora um quadro de madeira que parecia um tecido feito de abelhas em turbilhão, em tons de preto e de cinza com um ligeiro toque de prateado.

"Lá está ela, Lily, está vendo? Aquela grande é a rainha."

Fiz uma reverência, como se faz para a rainha da Inglaterra, e August deu risada.

Eu queria que ela gostasse de mim para poder ficar ali para sempre. Se conseguisse o seu amor, talvez ela se esquecesse da freira Beatriz e me deixasse ficar.

Quando voltamos para casa já estava escuro e os vaga-lumes brilhavam ao nosso redor. Pela janela da cozinha vi Rosaleen e May, que terminavam de lavar a louça.

August e eu nos sentamos nas cadeiras de armar do gramado, ao lado de um pé de murta que soltava flores pelo chão. Veio da casa a música do violoncelo, cada vez mais alta, até deixar a terra e sumir na direção de Vênus.

Imaginei essa música guiando os fantasmas dos moribundos, abrindo-lhes caminho para a próxima vida. Queria que a música de June tivesse ajudado minha mãe nessa hora também.

Olhei para a mureta de pedra que rodeava o quintal dos fundos.

"Vi uns pedacinhos de papel enfiados naquela mureta", disse, como se August não soubesse.

"Eu sei. É o muro de May. Foi ela quem construiu."

"May?" Tentei imaginar May misturando o cimento e carregando pedras dentro do avental.

"Ela trouxe pedras do rio que corre na mata lá atrás. Vem trabalhando nisso há mais de dez anos."

Então era por isso que seus músculos eram fortes, por carregar as pedras.

"Por que todos aqueles papeizinhos enfiados ali?"

"É uma longa história. Eu acho que você notou... que May é especial."

"Ela se perturba com facilidade", eu disse.

"É porque May leva as coisas de forma diferente de nós", August falou, pondo a mão no meu braço. "Lily, quando você e eu ouvimos falar de uma desgraça, ficamos tristes por algum tempo, mas não nos desesperamos. É como se tivéssemos um muro de proteção em volta do coração para a tristeza não tomar conta de nós. Mas May não tem isso. Tudo entra nela, todo o sofrimento que existe lá fora, e faz com que sinta como se essas coisas estivessem acontecendo com ela. Não consegue ver a diferença."

Será que se eu contasse a May que T. Ray me fazia ajoelhar em grãos de milho, que fazia outras pequenas crueldades, que eu tinha matado minha mãe, ela sentiria tudo que eu tinha sentido? Eu queria saber o que acontecia se *duas* pessoas sentissem isso. A dor seria dividida pelo meio, seria mais fácil de suportar, da mesma forma que sentir a alegria de alguém parece tornar essa alegria maior?

Ouvi a voz de Rosaleen pela janela da cozinha e a risada de May. Ela parecia muito normal e contente naquele momento, e eu não conseguia imaginar como tinha ficado daquele jeito: uma hora rindo e outra hora desesperada com a tristeza dos outros. Eu não queria por nada no mundo ser assim, mas também não queria ser como T. Ray, imune a tudo que não fosse a sua própria vida egoísta. Não sabia dizer o que era pior.

"Ela nasceu assim?", perguntei.

"Não, no começo era uma menina feliz."

"Então o que aconteceu?"

August fixou os olhos na mureta de pedra.

"May tinha uma irmã gêmea. Nossa irmã April. As duas pareciam uma alma só em dois corpos. Nunca vi uma coisa assim. April tinha dor de dente e a gengiva de May ficava vermelha e inchada como a da irmã. No único dia em que nosso pai bateu em April com o cinto, juro que a perna de May ficou cheia de vergões também. Não havia separação entre aquelas duas. No dia em que chegamos aqui May nos disse que

April tinha morrido. E foi então que tudo começou com ela", disse August, olhando para mim como se não soubesse se continuava ou não. "Não é uma história bonita."

"Minha história também não é bonita", eu disse, e ela sorriu.

"Quando April e May tinham onze anos foram ao mercado comprar sorvete, com uma moeda cada uma. Elas tinham visto as crianças brancas lá, lambendo casquinhas e folheando livros de história em quadrinhos. O dono do mercado lhes deu o sorvete, mas disse que elas tinham de ficar do lado de fora. April era cabeça-dura e falou que queria ver os livros de história em quadrinhos. Discutiu com o homem do seu jeito, como costumava fazer com nosso pai, e finalmente o homem pegou-a pelo braço, empurrou-a porta afora e seu sorvete caiu no chão. Ela chegou em casa chorando e dizendo que isso não era justo. Nosso pai era o único dentista negro em Richmond e tinha visto mais injustiças do que gostaria de ter visto. Então disse a April: 'Nada é justo neste mundo. É bom você aprender logo isso'."

Eu lembrei como tive de aprender isso muito antes dos onze anos. Dei uma baforada de ar e estiquei o pescoço para tentar ver as estrelas da Ursa Maior. A música de June chegava até nós, como uma serenata.

"Acho que a maioria das crianças teria aceitado isso, mas April ficou muito marcada. Ficou decepcionada com a vida, penso eu. O incidente abriu seus olhos para coisas que ela talvez nem percebesse, pois ainda era muito criança. Começou a ter convulsões quando não queria ir para a escola ou fazer alguma coisa. Quando completou treze anos teve uma depressão séria, e durante todo esse tempo May sentia a mesma coisa que ela. Quando April fez quinze anos pegou o revólver do nosso pai e se matou."

Eu não esperava aquilo. Respirei fundo e senti minha mão subir e cobrir a boca.

"Eu sei que é horrível ouvir uma coisa assim", disse August, e depois fez uma ligeira pausa. "Quando April morreu, alguma coisa morreu dentro de May também. Ela nunca mais foi

normal depois. Parecia que o próprio mundo tinha se tornado sua irmã gêmea."

O rosto de August desapareceu nas sombras das árvores. Levantei o corpo na cadeira para poder vê-la melhor.

"Nossa mãe disse que May era como Maria, com o coração do lado de fora do peito. Cuidava dela com muito carinho, mas quando morreu, eu e June ficamos responsáveis pela nossa irmã. Tentamos conseguir ajuda para ela durante anos. Consultamos vários médicos, mas a única coisa que eles diziam é que ela devia ser internada. Então June e eu tivemos a ideia de construir um muro de lamentações."

"Que tipo de muro?"

"Muro de lamentações", ela repetiu. "Como o que existe em Jerusalém, onde os judeus vão chorar suas mágoas. É sua forma de lidar com os sofrimentos. Eles escrevem orações em pedacinhos de papel e enfiam no muro."

"E é isso que May faz?"

August assentiu.

"Todos esses papeizinhos que você viu entre as pedras são coisas que May escreveu, todos os seus grandes sofrimentos. Parece que é a única coisa que a ajuda a viver."

Olhei na direção do muro, invisível agora no escuro. *Birmingham*, *15 setembro*, *quatro anjinhos morreram*.

"Coitada", eu disse.

"É mesmo. Coitada", disse August. E ficamos sentadas ali um instante, até os mosquitos começarem seu ataque, o que nos obrigou a entrar em casa.

Rosaleen estava no seu catre no apiário, com as luzes apagadas e o ventilador ligado a toda a potência. Eu tirei toda a roupa menos a calcinha e o top, mas ainda assim fiquei morrendo de calor.

Meu peito doía com tantos sentimentos. Imaginei se T. Ray estaria andando pela casa sentindo-se tão ofendido quanto eu esperava. Talvez estivesse dando a si mesmo uma desculpa esfarrapada por não me tratar melhor, mas eu tinha minhas dúvidas. Pensar em várias formas de me matar era mais o seu perfil.

Virei o travesseiro de um lado e de outro para refrescar, pensando em May com seu muro de pedra e no que o mundo tinha lhe feito para que ela chegasse àquele ponto. Tive arrepios ao pensar no que poderia estar escrito naquelas pedras. O muro me trouxe à lembrança os pedaços sangrentos de carne que Rosaleen punha para cozinhar, os cortes que fazia na carne para recheá-la com pedaços ardidos de alho.

O pior era ficar deitada ali, querendo minha mãe, como sempre acontecia. A falta que sentia dela sempre aumentava à noite, quando minha guarda baixava; eu me virava debaixo do lençol, desejando poder me abraçar com ela na cama e sentir o cheiro da sua pele. E ficava pensando: Será que ela usava camisolas de náilon para dormir? Será que usava rolinhos no cabelo? Eu quase a via, recostada na cama. Minha boca se retorcia quando me imaginava ao seu lado com a cabeça em seu peito, bem em cima do coração para ouvi-lo bater. *Mamãe*, eu dizia. E ela olhava para mim e dizia, *Filhinha*, *eu estou aqui*.

Eu ouvi Rosaleen tentando virar-se no seu catre.

"Você está acordada?", perguntei.

"Quem consegue dormir neste forno?"

Eu queria dizer *Você consegue*, pois a tinha visto dormir naquele dia do lado de fora da Loja e Restaurante Ensopado de Sapo, e estava tão quente quanto agora. Ela tinha um novo curativo na testa. August tinha fervido sua tesoura e um cortador de cutícula em uma panela no fogão para tirar os pontos de Rosaleen.

"Como está a sua cabeça?"

"Minha cabeça está ótima." As palavras saíram aos trancos da sua boca.

"Você está zangada com alguém?"

"Por que eu estaria zangada? Eu nem ligo se você passa todo o tempo com August agora. Pode escolher quem quiser para conversar, não é da minha conta."

Eu não conseguia acreditar: Rosaleen estava com ciúmes.

"Eu não passo *todo* o tempo com ela."

"Quase todo."

"E o que você quer? Eu trabalho no apiário com ela. Tenho de passar muito tempo com ela."

"E de noite? Vocês estavam lá fora no gramado falando sobre mel?"

"Nós estávamos conversando."

"É, eu sei", ela disse, virando-se para a parede como uma montanha silenciosa.

"Rosaleen, não fique assim. August pode saber alguma coisa sobre a minha mãe."

Ela apoiou-se nos cotovelos e olhou para mim.

"Lily, sua mãe morreu", disse num tom carinhoso. "E não vai voltar."

Pulei da cama.

"Como você pode saber se ela não está bem viva aqui nesta cidade? T. Ray pode ter mentido que ela morreu, como mentiu que ela tinha me abandonado."

"Oh, Lily, minha menina, você tem de parar com isso."

"Eu sinto minha mãe aqui. Ela esteve aqui, eu sei."

"Talvez tenha estado. Não posso saber. Só sei que às vezes é melhor deixar as coisas como estão."

"O que quer dizer com isso? Que eu não devo descobrir o que puder sobre a minha própria mãe?"

"E se...", ela fez uma pausa e esfregou a nuca. "E se você descobrir alguma coisa que não gostaria de saber?"

O que eu ouvi Rosaleen dizer foi *Sua mãe te abandonou, Lily. Deixe isso para lá.* Tive vontade de gritar que ela era burra, mas as palavras não saíram da minha boca, e comecei a soluçar.

"Você acha que T. Ray estava dizendo a verdade quando contou que ela me abandonou, não é?"

"Não sei o que dizer sobre isso. Só não quero que você se magoe."

Estiquei-me na cama. No silêncio os meus soluços ricocheteavam pelo quarto.

"Prenda a respiração, esfregue a barriga e bata na cabeça que passa", disse Rosaleen.

Eu a ignorei. Pouco depois ouvi sua respiração mudar, indicando que ela estava dormindo.

Vesti os shorts, calcei as sandálias e fui para a mesa onde August preenchia os pedidos de mel. Tirei uma folha de papel de um bloco e escrevi o nome da minha mãe. Deborah Owens.

Quando olhei para fora vi que teria de me orientar pela luz das estrelas. Atravessei o gramado e fui até a borda da mata, onde ficava o muro de May. Soluçando o tempo todo, coloquei as mãos nas pedras, esperando parar de sofrer.

Eu queria me livrar dos meus sentimentos por algum tempo, puxar minha ponte levadiça. Apertei o papel com o nome da minha mãe em uma fenda que parecia feita para ela no muro de lamentações. A certa altura meus soluços pararam.

Fiquei sentada na grama, encostada nas pedras, com a cabeça levantada para poder ver as estrelas com todos os satélites-espiões misturados. Talvez um deles estivesse tirando minha fotografia naquele minuto. Eles podiam me ver até mesmo no escuro. Nada era seguro. Eu precisava me lembrar disso.

Comecei a pensar que deveria descobrir o que pudesse sobre minha mãe antes que T. Ray ou a polícia viessem nos buscar. Mas por onde começar? Eu não podia mostrar minha imagem da Maria negra para August sem contar tudo sobre mim, e ela decidiria, ou talvez não, se era obrigada a chamar T. Ray para vir me buscar. E se soubesse que Rosaleen era uma fugitiva, não *teria* de chamar a polícia?

A noite parecia uma mancha de tinta formando uma figura para eu decifrar. Fiquei sentada ali examinando a escuridão, tentando ver através dela alguma réstia de luz.

6

A rainha deve produzir uma substância que atraia as operárias e que seja obtida dela apenas por contato direto. Essa substância evidentemente estimula o trabalho normal da colmeia. Esse transmissor químico foi chamado "substância da rainha". As pesquisas mostram que as abelhas obtêm essa substância diretamente do corpo da rainha.

Man and Insects

Na manhã seguinte, dentro do apiário, acordei com um barulho de coisas batendo no quintal. Quando me levantei do catre e fui para fora, vi o negro mais alto que já tinha visto na vida trabalhando na caminhonete, debruçado sobre o motor, com as ferramentas espalhadas pelo chão. June lhe passava a chave inglesa e outras coisas que ele pedia, balançando a cabeça e sorrindo encantada para ele.

Na cozinha, May e Rosaleen conversavam enquanto preparavam panquecas. Eu não gostava muito de panquecas, mas não disse nada. Graças a Deus não era milho. Depois de ajoelhar nesses grãos de milho durante metade da vida, não se tem vontade de comer nada ligado a milho.

A lata de lixo estava cheia de cascas de banana, e da boca da cafeteira elétrica saíam borbulhas. *Blup*, *blup*. Eu gostava daquele barulhinho e do cheiro de café.

"Quem é aquele homem lá?", perguntei.

"É Neil", disse May. "Ele tem uma quedinha por June."

"Parece que ela também tem uma por ele."

"É, mas ela não confessa. Vem cozinhando o pobre do homem há anos. Não casa com ele nem deixa que ele tome seu rumo."

May colocou a massa na chapa, moldando-a em forma de um grande L.

“Essa é para você. L de Lily.”

Rosaleen pôs a mesa e esquentou o mel em uma tigela de água quente. Eu despejei suco de laranja nos copos de geleia.

“Por que June não se casa com ele?”, perguntei.

“Ela ia se casar com outro muitos anos atrás. Mas na hora do casamento ele não apareceu”, disse May.

Olhei para Rosaleen, com medo de que aquela situação amorosa pudesse ser triste o suficiente para fazer com que May tivesse um dos seus ataques, mas ela estava interessada na panqueca. Eu me dei conta, pela primeira vez, de como era estranho nenhuma delas ter se casado. Três irmãs solteironas vivendo juntas assim.

Ouvi Rosaleen exclamar *Hmmmmmp*, e sabia que ela estava pensando na peste do seu marido, desejando que ele não tivesse aparecido para o casamento *deles*.

“June cortou os homens da sua vida e disse que nunca se casaria, até que um dia conheceu Neil quando ele assumiu o cargo de diretor da escola em que ela trabalha. Não sei o que aconteceu com a mulher dele, mas já vivia sozinho quando se mudou para cá. Neil já tentou de tudo para que June se case com ele, mas ela não quer. Eu e August também não conseguimos convencer essa cabeça-dura”, disse May.

Então deu um suspiro e... começou a cantar “Oh! Susanna”. *Lá vamos nós*.

“De novo não!”, disse Rosaleen.

“Desculpe. Não consigo me controlar.”

“Por que não vai até o muro?”, perguntei, tirando a espátula da sua mão. “Pode deixar isso comigo.”

“Sim, faça o que tem de fazer”, disse Rosaleen. Ficamos olhando pela porta telada May passar por June e Neil.

Minutos depois os dois entraram. Eu achei que a cabeça dele não passaria pela porta.

“O que aconteceu com May?”, perguntou June. Seus olhos seguiam uma barata que disparou para baixo da geladeira. “Vocês mataram uma barata na frente dela?”

“Não. Nem vimos barata nenhuma por aqui.”

Ela abriu o armário debaixo da pia e tirou uma lata de inseticida contra barata. Pensei em explicar o método engenhoso da minha mãe para tirar as baratas de casa — miolo de pão e *marshmallow* — mas me lembrei, *Ela é June*, *esquece*.

"Bem, então por que ela ficou perturbada?"

Eu não queria falar com Neil ali na minha frente, mas Rosaleen não se sentiu constrangida.

"Ela está perturbada porque você não se casa com Neil."

Até aquele momento eu nunca pensei que gente de cor pudesse corar, ou talvez tenha sido de raiva que o rosto e as orelhas de June ficaram de uma cor de cereja escura. Neil riu.

"Está vendo? Você devia se casar comigo para não perturbar sua irmã."

"Vá embora", ela disse, dando-lhe um empurrão.

"Quero comer as panquecas que você me prometeu." Ele usava jeans azul, uma camiseta com mancha de graxa e óculos de aro de tartaruga. Parecia um mecânico muito estudioso.

Sorriu para mim e para Rosaleen.

"Você vai me apresentar ou vai me deixar no escuro?"

Eu tinha notado que quando a gente olha bem para os olhos de uma pessoa, nos cinco primeiros minutos em que ela nos olha, a verdade dos seus sentimentos brilha por um instante e depois desaparece. Os olhos de June estavam opacos e duros quando ela olhou para mim.

"Esta é Lily e aquela é Rosaleen. Estão passando um tempo aqui."

"De onde vocês vêm?", ele perguntou. Essa é a pergunta número um de todo o mundo na Carolina do Sul. Nós queremos saber se você é daqui, se o seu primo conhece o nosso primo, se a sua irmãzinha estudou com o nosso irmão, se você frequenta a mesma igreja batista que o nosso ex-chefe. Estamos sempre procurando uma forma das nossas histórias se encaixarem. Mas é raro os negros perguntarem a uma pessoa branca de onde ela é, porque eles não ganhavam nada com isso, suas histórias provavelmente não se encaixavam.

"De Spartanburg", respondi, fazendo uma pausa para me lembrar do que tinha dito.

“E você?”, perguntou para Rosaleen.

Ela olhou para as fôrmas de gelatina penduradas dos dois lados da janela por cima da mesa.

“Do mesmo lugar que Lily.”

“O que está queimando?”, perguntou June.

Saía fumaça da chapa. A panqueca em forma de L estava carbonizada. June tirou a espátula da minha mão, raspou a sujeira e jogou tudo no lixo.

“Quanto tempo vocês vão ficar aqui?”, perguntou Neil.

June olhou para mim esperando o que eu ia dizer, com os lábios apertados.

“Só um pouco mais”, respondi, olhando para dentro da lata de lixo. L de Lily.

Percebi que ele faria muito mais perguntas que eu não teria condições de responder.

“Eu não estou com fome”, disse, e saí pela porta dos fundos.

Ao atravessar a varanda de trás ouvi Rosaleen perguntar para ele:

“Você se registrou para votar?”

No domingo pensei que elas iriam à igreja, mas não, fizeram uma celebração especial na casa rosa, e algumas pessoas apareceram. Era um grupo chamado Filhas de Maria, que August tinha organizado.

As Filhas de Maria começaram a chegar antes das dez da manhã. Primeiro uma senhora idosa chamada Queenie e sua filha, Violet. As duas vestiam-se iguais, com saias amarelas brilhantes e blusas brancas, mas pelo menos os chapéus eram diferentes. Depois vieram Lunelle, Mabelee e Cressie, com os chapéus mais extravagantes que eu já tinha visto.

Acontece que Lunelle era chapeleira, e nada modesta. Seu chapéu era de feltro roxo, do tamanho de um sombreiro, com frutas artificiais atrás. Lunelle era assim. O de Mabelee era de pele de tigre com franjas douradas. Mas o melhor de todos era o de Cressie, uma chaminé carmesim com uma rede preta e penas de avestruz.

Como se não bastasse, usavam brincos coloridos imitando brilhantes e tinham rodelas de ruge nas bochechas escuras. Eu

achei todas muito bonitas.

Além dessas Filhas, Maria tinha outro filho, além de Jesus, chamado Otis Hill, com dentes quadrados, num terno azul-marinho grande demais para ele, o que na realidade fazia com que o grupo se chamasse Filhas e Filho de Maria. Ele vinha com a mulher, conhecida como Doçura. Ela usava um vestido branco, luvas de algodão turquesa e turbante verde-esmeralda na cabeça.

August e June, sem chapéus, sem luvas e sem brincos, pareciam pobretonas perto delas, mas May usava um chapéu azul brilhante, com a aba virada para cima de um lado e para baixo do outro.

August levou cadeiras para a sala e colocou-as em semicírculo diante da estátua de madeira de Maria. Quando estávamos todos sentados, ela acendeu uma vela e June tocou o violoncelo. Nós todos rezamos as ave-marias juntos, Queenie e Violet com terços de madeira entre os dedos.

August levantou-se e disse que Rosaleen e eu éramos muito bem-vindas ali; depois abriu a Bíblia e leu:

"E Maria disse... Eis que daqui em diante todas as gerações me proclamarão abençoada. Porque o Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas... Ele derrubou os poderosos do seu trono e exaltou os humildes... Saciou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias." Depositando a Bíblia na cadeira, ela disse: "Faz tempo que contamos a história de Nossa Senhora das Correntes pela última vez, e como temos visitas que nunca ouviram a história da nossa estátua, pensei em contá-la de novo".

Eu começava a compreender que August adorava contar uma boa história.

"Na verdade", continuou ela, "é bom para nós que todos ouçamos isso de novo. As histórias devem ser contadas, senão morrem; e, quando morrem, não nos lembramos quem somos nem por que estamos aqui."

Cressie concordou com a cabeça e as penas de avestruz balançaram, dando a impressão de que havia um pássaro de verdade na sala.

“É isso mesmo. Conte a história”, disse.

August puxou a cadeira para mais perto da estátua da Maria negra e sentou-se na nossa frente. Quando começou, não parecia August falando, mas alguém falando através dela, alguém de outro tempo e outro lugar. Ela olhava o tempo todo pela janela, como se estivesse vendo o drama desenrolar-se no céu.

“Bem”, ela disse, “na época dos escravos, quando as pessoas apanhavam e eram consideradas propriedades de seus amos, elas rezavam todo dia e toda noite para serem libertadas. Nas ilhas próximas a Charleston, os escravos iam à casa de orações cantar e rezar, e toda vez alguém pedia ao Senhor que os salvasse. Que os consolasse. Que os libertasse.”

Eu percebi que ela devia ter repetido essas linhas de abertura milhares de vezes, que usava exatamente as mesmas palavras que tinha ouvido dos lábios de alguma mulher idosa, e que esta as tinha ouvido dos lábios de outra ainda mais idosa, pois as palavras soavam como música, com ritmos que nos embalavam até nos sentirmos sair da sala e chegar às ilhas de Charleston em busca de salvação.

“Um dia”, continuou August, “um escravo chamado Obadiah estava carregando tijolos para um barco que ia descer o rio Ashley, quando viu uma coisa jogada junto à margem. Ao aproximar-se viu que era a figura de madeira de uma mulher. Seu corpo saía de um bloco de madeira, era uma negra com o braço levantado e o punho cerrado.”

Àquela altura August levantou-se e assumiu a pose descrita. Parecia a própria estatueta ali, com o braço direito erguido e os dedos fechados no punho. Ficou nessa posição por alguns segundos e nós continuamos sentados, paralisados.

“Obadiah tirou a figura da água”, ela continuou, “e se esforçou para colocá-la de pé. Depois se lembrou do modo como eles tinham pedido ao Senhor que os salvasse, que os consolasse, que os libertasse. Obadiah sabia que era o Senhor quem tinha mandado aquela figura, mas não sabia quem ela era. Ele se ajoelhou na lama diante dela e ouviu-a falar de

forma clara como o dia dentro do seu coração. Ela disse: 'Não se preocupe. Eu estou aqui. Vou tomar conta de vocês agora'."

Essa história era dez vezes melhor que a da freira Beatriz. August andava de um lado para o outro na sala enquanto falava.

"Obadiah tentou erguer a mulher de madeira que Deus tinha mandado para cuidar deles, mas ela era muito pesada. Então ele foi buscar mais dois escravos e os três juntos carregaram a figura para a casa de oração e a deixaram sobre a lareira. No domingo seguinte todos tinham ouvido falar da estátua trazida pelo rio e que ela havia falado com Obadiah. A casa de oração ficou tão cheia que tinha gente do lado de fora e sentada nos peitoris das janelas. Obadiah falou que sabia que o Senhor Deus é que tinha mandado aquela mulher, mas que ele não sabia quem era ela."

"Não sabia quem era!", gritou a Doçura, interrompendo a história. Então todas as Filhas de Maria se exaltaram e ficaram repetindo "*Nenhum deles sabia quem era!*".

Olhei para Rosaleen e ela parecia uma outra pessoa, pelo modo como se inclinava para a frente na cadeira, e repetia as mesmas palavras que eles.

Quando a sala ficou em silêncio, August continuou:

"Entre todos os escravos a mais velha era uma mulher chamada Pearl. Caminhava com um bastão e, quando falava, todos a ouviam. Ela se levantou e disse: 'Esta aqui é a mãe de Jesus'. Todos sabiam que a mãe de Jesus se chamava Maria e que tinha passado por muito sofrimento. Que era forte e perseverante e tinha um coração de mãe. E ali estava ela, vinda através das mesmas águas que os tinham levado para lá acorrentados. Parecia ter conhecimento de todos os sofrimentos deles."

Fiquei olhando para a estatueta, sentindo o lugar partido no meu coração.

"Então, os escravos choraram, dançaram e bateram palmas. Todos eles foram, um de cada vez, e tocaram com as mãos o peito dela, querendo agarrá-la para confortar seus corações. Faziam isso todo domingo, na casa de oração, dançavam e

tocavam o peito dela, e mais tarde pintaram-lhe um coração vermelho no peito para que tivessem um coração no qual tocar. Nossa Senhora encheu seus corações de coragem e apresentou-lhes planos de fuga. Os mais ousados fugiram para o norte, e os que não fugiram viveram com um punho cerrado no coração. E, quando tinham momentos de fraqueza, bastava tocar no coração dela novamente.

"Nossa Senhora se tornou tão poderosa que ficou conhecida até do dono das terras. Um dia ele carregou-a em uma carroça e acorrentou-a na cocheira. Mas então, sem nenhuma ajuda humana, ela escapou durante a noite e voltou para a casa de oração. O homem acorrentou-a no celeiro umas cinquenta vezes, e cinquenta vezes ela se livrou das correntes e voltou. Finalmente ele desistiu e deixou-a ficar lá."

Fez-se silêncio na sala enquanto August continuava ali de pé. Então levantou os braços para a santa e falou:

"Ela foi chamada de Nossa Senhora das Correntes. Não porque *usasse* correntes..."

"*Não porque usasse correntes*", repetiram as Irmãs.

"Foi chamada de Nossa Senhora das Correntes porque *quebrava as correntes*."

June colocou o violoncelo entre as pernas e tocou "Amazing Grace", e as Filhas de Maria se levantaram e se balançaram de um lado para o outro como se fossem algas marinhas no fundo do oceano.

Eu pensei que fosse o *grand finale*, mas não. June foi para o piano e começou a tocar uma versão de jazz de "Go Tell It on the Mountain". E então August puxou uma fila para dançar conga. Puxou primeiro Lunelle, que se prendeu à cintura de August. Cressie agarrou-se a Lunelle, seguida de Mabelee, e saíram dançando pela sala, com Cressie segurando o chapéu vermelho para ele não cair. Depois de uma volta, Queenie e Violet se juntaram à fila, e depois a Doçura. Eu também queria fazer parte do grupo, mas Rosaleen, Otis e eu ficamos de fora, só olhando.

June tocava cada vez mais depressa. Peguei um leque para refrescar meu rosto, sentindo um pouco de tontura.

Terminada a dança as Irmãs, arfando, pararam em semicírculo diante da Nossa Senhora das Correntes, e o que fizeram depois me deixou sem ar. Saíram do círculo, uma de cada vez, e tocaram no coração vermelho desbotado da estatueta.

Queenie e a filha foram juntas e esfregaram a palma da mão na madeira. Lunelle apertou os dedos no coração de Maria depois beijou-os lentamente, com determinação, e meus olhos se encheram de lágrimas.

Otis apertou a testa no coração de Maria e ficou assim muito tempo, cabeça com coração, como se estivesse enchendo seu tanque vazio.

June continuava a tocar enquanto todos se aproximavam da santa, até faltar só Rosaleen e eu. May fez um sinal para June continuar com a música, puxou Rosaleen pela mão e levou-a para junto da Nossa Senhora das Correntes, e até ela tocou no coração de Maria.

Mais do que tudo no mundo, eu também queria encostar a mão naquele coração. Quando me levantei da cadeira, ainda estava sentindo tontura, e me dirigi a Maria negra com a mão levantada. Mas quando estava quase tocando no seu coração, June parou de tocar. Parou bem no meio de uma música, e eu fiquei parada com a mão estendida.

Abaixei a mão, olhei em volta, e parecia que estava vendo tudo pela vidraça grossa de um trem. Minha vista ficou turva, e eu senti uma luz se movendo. *Eu não sou uma de vocês*, pensei.

Meu corpo estava dormente. Tive vontade de ficar cada vez menor até me tornar um ponto de nada.

Nessa hora ouvi August reclamar, "June, o que deu em você?", mas a voz dela estava tão distante.

Chamei por Nossa Senhora das Correntes, mas talvez não tenha dito o nome dela em voz alta e eu só o ouvisse dentro de mim. Foi a última coisa de que me lembro. Seu nome ecoando nos espaços vazios.

Quando acordei estava deitada na cama de August com um pano gelado dobrado na testa. August e Rosaleen olhavam para

mim. Rosaleen tinha tirado a saia para me abanar, estava com as coxas de fora.

"Desde quando você começou a desmaiar?", ela me perguntou, sentando-se na beira da cama e fazendo com que eu rolasse para o seu lado. Ela me tomou nos braços. Por alguma razão eu senti uma tristeza imensa e incontrolável e tentei me afastar dela, dizendo que precisava tomar um pouco de água.

"Talvez seja o calor", disse August. "Eu devia ter ligado os ventiladores. A temperatura deve ter passado de trinta e cinco graus na sala."

"Eu estou bem", falei, mas para dizer a verdade estava perplexa comigo mesma.

Senti que tinha descoberto um segredo incrível: era possível fechar os olhos e sair da vida sem morrer de verdade. Bastava desmaiar. Só que eu não sabia como provocar o desmaio, como puxar a tomada para poder sumir quando precisasse.

Meu desmaio tinha interrompido a celebração das Filhas de Maria. May foi para o muro das lamentações, June trancou-se no seu quarto, e as Filhas acotovelaram-se na cozinha.

Meu desmaio foi atribuído ao calor. Calor, disseram todos. O calor podia fazer com que a gente agisse de forma estranha.

August e Rosaleen me paparicaram o resto da noite. Quer um refrigerante, Lily? E um travesseiro de penas? Tome uma colherada de mel.

Ficamos na saleta de televisão, e elas levaram minha comida numa bandeja: um verdadeiro privilégio. June continuava no quarto, negando-se a abrir a porta para August, e May, que não teve permissão para chegar perto da televisão porque já tinha passado muito tempo no muro, estava na cozinha recortando receitas culinárias da revista *McCall's*.

Na televisão o sr. Cronkite anunciou que seria lançado um foguete para a Lua.

"Dia 28 de julho os Estados Unidos da América lançarão o *Ranger Seven* de Cape Kennedy, na Flórida", ele disse. "Um voo de 253 665 milhas para o foguete atingir a Lua. O objetivo básico era tirar fotografias da superfície e enviá-las de volta."

“Jesus Cristo”, disse Rosaleen. “Um foguete para a Lua.”

August sacudiu a cabeça.

“Daqui a pouco eles estarão andando por lá.”

Todo o mundo tinha pensado que o presidente Kennedy estivesse biruta quando declarou que um dia um homem pisaria na Lua. O jornal de Sylvan chamou essa ideia de Visão Luná-tica. Eu preguei o artigo no painel de notícias atuais da escola. E todos nós dissemos: um homem na Lua, *duvido*.

Mas nunca se deve subestimar o poder de uma rivalidade ferrenha. Nós queríamos ultrapassar os russos: foi isso que nos fez tentar sair da Terra. Parecia que agora conseguiríamos.

August desligou a televisão.

“Preciso tomar um pouco de ar.” Nós três fomos lá fora, Rosaleen e August me segurando pelos cotovelos caso eu desmaiasse de novo.

O dia estava naquele estágio intermediário, entre fim da tarde e início da noite — uma hora que nunca me agradou por causa da tristeza que fica no espaço entre a ida e a vinda. August olhou para o céu e dava pra ver a Lua subindo, grande e prateada.

“Olhe bem para a Lua, Lily, porque você está vendo o fim de uma coisa.”

“Estou?”

“Está, porque desde que nós existimos na Terra a Lua foi um mistério para todos. Pense nisso. Ela é forte suficiente para fazer as águas do mar subirem, desaparece por algum tempo, mas sempre volta. Minha mãe costumava dizer que Nossa Senhora vivia na Lua e que eu devia dançar quando ela estivesse brilhando no céu e hibernar quando estivesse escura.”

August olhou firmemente o céu por um longo instante e então, virando-se para a casa disse: “Agora ela nunca mais será igual, depois que eles andarem por lá. Será só mais um grande projeto da ciência”.

Eu pensei no sonho que tinha tido naquela noite em que Rosaleen e eu dormimos junto ao riacho, a lua que se quebrava em mil pedaços.

August entrou e Rosaleen foi deitar-se no seu catre no apiário, mas eu fiquei olhando para o céu, imaginando o *Ranger Seven* no seu voo espacial.

Sabia que um dia eu voltaria àquela sala, quando ninguém estivesse por perto, para tocar no coração de Nossa Senhora. Então mostraria a August a fotografia da minha mãe para ver se a lua se soltava do céu e caía.

7

Como as abelhas se relacionam com o sexo? Elas não têm uma vida sexual agitada. A colmeia lembra mais um claustro que um bordel.
The Queen Must Die: And Other Affairs of Bees and Men

Eu dava um pulo cada vez que ouvia uma sirene. Fosse uma ambulância à distância ou uma perseguição da polícia na televisão, não importava. Parte de mim estava sempre alerta para a possibilidade de T. Ray ou do sr. Gaston aparecer e pôr fim na minha vida encantada. Já estávamos na casa de August havia oito dias. Eu não sabia quanto tempo a Maria negra conseguiria manter a cortina cerrada.

Na segunda-feira de manhã, 13 de julho, eu estava voltando para o apiário depois do café da manhã quando notei um Ford preto estranho estacionado na entrada. Fiquei sem ar por um instante, mas então me lembrei que Zach voltaria para trabalhar naquele dia.

Agora seríamos eu, August *e* Zach. Não que eu me orgulhe disso, mas fiquei ressentida com a intrusão.

Ele não era o que eu esperava. Encontrei-o lá dentro segurando um microfone improvisado e cantando "I Found My Thrill in Blueberry Hill". Fiquei escondida num canto, sem fazer o menor ruído, mas quando ele começou a cantar "Viva Las Vegas" rebolando os quadris imitando Elvis Presley, desatei a rir.

Ele se virou e caiu por cima de uma bandeja com caixas de fecundação, fazendo uma grande lambança no chão.

"Eu estava só cantando", ele disse, como se isso fosse novidade para mim. "Quem é você?"

"Lily. Estou passando uns dias com August."

"Eu sou Zachary Taylor."

"Zachary Taylor foi um presidente", falei para ele.

"Já ouvi falar." Ele puxou uma plaquinha pendurada em uma corrente debaixo da camisa e levantou-a junto do meu nariz. "Está escrito aqui. Zachary Lincoln Taylor." Depois sorriu, e eu vi que ele tinha uma covinha num lado do rosto. Um traço que sempre me atraiu.

Zach pegou uma toalha e limpou o chão.

"August disse que você estava aqui e que iria nos ajudar, mas não falou que você era... branca."

"É, eu sou branca, sim. E bem branca."

Não havia nada branco em Zachary Lincoln Taylor. Nem mesmo o branco dos seus olhos era muito branco. Ele tinha ombros largos e cintura fina, cabelo cortado bem curto como a maioria dos rapazes negros, mas foi seu rosto que me chamou a atenção. Se ele estava chocado pelo fato de eu ser branca, eu estava chocada por ele ser tão bonito.

Na minha escola caçoavam dos lábios e do nariz das pessoas de cor. Eu mesma ria daquelas piadas, para me sentir bem aceita. Agora tinha vontade de mandar uma carta para minha escola para ser lida na abertura das aulas, dizendo que eles estavam errados, eles deviam ver Zachary Taylor.

Não sabia como August podia ter esquecido de dizer a ele que eu era branca. Ela tinha *me* dito muita coisa sobre *ele*. Eu sabia que ela era sua madrinha. Seu pai o tinha abandonado quando ele era pequeno, sua mãe trabalhava de garçonete na mesma escola em que June ensinava. Ele estava terminando o segundo grau na escola de negros, tirava as melhores notas e jogava no time de futebol americano. Corria como o vento, e talvez por isso tenha conseguido a bolsa para estudar em uma universidade no norte. Isso me deixou muito impressionada, já que eu provavelmente estava destinada ao curso de beleza.

"August foi à fazenda Satterfield examinar algumas colmeias", falei. "Disse para eu ficar te ajudando aqui. O que você quer que eu faça?"

"Pegue uns quadros das caixas de colmeias ali e me ajude a carregar o desoperculador."

"De quem você gosta mais, Fats Domino ou Elvis?", perguntei, pegando o primeiro quadro.

“De Miles Davis”, ele disse.

“Não sei quem é.”

“É claro que não. Mas ele é o melhor trompetista do mundo. Eu daria tudo para tocar como ele.”

“Abriria mão do futebol?”

“Como você sabe que eu jogo futebol?”

“Eu sei muita coisa”, falei, sorrindo para ele.

“Estou vendo”, disse, tentando não sorrir também.

Eu pensei, *Nós vamos ser amigos.*

Ele apertou o interruptor e a centrífuga começou a girar, aumentando a velocidade.

“O que você está fazendo aqui?”

“Eu e Rosaleen vamos para a Virgínia morar com a minha tia. Meu pai morreu num acidente de trator e eu não tenho mãe desde pequena, então vou entrar em contato com a minha família lá antes que me ponham num orfanato ou coisa parecida.”

“Mas como veio parar *aqui*?”

“Na casa de August? Nós estávamos pedindo carona e fomos largadas em Tiburon. Batemos na porta de August e ela nos deixou ficar. É isso aí.”

Ele assentiu como se isso fizesse algum sentido.

“Há quanto tempo você trabalha aqui?”, perguntei, feliz por mudar de assunto.

“Desde a quinta série do colégio. Eu venho depois da escola, quando não é temporada de futebol, todo sábado e todo o verão. Comprei um carro com o dinheiro que ganhei no ano passado.”

“Aquele Ford ali?”

“Aquele mesmo. É um Ford Fairlane 59.”

Ligou a centrífuga de novo, e a máquina ficou gemendo até parar.

“Venha cá, vou te mostrar.”

Eu podia ver meu rosto na lataria do carro. Ele devia ficar acordado à noite polindo o carro com a camiseta. Andei em volta do Ford como quem faz uma inspeção.

“Você pode me ensinar a dirigir”, eu disse.

“Não neste carro.”

“Por que não?”

“Porque, com certeza, você parece o tipo de garota que vai quebrar alguma coisa.”

Eu me virei, pronta para me defender, e vi que ele estava rindo. E lá estava a covinha de novo.

“Com certeza. Vai quebrar alguma coisa com certeza.”

Todos os dias Zach e eu trabalhávamos no apiário. August e Zach já tinham extraído a maior parte do mel do seu quintal, mas ainda havia espalhadas por ali pilhas de melgueiras em cima de estrados.

Nós ligávamos o aquecedor e despejávamos a cera em uma tina de zinco, depois carregávamos os quadros para a centrífuga e filtrávamos o mel com uma mangueira de náilon nova. August gostava de deixar um pouco de pólen no seu mel porque fazia bem à saúde, então nós cuidávamos disso também. Às vezes quebrávamos umas lascas de favos e as enfiávamos nos vidros antes de enchê-los. Precisávamos verificar se eram favos novos sem ovos fecundados dentro, pois ninguém gostaria de ver larvas de filhotes de abelha no mel.

E quando não estávamos fazendo isso, estávamos enchendo as fôrmas de vela com cera de abelha e lavando as jarras de barro até minhas mãos ficarem duras como palha de milho devido ao detergente.

A única parte do dia que eu detestava era a hora do jantar, porque precisava ficar perto de June. Deve-se imaginar que quem toca música para pessoas moribundas é uma pessoa boa. Eu não podia entender por que ela tinha tanta raiva de mim. Nem mesmo o fato de eu ser branca e de impor minha presença naquela casa pareciam razões suficientes para aquilo.

“Como vão as coisas com você, Lily?”, ela me perguntava todas as noites à mesa. Como se tivesse ensaiado na frente do espelho.

Eu dizia: “As coisas estão indo bem. E como estão indo com você, June?”.

Ela olhava para August, que seguia tudo isso como se estivesse muito interessada, e respondia: “Bem”.

Depois desses pequenos diálogos, pegávamos os guardanapos e tentávamos ao máximo nos ignorar durante o resto da refeição. Eu sabia que August chamava a atenção dela por sua grosseria comigo, mas tinha vontade de lhe dizer: *Você acha que eu e June Boatwright temos algum interesse na vida uma da outra? Pode desistir.*

Uma noite, depois das ave-marias, August disse: "Lily, se você quiser tocar no coração da Nossa Senhora, fique à vontade, não é, June?".

Olhei para June, que me deu um sorriso forçado.

"Talvez em outra hora", eu disse.

A verdade é que se eu estivesse morrendo no meu catre no apiário e minha única salvação fosse a mudança de atitude de June, eu preferiria morrer e ir direto para o céu, ou talvez para o inferno. Não tinha nem mais certeza.

A melhor refeição era o almoço com Zach debaixo dos pinheiros, onde estava sempre fresquinho. May preparava sanduíches à bolonhesa para nós quase todos os dias. Fazia também a célebre salada de castiçal, isto é, meia banana de pé em uma fatia de abacaxi.

"Vou acender sua vela", ela dizia, riscando um fósforo imaginário. Depois colocava uma cereja em conserva em cima da banana, presa com um palito. Como se Zach e eu estivéssemos no jardim de infância. Mas a gente entrava na dela, fingindo muita animação quando ela acendia a banana. De sobremesa tínhamos cubinhos crocantes de limão que ela congelava em bandejas.

Um dia, estávamos sentados na grama depois do almoço, ouvindo o vento bater nos lençóis que Rosaleen tinha pendurado no varal.

"Qual é sua matéria preferida na escola?", Zach perguntou.

"Inglês."

"Aposto que você gosta de fazer redações", disse ele, revirando os olhos.

"Gosto sim. Eu estava planejando ser escritora e professora de inglês nas horas vagas."

"*Estava* planejando?"

“Eu acho que não tenho muito futuro agora, depois que fiquei órfã.” O que eu queria dizer é depois que me tornei uma fugitiva da lei. Considerando o estado de coisas, eu não sabia nem se um dia voltaria a estudar.

Ele olhou para os dedos. Eu podia sentir o cheiro forte do seu suor. Sua camisa tinha manchas de mel que atraíam uma porção de moscas, e ele ficava tentando matá-las o tempo todo.

Depois de um instante ele disse: “Eu também”.

“Eu também *o quê*?”

“Não sei se terei muito futuro também.”

“Por que não? *Você* não é órfão.”

“Não, mas eu sou negro.”

Eu fiquei sem graça.

“Você pode jogar futebol para o time de uma faculdade e se tornar jogador profissional.”

“Por que o esporte é a única coisa que os brancos acham que podemos fazer bem? Eu não quero jogar futebol. Quero ser advogado.”

“Por mim tudo bem”, eu disse, um pouco aborrecida. “Só que nunca ouvi falar de um advogado negro. Você precisa saber dessas coisas antes de sonhar com elas.”

“Besteira. Você precisa sonhar com o que ainda não existe.”

Eu fechei os olhos.

“O.k., estou imaginando um advogado negro. Você é o Perry Mason negro. As pessoas vêm de todos os Estados para te ver, gente acusada injustamente, e você chega à verdade no último minuto, criando uma armadilha para o verdadeiro criminoso no banco de testemunhas.”

“É isso aí. Eu esfrego a verdade no rabo deles.” Quando ele riu vi sua língua verde do limão crocante.

Comecei a chamar Zach de advogado esfregador da verdade. Dizia:

“Vejam quem está aqui, Zach, o advogado esfregador da verdade.”

Eu continuava vivendo assim quando Rosaleen começou a me perguntar se por acaso eu estava me preparando para ser adotada pelas irmãs do calendário. Disse que eu vivia num

mundo de sonhos. E "mundo de sonhos" passou a ser sua expressão favorita.

Eu vivia num mundo de sonhos para fingir que tinha uma vida normal, que ninguém estava à minha procura, que eu poderia descobrir alguma coisa sobre a minha mãe que valesse a pena saber.

E a cada vez que eu lhe respondia: *Qual é o problema de viver em um mundo de sonhos?* Ela dizia, *Você precisa acordar.*

Uma tarde em que eu estava sozinha no apiário, June entrou procurando por August, ou pelo menos foi o que disse. Cruzou os braços no peito e perguntou:

"Então, há quanto tempo você está aqui? Duas semanas?"

Como uma pessoa pode ser tão óbvia!

"Olhe aqui, se você quiser que eu e Rosaleen vamos embora, nós vamos. Vou escrever para a minha tia e pedir para ela me mandar o dinheiro do ônibus."

Ela levantou as sobrancelhas.

"Pensei que você não se lembrasse do sobrenome da sua tia, agora sabe o sobrenome *e* o endereço."

"Na verdade eu sempre soube. Só esperava poder ficar um tempinho aqui antes de ir embora."

Seu rosto pareceu um pouco mais suave quando eu disse isso, mas talvez fosse o que eu quisesse ver.

"Meu Deus, que história é essa de ir embora?", disse August na porta. Nenhuma de nós duas tinha visto August entrar. Ela fez uma cara feia para June. "Ninguém quer que você vá embora, Lily, só quando estiver pronta para nos deixar."

Ao lado da mesa de August, fiquei mexendo numa pilha de papéis. June pigarreou.

"Preciso voltar para praticar meu violoncelo", e saiu zunindo pela porta.

August sentou-se na cadeira da sua mesa de trabalho.

"Lily, pode se abrir comigo. Você sabe disso, não é?"

Como eu não respondi, ela pegou minha mão, me puxou e me fez sentar no seu colo. Não era um colo fofo como o de Rosaleen, era magro e anguloso.

A única coisa que eu queria era me explicar para ela. Pegar minha sacola debaixo do catre e mostrar as coisas da minha mãe. Mostrar a imagem da Maria negra e dizer: *Isso era da minha mãe, uma imagem idêntica à que você cola nos seus vidros de mel. E está escrito atrás Tiburon, Carolina do Sul, por isso eu sei que ela deve ter estado aqui.* Queria mostrar a foto dela e dizer: *Você já viu essa moça? Pense bem. Pense com cuidado.*

Mas eu ainda não tinha tocado no coração de Maria na sala e sentia muito medo de falar tudo aquilo sem ter pelo menos feito isso. Encostei o corpo no peito de August e deixei de lado meu desejo secreto, com medo de que ela dissesse: *Não, eu nunca vi essa moça na minha vida.* E aquilo seria o fim de tudo. Não saber nada era melhor.

Depois de um instante me pus de pé.

"É melhor eu dar uma mão lá na cozinha." E atravessei o quintal sem olhar para trás.

Naquela noite, quando a escuridão ficou repleta de grilos cantando e Rosaleen começou a roncar no mesmo ritmo que eles, eu tive uma crise de choro. Não sabia bem por quê. Por tudo, eu acho. Porque eu detestava mentir para August, que era tão boa para mim. Porque Rosaleen provavelmente tinha razão ao dizer que eu vivia num mundo de sonhos. Porque eu tinha certeza de que a Virgem Maria não estava lá no pomar de pêssegos me protegendo, como fez com Beatriz.

Neil aparecia quase todas noites e se sentava com June na sala, enquanto nós ficávamos vendo o programa *O fugitivo* na saleta de televisão. August dizia que queria que o fugitivo conseguisse encontrar logo o homem do braço artificial, para acabar com tudo aquilo.

Durante os comerciais eu fingia que ia beber água e ficava no corredor tentando ouvir o que June e Neil diziam.

"Eu gostaria que você dissesse por que não", ouvi Neil falar uma noite.

"Porque não posso", June respondeu.

"Isso não é explicação."

"É a única que eu tenho."

“Olhe aqui, eu não vou ficar esperando por você a vida inteira”, disse Neil.

Eu estava imaginando o que June responderia quando Neil apareceu na porta de repente e me apanhou encostada na parede ouvindo a conversa particular deles. Olhou para mim um instante como se fosse me entregar para June, mas bateu a porta e foi embora.

Voltei depressa para a sala de televisão, mas ainda cheguei a ouvir os soluços de June.

Uma manhã Zach e eu tivemos de buscar, a uns doze quilômetros da casa rosa, as últimas melgueiras para serem colhidas. Deus meu, como o ar estava quente e cheio de mosquitos!

Zach foi dirigindo a caminhonete de August o mais depressa possível, ou seja, a sessenta quilômetros por hora. O vento batia no meu cabelo e inundava o carro com o cheiro da grama recém-cortada.

As margens da estrada estavam cobertas de algodão colhido a pouco, voado dos caminhões que o carregavam para a descaroçadora em Tiburon. Zach disse que os fazendeiros tinham plantado e colhido o algodão mais cedo naquele ano por causa dos besouros daninhos. Espalhado ao longo da estrada, o algodão parecia neve, e fiquei sonhando com uma nevasca para refrescar tudo.

Continuei num sonho acordado em que Zach encostava a caminhonete porque não tinha visibilidade naquela nevasca, e nós fazíamos guerra de bolas de neve, um atingindo o outro com bolas de algodão macias e brancas como a neve. Imaginei que construíamos uma gruta de neve e dormíamos juntos ali para esquentar nossos corpos, com braços e pernas parecendo tranças em branco e preto. Essa última fantasia me chocou tanto que estremeci. Enfiei as mãos debaixo dos braços e senti meu suor gelado.

“Você está bem?”, Zach perguntou.

“Estou, por quê?”

“Você estava tremendo.”

“Eu estou bem. Isso acontece comigo às vezes.”

Olhei para fora da janela e vi campos e mais campos, e aqui e ali um celeiro de madeira arrebentado ou uma casa colorida abandonada.

"Ainda está longe?", perguntei, num tom que sugeria que estávamos levando muito tempo para chegar.

"Está zangada com alguma coisa?"

Não respondi e fiquei olhando fixamente para o para-brisa sujo.

Quando ele saiu da estrada principal e seguiu por uma estradinha de terra, disse que estávamos entrando na propriedade do sr. Clayton Forrest, que deixava o Mel da Madona Negra e as velas de cera de abelha na sala de espera do seu escritório de advocacia para os clientes poderem comprá-los. Parte do trabalho de Zach era entregar novos carregamentos de mel e velas nos lugares onde eram vendidos em consignação.

"O sr. Forrest me deixa entrar no seu escritório de advocacia", ele disse.

"Uhum."

"E me fala sobre as causas que ganhou."

Nós caímos num sulco da estrada e a caminhonete foi sacolejando tanto que batemos com a cabeça no teto, o que por algum motivo me fez mudar de humor. Comecei a rir como se alguém estivesse fazendo cócegas debaixo dos meus braços. Quanto mais a minha cabeça batia, mais graça eu achava, até não conseguir mais parar de rir. E ria como May chorava.

De início Zach foi caindo nos sulcos só para me ouvir rir, mas acabou ficando nervoso porque eu não conseguia me controlar. Ele pigarreou e reduziu a velocidade até pararmos de balançar.

Finalmente consegui me controlar. Lembrei do prazer que tive no dia em que desmaiei durante a celebração com as Filhas de Maria e tive vontade de desmaiar de novo ali na caminhonete. Invejei as tartarugas com suas carapaças, que podiam desaparecer quando quisessem.

Tive consciência da respiração de Zach, sua camisa colada ao peito, um braço por cima do volante. Notei seu ar sério e

fechado. O mistério da sua pele.

Era bobagem pensar que certas coisas não poderiam acontecer, como eu me sentir atraída por um negro. Sempre achei que isso seria impossível, da mesma forma que a água não pode correr montanha acima nem o sal pode ter gosto doce. Uma lei da natureza. Talvez fosse uma simples questão de me sentir atraída por uma coisa que eu não podia ter. Ou talvez o desejo surgisse sem avisar, desrespeitando as regras nas quais vivíamos e morríamos. *Você tem de sonhar com o que não existe*, Zach tinha dito.

Ele parou a caminhonete do apiário ao lado de um agrupamento de vinte colmeias enfiadas nos galhos das árvores, onde as abelhas podiam ter sombra no verão e abrigo do vento no inverno. As abelhas eram mais frágeis do que eu imaginava. Se não eram os ácaros que as incomodavam, eram os pesticidas ou o mau tempo.

Saiu do carro e tirou o equipamento da caminhonete, capacetes, melgueiras extras, quadros de fecundação novos e o fumigador, que pediu para eu acender. Fui passando pelos pés de azaleia selvagem e galhos de cânfora, pisando em montes de formigueiros, balançando o fumigador para os lados enquanto ele tirava as tampas das colmeias e olhava dentro à procura de quadros cheios.

Toda a sua movimentação demonstrava o amor que sentia pelas abelhas. Eu não conseguia acreditar como ele pudesse ser tão delicado e meigo. Um dos quadros que ele levantou pingava mel cor de ameixa.

"Está roxo!", eu disse.

"Quando a temperatura sobe e as flores secam, as abelhas começam a sugar sabugueiro e o mel fica roxo. Os clientes pagam dois dólares por vidro de mel roxo."

Enfiou o dedo no favo de mel, levantou o meu véu e levou o dedo perto dos meus lábios. Eu abri a boca e chupei todo o mel. Zach deu um sorriso muito doce e eu senti meu corpo quente. Chegou mais perto de mim. Eu queria que ele levantasse meu véu e me beijasse, e pelo seu olhar vi que ele também queria. Ficamos ali, daquele jeito, enquanto as abelhas

giravam em volta da nossa cabeça fazendo um zumbido como o de bacon na frigideira, um zumbido que eu não identificava mais com perigo. O perigo, percebi, era uma coisa à qual a gente se acostuma.

Mas em vez de me beijar Zach virou-se para a próxima colmeia e continuou com seu trabalho. O fumigador estava apagado. Fui atrás dele, sem dar uma palavra. Empilhamos as melgueiras na caminhonete como se o gato tivesse comido as nossas línguas, e não trocamos mais nenhuma palavra até estarmos dentro da caminhonete e diante da placa de divisa da cidade.

TIBURON, POPULAÇÃO 6502

Casa de Willifred Marchant

"Quem é Willifred Marchant?", perguntei, louca para quebrar o silêncio e fazer as coisas voltarem ao normal.

"Você nunca ouviu falar em Willifred Marchant? É uma escritora famosa, que ganhou três prêmios Pulitzer com seus livros sobre as árvores que perdem as folhas da Carolina do Sul."

Dei um risinho de escárnio.

"As árvores não ganharam o prêmio Pulitzer."

"É bom ficar de boca fechada, porque em Tiburon os livros de Willifred Marchant são uma espécie de Bíblia. Temos todos os anos o dia oficial de Willifred Marchant, que as escolas comemoram plantando árvores. Ela sempre aparece com um chapéu de palha grande e uma cesta de pétalas de rosa que joga sobre as crianças.

"Não diga!", falei.

"É sim. A srta. Willie é muito estranha."

"Árvores que perdem as folhas são um assunto interessante. Mas para mim, gente é um assunto melhor ainda."

"É verdade, eu tinha me esquecido que você quer ser escritora. Você e a srta. Willie."

"Você fala como se não acreditasse que eu posso chegar lá."

"Eu não disse isso."

"Mas quis dizer."

"Do que você está falando? Eu não quis dizer nada."

Virei-me para olhar o que passava na estrada. A loja maçônica, a agência de carros usados Hot Buy, a loja de pneus Firestone.

Zach freou num sinal ao lado do Café Dixie, praticamente dentro do pátio da frente da Companhia de Gado dos Três Condados, o que me deixou furiosa, não sei bem por quê. Eu não sabia como as pessoas conseguiam comer no café da manhã, no almoço e no jantar com aquele cheiro de vaca impregnando tudo à volta. Tive vontade de gritar pela janela, "Por que vocês não vão tomar o café da manhã em algum outro lugar? Este aí cheira a bosta!".

O modo como as pessoas viviam, comendo por ali com todo aquele cheiro, me deixou enojada. Meus olhos ardiam.

Zach atravessou o sinal e percebi que ele me olhava de lado.

"Está zangada comigo?", perguntou.

Eu queria dizer: *Estou*, *é claro que estou*, *porque você acha que eu nunca vou ser nada na vida*. Mas acabei falando uma coisa idiota:

"Eu nunca vou jogar pétalas de rosa em ninguém." Depois comecei a chorar, o tipo de choro que faz você perder o ar e soluçar como quem está se afogando.

Zach parou no acostamento e falou:

"Meu Deus, o que aconteceu?" Passou o braço à minha volta e me puxou para perto.

Eu achava que estava chorando por causa do meu futuro frustrado, no qual a srta. Henry tinha me feito acreditar quando me emprestou pilhas de livros para eu ler no verão e falou de bolsas de estudo no Columbia College. Mas sentada ali juntinho de Zach, vi que chorava porque ele tinha no rosto uma covinha que eu adorava, porque toda vez que olhava para ele uma sensação forte e estranha circulava da minha cintura aos joelhos, porque sempre me vi como uma menina normal e de repente tinha atravessado uma membrana e caído numa crise de desespero. Na verdade, percebi que estava chorando por causa de Zach.

Deitei a cabeça no seu ombro e fiquei pensando como ele conseguia me aguentar. Só naquela manhã eu tinha exibido um riso insano, minha sensualidade reprimida, a pena de mim

mesma e um choro histérico. Se estivesse *tentando* mostrar a ele meus lados piores não teria feito um trabalho melhor.

Zach me apertou e falou no meu ouvido:

"Tudo bem. Você vai ser uma ótima escritora um dia." Vi que ele deu uma olhada para trás e em volta da estrada. "Agora volte para o seu lugar e seque as lágrimas", disse, passando-me uma estopa com cheiro de gasolina.

Quando chegamos no apiário não vimos ninguém a não ser Rosaleen, que estava juntando suas roupas para se mudar para o quarto de May. Nas duas horas em que eu estive fora nosso arranjo de vida foi todo modificado.

"Por que você vai dormir lá?", perguntei.

"Porque May tem medo de ficar sozinha à noite."

Rosaleen ia dormir na outra cama do quarto de May, guardar suas roupas na gaveta de baixo da cômoda e usar o banheiro ao lado.

"Não posso acreditar que você vai me deixar dormir aqui sozinha!", eu disse. Zach pegou o carrinho de mão e saiu o mais depressa possível para começar a descarregar as melgueiras da caminhonete do mel. Acho que ele já tinha tido emoções femininas demais para um só dia.

"Eu não vou te deixar. Vou arranjar um colchão", ela disse, enfiando a escova de dentes e a latinha de fumo Red Rose no bolso.

Cruzei os braços em cima da blusa ainda molhada das minhas lágrimas.

"Muito bem então, pode ir. Eu não ligo."

"Lily, esse catre faz mal para as minhas costas. E se você ainda não notou, as pernas do catre estão vergando, mais uma semana e ele vai desabar no chão. Você vai se arranjar bem sem mim."

Senti o peito apertado. Bem sem ela. Será que ela estava louca?

"Eu não quero acordar do meu mundo de sonhos", disse, mas no meio da frase minha voz falseou e eu torci a boca.

Ela sentou-se no catre, que eu agora detestava porque era responsável pela sua mudança para o quarto de May. Puxou-me

para o seu lado e disse:

"Sei que você não quer, mas vou estar aqui quando isso acontecer. Vou dormir no quarto da May, mas sempre estarei aqui."

Deu uma palmadinha no meu joelho como nos velhos tempos. Nenhuma de nós falou mais nenhuma palavra. Eu estava triste como se tivessem nos colocado num carro de polícia e levado para a prisão. Como se eu não pudesse existir sem sua mão carinhosa.

Segui Rosaleen, que carregava suas poucas coisas para a casa rosa, pretendendo examinar o novo quarto dela. Subimos as escadas e entramos na varanda telada. August estava sentada no balanço preso por duas correntes no teto. Balançava-se para a frente e para trás, tomando uma laranjada e lendo seu novo livro comprado na livraria ambulante. Virei a cabeça para ler o título. *Jane Eyre*.

May estava do outro lado da varanda, espremendo umas roupas no rolo de borracha da máquina de lavar. Uma Lady Kenmore rosa, nova em folha, que ficava na varanda porque não cabia na cozinha. Nos comerciais de televisão a mulher que lidava com a Lady Kenmore usava uma roupa comprida e parecia se divertir com aquela atividade. Mas May parecia encalorada e cansada. Ela sorriu quando Rosaleen passou com suas coisas.

"Você vai ficar bem com a mudança de Rosaleen para cá?", August perguntou, pondo o livro em cima da barriga. Tomou um gole da laranjada, passou a mão no copo para umedecê-la e apertou-a no pescoço.

"Acho que sim."

"May vai dormir melhor com Rosaleen aqui", ela disse. "Não é, May?" Olhei para May, mas ela parecia não estar ouvindo.

De repente não tive mais vontade de seguir Rosaleen e ver suas coisas serem guardadas na cômoda de May. Olhei para o livro de August.

"O que você está lendo?", perguntei, achando que ia só bater um papo inconsequente, mas como eu estava errada.

“É um livro sobre uma menina que perdeu a mãe quando era criança”, disse, olhando para mim de uma forma que me deu voltas no estômago, a mesma coisa que eu tinha sentido quando ela contou a história de Beatriz.

“O que acontece com a menina?”, perguntei, tentando manter a voz tranquila.

“Eu comecei o livro agora. Mas nesse momento ela está se sentindo perdida e sozinha.”

Eu me virei e olhei para o jardim, onde June e Neil colhiam tomates. Fiquei parada ali enquanto a manivela da máquina de lavar rangia. Dava para ouvir as roupas caindo na bacia por trás dos rolos de espremer. *Ela sabe. Ela sabe quem eu sou*, pensei.

Estiquei os braços como se estivesse empurrando para trás paredes invisíveis de ar, olhei para baixo e vi minha sombra no chão, uma menina magrela de cabelo rebelde encrespado pela umidade, com os braços abertos e as palmas das mãos para cima como se estivesse tentando parar o trânsito nas duas direções. Tive vontade de me abaixar e beijar aquela menina que parecia tão pequena e tão decidida.

Quando me virei de novo para August, ela ainda olhava para mim, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

“Bom, eu acho que vou ver a cama nova de Rosaleen”, falei.

August pegou o livro, e a coisa parou por aí. O momento passou e também minha sensação de que ela sabia quem eu era. Não fazia sentido: como August Boatwright podia saber alguma coisa sobre mim?

Foi mais ou menos naquela hora que June e Neil começaram uma briga feia no jardim de tomates. June gritou alguma coisa e ele gritou outra.

“Ei”, disse August, pondo o livro de lado e levantando-se.

“Por que você não pode deixar as coisas como estão?”, June gritava. “Por que tem sempre de voltar a isso? Enfie uma coisa na cabeça: eu não vou me casar. Nem ontem, nem amanhã, nem no ano que vem!”

“De que você tem medo?”, Neil perguntou.

“Para sua informação, não tenho medo de nada.”

"Então você é a puta mais egoísta que eu já conheci", ele disse, encaminhando-se para o carro.

"Oh, Deus", disse August.

"Como você tem coragem de me chamar de puta?! Volte aqui. Não saia andando enquanto eu estiver falando com você."

Neil continuou a andar, sem olhar para trás nenhuma vez. Zach parou de carregar as melgueiras no carrinho de mão e ficou olhando, sacudindo a cabeça como se não acreditasse que estava presenciando outra cena em que o lado mau das pessoas vem à tona.

"Se você for embora agora, não precisa voltar", ela gritou.

Neil entrou no carro e de repente June saiu correndo com uns tomates nas mãos. Deu um passo atrás e jogou um bem no para-brisa. O segundo caiu na maçaneta da porta.

"Não volte nunca mais!", gritou, enquanto Neil ia embora.

May sentou-se no chão chorando, parecendo tão magoada por dentro que eu quase podia ver pontos macios e vermelhos debaixo das suas costelas. August e eu a levamos para o muro, e pela milésima vez ela escreveu *June e Neil* em um pedaço de papel e enfiou-o entre as pedras.

Passamos o resto do dia trabalhando com as melgueiras que Zach e eu tínhamos apanhado. Em pilhas de seis, elas formavam uma silhueta em miniatura do céu através do apiário. August disse que parecia a Cidade das Abelhas.

Extraímos doze cargas de mel ao longo do processo inteiro, da raspagem até o tanque de engarrafamento. August não gostava que seu mel ficasse parado por muito tempo porque perdia o sabor. Nós tínhamos dois dias para terminar tudo, ela falou. E ponto final. Pelo menos não era necessário armazenar o mel numa câmara especial de aquecimento para evitar a cristalização, uma vez que todos os lugares do apiário eram quentes o suficiente. Até que o calor da Carolina do Sul servia para alguma coisa.

Quando pensei que o trabalho do dia tinha acabado e eu podia ir jantar e fazer as orações da noite com o rosário, percebi que estávamos apenas começando. August nos fez carregar as melgueiras vazias e colocá-las na mata para que as

abelhas pudessem aparecer e fazer a grande limpeza. Ela só guardava as melgueiras para o inverno depois que as abelhas tinham chupado todos os resíduos de mel dos favos. Dizia que esses resíduos atraíam baratas. Mas tenho certeza de que ela fazia isso porque gostava de deixar os restos de fim de ano para as abelhas, e vê-las descer para as melgueiras como se tivessem descoberto um céu de mel.

Durante todo o tempo do trabalho me surpreendi ao perceber como as pessoas se comportavam de forma confusa quando se tratava de amor. Eu, por exemplo, parecia que estava agora pensando em Zach durante quarenta minutos por hora, bem Zach, que era impossível para mim. E cheguei à seguinte conclusão: o mundo é um tronco grande e longo jogado na fogueira do amor.

*

Naquela noite me senti estranha sozinha ali no apiário. Sentia falta do ronco de Rosaleen como a gente sente falta do som das ondas do mar depois que se acostuma a dormir com elas. Não sabia que aquele ronco me confortava. O silêncio tem um zumbido estranho e esponjoso que pode quase perfurar nossos tímpanos.

Eu não sabia se era o vazio, o calor sufocante ou o fato de serem apenas nove horas, mas não conseguia dormir, apesar de estar exausta. Tirei o meu top e a calcinha e me deitei por cima dos lençóis úmidos. Gostava da sensação de nudez. Uma sensação suave nos lençóis, um sentimento de liberdade.

Imaginei ter ouvido um carro parar na entrada da casa. Imaginei que era Zach, e a ideia de ele estar do lado de fora do apiário, ali, à noite, fez meu coração acelerar.

Eu me levantei e fui no escuro até o espelho da parede. Uma luz perolada passava pela janela aberta atrás de mim, moldando-se na minha pele, criando um verdadeiro halo, não só em volta da minha cabeça, mas também dos ombros, das costelas e das coxas. Eu era a última pessoa do mundo que merecia um halo, mas estudei o efeito colocando as mãos em concha embaixo dos seios, examinando os mamilos rosados, as curvas finas da minha cintura, todas as dobras suaves e

brilhantes. Foi a primeira vez que não me senti uma menina feiosa.

Fechei os olhos, e o balão cheio de desejos finalmente estourou no meu peito, e quando estourou deixei de sonhar com Zach e passei a ansiar pela minha mãe, imaginando-a chamar meu nome. *Lily, meu bem. Você é a minha flor.*

Ao me virar para a janela não vi ninguém lá. Não que esperasse ver.

Dois dias depois, quando tínhamos colhido o resto do mel, Zach me mostrou um caderno lindo: verde, com botões de rosa na capa. Encontrou-se comigo quando eu saía da casa rosa:

"Isso é para você. Para começar a escrever."

Foi então que eu soube que nunca teria um amigo melhor que Zachary Taylor. Joguei os braços em volta dele e me encostei no seu peito. Ele disse *Uau*, mas em seguida passou os braços à minha volta também e nós ficamos assim, num verdadeiro abraço. Ele foi passando as mãos pelas minhas costas até eu ficar tonta.

Finalmente soltou os braços e falou:

"Lily, eu gosto mais de você que de qualquer outra garota que conheço, mas você precisa compreender que há pessoas que matariam um rapaz como eu que olhasse para meninas como você."

Eu não pude deixar de tocar no seu rosto, no ponto da covinha.

"Sinto muito", falei.

"Eu também."

Durante dias carreguei aquele caderno para todo lugar. Eu escrevia nele constantemente. Criei uma história em que Rosaleen perdia mais de quarenta quilos, e parecia tão frágil que ninguém conseguia identificá-la numa fila de suspeitos na polícia. Em outra história, August dirigia um carro para mel, semelhante a um carro para livros, só que ela distribuía vidros de mel e não livros. Mas minha história favorita era sobre Zach, que se tornava um advogado, esfregador da verdade, e tinha seu próprio programa de televisão como Perry Mason. Um dia eu li essa história para ele durante o almoço, e ele

ouviu com a atenção de uma criança que ouve histórias na hora de dormir.

"Vá em frente, Willifred Marchant", foi tudo o que disse.

8

As abelhas domésticas não só dependem do contato físico com a colônia
como precisam da sua companhia social e apoio. Se uma abelha for isolada
das irmãs, morre em pouco tempo.
The Queen Must Die: And Other Affairs of Bees and Men

August rasgou a página de julho do calendário de parede pendurado ao lado da sua mesa no apiário. Tive vontade de dizer que tecnicamente ainda estaríamos em julho por mais cinco dias, mas imaginei que ela soubesse disso. Simplesmente queria que julho terminasse para começar agosto, seu mês especial. Como junho era o mês de June, e maio pertencia a May.

August tinha me explicado que quando eram crianças e seus meses especiais chegavam, sua mãe as dispensava dos trabalhos de casa e deixava que comessem todas as suas comidas favoritas, mesmo que estragassem os dentes, e ir para a cama uma hora mais tarde fazendo o que quisessem. August disse que gostava de ler livros, então durante o mês todo ela se recostava no sofá da sala silenciosa e ficava lendo depois que as irmãs iam dormir. Ouvindo August falar, via-se que tinha sido o auge da sua juventude.

Depois de ouvir isso passei muito tempo tentando descobrir que mês eu teria escolhido para ser o meu nome. Escolhi outubro, que é um mês dourado com um tempo quase sempre bom; minhas iniciais seriam O. O. de October Owens, o que daria um monograma interessante. Me imaginei comendo bolo de chocolate de três camadas, no café da manhã durante todo o mês e ficando acordada uma hora a mais antes de ir para a

cama para me dedicar a escrever histórias e poesias de alta qualidade.

Olhei para August, ao lado da mesa, com a folha de julho do calendário na mão. Estava vestida de branco com um lenço verde-limão na cintura, exatamente a mesma roupa do dia em que eu cheguei lá. A única finalidade do lenço era acrescentar um toque de vida ao vestido. August começou a cantarolar. *Ponha uma colmeia no meu túmulo e deixe o mel encharcar tudo.* Fiquei pensando que mãe maravilhosa ela devia ter tido.

"Vamos, Lily. Temos de colocar os rótulos em todos esses vidros de mel, e somos só nós duas para fazer isso."

Zach estava entregando mel nos pontos de venda da cidade toda e recebendo os pagamentos das vendas do mês anterior. "Dinheiro de mel", como ele chamava. Embora o grande fluxo de mel tivesse terminado, as abelhas ainda estavam sugando néctar, continuando suas tarefas. (Era impossível fazer uma abelha parar de trabalhar.) Zach dizia que o mel de August valia cinquenta centavos por meio quilo. Eu imaginei que ela devia estar nadando em ouro. Não via por que não morava em uma mansão rosa em algum outro lugar.

Enquanto esperava August abrir uma caixa com um novo sortimento de rótulos da Madona Negra, fiquei examinando um pedaço de favo de mel. As pessoas não imaginam como as abelhas são inteligentes, mais ainda do que os golfinhos. Elas conhecem geometria bastante bem para formar fileiras e mais fileiras de hexágonos perfeitos, ângulos tão precisos que parecem ser feitos com réguas. Sugam o néctar da flor e o transformam em uma coisa que todo o mundo adora passar no pão e nos biscoitos. E eu vi com meus próprios olhos umas cinquenta mil abelhas encontrarem em quinze minutos as melgueiras vazias que August deixava do lado de fora para elas limparem, passando essa descoberta adiante na avançada linguagem das abelhas. Mas o principal é que elas trabalham demais, a ponto de se matarem. Às vezes a gente tem vontade de dizer a elas: *Calma, descansem um pouco, vocês merecem.*

Quando August pôs a mão dentro da caixa para pegar os rótulos, eu li o endereço do remetente: Loja de Presentes

Monastério da Santa Virgem, Caixa Postal 45, St. Paul, Minnesota. Depois ela puxou um envelope gordo da gaveta da sua mesa e espalhou dezenas de rótulos diferentes e menores, com letras de fôrma: MEL DA MADONA NEGRA — Tiburon, Carolina do Sul.

Minha função era umedecer o verso dos dois rótulos com uma esponja molhada e passá-los para August, que os pregava nos vidros, mas parei um instante a fim de examinar a imagem da Madona Negra, que tantas vezes tinha examinado no pequeno bloco de madeira da minha mãe. Admirei a linda faixa dourada enrolada na sua cabeça, enfeitada com estrelas vermelhas. Seus olhos eram misteriosos, o ar bondoso, e a pele, mais escura que uma torrada, brilhava como se tivesse uma camada de manteiga. Essa imagem sempre fez meu coração pular no peito, pois eu achava que minha mãe também tinha olhado para ela.

Detestava imaginar onde eu teria ido parar se não tivesse visto a imagem da Madona Negra naquele dia na Loja e Restaurante Ensopado de Sapo. Provavelmente dormindo às margens dos rios da Carolina do Sul. Bebendo água de charcos com vacas. Fazendo pipi por trás de arbustos e ansiando pela alegria de usar papel higiênico.

"Não me leve a mal, mas eu nunca pensei que a Virgem Maria fosse negra, até o dia em que vi essa figura."

"A Maria da pele escura não é tão rara quanto você pensa", disse August. "Há centenas na Europa, em países como a França e a Espanha. Esta que usamos no nosso mel é muito antiga. É a Madona Negra da Breznichar, na Boêmia."

"Como a senhora aprendeu isso tudo?", perguntei.

Ela pôs as mãos na mesa e sorriu, como se lhe tivesse vindo uma lembrança muito gostosa e antiga.

"Acho que tudo começou com os santinhos da minha mãe. Ela colecionava santinhos como toda boa católica daqueles tempos, aqueles que vêm com orações atrás. E trocava com as amigas como os meninos trocam figurinhas entre eles." A essa altura deu uma boa gargalhada. "Ela devia ter uns doze santinhos com a Madona Negra. Eu gostava de brincar com os

santinhos, especialmente com as Madonas Negras. Quando fui para a escola, li tudo que pude sobre elas. Foi assim que fiquei sabendo sobre a Madona Negra de Breznichar, na Boêmia."

Tentei dizer a palavra Breznichar, mas não saía direito.

"Não sei pronunciar esse nome, mas *amo* essa figura." Umedeci o verso do rótulo e fiquei vendo August colá-lo no vidro, depois colar o segundo rótulo abaixo, como se já tivesse feito isso dez mil vezes.

"O que mais você ama, Lily?"

Ninguém jamais tinha me perguntado aquilo. O que eu amava? Quis dizer no mesmo instante que amava o retrato da minha mãe encostada no carro com o cabelo parecido com o meu, e também suas luvas e a figura da Maria negra com o nome impronunciável, mas me contive.

"Bom, eu amo a Rosaleen e amo escrever histórias e poesias; basta me darem um tema que escrevo com o maior prazer." Depois disso, eu tinha que pensar. "Pode parecer bobagem, mas voltando da escola eu amava tomar Coca-Cola com amendoim torrado jogado dentro da garrafa. E, quando terminava, virava a garrafa para ver de onde ela vinha." Uma vez ganhei uma garrafa de Massachusetts, que guardei como prova de como uma coisa pode chegar bem longe na vida. "E amo também a cor azul, um azul bem brilhante como o chapéu que May usou na reunião das Filhas de Maria. E desde que eu vim para cá, aprendi a amar as abelhas e o mel." Tive vontade de dizer ainda: *E amo a senhora*, mas não tive coragem.

"Você sabia que há trinta e duas palavras para 'amar' em uma das línguas dos esquimós?", August falou. "E nós só temos uma. Somos muito limitados, temos de usar o verbo amar tanto com relação a Rosaleen quanto à Coca-Cola com amendoim. Não é uma vergonha não termos mais formas de dizer isso?"

Eu concordei, imaginando qual seria o limite de conhecimento dela. Provavelmente um dos livros que ela lia na cama à noite durante o mês de agosto tinha sido sobre os esquimós.

“Acho que temos de inventar mais formas para isso”, August disse e depois sorriu. “Sabe que eu também amo amendoim dentro da minha Coca? E que azul é a minha cor favorita?”

Eu me lembrei daquele ditado: “Elas são farinha do mesmo saco”. Foi assim que me senti.

Estávamos colando rótulos nos vidros do mel que Zach e eu tínhamos apanhado nas terras de Clayton Forrest, e em alguns do mel roxo da colmeia de abelhas que tinham se abastecido com as frutas do sabugueiro. Era um lindo contraste de cor, a pele da Madona da Boêmia ressaltava com o dourado do mel. Infelizmente o mel roxo não a favorecia muito.

“Por que a senhora resolveu usar a Madona Negra no seu mel?”, perguntei, pois queria saber isso desde o meu primeiro dia ali. Em geral, as pessoas usavam ursos nos rótulos.

August ficou parada com um vidro na mão, olhando vagamente, como se procurasse uma resposta e, ao encontrá-la, ganhasse o dia.

“Você devia ter visto a reação das Filhas de Maria na primeira vez em que puseram os olhos nesse rótulo. Sabe por quê? Porque ao olharem para ela, lhes ocorreu pela primeira vez na vida que a divindade poderia ter pele escura. Todo mundo precisa de um Deus que se pareça consigo, Lily.”

Eu gostaria de ter visto as Filhas de Maria fazendo essa grande descoberta. Devem ter pulado de alegria, com aqueles seus chapéus gloriosos. E as penas caindo pelo chão.

Às vezes eu me pegava balançando o pé até achar que ele ia desprender do osso da perna, “perna nervosa” era como Rosaleen chamava; e pensando bem agora, o pé balançava em alta velocidade. Em geral isso acontecia à noite, quando fazíamos as orações diante da Nossa Senhora das Correntes. Como se meus pés quisessem sair dançando a conga.

“E como arrumou a estátua da Madona Negra na sala?”, perguntei.

“Não sei dizer exatamente. Só sei que ela entrou na família em alguma época. Lembra que eu contei que Obadiah levou a estátua para a casa de oração e que os escravos acreditavam que era Maria que tinha vindo para ficar com eles?”

Eu disse que sim balançando a cabeça. Lembrava de todos os detalhes, tinha visualizado essa história centenas de vezes desde que ela me contou pela primeira vez. Obadiah de joelhos na lama, debruçado sobre a estátua molhada. A estátua muito orgulhosa na casa de oração, o punho levantado de Nossa Senhora e as pessoas vindo tocar no seu coração, uma de cada vez, esperando encontrar forças para continuar a viver.

"Bem", August continuou a colar os rótulos, "na verdade, era uma mera figura de madeira tirada da proa de um navio, mas as pessoas precisavam de conforto e ajuda, e quando olhavam para ela, viam Maria. E assim o espírito de Maria assumiu seu lugar. Realmente, seu espírito está por toda a parte, Lily, por toda a parte. Dentro das rochas, das árvores e até mesmo das pessoas, mas às vezes se concentra em certos lugares e se irradia de forma especial."

Eu nunca tinha visto isso sob esse prisma e fiquei chocada, como se não tivesse ideia do tipo de mundo em que de fato vivia; talvez os professores do meu colégio também não soubessem, pois diziam que tudo se resumia em carbono, oxigênio e mineral, a coisa mais sem graça que se pode imaginar. Comecei a pensar no mundo carregado de Marias disfarçadas, sentadas em todo lugar com corações vermelhos ocultos, que as pessoas podiam esfregar e tocar, sem nem reconhecerem.

August arrumou os vidros, que já tinha rotulado, em uma caixa de papelão e a pôs no chão, depois pegou mais vidros.

"Só estou tentando explicar por que as pessoas tinham tanto cuidado com Nossa Senhora das Correntes e foram passando a estátua de uma geração para a outra. É bem possível que ela tenha ido parar na família da minha avó logo depois da Guerra Civil. Quando eu era mais moça que você, June, May e eu, e April também, é claro, porque ela ainda estava viva, passávamos o verão inteiro com a nossa avó. Ficávamos sentadas no tapete da sala e a Mamãe Grande, como a chamávamos, nos contava histórias. Toda vez que ela terminava, May dizia: 'Mamãe Grande, conte de novo', e ela repetia a coisa toda. Se você auscultar meu coração com o

estetoscópio, juro que vai ouvir lá dentro essa história sendo contada sem parar pela Mamãe Grande."

Eu estava tão embevecida com a narrativa de August que me esqueci de umedecer os rótulos. Queria ter uma história como essa vivendo dentro de mim e contada tão alto que se pudesse ouvir pelo estetoscópio, e não minha história de ter acabado com a vida da minha mãe e mais ou menos com a minha também.

"Você pode molhar os rótulos e ouvir ao mesmo tempo", disse August sorrindo. "Depois que a Mamãe Grande morreu, Nossa Senhora das Correntes foi passada para minha mãe, e ficou no quarto dela sob os protestos do meu pai. Mas mamãe dizia: 'Se ela sair daqui eu saio junto'. Acho que minha mãe se tornou católica para poder ajoelhar diante da santa sem sentir que estivesse fazendo uma coisa esquisita. Ela ficava ali conversando com Nossa Senhora como se fossem duas vizinhas tomando chá gelado. Minha mãe brincava com ela: 'Sabe de uma coisa? A senhora devia ter tido uma filha e não um filho'."

August pôs sobre a mesa o vidro que estava rotulando, e um misto de tristeza e alegria passou pelo seu rosto, e eu vi que ela estava sentindo falta da mãe.

Parei de umedecer os rótulos, porque não queria me adiantar mais que ela. Quando August pegou no vidro de novo eu perguntei:

"A senhora cresceu aqui nesta casa?" Eu queria saber tudo sobre ela.

August sacudiu a cabeça.

"Não, mas minha mãe sim. Era aqui que eu passava o verão. A casa pertencia aos meus avós, com toda essa área em volta. Mamãe Grande também criava abelhas, bem lá onde elas ainda estão. Ninguém daqui jamais tinha visto uma mulher criar abelhas. Ela gostava de dizer que as mulheres eram melhores para isso porque tinham uma capacidade especial para amar as criaturas que picam. 'Consequência de anos de amar os filhos e os maridos' dizia." August riu, e eu também.

"Foi sua Mamãe Grande que a ensinou a criar abelhas?"

August tirou os óculos e limpou-os na faixa da cintura.

"Ela me ensinou muito mais sobre as abelhas do que apenas a criá-las. Costumava me contar uma história de abelhas atrás da outra."

Eu me empertiguei.

"Conte uma."

August pôs o dedo na testa como se tentasse tirar uma delas de uma prateleira na sua cabeça. Depois seus olhos se iluminaram e ela disse:

"Um dia Mamãe Grande contou que tinha ido até as colmeias na véspera de Natal e que ouviu as abelhas cantando a história do Natal a partir do Evangelho de são Lucas. — E começou a cantarolar mais ou menos assim: 'Maria deu à luz seu primeiro filho, enrolou-o em panos e deitou-o na manjedoura'."

Eu ri.

"A senhora acha que isso aconteceu mesmo?"

"Sim e não. Algumas coisas acontecem de forma literal, Lily. Outras, como essa, acontecem de forma não literal, mas mesmo assim acontecem. Sabe o que eu quero dizer?"

Eu não tinha ideia.

"Realmente não sei."

"O que eu quero dizer é que as abelhas não estavam *realmente* cantando as palavras de são Lucas, mas se você tiver um certo tipo de ouvido pode ouvir a colmeia e a história do Natal dentro de você. Pode ouvir coisas silenciosas do outro lado do mundo do dia a dia que ninguém ouve. O ouvido da Mamãe Grande era desse tipo. Mas a minha mãe não tinha esse dom. Uma geração foi pulada."

Eu estava morrendo de vontade de saber mais sobre a mãe dela.

"Aposto que sua mãe também criava abelhas."

Ela pareceu achar graça na pergunta.

"Por Deus que não. Ela não tinha o mínimo interesse por isso. Saiu daqui assim que pôde e foi morar com uma prima em Richmond. Conseguiu emprego na lavanderia de um hotel. Lembra que no dia em que você chegou aqui eu disse que

tinha sido criada em Richmond? É a terra do meu pai. Ele foi o primeiro dentista negro de lá. Conheceu minha mãe quando ela foi ao seu consultório com dor de dente."

Fiquei sentada ali um instante pensando na estranheza da vida. Se não fosse por uma dor de dente August não estaria aqui. Nem May, nem June, nem o Mel da Madona Negra, e eu não estaria conversando com ela.

"Eu gostava de Richmond, mas meu coração sempre esteve aqui. Na minha infância eu contava os dias para vir para cá no verão, e, quando Mamãe Grande morreu, deixou toda a sua propriedade para mim, June e May. Eu crio abelhas neste lugar há quase dezoito anos."

A luz do sol penetrou pela janela do apiário, brilhando de vez em quando através das nuvens. Ficamos em silêncio naquela claridade amarela por algum tempo, trabalhando sem parar. Eu tinha medo de cansar August com tantas perguntas. Finalmente não me contive mais e perguntei: "O que a senhora fazia na Virginia antes de vir para cá?".

Ela me olhou como se dissesse: *Meu Deus, você quer saber de tudo mesmo*, mas resolveu responder sem parar de colar os rótulos.

"Eu estudei para ser professora numa faculdade de negros em Maryland. June também, mas era difícil arranjar emprego porque não havia muitas escolas para os negros ensinarem. Acabei trabalhando nove anos como empregada doméstica. Mais tarde consegui uma vaga para ensinar história, e fiquei nesse emprego seis anos, até mudar para cá."

"E June?"

August riu.

"June não aceitava trabalhar como empregada em casa de brancos. Arranjou um emprego em uma agência funerária de negros, para vestir os corpos e ajeitar seus cabelos."

Parecia um trabalho perfeito para ela. June devia achar fácil se entender com gente morta.

"May disse que June quase se casou uma vez."

"Isso mesmo. Há uns dez anos."

“Eu andei pensando...” Parei e pensei em uma boa forma de fazer a pergunta.

“Você andou pensando se algum dia eu também quase me casei.”

“Isso mesmo.”

“Eu decidi não me casar. Já tinha muitas restrições na vida sem ter de ficar às ordens de alguém o tempo todo. Não que eu seja contra o casamento, Lily. Só não gosto das suas regras.”

Eu pensei: *Mas não é só o casamento que tem essas regras.* Eu não ficava às ordens de T. Ray o tempo todo, e não éramos apenas pai e filha? *Ponha um pouco de chá para mim*, *Lily. Engraxe meus sapatos*, *Lily. Vá buscar as chaves do carro*, *Lily.* Eu esperava sinceramente que ela não estivesse dizendo que esse tipo de coisa acontecia em um casamento.

“A senhora nunca se apaixonou?”

“Apaixonar-se e se casar são duas coisas diferentes. Eu me apaixonei uma vez, é claro. Ninguém deve passar pela vida sem se apaixonar.”

“Mas não o amava o suficiente para se casar?”

Ela sorriu para mim.

“Eu o amava muito. Só que amava mais ainda a minha liberdade.”

Colamos rótulos até acabarem os vidros. Então, só de farra, umedeci mais um e o colei na minha camiseta, entre os seios.

August olhou para o relógio e avisou que tínhamos trabalhado tão depressa que ainda faltava uma hora inteira para o almoço.

“Venha cá. Vamos patrulhar as abelhas.”

Embora eu tivesse feito patrulhamento de abelhas com Zach, nunca mais tinha inspecionado as colmeias com August desde aquela primeira vez. Enfiei-me nas velhas calças compridas de algodão que foram de June e na camisa branca de August, enrolando as mangas dez vezes para não cobrirem as minhas mãos. Depois coloquei o capacete e deixei o véu cair sobre o rosto.

Fomos andando pela mata ao lado da casa rosa, com as histórias dela ainda frescas nos nossos ombros. Eu podia sentir

essas histórias me tocarem em vários pontos do corpo, como um verdadeiro xale.

"Eu não entendi uma coisa."

"O quê?", perguntou August.

"Se a sua cor favorita é azul por que pintou a casa de rosa?"

Ela riu.

"Foi ideia de May. Ela estava comigo no dia em que fui à loja de tintas escolher a cor. Eu tinha na cabeça um tom castanho bonito, mas May gostou da amostra chamada Rosa Caribe. Disse que essa cor lhe dava vontade de dançar o flamenco espanhol. E eu pensei: 'Esse é o tom mais esquisito que já vi e toda a cidade vai falar de nós, mas se levanta o espírito de May, acho que ela deve morar numa casa assim'."

"Todo esse tempo eu pensei que a senhora gostava de rosa", falei.

Ela riu de novo.

"Há coisas que não importam muito, Lily. Como a cor da casa, por exemplo, que diferença faz num esquema total de vida de alguém? Mas levantar o espírito de uma pessoa, *isso* importa. O problema das pessoas é que..."

"Elas não sabem o que é importante e o que não é", eu disse, me sentindo orgulhosa de terminar a frase por ela.

"Eu ia dizer que o problema é que elas *sabem* o que é importante, mas não sabem *escolher*. Isso é bem difícil, sabe, Lily? Eu adoro a May, mas foi difícil escolher o Rosa Caribe. A coisa mais difícil da vida é escolher o que importa."

Eu não consegui encontrar uma abelha extraviada em lugar algum. As colmeias pareciam um bairro abandonado, e o calor estava sufocante. Dava a impressão de que as abelhas estavam dentro tirando uma soneca. Talvez todo aquele excesso de trabalho as tivesse finalmente exaurido.

"Onde elas estão?", perguntei.

August levou o dedo aos lábios fazendo sinal para eu ficar quieta. Levantou o capacete e pôs o rosto no alto da melgueira.

"Venha ouvir", ela sussurrou.

Tirei o chapéu, enfiei-o debaixo do braço, e pus meu rosto ao lado do dela, praticamente encostando nossos narizes.

“Está ouvindo isso?”

Comecei a ouvir um som. Um zumbido perfeito, em tom alto, como se alguém tivesse ligado a chaleira e a água começasse a ferver.

“Elas estão refrescando a colmeia”, disse August, e eu senti seu hálito de hortelã. “É o som de centenas de milhares de asas abanando o ar.”

Fechou os olhos como as pessoas fazem em um lindo concerto de orquestra, bebendo música erudita. Espero não ser muito retrógrado dizer que senti como se nunca tivesse ouvido nada tão lindo na minha vitrola lá em casa. Só mesmo ouvindo é que se pode acreditar na perfeição dos tons, na harmonia, no volume aumentando e abaixando. Nossos ouvidos estavam grudados numa gigantesca caixa de música.

Então todo o lado do meu rosto começou a vibrar, como se a música tivesse penetrado nos meus poros. Eu conseguia ver a pele de August pulsar. Quando saímos dali, minha bochecha ardia e coçava.

“Você estava ouvindo o ar-condicionado das abelhas”, explicou August. “A maioria das pessoas não tem ideia do quanto complicada é a vida dentro de uma colmeia. As abelhas têm uma vida secreta que nós não conhecemos de forma alguma.”

Adorei a ideia de as abelhas terem uma vida secreta, como a que eu estava vivendo.

“Que outros segredos elas têm?”, perguntei, curiosa.

“Por exemplo, toda abelha tem um papel a desempenhar.”

Ela explicou isso. As construtoras do ninho pertenciam ao grupo que formava o favo de mel. Comentei que, pelo modo que construíam os hexágonos, deviam ter jeito para matemática. Ela sorriu e disse que sim, as construtoras de ninhos tinham muita aptidão para matemática.

As abelhas-do-campo tinham um bom senso de navegação e corações incansáveis, eram as que juntavam néctar e pólen. Havia um grupo chamado abelhas-funerárias, cuja penosa tarefa era tirar as abelhas mortas da colmeia e manter tudo limpo. As abelhas-enfermeiras, disse August, tinham o dom de

nutrir, e alimentavam todos os bebês. Era provavelmente o grupo de autossacrifício, como as mulheres nas festas de igrejas que dizem: "Não, pode ficar com o peito da galinha. Eu me arranjo com o pescoço e a moela". Os únicos machos eram os zangões, que ficavam esperando sua vez de acasalar com a rainha.

"E é claro, existe a rainha e suas operárias."

"Ela tem operárias?"

"Tem, como se fossem damas de companhia. Elas lhe dão comida e banho, não deixam que sinta calor nem frio, fazem tudo que for preciso. Estão sempre em volta mimando a rainha. Eu até já as vi acariciando a rainha."

August recolocou o chapéu.

"Acho que eu também gostaria de conforto se não fizesse outra coisa a não ser pôr ovos o dia inteiro, uma semana sim, a outra não."

"Ela só faz isso? Põe ovos?" Eu não sabia o que tinha imaginado, não era como usar uma coroa e ficar sentada no trono dando ordens reais.

"Pôr ovos é o mais importante, Lily. Ela é a mãe de todas as abelhas da colmeia, e todas dependem dela para se manterem vivas. Não importa qual seja o seu trabalho, elas sabem que a rainha é sua mãe. É a mãe de milhares."

É a mãe de milhares.

Coloquei o capacete quando August levantou a tampa. Dei um pulo quando vi as abelhas saindo de repente em espirais caóticos, fazendo muito barulho.

"Não se mexa. Lembre-se do que eu falei. Não tenha medo."

Uma abelha voou direto para a minha testa, batendo no véu, e se encostou na minha pele.

"Ela está te dando um aviso. Quando vêm de encontro à sua testa, estão dizendo: *Estou de olho em você*, *tenha cuidado*. Pense nelas com carinho que tudo vai ficar bem."

Eu amo vocês, *eu amo vocês*, disse na minha cabeça. *EU AMO VOCÊS*. Tentei dizer isso de trinta e duas maneiras.

August puxou os quadros de fecundação sem calçar as luvas. Enquanto trabalhava, as abelhas voavam à nossa volta, juntando

forças até fazerem um ventinho suave nas nossas caras. Lembrei-me de como as abelhas tinham voado das paredes do meu quarto, me deixando no centro de um redemoinho.

Fiquei observando as diferentes sombras no chão. O funil das abelhas. Eu, parada como um poste. August debruçada sobre a colmeia, examinando os quadros, procurando cera acumulada nos favos de mel, com o capacete em forma de meia-lua balançando na cabeça.

As abelhas começaram a pousar nos meus ombros como os passarinhos pousam nos fios telefônicos. Desceram para os meus braços e cobriram tanto o véu do chapéu que eu mal podia ver. *Eu amo vocês. Eu amo vocês.* Cobriram o meu corpo, subiram nas bainhas das minhas calças.

Minha respiração acelerou-se e o peito apertou-se mais e mais até que de repente, como se alguém tivesse desligado o interruptor do pânico, consegui relaxar. Minha mente entrou numa calma incomum, como se uma parte de mim tivesse saído do corpo e se sentasse num galho de árvore para assistir ao espetáculo a uma distância segura. A outra parte dançava com as abelhas. Eu não me movia, mas me imaginava girando pelo ar com elas. Juntei-me às abelhas numa conga.

Era como se tivesse esquecido onde estava. Com os olhos fechados levantei os braços devagar, balançando-os no meio das abelhas, até encontrar-me, com os braços estirados para os lados, num lugar de sonho onde nunca tinha estado. Meu pescoço rolou para trás e abri a boca. Eu estava flutuando em algum lugar, sem muita proximidade com a vida. Como se tivesse mascado a casca de uma árvore alucinógena e me entontecido.

Perdida no meio das abelhas, senti-me cair em um campo de trevos encantados que me tornaram imune a tudo, como se August tivesse me encharcado com o fumigador de abelha e me acalmado tanto que o único movimento que conseguia fazer era com os braços para a frente e para trás.

Depois, sem qualquer aviso, a imunidade acabou e senti o espaço fundo entre meu umbigo e o osso do peito começar a doer. O lugar sem mãe. Podia ver minha mãe no closet, a janela

emperrada, a mala no chão. Ouvia os gritos, depois a explosão. Quase me dobrei ao meio. Abaixei os braços, mas não abri os olhos. Como eu poderia viver o resto da vida me lembrando dessas coisas? O que poderia fazer para que essas lembranças desaparecessem? Por que não podíamos voltar para trás e consertar os erros que tínhamos cometido?

Mais tarde eu me lembraria das pragas que Deus se deleitou em enviar no começo da sua carreira, as pragas destinadas ao faraó para que ele mudasse de ideia e deixasse Moisés tirar seu povo do Egito. *Deixe meu povo sair*, disse Moisés. Eu tinha visto a praga de gafanhotos no cinema, o céu cheio de hordas de insetos parecendo aviões camicase. No meu quarto na fazenda de pêssegos, quando as abelhas saíram na primeira noite, imaginei que elas tivessem sido enviadas como uma praga especial para T. Ray. Deus teria dito: *Deixe minha filha sair*, e talvez elas fossem exatamente isso, uma praga para me libertar.

Mas naquele momento, rodeada por todo lado de abelhas capazes de picar e o lugar sem mãe desaparecendo, eu soube que *essas* abelhas não eram de modo algum uma praga. Parecia que as atendentes da rainha estavam ali num frenesi de amor, me acariciando em milhares de lugares. *Vejam quem está aqui. É Lily. Ela está muito cansada e perdida. Venham, irmãs abelhas.* Eu era o estame no meio de uma flor em rodopio. O centro de toda as atenções.

"Lily... Lily." Ouvi meu nome ser chamado à distância. "Lily!"

Abri os olhos e vi August me olhando através dos óculos. As abelhas tinham sacudido todo o pólen à sua volta e começavam a voltar para a colmeia. Eu podia ver os grãozinhos mínimos esvoaçando pelo ar.

"Você está bem?", ela perguntou.

Fiz com a cabeça que sim. Mas será que estava? Não tinha certeza.

"Você sabe que nós duas precisamos ter uma boa conversa, não sabe? E desta vez não é sobre mim, mas sobre você", disse August.

Eu gostaria de poder fazer como as abelhas, bater na testa dela com uma advertência, apenas um tapinha com meu dedo. *Estou de olho em você. Cuidado. Não passe desse ponto.*

"Acho que sim", respondi.

"Que tal agora?"

"Agora não."

"Mas, Lily..."

"Estou morta de fome. Vou lá para a casa ver se o almoço já está pronto."

Não esperei que ela falasse. Andando para a casa rosa, quase podia ver o final da linha. Encostei a mão na frente da camisa onde tinha grudado a Maria negra. Ela estava começando a descolar.

A casa inteira cheirava a quiabo frito. Rosaleen estava pondo a mesa na cozinha, e May esquentava a gordura para dourar as sementes. Não sabia qual era a razão do quiabo, já que em geral comíamos sanduíches de carne moída o tempo todo.

May não tinha uma crise de choro desde que June tivera seu acesso de raiva e jogou os tomates. Desde então estávamos cautelosas, depois de tanto tempo, receei que algo bem simples como quiabo queimado pudesse descontrolá-la.

Eu disse que estava com fome, e Rosaleen me mandou aguentar um pouco. Seu lábio inferior estava coberto de tabaco Red Rose. O cheiro seguia-a pela cozinha como se estivesse em uma coleira, uma mistura de condimento apimentado, terra fresca e folhas apodrecidas. Entre o quiabo e o tabaco eu não conseguia respirar direito. Rosaleen foi para a varanda de trás, inclinou-se para fora da porta e cuspiu o tabaco mascado entre as hortênsias.

Ninguém sabia cuspir como Rosaleen. Eu fantasiava que ela ganhava cem dólares num concurso de cuspe, e que nós duas íamos a um hotelzinho em Atlanta e fazíamos a refeição no quarto com o dinheiro do prêmio. Sempre desejei ficar em um hotel, mas se, naquela época, me dissessem que podia ir para um hotel de luxo à minha escolha, com piscina aquecida e televisão no quarto, eu preferiria ficar na casa rosa.

Mas às vezes, logo depois que eu acordava e pensava na minha própria casa, sentia uma certa saudade, por um segundo ou dois, até que me via ajoelhando no chão da cozinha em cima dos caroços de milho ou tentando passar em volta de uma grande pilha da lama desagradável deixada por T. Ray e em geral caindo em cima dela. Eu me lembro dele brigando comigo e gritando *Jesus H. Cristo, Jesus H. Cristo!* O pior tapa que levei na cara foi quando interrompi seus gritos para perguntar o que queria dizer aquele *H*. A rápida lembrança dos meus sentimentos na minha vida antiga acabava logo, e eu voltava para a casa rosa.

Zach entrou na cozinha atrás de August.

"Ora, ora, quiabo com costeleta de porco no almoço. O que está acontecendo?", August perguntou a May.

May chegou perto dela e disse baixinho: "Faz cinco dias que eu não vou até o muro". Eu vi como ela estava orgulhosa disso, como queria acreditar que estava livre do seu choro histérico, e que o quiabo no almoço era uma comemoração.

August sorriu para ela.

"Cinco dias mesmo? Bom, isso merece uma festa", disse. E May ficou radiante.

Zach afundou-se numa cadeira.

"Já acabou de entregar o mel?", August lhe perguntou.

"Fiz todas as entregas, menos no escritório do sr. Clayton", respondeu, com um ar irrequieto, mexendo no jogo americano da mesa e tirando um fiapo da camisa, como se quisesse falar alguma coisa.

August olhou para ele.

"O que está passando pela sua cabeça?"

"Vocês não vão acreditar no que andam dizendo na cidade. Estão dizendo que Jack Palance vem a Tiburon neste fim de semana acompanhado de uma negra."

Nós paramos o que estávamos fazendo e nos olhamos.

"Quem é Jack Palance?", Rosaleen perguntou. Embora não tivéssemos começado a almoçar, ela tinha dado uma dentada numa costeleta de porco e falava e mastigava ao mesmo tempo.

Apontei para minha boca fechada e tentei ver se ela olhava para mim e entendia a mensagem.

"É um artista de cinema", Zach explicou.

June deu um sorriso de desprezo.

"Que bobagem é *essa*? O que um artista de cinema vem fazer em Tiburon?"

Zach deu de ombros.

"Dizem que a irmã dele mora aqui e que ele vem fazer uma visita, e pretende levar essa mulher negra ao cinema na sexta-feira. Não no segundo andar, mas na plateia, na seção dos brancos."

August virou-se para May.

"Por que você não vai até o jardim pegar uns tomates frescos para o almoço?", disse, esperando que ela saísse. Vi que August temia ver o movimento de integração de Jack Palance no cinema acabar estragando o almoço com quiabo de May. "O pessoal está muito mobilizado com isso?", perguntou a Zach, com um olhar sério.

"Está sim, senhora. Eu vi alguns brancos na loja de ferragens Garret's conversarem sobre ficarem de guarda na porta do cinema."

"Meu Deus, isso vai dar problema", Rosaleen falou.

June deu de ombros e August sacudiu a cabeça, e pela primeira vez na vida passou pela minha cabeça como era importante a pigmentação da pele; ultimamente parecia que essa pigmentação era como o sol, e que tudo o mais no Universo eram os planetas em órbita. Desde as férias de verão do colégio, todo dia eu ouvia falar da cor da pele dos outros. Estava cheia daquilo.

Em Sylvan correu um boato no início do verão de que vinha de Nova York um ônibus lotado a fim de fazer integração na piscina da cidade. Foi um pânico. A cidade entrou em estado de emergência, já que não há coisa pior para os sulistas americanos do que o pessoal do norte querer vir determinar nossa forma de viver. Depois disso houve o problema com os homens do posto Esso. Seria melhor se Deus acabasse de uma vez por todas com essa coisa de pigmentação da pele.

Quando May voltou para a cozinha, August falou:

"Vamos desfrutar o nosso almoço", o que significava que Jack Palance não era assunto para a mesa.

May trouxe três tomates suculentos que ela e Rosaleen fatiaram, e August foi até a saleta e pôs um disco de Nat King Cole no toca-discos, uma máquina tão velha que os discos nem caíam automaticamente. Ela era louca por Nat King Cole e, ao voltar para a cozinha, aumentou o volume, com aquele ar de quem está comendo uma coisa tão deliciosa que parece até doer. June torceu o nariz. Ela só gostava de Beethoven e do restante dos clássicos. Foi à saleta e diminuiu o som.

"Assim eu não consigo pensar", disse.

Ao que August retrucou: "Sabe de uma coisa? Você pensa demais. Seria muito bom para você se parasse de pensar e desse uma chance para os seus sentimentos, pelo menos na lua cheia".

June agradeceu e disse que ia almoçar no quarto.

Foi ótimo, porque eu estava vendo os tomates que May e Rosaleen fatiavam e ensaiando uma pergunta: *Quer uns tomates, June? Você não adora tomate?* Agora pelo menos eu não precisaria dizer aquilo.

Comemos até não poder mais, como fazem as pessoas da Carolina do Sul em reuniões familiares. Zach levantou-se da mesa e disse que estava indo ao escritório de Clayton Forrest para deixar uma dúzia de vidros de mel.

"Posso ir junto?", perguntei.

August derramou seu chá doce na mesa, coisa pouco comum nela. Não dava para associar chá derramado com August. Com May sim, mas não com August. O chá escorreu pela mesa e para o chão. Achei que isso iria perturbar May, a tragédia de uma bebida derramada. Mas ela cantarolou "Oh! Susanna" sem muita ênfase e foi buscar uma toalha.

"Não sei, Lily", disse August.

"Por favor." Eu só queria passar um tempo com Zach e expandir meu mundo visitando o escritório de um advogado de carne e osso.

"Tudo bem, então."

O escritório ficava a um quarteirão da Main Street, onde Rosaleen e eu tínhamos chegado naquele domingo havia mais de três semanas. Não era a ideia que eu fazia de um escritório de advocacia. Era uma casa grande, com persianas pretas e uma varanda em volta, com cadeiras de balanço grandes, que deviam ser para as pessoas desabarem em alívio depois de ganhar sua ação na justiça. Uma placa no gramado dizia: CLAYTON FORREST, ADVOGADO.

A secretária era uma senhora branca, parecendo ter uns oitenta anos. Estava sentada à mesa da recepção, passando nos lábios um batom vermelho-sangue. Seu cabelo era cheio de cachos apertados, com um ligeiro tom de azul.

"Olá, srta. Lacy", disse Zach. "Eu trouxe mais mel."

Ela guardou o batom no estojo, com ar aborrecido.

"Mais mel", disse, sacudindo a cabeça. Deu um suspiro e abriu a gaveta. "O dinheiro da última remessa está aqui." E jogou um envelope em cima da mesa.

"Você é nova", disse, olhando para mim.

"Meu nome é Lily."

"Ela está passando um tempo na casa de August", Zach explicou.

"Está na casa *dela*?"

Tive vontade de dizer que seu batom estava sangrando nas rugas em volta dos lábios.

"Estou, minha senhora. Estou lá com ela."

"Bom, eu vou indo." Pegou a bolsa e levantou-se. "Tenho hora marcada no dentista. Ponha os vidros em cima da mesa."

Eu imaginei aquela senhora fofocando na sala de espera com as pessoas que esperavam para obturar os dentes: uma menina branca chamada Lily está na casa das irmãs negras Boatwright. Isso não parece estranho?

Quando ela foi embora, o sr. Forrest saiu da sua sala. A primeira coisa que notei foram seus suspensórios vermelhos. Eu nunca tinha visto um homem magro com suspensórios e achei bonito, combinava com a gravata borboleta vermelha. Ele era meio ruivo, com sobrancelhas espessas e crespas, olhos azuis e rugas de expressão que lhe davam um ar de um

homem bom. Tão bom que não conseguia se livrar da srta. Lacy.

Olhou para mim e disse:

"E quem é essa jovem tão bonitinha?"

"Lily..." Não consegui me lembrar do sobrenome que estava usando no momento. Acho que foi porque fiquei chocada quando ele disse que eu era bonitinha. "Só Lily." Fiquei ali parecendo boba, com um pé enfiado atrás do outro. "Estou passando um tempo com August, depois vou morar com a minha tia na Virgínia." Como ele era advogado, tive medo de que me pedisse para fazer um teste com o detector de mentiras.

"Que bom. August é muito minha amiga. Está gostando daqui?"

"Estou gostando muito."

"Em que caso o senhor está trabalhando?", perguntou Zach, enfiando no bolso o envelope com o pagamento do mel e depositando a caixa com os vidros na mesinha de lado, junto à janela, que tinha uma plaquinha em que se lia MEL PARA VENDER.

"Nada de especial. Testamentos, escrituras. Mas tenho uma coisa para você. Vamos lá no escritório para eu te mostrar."

"Vou esperar aqui e ajeitar os vidros de mel", falei, porque não queria me intrometer, mas principalmente porque me senti envergonhada perto dele.

"Tem certeza? Você pode entrar também."

"Eu sei. Mas prefiro ficar aqui."

Os dois desapareceram pelo corredor. Ouvi uma porta fechar, a buzina de um carro na rua e o barulho do ar-condicionado da janela que gotejava em uma tigela de cachorro no chão. Empilhei os vidros em uma pirâmide. Sete no fundo, quatro no meio e um no alto, mas o equilíbrio não ficou bom e resolvi pôr os vidros enfileirados.

Fui olhar os quadros que cobriam toda a parede. Primeiro um diploma da Universidade da Carolina do Sul e outro da Universidade de Duke. Depois um retrato do sr. Forrest em um barco, com óculos escuros, segurando um peixe mais ou

menos do meu tamanho. Em seguida o sr. Forrest apertando a mão de Bobby Kennedy. Por último o sr. Forrest com uma menininha loura no mar. Ela pulava por cima de uma onda. O jato deslocado formava um leque azul por trás dela, um rabo de pavão de água, e ele a ajudava a pular a onda segurando-a pela mão e sorrindo. Aposto que ele sabia qual era sua cor favorita, o que ela comia no almoço e tudo de que ela gostava.

Fui me sentar num sofá vermelho da sala. Williams, era esse o meu sobrenome inventado. Contei as plantas da sala. Quatro. As tábuas do chão, da mesa até a porta da frente. Quinze. Fechei os olhos e vi o mar espraiando-se em um tom de prata polida, coberto de uma espuma branca, com luz por todo lado. Eu pulava uma onda. T. Ray me dava a mão, me ajudando a pular. Precisei me concentrar muito para conseguir imaginar.

Trinta e duas palavras para o verbo amar.

Ele não poderia dizer ao menos uma para mim, mesmo aquela reservada para coisas menores como amendoim na Coca-Cola? Seria tão fora de propósito T. Ray saber que eu gostava de azul? E se ele estivesse em casa sentindo a minha falta, dizendo: *Por que eu não soube amar melhor a minha filha?*

O telefone da srta. Lacy ficava em cima da sua mesa. Peguei o fone e disquei zero para a telefonista.

"Quero fazer uma chamada a cobrar", disse, dando-lhe o número. Mais depressa do que eu podia esperar o telefone tocou na minha casa. Fiquei olhando para a porta fechada no corredor, contando as chamadas. Três, quatro, cinco, seis.

"Alô." A voz dele fez meu coração chegar na boca. Não esperava que ela fosse me deixar com os joelhos bambos. Tive de me sentar na cadeira da srta. Lacy com as pernas tremendo.

"Uma chamada a cobrar de Lily Owens", disse a telefonista. "O senhor aceita?"

"É claro que aceito", ele disse. Depois, sem esperar que eu abrisse a boca, começou a gritar. "Lily, onde, diabos, você está?"

Tive de tirar o fone do ouvido com medo de que seus gritos estourassem meus tímpanos.

"T. Ray, desculpe ter ido embora, mas..."

“Diga onde você está agora mesmo, está me ouvindo? Você tem ideia da encrenca em que se meteu tirando Rosaleen do hospital daquele jeito? Porra, o que deu em você?”

“Eu só estava...”

“Agora diga onde você está. Você foi uma idiota que foi buscar confusão e encontrou o que queria. Por sua causa eu não posso mais andar em Sylvan sem que olhem para mim. Tive de parar tudo e procurar você por toda a parte, e nesse meio-tempo os pêssegos foram para o brejo.”

“Pare de gritar, está bem? Eu já pedi desculpas.”

“Suas desculpas não valem merda nenhuma, Lily. Juro por Deus...”

“Eu telefonei porque estava imaginando uma coisa.”

“Onde você está? Responda.”

Eu apertei o braço da cadeira até os nós dos dedos começarem a doer.

“Eu estava imaginando se você sabe qual é a minha cor favorita.”

“Jesus Cristo! De que você está falando? Diga onde você está!”

“Eu perguntei se você sabe qual é a minha cor favorita.”

“Eu sei de uma coisa, sei que vou encontrar você, Lily, e quando encontrar, vou te arrebentar toda...”

Coloquei o fone no gancho e sentei de novo no sofá. Sentei-me ali naquela tarde brilhante e observei a orla da luz sob as venezianas. E disse para mim mesma: *Não chore. Não ouse chorar. E daí se ele não sabe qual é sua cor favorita? E daí?*

Zach voltou trazendo um livro marrom grande que parecia mofado de tão velho.

“Veja o que o sr. Clayton me deu”, ele disse, tão orgulhoso que dava a impressão de segurar nos braços um bebê de três quilos que ele tinha parido.

Virou o livro para eu poder ler o título na lombada. *Processos legais da Carolina do Sul, 1889.* Zach esfregou a mão pelo livro e um pozinho caiu no chão.

“Estou começando a minha biblioteca jurídica.”

“Que bom”, falei.

O sr. Forrest chegou mais perto e olhou para mim com tal intensidade que achei que tinha de assoar o nariz.

"Zach disse que você é do Condado de Spartanburg e que seus pais morreram."

"É sim, senhor." O que eu não queria era ficar no banco das testemunhas ali no escritório dele, respondendo a um inquérito. Uma hora depois eu e Rosaleen estaríamos na prisão.

"O que trouxe você..."

"Vou ter de ir embora agora", disse, pondo a mão na barriga. "Estou com um pequeno problema feminino." Tentei parecer muito feminina e misteriosa, ligeiramente incomodada com coisas internas, que eles não podiam e nem queriam imaginar. No último ano tinha descoberto que as palavras "problema feminino" podiam me levar a lugares onde eu queria estar e a sair de outros onde não queria ficar.

"Então vamos", disse Zach.

"Prazer em conhecê-lo, sr. Forrest", eu disse, apertando a barriga com um ligeiro tremor e me encaminhando devagar para a porta.

"O prazer foi todo meu, Lily", ele falou.

Você algum dia escreveu uma carta que sabia que não poderia ser enviada, mas que de qualquer forma deveria ser escrita? No meu quarto do apiário eu escrevi uma carta para T. Ray, e enquanto escrevia quebrei a ponta de três lápis e as palavras... pareciam ter sido colocadas no papel com ferro em brasa.

Caro T. Ray,

Estou cansada de ouvir você gritar comigo. Eu não sou surda. Só sou burra por ter telefonado para você.

Se você estivesse sendo torturado por marcianos e a única coisa que pudesse te salvar fosse dizer qual era a minha cor favorita, você morreria no ato. O que eu estava pensando? Bastava eu me lembrar do cartão do Dia dos Pais que escrevi para você quando tinha nove anos e ainda esperava ser amada. Você se lembra? É claro que não. Eu lembro porque quase me matei de trabalhar nele. Nunca te disse que ficava metade da noite procurando palavras no dicionário que iniciassem com as letras de Pai. Eu tive essa ideia — não que você se interesse — depois que a sra. Poole nos pôs para fazer isso na escola dominical com a palavra Alegria. Então o exercício só serviu para me dar a ideia do seu cartão. Achei que se mostrasse para

você o significado de Pai, isso te ajudaria. Eu estava tentando dizer, tente essas coisas que eu vou gostar muito. Usei palavras como PACIENTE, AGRADÁVEL.

Esperava ver o meu cartão de pé na sua cômoda, mas no dia seguinte o encontrei na mesinha de telefone todo melado da casca e do caroço do pêssego que você descascou ali. Eu sempre quis dizer que você era um ser PATOLÓGICO.

P — PATOLÓGICO

A — ANOMALIA DE PAI

I — IRRITADO

Ao escrever isso não sigo o que a sra. Poole ensinou sobre alegria, mas me sinto alegre finalmente de dizer essas coisas na sua cara.

Beijo,

Lily

P.S.: *eu não acreditei nem por um segundo que minha mãe me abandonou.*

Li a carta toda e depois rasguei em pedacinhos. Senti alívio em botar tudo isso para fora, mas menti quando disse que tinha sentido alegria com aquilo. Quase escrevi outra carta que não seria enviada para pedir desculpas.

Naquela noite, quando toda a casa rosa dormia, entrei de mansinho para ir ao banheiro. Nunca me preocupei em não encontrar meu caminho dentro da casa, pois August deixava uma trilha de luzes acesas da cozinha até o banheiro.

Caminhei descalça, molhando a sola do pé de orvalho. Sentada no vaso sanitário, tentando fazer pipi depressa, notei pétalas de murta presas nos dedos do pé. Os roncos de Rosaleen ressoavam pelo teto. É sempre um alívio esvaziar a bexiga. Melhor que sexo, segundo Rosaleen. Mas por melhor que fosse, eu sinceramente esperava que ela estivesse errada.

Fui para a cozinha, mas alguma coisa me fez virar. Segui na direção oposta, para a sala. Ao entrar lá ouvi um suspiro tão fundo e gostoso que por um instante não percebi que tinha vindo dos meus próprios pulmões.

A vela do vidro vermelho ao lado da estátua de Maria ainda estava acesa, parecendo um coraçãozinho vermelho em uma gruta escura, pulsando luz para o mundo. August mantinha a vela acesa dia e noite. Eu me lembrei da chama eterna que puseram no túmulo de John F. Kennedy, que nunca se apagará haja o que houver.

Nossa Senhora das Correntes parecia muito diferente tarde da noite, o rosto mais velho e mais escuro, o punho maior do

que eu me lembrava. Fiquei imaginando todos os lugares por onde ela tinha passado nas águas do mundo, todas as coisas tristes que tinham dito a ela, todas as coisas que ela aguentou.

Às vezes, depois que fazíamos as orações com o terço, eu me esquecia de como se fazia o sinal da cruz, me atrapalhava como era de esperar de alguém criado na Igreja Batista. Sempre que isso acontecia, eu punha a mão no coração como fazíamos na escola para a Promessa de Fidelidade. Achava que uma coisa era tão boa quanto a outra, e foi isso que aconteceu naquele momento — minha mão foi automaticamente para o coração e parou ali.

Eu rezei: *Dê um jeito em mim, por favor dê um jeito em mim. Me ajude a saber o que devo fazer. Me perdoe. Minha mãe está bem lá em cima com Deus? Não deixe que eles nos encontrem. Se nos encontrarem, não deixem que me levem embora daqui. Se nos encontrarem, não deixe que matem Rosaleen. Faça com que June goste de mim. Faça com que T. Ray goste de mim. Me ajude a parar de mentir. Torne o mundo um lugar melhor. Tire a maldade do coração das pessoas.*

Cheguei mais perto até poder ver o coração no peito dela. Na minha imaginação ouvi as abelhas batendo as asas na caixa de música escura. Vi August e eu escutando a colmeia. Lembrei da voz dela na primeira vez em que ouvi a história da Nossa Senhora das Correntes. *Dê-lhes salvação, dê-lhes consolo, dê-lhes liberdade.*

Passei o dedo no contorno do coração da Maria negra. Fiquei ali com as pétalas presas nos dedos dos pés, apertando a mão com força no seu coração.

Eu vivo em uma colmeia escura, e você é minha mãe, disse a ela. *Você é a mãe de milhares de pessoas.*

9

Toda a atividade na sociedade de abelhas de mel depende da comunicação — de uma capacidade inata de enviar e receber mensagens, de codificar e decodificar informações.
The Honey Bee

Vinte e oito de julho, um dia digno de registro. Olhando para trás, o que vem à minha cabeça são pessoas descendo as cachoeiras do Niágara em barris. Desde que ouvi falar sobre isso, tento imaginar as pessoas enroscadas dentro desses barris, descendo tranquilamente como um pato de borracha numa banheira de bebê, e de repente a água fica instável e o barril começa a se sacudir e um rugido é ouvido à distância. Eu sabia que eles diziam lá dentro, *Merda de barril, que ideia foi essa*.

Às oito horas da manhã o termômetro estava em trinta e cinco graus com tendência a chegar a quarenta ao meio-dia. Acordei com August me sacudindo pelo ombro, dizendo que o dia ia ser escaldante, para eu me levantar porque tínhamos de molhar as abelhas.

Entrei na caminhonete do mel sem nem pentear o cabelo, May me passando uma torrada com manteiga e um suco de laranja pela janela, Rosaleen me dando uma garrafa térmica com água gelada, e ambas correndo ao lado da caminhonete, enquanto August já saía para a estrada. Eu me senti como a própria Cruz Vermelha entrando em ação para salvar o reino das abelhas.

Na caçamba da caminhonete August levava galões de água com açúcar já preparados.

"Quando chega a quarenta graus as flores murcham e as abelhas não têm como se alimentar. Ficam nas colmeias se abanando. Às vezes torram", ela disse.

Eu achava que nós também acabaríamos torrando. Não dava para encostar na maçaneta porque queimava os dedos. O suor escorria entre os meus seios e ensopava minha roupa de baixo. August ligou o rádio para saber a temperatura, mas o que ouviu foi que o foguete *Ranger* 7 tinha finalmente sido lançado para a superfície da Lua, pretendendo chegar em um lugar chamado Mar de Nuvens, que a polícia estava procurando os corpos de três defensores dos direitos civis no Mississippi, e que coisas terríveis tinham acontecido no Vietnã. O noticiário terminava com o que estava acontecendo "mais perto de casa", como os negros de Tiburon, Florence e Orangeburg que estavam marchando para Columbia a fim de pedir ao governador que pusesse em vigor a Lei dos Direitos Civis.

August desligou o rádio. Era o bastante. Não se podia consertar o mundo inteiro.

"Já molhei as colmeias em volta da casa", ela disse. "Zach está cuidando das colmeias da parte leste do condado. Então nós duas vamos cuidar da parte oeste."

Levamos a manhã toda salvando abelhas. No caminho de volta, por cantos remotos das matas onde mal havia estradas, encontramos vinte e cinco colmeias de abelhas em algumas tábuas como se fossem uma cidadezinha perdida por ali. Levantamos as tampas e enchemos as melgueiras com água açucarada. Nós tínhamos guardado um pouco de açúcar seco no bolso e agora, como um bônus, polvilhamos os quadros com esse açúcar.

Uma abelha me picou no pulso quando recoloquei a tampa em uma melgueira. August a afugentou.

"Eu estava pensando nelas com amor", falei, sentindo-me traída.

August disse:

"O tempo quente deixa as abelhas desesperadas, não importa quanto amor você lhes dê." Tirou do bolso um vidrinho de azeite de oliva e pólen de abelha e esfregou na minha pele: um remédio de sua própria autoria. Uma coisa que eu pensei que não teria de testar nunca.

“Considere-se iniciada”, ela disse. “Você não pode ser uma verdadeira criadora de abelhas sem nunca ter sido picada.”

Uma verdadeira criadora de abelhas. Essas palavras me deram uma plenitude, e naquele momento um bando de melros levantou-se do chão em uma clareira à distância e tomou conta do céu. Eu disse para mim mesma: *As maravilhas nunca acabam?* E acrescentaria essa função à minha lista de carreiras. Escritora, professora de inglês *e* criadora de abelhas.

“Você acha que um dia vou poder criar abelhas?”, perguntei.

“Você não disse na semana passada que uma das coisas que você amava era as abelhas e o mel? Se for assim, você será uma boa criadora de abelhas. Na verdade, você pode não ser boa em uma coisa, Lily, mas se gostar de fazê-la, é o que basta.”

A picada irradiou dor o dia inteiro até o meu cotovelo, e me causou surpresa como uma criatura tão minúscula pode castigar tanto alguém. Tenho orgulho de dizer que não me queixei. Depois que a gente recebe a picada, não adianta chorar. Assim, eu simplesmente prossegui na tarefa de salvar as abelhas.

Depois de molhar todas as colmeias de Tiburon e de jogar açúcar suficiente para fazer com que um ser humano ganhasse uns vinte e cinco quilos, voltamos para casa com calor, com fome e quase afogadas no nosso próprio suor.

Quando entramos pelo portão de casa, encontramos May e Rosaleen tomando chá gelado na varanda dos fundos. May disse que tinha deixado nosso almoço na geladeira: sanduíches de costeleta de porco e salada de repolho. Enquanto comíamos, ouvimos June no quarto tocando violoncelo como se alguém tivesse morrido.

Raspamos toda a comida sem dar uma palavra, depois nos levantamos da mesa. Estávamos tentando arranjar uma posição mais confortável para nossos corpos exaustos quando ouvimos gritos e risinhos, como que vindos de um recreio escolar. August e eu fomos até a varanda e vimos May e Rosaleen correndo em volta do esguicho d’água do jardim, descalças mas todas vestidas. Estavam frenéticas.

A roupa comprida de Rosaleen estava ensopada e grudada no corpo, e May levantava a saia para juntar água e jogá-la no rosto. O sol batia nas suas tranças, deixando-as brilhantes.

"Que boa vida, hein?", disse August.

Quando nos aproximamos, Rosaleen pegou o esguicho e mirou na nossa direção.

"Se vocês vierem para cá, vão se molhar", disse, e recebemos um jato de água gelada no peito.

Rosaleen virou o esguicho de cabeça para baixo e encheu o vestido de May.

"Se vocês vierem para cá, vão se molhar", disse May, repetindo as palavras de Rosaleen, e jogando a água armazenada na sua saia nas nossas costas.

Só sei de uma coisa: nenhuma de nós protestou muito. No final ficamos ali, encharcadas pelas duas malucas.

Nós quatro nos transformamos em ninfas das águas, dançando em círculo em volta do esguicho, como os índios devem dançar em volta das fogueiras. Esquilos e pássaros ciscavam o chão e tentavam beber água nas poças, e a gente quase via as folhinhas queimadas da grama se tornarem verdes.

Então a porta da varanda bateu, e June apareceu com uma cara zangada. Eu devia estar bêbada de tanta água, de tanto ar e de tanta dança porque peguei o esguicho e disse:

"Se você vier para cá vai se molhar." E dei uma esguichada nela.

June começou a gritar: "Vá para o inferno!". Eu sabia que ia me dar mal, mas não conseguia parar. Estava me vendo como um bombeiro e June como um inferno em chamas.

Ela arrancou o esguicho da minha mão e virou-o para mim. Um pouco de água entrou no meu nariz, queimando. Eu dei um puxão no esguicho, e ficamos puxando cada uma de um lado, levando água na barriga e no queixo. Rolamos no chão para ver quem ganhava a briga, o jorro atingindo a nós duas, os olhos dela fixos em mim e os cílios brilhando com as gotas de água. Ouvi May começar a cantar "Oh! Susanna" e ri para que ela soubesse que estava tudo bem, mas não soltei a mangueira. Não deixaria June Boatwritgh vencer.

Rosaleen falou: “Dizem que quando a gente joga um jato d’água em dois cachorros engalfinhados eles se soltam, mas acho que nem sempre isso acontece”.

August riu, e percebi uma certa suavidade nos olhos de June, que tentava não rir mas não estava mais conseguindo se conter, até que em certo momento ela deixou de oferecer resistência. Eu podia quase ler seu pensamento: *estou brigando com uma menina de catorze anos por causa de uma mangueira de jardim. Isso é ridículo.*

June soltou a mangueira e estatelou-se no gramado às gargalhadas. Deitei-me ao seu lado e ri também. Não conseguíamos parar. Eu não tinha mais certeza do motivo das risadas, estava apenas feliz de rirmos juntas.

Quando nos levantamos, June falou: “Meu Deus, estou tonta como se alguém tivesse drenado minhas forças”.

Rosaleen, May e August tinham voltado a dançar em volta da água. Eu olhei para o chão onde nossos corpos tinham estado lado a lado, a grama toda molhada e achatada, depressões perfeitas na terra. Pisei ali com cuidado e June pisou também, e então, para minha surpresa, me abraçou. June Boatwright me abraçou e nossas roupas fizeram um barulhinho gostoso nos nossos corpos.

Quando a temperatura chega a quarenta graus na Carolina do Sul, a gente precisa ir para a cama. É praticamente a lei do lugar. Algumas pessoas podem considerar isso um comportamento indolente, mas quando nos deitamos por causa do calor, estamos dando tempo à nossa mente para buscar em volta ideias novas, pensamos no verdadeiro sentido da vida e geralmente deixamos que as coisas necessárias surjam nas nossas cabeças. Na sexta série do colégio, um colega meu tinha uma placa de metal no crânio, e sempre se queixava de que as respostas das provas não penetravam na sua cabeça. Nossa professora dizia: “Essa não!”.

Mas de certa forma o garoto tinha razão. Todo ser humano na face da Terra tem uma placa de metal na cabeça, mas se ele se deitar de vez em quando e ficar o mais quieto possível, a placa se abre, como uma porta de elevador, permitindo a

entrada de todos os pensamentos secretos que estavam pacientemente esperando ao seu redor e que apertam o botão para ir até o alto. Os problemas reais da vida ocorrem quando essas portas ocultas se mantêm fechadas durante muito tempo. Mas essa é apenas a minha opinião.

Àquela hora August, May, June e Rosaleen deviam estar na casa rosa, deitadas nos seus quartos debaixo dos ventiladores, com as luzes apagadas. No apiário eu me reclinei no catre e disse a mim mesma que podia pensar em qualquer coisa que quisesse, exceto minha mãe, portanto ela era a única coisa que faltava no elevador.

Podia sentir as coisas se desnovelando à minha volta. Todas as pontas das meadas do mundo dos sonhos. Se eu puxasse um fio errado estaria encrencada até o pescoço. No dia em que telefonei para T. Ray tive vontade de contar tudo para Rosaleen. Tive vontade de dizer: *Se você achava que depois que eu fugi, T. Ray começou a examinar seu coração ou mudar sua forma de ser, não perca mais seu tempo*. Mas não conseguia admitir para ela que tinha me dado ao trabalho de falar com ele.

O que é que estava errado comigo para ficar vivendo lá como se não tivesse nada para esconder? Fiquei deitada no catre olhando para o quadrado iluminado da janela, exausta. É preciso muita energia para manter as coisas como estão. *Me deixe entrar*, dizia minha mãe. *Me deixe entrar no maldito elevador.*

Tudo bem, eu peguei minha sacola e examinei a foto da minha mãe. E fiquei pensando como tinha sido estar dentro dela, só um espiral de matéria nadando na sua escuridão, as coisas silenciosas que tinham passado entre nós.

O sentimento de querer a minha mãe continuava em mim, mas não era mais tão forte e voraz como antes. Ao pegar as luvas dela percebi que tinham ficado muito apertadas de repente. Quando eu tivesse dezesseis anos pareceriam luvas de bebês nas minhas mãos. Eu seria Alice no País das Maravilhas depois de comer o bolo e ficar com o dobro do tamanho. Minhas mãos estourariam as costuras, e eu nunca mais poderia usá-las.

Tirei as luvas das minhas mãos suadas e senti uma onda de agitação, aquela velha culpa, o colar de mentiras que eu não conseguia deixar de usar, o medo de ser expulsa da casa rosa.

"Não", eu disse, respirando forte. A palavra levou muito tempo para chegar à minha garganta. Um sussurro medroso. Não, não vou pensar nisso. Não vou sentir isso. Não vou deixar isso estragar as coisas. *Não.*

Decidi que ficar deitada ali para escapar do calor era uma ideia boba. Fui até a casa rosa para beber alguma coisa gelada. Se um dia eu conseguisse chegar ao céu depois de tudo que tinha feito, queria ter direito a uns minutos para uma conferência particular com Deus. Queria dizer: *Olhe aqui, eu sei que você tinha boa intenção quando criou o mundo, mas como pôde perder o controle das coisas assim? Por que não continuou ligado à sua ideia original de paraíso?* A vida das pessoas era uma confusão.

Quando cheguei na cozinha, May estava sentada no chão com as pernas estiradas e uma caixa de bolachas no colo. Isso mesmo — eu e May éramos as duas únicas pessoas daquela casa que não conseguiam ficar em paz na cama por mais de cinco minutos.

"Vi uma barata", ela disse, pegando um saco de *marshmallows* que eu não tinha notado que estava ali. Tirou um e picotou com os dedos. A maluca da May.

Abri a geladeira e fiquei olhando o que tinha dentro, como se esperasse que a garrafa de suco de uva pulasse na minha mão dizendo: *Me beba.* Não conseguia prestar atenção ao que May estava fazendo. Às vezes coisas importantes tomam conta da gente com uma lentidão desesperadora, por exemplo, torcer o tornozelo e só sentir dor depois de andar mais um quarteirão.

Eu estava quase terminando de beber um copo de suco quando vi a estradinha de biscoitos quebrados e pedaços de *marshmallow* que May estava construindo no chão, começando na pia e indo até a porta e coberta de farelos dourados e pedaços brancos grudentos.

"As baratas vão seguir por aqui até a porta", ela disse. "Isto sempre funciona."

Fiquei um tempão olhando para aquela trilha no chão, May com o rosto virado para mim, ansiosa para que eu dissesse alguma coisa, mas eu não conseguia falar nada. A cozinha estava tomada pelo zumbido constante do motor da geladeira. Senti uma coisa estranha e espessa dentro de mim. Uma lembrança. Fiquei ali esperando, deixando que a lembrança viesse... *Sua mãe era uma maluca com relação aos insetos*, T. Ray tinha dito. *Fazia trilhas de farelos de bolachas e marshmallows para atrair as baratas para fora*.

Olhei de novo para May. *Quem sabe minha mãe aprendeu o truque das baratas com May*, pensei. *Será possível?*

Desde que eu pus o pé naquela casa rosa uma parte de mim passou a acreditar que minha mãe tinha estado ali. Não exatamente a acreditar, mas a sonhar com essa ideia e a criar um labirinto de ilusões. Mas agora que a possibilidade real estava à minha frente, tudo parecia muito improvável, uma loucura. *Não pode ser*, pensei de novo.

Sentei à mesa. As sombras do final da tarde se introduziram na cozinha. Tinham cor de pêssego e surgiam mais ou menos delineadas. A cozinha estava em silêncio total. Até mesmo o zumbido da geladeira tinha sumido. May, agora de costas, empenhada no seu trabalho, parecia ignorar que eu estava sentada ali.

Minha mãe podia ter aprendido aquilo em um livro, ou talvez com a mãe dela. Como eu sabia que todas as casas não usavam esse método específico para acabar com as baratas? Fui para junto de May sentindo um tremor nos joelhos e pus a mão no seu ombro. *O.k.*, pensei. *Lá vai.* E perguntei:

"May, você já conheceu alguma Deborah? Deborah Fontanel? Uma mulher branca da Virgínia? Deve ter sido há muito tempo."

Não havia um traço de dissimulação em May, e dava para ver que ela não pensaria muito nas respostas. May não olhou para cima, não fez uma pausa, apenas disse:

"Ah, sei, Deborah Fontanel. Ela ficou lá no apiário. Uma pessoa muito doce."

E parou por aí.

Por um instante eu me senti tonta. Precisei me apoiar no guarda-louça para me equilibrar. No chão a trilha de farelos e *marshmallows* parecia quase viva.

Eu tinha um milhão de perguntas a fazer, mas May começou a cantarolar "Oh! Susanna". Depositou a caixa de bolachas no chão e levantou-se devagar, fungando. Alguma coisa sobre Deborah Fontanel tinha mexido com a sua cabeça.

"Eu acho que vou ficar lá junto do muro um pouco", disse. E me deixou ali, de pé no meio na cozinha, com calor e sem ar, meu mundo tinha virado de cabeça para baixo.

Fui caminhando para o apiário, concentrada nos meus pés pisando na lama batida da entrada de carro, nas raízes expostas das árvores, na grama recém-molhada, na terra abaixo de mim, sólida, viva, antiga, todo o tempo ali no meu caminho. Ali e ali e ali, sempre ali. Como uma mãe devia estar.

Ah, sei, Deborah Fontanel. Ela ficou lá no apiário. Uma pessoa muito doce.

No apiário fiquei sentada no catre com os joelhos para cima, segurando-os com os braços, como uma prateleira para meu rosto descansar. Olhei para o chão e para as paredes com novos olhos. Minha mãe tinha andado por aquele quarto. Uma pessoa real. Não alguém que eu tinha inventado, mas uma pessoa real, de carne e osso.

A última coisa que eu esperava é que fosse cair no sono, mas quando a gente leva um choque nosso corpo inteiro quer dormir e sonhar.

Acordei mais ou menos uma hora depois, no espaço aveludado em que a gente não lembra com o que sonhou. Então, de repente, tudo voltou à minha cabeça.

Estou construindo uma trilha de mel em espiral num quarto, que ora parece ser no apiário, ora no meu quarto antigo em Sylvan. Começo em uma porta que nunca vi antes e termino no pé da minha cama. Depois sento no colchão e espero. A porta abre e minha mãe entra. Ela segue o mel, fazendo curvas pelo quarto até chegar na minha cama. Está sorrindo, muito bonita, mas então percebo que ela não é uma pessoa normal. Tem pernas de barata que se projetam pelas suas roupas,

grudam nas costelas e descem pelo tronco, seis pernas, três de cada lado.

Eu não podia imaginar quem tinha posto esse tipo de coisa na minha cabeça. Estava escurecendo e o ar fresco pedia um lençol. Enrolei o meu em volta das pernas. Meu estômago estava enjoado, me sentia prestes a vomitar.

Se eu dissesse agora que nunca pensei sobre esse sonho, nunca fechei os olhos e nunca imaginei minha mãe com pernas de barata, e que nem imaginei por que ela me surgiu assim, com seu lado pior exposto, estaria voltando ao meu velho hábito de mentir. Ninguém gosta de baratas, mas não se pode matá-las. Elas voltam sempre. Experimente livrar-se delas.

Nos dias que se seguiram, eu era uma pilha de nervos. Pulava se alguém derrubasse uma moeda no chão. Na mesa de jantar ficava mexendo na minha comida e olhando para o espaço como se estivesse em transe. Às vezes a imagem da minha mãe com pernas de barata voltava à minha cabeça, e eu engolia uma colherada de mel para acalmar o estômago. Estava tão ansiosa que não conseguia ficar sentada durante os cinco minutos do programa *American Bandstand* na televisão, quando normalmente eu me absorvia nas palavras de Dick Clark.

Vivia andando pela casa, parando aqui e ali para imaginar minha mãe nos vários quartos. Sentada com a saia cobrindo o banco do piano. Ajoelhada ao lado da Nossa Senhora. Estudando a coleção de receitas que May recortava das revistas e prendia na porta da geladeira. Eu via tudo isso com os olhos vidrados, e, quando olhava para cima, percebia que August, June ou Rosaleen me observavam. Calavam a boca e encostavam a mão no meu rosto para ver se eu tinha febre.

E diziam: "O que aconteceu? O que deu em você?".

Eu sacudia a cabeça.

"Nada", mentia. "Nada."

Na verdade eu sentia que estava prestes a dar um grande mergulho, prestes a pular em águas desconhecidas. Águas *perigosas*. Eu só queria adiar um pouco o mergulho, sentir a presença da minha mãe na casa, fingir que não tinha medo da

história que a tinha levado ali ou medo de que ela pudesse me surpreender como tinha feito no sonho, transformando-se em uma criatura feia de seis pernas.

Queria ir até August e perguntar por que minha mãe tinha estado ali, mas meu medo não deixava. Queria saber, e não queria saber. Estava presa no limbo.

No final da tarde de sexta-feira, depois que terminei de limpar a última melgueira e guardar tudo, Zach foi dar uma olhada debaixo do capô da caminhonete do mel. A caminhonete ainda estava meio esquisita, esquentando muito, apesar de Neil ter feito um conserto nela.

Eu voltei para o meu quarto e me sentei no catre. O calor irradiava-se da janela. Pensei em levantar para ligar o ventilador, mas fiquei ali sentada, olhando o céu azul-leitoso pelas vidraças, e uma sensação triste e estranha tomou conta de mim. Eu ouvia a música vinda da caminhonete, Sam Cooke cantando "Another Saturday Night", e May chamando Rosaleen no quintal pedindo para que ela tirasse uns lençóis do varal. E me dei conta de repente de que a vida seguia seu curso normal lá fora, mas eu estava em suspenso, esperando, presa em uma terrível fenda entre viver e não viver minha vida. Não podia continuar esperando o momento propício como se aquilo não tivesse fim, não houvesse fim para o verão. Senti as lágrimas saltarem. Eu tinha de confessar tudo. Não importava o que pudesse acontecer... simplesmente apenas aconteceria.

Fui até a pia e lavei o rosto.

Respirando fundo, enfiei no bolso a imagem da Maria negra da minha mãe e sua foto e fui para a casa rosa procurar August.

Pensei que nos sentaríamos na sua cama ou nas cadeiras de jardim, se os mosquitos não nos incomodassem. Imaginei August dizendo: *O que está acontecendo, Lily? Vamos finalmente ter nossa conversa?* Eu mostraria a imagem de madeira e contaria tudo a ela, depois explicaria sobre a minha mãe.

Isso bem podia ter acontecido, e não o que de fato aconteceu.

Quando eu estava indo para a casa rosa, Zach me chamou da caminhonete:

“Quer ir até a cidade comigo? Tenho de comprar uma mangueira nova para o radiador antes que a loja feche.”

“Vou conversar com August”, respondi.

Ele fechou o capô e limpou as mãos na frente e atrás da calça.

“August está conversando com a Doçura na sala de visitas. Ela apareceu chorando. Ao que parece Otis usou tudo o que eles conseguiram economizar na vida para comprar um barco de pesca de segunda mão.”

“Mas eu tenho uma coisa realmente importante para conversar com ela.”

“Vai ter de entrar na fila. Vamos, a gente volta antes de Doçura ir embora.”

Eu hesitei, depois concordei.

“Tudo bem.”

A loja de peças de automóveis ficava a duas portas do cinema. Quando Zach parou em uma vaga na frente, vi cinco ou seis homens brancos ao lado da cabine de ingresso. Eles estavam andando por ali, examinando os dois lados da rua, como se estivessem esperando alguém, todos muito bem-vestidos, usando gravatas com prendedores como os balconistas e bancários usam. Um deles segurava o que parecia ser o cabo de uma pá.

Zach desligou a caminhonete e olhou para eles através do para-brisa. Um cachorro, um velho beagle com o focinho embranquecido pela idade, saiu da loja de peças de automóveis e começou a farejar alguma coisa na calçada. Zach tamborilou os dedos no volante e suspirou. De repente me dei conta de que era sexta-feira, e que aqueles homens estavam ali esperando Jack Palance chegar com a mulher negra.

Ficamos sentados um instante em silêncio, os sons da caminhonete amplificados. O rinchado de uma mola no assento. O tamborilar dos dedos de Zach. A minha respiração curta.

Então um dos homens gritou, eu dei um pulo e bati com o joelho no porta-luvas. Ele olhou para o outro lado da rua e berrou:

“O que vocês estão olhando aí?”

Zach e eu nos viramos e olhamos pela janela de trás. Três adolescentes negros estavam na calçada, bebendo refrigerantes no gargalo e encarando os homens.

“Vamos voltar aqui outro dia”, eu disse.

“Vai dar tudo certo. Espere aqui um instante”, disse Zach.

Não, não vai dar tudo certo, pensei.

Quando ele estava saindo da caminhonete, eu ouvi os meninos chamarem o seu nome. Eles atravessaram a rua e se aproximaram da caminhonete do mel. Olhando para mim pela janela, deram vários empurrões de brincadeira em Zach. Um deles balançou a mão na cara como se tivesse mordido uma pimenta mexicana.

“Quem está aí com você?”, perguntou.

Eu olhei para eles, tentei sorrir, mas minha cabeça estava nos homens, que nos vigiavam.

Os meninos também notaram, e um deles que mais tarde descobri que se chamava Jackson, disse bem alto: “Vocês devem ser muito burros para acreditar que Jack Palance está vindo para Tiburon”. E todos riram. Até Zach.

O homem que segurava o cabo da pá foi andando na direção do para-choque da caminhonete, olhou para os meninos com aquele semissorriso/semiescárnio, que eu tinha visto milhares de vezes no rosto de T. Ray, o tipo de olhar que evoca o poder sem espaço para o amor, e gritou: “O que você disse, garoto?”.

O barulho da rua desapareceu. O beagle abaixou as orelhas e enfiou-se debaixo de um carro estacionado. Eu vi Jackson serrar os dentes e apertar o maxilar. Vi quando ele levantou a garrafa de refrigerante por cima da cabeça. E a arremessou.

Fechei os olhos quando a garrafa voou da sua mão. Quando abri os olhos de novo havia vidro espalhado por toda a calçada. O homem tinha deixado o cabo da pá cair e apertava o nariz com a mão. O sangue escorria pelos seus dedos.

Ele virou-se para os outros homens.

“Aquele preto rasgou o meu nariz”, falou, parecendo mais surpreso que qualquer outra coisa. Olhou em volta, confuso

por um instante, depois foi até a loja mais próxima deixando um rastro de sangue pelo chão.

Zach e os meninos ficaram ao lado da porta da caminhonete, imóveis, e os outros homens vieram andando e formaram um semicírculo em volta deles, empurrando-os contra a caminhonete.

"Qual de vocês atirou a garrafa?", disse um deles.

Os meninos não abriram a boca.

"Bando de covardes", disse outro homem, pegando o cabo da pá da calçada e bramindo-o no ar na direção dos meninos cada vez que eles se mexiam. "Se disserem qual de vocês jogou a garrafa, os outros três podem ir embora."

Nada.

As pessoas começavam a sair das lojas, juntando-se em grupos. Eu olhei para a cabeça de Zach. Achei que meu coração ia pular do peito, e me debrucei ao máximo para fora tentando ver o que Zach ia fazer. Eu sabia que delatar era a pior coisa do mundo, mas queria que ele apontasse para o garoto e dissesse: *Foi aquele ali. Foi ele que jogou a garrafa.* Assim poderia voltar para a caminhonete e nós iríamos embora.

Vamos, Zach.

Ele virou a cabeça e olhou para mim com o canto do olho. Depois encolheu os ombros ligeiramente, e eu vi que não tinha jeito. Ele não abriria a boca. Estava tentando me dizer: *Sinto muito, mas eles são meus amigos.*

Preferiu ficar ali e ser um deles.

*

Vi Zach e os outros três meninos serem levados para o carro de polícia. Quando o carro saiu, o policial ligou a sirene e a luz vermelha, o que me pareceu desnecessário, mas acho que ele não queria desapontar a plateia da calçada.

Fiquei sentada na caminhonete como se estivesse congelada e o mundo à minha volta também. A multidão se dispersou e todos os carros do centro da cidade foram embora, um a um. As pessoas fecharam as lojas. Olhei pelo para-brisa como se estivesse vendo o fundo de tela que aparecia na televisão de meia-noite em diante.

Passado o choque, tentei pensar no que fazer, em como voltar para casa. Se Zach não tivesse levado as chaves do carro eu poderia ter tentado dirigir até lá, embora não soubesse nem distinguir a embreagem do freio. Não havia nenhuma loja aberta onde eu pudesse pedir para usar o telefone, e quando vi um telefone público do outro lado da rua percebi que não tinha um centavo no bolso. Saí da caminhonete e comecei a andar.

Quando avistei a casa rosa, uma meia hora depois, vi August, June, Rosaleen, Neil e Clayton Forrest reunidos perto das hortênsias. O murmúrio das vozes deles flutuava na luz mortiça. Ouvi o nome de Zach. Ouvi o sr. Forrest dizer a palavra "prisão". Acho que Zach tinha lhe telefonado e ele veio dar a notícia.

Neil estava ao lado de June, que me dissera que os dois não tinham levado a sério o que se disseram aos gritos *não volte nunca mais aqui* e *sua puta egoísta*. Fui andando até lá, sem ser notada. Alguém na estrada estava queimando aparas de grama, o ar à volta tinha um cheiro ácido, e flocos de cinzas voaram por cima da minha cabeça.

Chegando por trás deles eu disse:

"August?"

Ela me puxou para perto.

"Graças a Deus você está aqui. Já ia começar a te procurar."

Contei o que tinha acontecido enquanto caminhávamos para casa. August pôs o braço em volta da minha cintura como se tivesse medo de que eu desmaiasse de novo, mas eu nunca estive tão consciente na vida. O azul das sombras, a forma delas contra a casa, como elas se pareciam com certos animais bravios — um crocodilo, um urso pardo —, o cheiro de Alka-Seltzer por cima da cabeça de Clayton Forrest, seus fios de cabelos brancos, o peso da nossa preocupação que nos grudava no chão. Mal podíamos nos mexer.

Ficamos sentados nas cadeiras com espaldar de ripas em volta da mesa da cozinha, e Rosaleen serviu chá gelado e pôs sanduíches de pimentão e queijo na mesa, como se alguém tivesse vontade de comer. Seu cabelo estava muito bem

penteado, com tranças no alto da cabeça, que May certamente tinha ajudado a fazer depois do jantar.

"E a fiança?", perguntou August.

Clayton limpou a garganta.

"O juiz Monroe está de férias fora da cidade, e ao que parece ninguém vai poder sair da prisão antes da próxima quarta-feira."

Neil levantou-se e foi até a janela. Seu cabelo era cortado rente e atrás formava um quadrado. Tentei me concentrar nisso para não me desesperar. Faltavam cinco dias para a próxima quarta-feira. *Cinco dias.*

"E ele está bem?", June perguntou. "Não está machucado, está?"

"Só tive permissão de ficar um minuto lá", disse Clayton. "Mas ele parecia bem."

Do lado de fora, o céu noturno se movia sobre nós. Eu tinha consciência da forma como Clayton disse *ele parecia bem* — como se todos nós compreendêssemos que isso não era verdade, mas fingíssemos que era.

August fechou os olhos e passou os dedos na testa. Eu vi um ligeiro brilho nos seus olhos — o início das lágrimas. Olhando para aqueles olhos vi um fogo dentro deles. Um fogo de lareira do qual a gente podia depender, no qual a gente podia se aquecer quando sentisse frio, ou cozinhar alguma coisa para preencher nosso vazio. Como se estivéssemos boiando no mundo e contássemos apenas com o fogo úmido dos olhos de August. Mas isso bastava.

Rosaleen olhou para mim e li seus pensamentos. *Só porque você me tirou da cadeia, não pense em tentar nada com Zach.* Então eu compreendi como as pessoas se tornam criminosas. O primeiro crime era o mais difícil. Depois do primeiro vinha a pergunta: *Por que não mais um?* Mais alguns anos na cadeia. Grande coisa.

"O que o senhor vai fazer?", Rosaleen perguntou, olhando para Clayton. Seus seios vinham até a barriga, e as mãos apertavam os quadris. Parecia que ela queria que todos

enchessem a boca com tabaco e fossem direto para a prisão de Tiburon, cuspir no sapato dos guardas.

Dava para ver que Rosaleen também tinha um fogo interno. Não um fogo de lareira, como o de August, mas um fogo que queima a casa toda, se necessário, para limpar a confusão dentro. Rosaleen também lembrava a estátua de Nossa Senhora na sala, e eu pensei: *Se August é o coração vermelho no peito de Maria*, *Rosaleen é o punho*.

"Vou fazer o possível para tirar Zach de lá, mas acho que ele vai ter de ficar preso por algum tempo", disse Clayton.

Enfiei a mão no bolso e, ao sentir a imagem de Maria, lembrei das coisas que tinha planejado dizer para August sobre minha mãe. Mas como podia fazer isso agora, com todo esse horror acontecendo com Zach? Tudo que eu queria dizer teria de esperar, e eu voltaria àquela mesma falta de ânimo de antes.

"Acho que May não deve saber disso", disse June. "Vai fazer mal a ela. Vocês sabem como ela adora esse garoto."

Todos se voltaram para August.

"Você tem razão", ela falou. "Seria demais para May."

"Onde ela está?", perguntei.

"Na cama, dormindo. Ela estava exausta", respondeu Rosaleen.

Eu lembrei que tinha visto May à tarde, junto do muro, tirando um monte de pedras do carrinho de mão. Aumentando o muro. Como se previsse que seria necessário.

A prisão de Tiburon não tinha cortinas como a de Sylvan. Era feita de blocos de concreto cinza, com janelas de metal e pouca iluminação. Seria burrice minha entrar ali. Eu era uma fugitiva da justiça, e não devia entrar numa cadeia onde policiais treinados pudessem me reconhecer. Mas August tinha perguntado se eu queria ir com ela visitar Zach. Como eu poderia dizer que não?

O policial lá de dentro tinha o cabelo cortado à escovinha, era muito alto, ainda mais alto que Neil. Ele não pareceu especialmente contente de nos ver.

"A senhora é mãe dele?", perguntou a August.

Olhei o distintivo com seu nome: Eddie Hazelwurst.

“Sou madrinha”, respondeu August, empertigando-se, como se fossem medir sua altura. “E ela é uma amiga da família.”

O policial virou-se para mim. Parecia intrigado de ver uma menina branca como eu, dizer-se amiga da família. Pegou uma prancheta marrom de uma mesa e ficou apertando o grampo para cima e para baixo enquanto tentava decidir o que fazer conosco.

“Tudo bem, vocês têm cinco minutos”, disse finalmente.

Abriu a porta do corredor que dava em quatro celas enfileiradas de um lado só, cada uma com um garoto negro. O cheiro dos corpos suados e de urina azeda quase me fez vomitar. Tive vontade de apertar o nariz, mas sabia que isso iria parecer um insulto da minha parte. Eles não tinham culpa de estarem cheirando mal.

Estavam sentados em catres presos na parede, e olharam para nós quando passamos. Um garoto jogava um botão na parede, como se fosse algum tipo de jogo. Quando nos viu, parou.

O sr. Hazelwurst nos conduziu até a última cela.

“Zach Taylor, visitas para você”, disse, olhando o relógio.

Quando Zach chegou perto de nós, fiquei imaginando se teriam tirado suas impressões digitais, se o tinham algemado, fotografado, empurrado. Tive vontade de tocar nele por trás das grades, encostar o dedo na sua pele, pois parecia que só pelo toque eu podia ter certeza de que tudo aquilo estava realmente acontecendo.

Quando ficou óbvio que o sr. Hazelwurst não sairia dali, August começou a falar. Falou sobre uma das colmeias criadas na fazenda Haney, que tinha sido enxameada.

“Você sabe qual é, aquela que teve problemas com ácaros.”

Contou com todos os detalhes de como tinha procurado nos pontos altos e baixos da mata, na penumbra, passado pelas plantações de melancia, e finalmente encontrado as abelhas em uma árvore de magnólia, o enxame todo ali como se fosse um grande balão preso nos galhos.

“Tive de usar o funil para jogá-las dentro da caixa, depois fiz com que voltassem para a colmeia de novo.”

Creio que ela estava tentando mostrar a Zach que não descansaria enquanto ele não voltasse para junto de nós. Zach ouviu tudo com os olhos marejados de lágrimas. Parecia aliviado em manter a conversação no nível das abelhas.

Eu tinha ensaiado as frases que queria dizer para ele também, mas não consegui me lembrar de nada. Fiquei parada enquanto August lhe fazia perguntas — como ele estava, de que estava precisando?

Olhei para ele, com ternura e tristeza, procurando entender o que nos tornava tão ligados. Seriam os sofrimentos dentro das pessoas que fazem com que se identifiquem, que criam uma espécie de amor entre elas?

Quando o sr. Hazelwurst disse *Tempo esgotado*, Zach olhou na minha direção. Uma veia saltou acima da sua têmpora. Eu vi a veia tremendo, o sangue pulsando nela. Queria dizer alguma coisa proveitosa, dizer que éramos mais semelhantes do que ele imaginava, mas parecia ridículo falar aquilo. Queria estender a mão pela grade e tocar na sua veia pulsante. Mas também não fiz isso.

"Você está escrevendo no caderno?", ele perguntou, com a expressão e a voz subitamente desesperadas.

Olhei para ele e fiz que sim. Na cela seguinte o garoto, Jackson, deu uma espécie de vaia, que fez com que aquele momento parecesse bobo e barato. Zach olhou para ele com raiva.

"Vamos, já se passaram seus cinco minutos", disse o policial.

August pôs a mão no meu ombro e me empurrou para fora. Zach parecia querer me perguntar alguma coisa. Abriu a boca, mas fechou-a em seguida.

"Vou escrever tudo isso por você. Vou criar uma história", eu disse.

Não sei se era isso que ele queria me perguntar, mas é uma coisa que todo o mundo gosta: que alguém veja o mal que lhes foi causado e registre como uma coisa importante.

Ninguém tinha vontade de sorrir, nem mesmo na frente de May.

Quando ela estava na sala não falávamos sobre Zach, mas também não agíamos como se estivesse tudo cor-de-rosa no mundo. June voltou a tocar violoncelo, como sempre fazia quando o ambiente estava carregado. Uma manhã, quando August ia para o apiário, parou e olhou as marcas de pneu deixadas na entrada pelo carro de Zach. Achei que ela ia cair no choro.

Tudo que eu fazia me parecia pesado e difícil — secar os pratos, ajoelhar para rezar e até mesmo puxar os lençóis para entrar na cama.

No segundo dia do mês de agosto, depois que os pratos do jantar foram lavados e as Aves-Marias rezadas, August disse: "Chega de desânimo por hoje, agora vamos ver o programa de Ed Sullivan". E era o que estávamos fazendo quando o telefone tocou. Até hoje August e June imaginam como nossas vidas teriam sido diferentes se uma delas tivesse atendido o telefone em vez de May.

Lembro que August fez um movimento para atender, mas May estava mais perto.

"Eu atendo", disse.

Ninguém pensou em nada. Estávamos com os olhos pregados na televisão, no programa do sr. Sullivan, que mostrava uns macacos de circo equilibrando-se de patinete na corda bamba.

Quando May voltou para a sala um instante depois, seus olhos se fixaram em cada uma de nós separadamente.

"Era a mãe de Zach", disse. "Por que não me contaram que ele estava preso?"

May parecia muito normal. Por um instante ninguém se mexeu. Ficamos observando-a como se esperássemos que o teto fosse desabar. Mas May continuou ali, com toda a calma possível.

Comecei a pensar que talvez algum tipo de milagre tivesse acontecido e ela estivesse curada.

"Você está bem?", perguntou August, levantando-se da cadeira.

May não respondeu.

"May?", disse June.

Eu até sorri para Rosaleen e balancei a cabeça, como que dizendo, *Dá para acreditar que ela esteja levando isso tão bem?*

Mas August desligou a televisão, estudou a atitude de May e franziu o rosto.

A cabeça de May estava virada para o lado, os olhos fixos em um quadro com uma gaiola em ponto de cruz pendurado na parede. De repente percebi que seus olhos não estavam vendo o quadro. Olhavam para o vazio absoluto.

August aproximou-se dela.

"Responda, May. Você está bem?"

Naquele silêncio ouvi a respiração de May tornar-se alta e irregular. Ela deu vários passos para trás, até chegar na parede. Depois escorregou o corpo para o chão sem fazer nenhum som.

Não tenho certeza se no momento em que escorregou May tinha ido parar num lugar inatingível dentro de si própria. Nem mesmo August e June perceberam isso imediatamente. Continuaram a chamar seu nome como se ela tivesse apenas perdido a audição.

Rosaleen abaixou-se junto de May e falou alto, tentando alcançá-la.

"Zach vai ficar bem. Não precisa se preocupar. O sr. Forrest vai tirar Zach da cadeia na quarta-feira."

May olhava para a frente como se Rosaleen não estivesse ali.

"O que aconteceu com ela?", June perguntou, e pude sentir um tom de pânico em sua voz. "Eu nunca vi May assim."

May estava ali mas não estava. Suas mãos estavam largadas no colo, com as palmas para cima. Ela não soluçava. Não se balançava para a frente e para trás. Não puxava as tranças do cabelo. Continuava quieta, diferente.

Virei a cabeça para o teto, porque não queria mais ver aquilo.

August foi à cozinha e voltou com um pano de prato cheio de gelo. Fez a cabeça de May descansar no seu ombro por um instante, depois levantou o rosto da irmã e apertou a toalha na sua testa, têmporas e pescoço. Ficou com a toalha ali durante

vários minutos, depois a largou no chão e deu uns tapinhas no rosto de May.

May piscou umas duas vezes e olhou para August. Olhou para todas nós, confusas à sua volta, como se estivesse voltando de uma longa viagem.

"Está se sentindo melhor?", August perguntou.

May assentiu.

"Vou ficar bem." Suas palavras saíram estranhas e monótonas.

"Estou contente de ver que você pode falar", disse June. "Vamos tomar um banho de banheira."

August e June ajudaram May a se levantar.

"Eu vou para o muro", disse May.

June sacudiu a cabeça.

"Está ficando escuro."

"Só um instantinho", May insistiu. Foi para a cozinha, seguida por todas nós. Abriu a gaveta do armário, tirou uma lanterna, seu bloco, um toco de lápis, e dirigiu-se para a varanda. Eu a imaginei escrevendo *Zach está preso* e enfiando o papel em uma fresta do muro.

Senti que alguém devia pessoalmente agradecer a todas as pedras dali pelo sofrimento humano que elas absorviam. Devíamos beijá-las uma a uma e dizer: *Sentimos muito, mas alguma coisa forte e duradoura tinha de fazer isso por May, e vocês foram escolhidas. Deus abençoe seus corações de pedra.*

"Vou com você", disse August.

May falou por cima do ombro:

"Não, por favor, August, só eu."

August começou a protestar.

"Mas..."

"Só eu", May repetiu, virando o rosto para nós. "Só eu."

Ficamos vendo-a descer os degraus da varanda e passar pelas árvores. Há coisas na vida que a gente não consegue esquecer, por mais que tente, e aquela cena foi uma delas. May passando pelas árvores com o facho de luz iluminando seu caminho e depois sendo tragada pela escuridão.

10

A vida da abelha é curta. Na primavera e no verão, os períodos em que mais trabalham à procura de alimento, a abelha-operária não vive mais que quatro a cinco semanas... Ameaçadas por todo tipo de perigo durante os voos em busca de alimento, muitas operárias morrem antes mesmo de atingir essa idade.

The Dancing Bees

Permaneci sentada na cozinha com August, June e Rosaleen enquanto a noite caía ao redor da casa. May já estava no muro havia cinco minutos quando August se levantou e começou a andar de um lado para outro. Foi até a varanda e olhou na direção do muro.

Depois de vinte minutos disse: "Agora chega. Vamos buscar May".

Pegou a lanterna na caminhonete e saiu, e June, Rosaleen e eu fomos atrás dela nos apressando para acompanhá-la. Um pássaro noturno cantava no galho de uma árvore com todo o vigor, como se tivesse sido posto ali para celebrar a lua no alto do céu.

"Ma-a-a-a-a-y", August gritou. June gritou também, depois Rosaleen e eu. Fomos chamando seu nome, mas não ouvimos nenhum som de volta. Só o pássaro noturno continuava a cantar para a lua.

Depois de andarmos de uma ponta à outra do muro de lamentações, voltamos e fizemos o mesmo percurso de novo, como se dessa vez fôssemos encontrar May. Andamos mais devagar, olhamos mais de perto, gritamos mais alto. Dessa vez May estaria ajoelhada ali com a bateria da lanterna esgotada. E pensaríamos: *Meu Deus, como não vimos May aqui da primeira vez?*

Como não a encontramos, entramos na mata por trás do muro, chamando o nome dela cada vez mais alto, até ouvirmos

a rouquidão das nossas gargantas, mas nenhuma de nós ousou dizer: *Alguma coisa horrível aconteceu*.

Apesar da noite, o calor estava pior do que nunca, e eu podia sentir o cheiro dos nossos corpos úmidos e quentes enquanto vasculhávamos a mata com o facho de luz. Finalmente August disse: "June, vá até a casa e chame a polícia. Diga que precisamos de ajuda para encontrar nossa irmã. Quando desligar, ajoelhe-se em frente à Nossa Senhora e peça que ela cuide de May, depois volte para cá. Nós vamos andar até o riacho".

June saiu correndo. Podíamos ouvir seus passos rápidos pelo mato quando fomos para os fundos da propriedade, onde o riacho passava. As pernas de August mexiam-se cada vez mais depressa. Rosaleen lutava para acompanhar seu ritmo, arfando.

Quando chegamos no riacho paramos um instante. Eu já estava em Tiburon havia algum tempo e sabia que a lua cheia desaparecia e voltava toda hora, cobria o riacho de luz, entrando e saindo das nuvens. Olhei para uma árvore na margem oposta, com as raízes expostas e retorcidas, e senti um gosto metálico e seco vindo do fundo da garganta e se espalhando na língua.

Tentei pegar a mão de August, mas ela tinha se virado para a direita e caminhava ao longo da margem, chamando o nome de May.

"Ma-a-a-a-a-y."

Rosaleen e eu fomos andando atrás dela com nosso passo trôpego, tão perto que devíamos parecer, para as criaturas noturnas, um único organismo enorme de seis pernas. Fiquei surpresa quando a oração que fazíamos toda noite depois do jantar, com o terço, começou por conta própria no fundo da minha cabeça. Podia ouvir cada palavra claramente. *Ave Maria*, *cheia de graça*, *o Senhor é convosco*. *Bendita sois entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre*, *Jesus*. *Santa Maria*, *mãe de Deus*, *rogai por nós pecadores*, *agora e na hora de nossa morte*. *Amém*.

Só quando August disse: "*Ótimo*, *Lily*, *nós todas deveríamos rezar*", que eu percebi que estava fazendo a oração em voz alta. Não sabia se estava fazendo uma prece ou murmurando

aquelas palavras para afastar o medo. August repetiu as palavras comigo, e Rosaleen também. Fomos andando ao longo do riacho com as palavras descendo por trás de nós como se fossem fitas na noite.

Quando June voltou, trazia outra lanterna que encontrara em algum lugar da casa. O facho de luz estremeceu quando ela atravessou a mata.

"Aqui", gritou August, virando sua própria lanterna na direção das árvores. Esperamos June chegar na margem do riacho.

"A polícia está vindo", ela disse.

A polícia está vindo. Olhei para Rosaleen, e os cantos da sua boca viraram para baixo. Os policiais não tinham me reconhecido naquele dia em que fui visitar Zach na cadeia; esperava que não reconhecessem Rosaleen também.

June gritou o nome de May e abriu caminho pela margem do riacho, mergulhando na escuridão com Rosaleen, mas August agora caminhava mais devagar, cuidadosamente. Eu fiquei atrás dela, dizendo ave-marias para mim mesma, cada vez mais depressa.

De repente August estacou. Eu parei também. E não ouvi mais o pássaro noturno cantando.

Não desviei meus olhos de August. Ela estava tensa e alerta, olhando a margem. Olhando para alguma coisa que eu não conseguia ver.

"June", chamou, com uma voz baixa e estranha, mas June tinha se adiantado pelo caminho e não ouviu. Só eu ouvi.

O ar estava espesso e carregado, espesso demais para se respirar. Dei um passo para junto de August, e fiz meu cotovelo tocar no seu braço, precisando sentir seu peso ao meu lado; e então vi a lanterna de May apagada sobre o chão molhado.

Hoje me parece estranho lembrar que ficamos ali paradas mais de um minuto, eu esperando que August dissesse alguma coisa, mas ela não deu uma palavra, nem se mexeu, concentrada naquele último momento. Um vento soprou, deixando o som passar pelos galhos das árvores, batendo em nossos rostos como o vapor do forno, como uma brisa súbita

do inferno. August olhou para mim, depois jogou o foco da lanterna na água.

A luz varreu a superfície, salpicando a água de manchas douradas, até parar abruptamente. May estava caída dentro do riacho, logo abaixo da superfície, com os olhos bem abertos, sem piscar, e sua saia espalhava-se para o lado, balançando na correnteza.

Ouvi um ruído vindo dos lábios de August, um gemido suave.

Agarrei o seu braço freneticamente, mas ela me afastou, jogou a lanterna no chão e entrou no riacho.

Eu entrei atrás dela. A água cobria minhas pernas, fazendo-me cair no fundo escorregadio. Tentei agarrar-me à saia de August mas não consegui. Subi à superfície cuspindo água.

Quando cheguei perto de August, ela estava olhando para sua irmã caçula.

"June!", gritou. "*June!*"

May jazia sob sessenta centímetros de água com uma enorme pedra de rio em cima do peito. A pedra pressionava seu corpo, mantendo-o no fundo. Ao olhar para ela, pensei: *Ela vai se levantar agora. August vai rolar a pedra e May vai subir para respirar, e nós vamos voltar para casa e secá-la.* Tive vontade de me abaixar para tocá-la, sacudir seu ombro. Ela não podia ter morrido ali naquele riacho. Era impossível.

As únicas partes dela que não estavam submersas eram suas mãos. Elas flutuavam, as palmas viradas para cima boiando na superfície, a água passando entre seus dedos. Mesmo hoje essa é a imagem que me acorda no meio da noite, não os olhos de May, abertos e fixos, nem a pedra por cima do seu peito como uma lápide. Mas as suas mãos.

June veio cambaleando pela água. Quando alcançou May, pôs-se ao lado de August, arfando, com os braços caídos ao lado do corpo.

"Oh, May", murmurou olhando para o lado, fechando os olhos com força.

Ao olhar para a margem, vi Rosaleen dentro da água até os tornozelos, o corpo inteiro tremendo.

August ajoelhou-se na água e tirou a pedra do peito de May. Segurando-a pelos ombros puxou-a para cima. O corpo fez um som horrível de sucção quando atingiu a superfície. A cabeça virou para trás, e eu vi pela sua boca parcialmente aberta os dentes cobertos de lama. As algas do riacho tinham se prendido nas suas tranças. Desviei o olhar. E então compreendi. *May estava morta*.

August compreendeu também, mas pôs o ouvido no peito de May, tentando ouvir sua respiração. Depois de um minuto desistiu, pôs a cabeça dela no *seu* peito, como se quisesse que May ouvisse agora o *seu* coração.

"Nós perdemos a May", disse August.

Eu comecei a tremer. Podia ouvir meus dentes baterem uns contra os outros dentro da boca. August e June puseram os braços em volta do corpo de May e lutaram para carregá-la até a margem. Ela estava ensopada, inchada. Eu a segurei pelos tornozelos para aliviar o peso. Pelo visto o riacho tinha carregado seus sapatos.

Quando ela foi deitada no chão, uma golfada de água saiu pela sua boca e pelo seu nariz. Eu pensei: *Foi assim que Nossa Senhora apareceu no rio perto de Charleston*. E pensei também: *Olhe os dedos dela, as mãos. São tão preciosos*.

Imaginei como May tinha rolado a pedra da margem até o rio, depois se deitado, puxando-a para cima do peito. Devia ter apertado a pedra com força, como um bebê, e esperado os pulmões se encherem. Fiquei pensando se no último instante ela tinha se debatido para chegar à superfície, ou se tinha morrido sem lutar, abraçando a pedra, deixando-a sugar toda a tristeza que sentia. Pensei nos bichos que tinham nadado por ali enquanto ela morria.

June e August, encharcadas, ficaram lado a lado, enquanto os mosquitos cantavam nos nossos ouvidos e o riacho seguia seu curso, descendo pela escuridão. Eu sabia que elas também tinham imaginado os últimos momentos de May, mas não vi nenhuma expressão de horror nos seus rostos, só uma aceitação de cortar o coração. Sem perceber, elas tinham esperado por isso durante metade de suas vidas.

August tentou fechar os olhos de May com os dedos, mas eles ficaram semicerrados.

"Foi assim com April também", disse June.

"Ilumine o rosto de May para mim", falou August com calma e clareza. Eu mal podia ouvir suas palavras de tanto que meu coração batia.

Com a ajuda do precário facho de luz, August tirou as folhinhas verdes grudadas nas tranças do cabelo de May e enfiou-as no bolso.

August e June rasparam todos os vestígios do rio depositados na pele e nas roupas da irmã, e Rosaleen, pobre Rosaleen, que eu percebi que tinha perdido sua nova melhor amiga, ficou ali sem pronunciar uma só palavra, com o queixo tremendo tanto que tive vontade de segurá-lo para ela.

Então um som que eu nunca esquecerei saiu da boca de May — um suspiro longo, borbulhante — e nós nos entreolhamos, confusas, com uma certa esperança, como se o milagre dos milagres estivesse prestes a ocorrer. Mas era só um pouco do ar engolido que de repente se desprendeu. O ar passou pelo meu rosto, cheirando à água do rio, como um pedaço de madeira velha mofada.

Olhei para o rosto de May e senti uma onda de náusea. Cambaleando pelas árvores, dobrei o corpo e vomitei.

Depois de limpar a boca na barra da saia ouvi um som na escuridão, um grito tão penetrante que fez o meu coração bater forte. Olhei para trás e vi August iluminada pela lanterna de June. O som vinha do fundo da sua garganta. Quando se desvaneceu, ela deixou a cabeça cair no peito ensopado de May.

Eu me segurei com força no tronco de um cedrinho, como se tudo que tinha fosse escoar pelas minhas mãos.

"Então você é órfã?", o policial falou. Era Eddie Hazelwurst, aquele homem alto, de cabelo à escovinha, que tinha nos escoltado quando August e eu fomos visitar Zach.

Rosaleen e eu nos sentamos nas cadeiras de balanço da sala de visitas, e ele ficou na nossa frente com um caderninho de anotações na mão, pronto para captar todas as palavras. O

outro policial estava lá fora examinando o muro das lamentações, não consegui imaginar o porquê.

Minha cadeira balançava com tanta velocidade que eu estava quase caindo. Mas Rosaleen manteve-se imóvel, com o rosto abaixado.

Assim que voltamos para casa, depois que encontramos May, August tinha ido encontrar os policiais e mandou que eu fosse lá para cima com Rosaleen.

"Vá lá para cima se secar", disse para mim.

Eu tirei os sapatos e me esfreguei com uma toalha, e nós ficamos espiando pela janela. Vimos os homens da ambulância trazerem o corpo de May numa maca, e ouvimos os dois policiais fazerem todo tipo de perguntas para August e June. As vozes flutuavam pela escada. *Ela andava deprimida ultimamente. Na verdade, entrava e saía de depressões o tempo todo. Era uma moça doente. Não sabia distinguir o sofrimento dos outros do seu próprio. Não, ela não deixou nenhum bilhete. Uma autópsia? Tudo bem, nós compreendemos.*

O sr. Hazelwurst queria falar com todos, então descemos. Eu contei exatamente o que aconteceu desde que May atendeu o telefone até o momento em que a encontramos no riacho. Então ele começou a fazer perguntas pessoais. Eu não era aquela menina que tinha ido à cadeia na semana anterior visitar um dos garotos negros? O que eu estava fazendo ali? Quem era Rosaleen?

Eu expliquei que tinha perdido minha mãe quando era pequena e que meu pai tinha morrido num acidente de trator no começo do verão, a história que inventei quando tinha chegado. Rosaleen era minha babá, eu disse, "Acho que o senhor diria que eu sou uma órfã", falei. "Mas tenho parentes na Virginia. O último desejo do meu pai ao morrer foi que eu passasse a viver com minha tia Bernie. Ela está esperando que eu vá para lá com Rosaleen. Vai me mandar as passagens de ônibus ou vai vir me buscar aqui. Está sempre dizendo: 'Lily, estou louca para você vir para cá'. E eu digo: 'Nós vamos para aí antes do começo das aulas'. Eu vou para a segunda série do segundo ciclo, mal posso acreditar."

Ele apertou os olhos como se estivesse tentando seguir a minha história. Eu estava quebrando todas as regras das mentiras de sucesso. *Não fale demais*, disse para mim mesma, mas não conseguia parar.

"Estou muito contente de ir morar lá com ela. Minha tia é muito legal. O senhor nem imagina quanta coisa ela me mandou nos últimos anos. Especialmente bijuterias e ursinhos de pelúcia. Um urso atrás do outro."

Felizmente August e June não estavam presentes para ouvir aquilo. Tinham ido buscar a caminhonete do mel para seguir a ambulância, para garantir que o corpo de May estaria seguro aonde quer que fosse levado. Pena que Rosaleen estava na sala. Tive medo de que ela me entregasse e dissesse: *A verdade é que nós viemos parar aqui depois que Lily me tirou da prisão.* Mas ela estava cabisbaixa, completamente muda.

"Como é mesmo seu sobrenome?", ele perguntou.

"Williams." Eu já tinha lhe dito isso duas vezes, e fiquei pensando quais eram os requisitos educacionais para entrar para a polícia em Tiburon. De certo os mesmos que em Sylvan.

Ele parecia ainda mais alto.

"O que eu não entendo é o que você está fazendo aqui, se vai morar com sua tia na Virginia?"

Aí vai a tradução: *Eu estou completamente confuso, não sei o que uma menina branca como você está fazendo nessa casa de gente de cor.*

Respirei fundo.

"Bom, minha tia Bernie precisou ser operada. Problemas femininos. Então Rosaleen disse: 'Por que eu e você não ficamos com a minha amiga August Boatwright em Tiburon até sua tia Bernie melhorar?' Não fazia sentido irmos para lá enquanto ela estava no hospital."

Ele escreveu tudo isso no caderno de anotações. *Por quê?* Tive vontade de gritar com ele: *O problema não é comigo nem com Rosaleen ou com a operação da tia Bernie. O problema é com May. Ela morreu, será que o senhor não notou?*

Eu devia estar no meu quarto chorando e ali estava eu com aquele homem, tendo a conversa mais imbecil da minha vida.

“Você não tinha nenhuma família amiga branca em Spartanburg com quem pudesse ficar?”

Tradução: *Qualquer coisa seria melhor do que ficar na casa de umas pretas.*

“Não, senhor. Eu não tinha muitas amigas. Por alguma razão eu não me encaixava bem naquele ambiente. Acho que era por causa das minhas notas altas. Uma senhora da igreja disse que eu podia ficar na sua casa até tia Bernie melhorar, mas ela teve uma herpes brava e lá se foi a minha chance.”

Meu Deus, alguém tem de me fazer parar.

O policial olhou para Rosaleen.

“Como você conheceu August?”

Eu prendi a respiração e percebi que minha cadeira tinha parado de balançar.

“August é prima-irmã do meu marido”, disse Rosaleen. “Eu e ela ficamos juntas depois que meu marido me largou. August era a única pessoa da família dele que sabia da sua calhordice.” Olhou para mim como se dissesse: *Está vendo? Não é só você que consegue inventar mentiras com facilidade.*

Ele fechou o caderno de notas e mandou que eu o seguisse até a porta. Quando chegamos lá fora, disse: “Siga o meu conselho, telefone para sua tia e peça para ela vir te buscar logo, mesmo que não esteja cem por cento boa. Essas mulheres são pessoas de cor. Entendeu o que eu estou dizendo?”.

Eu franzi a testa.

“Não, senhor, acho que não entendi.”

“Estou dizendo que não é natural, que você não devia... se rebaixar.”

“Ah!”

“Vou voltar em breve, e espero não te encontrar mais aqui. O.k.?”, Ele deu um sorriso e pôs a mão gigantesca na minha cabeça como se nós fôssemos duas pessoas brancas que se entendiam em segredo.

“O.k.”

Fechei a porta quando ele se foi. Não sei como tinha aguentado tudo aquilo. Voltei para a sala, já soluçando.

Rosaleen pôs os braços à minha volta, e eu vi as lágrimas descendo pelo seu rosto também.

Subimos as escadas e fomos para o quarto onde ela dormia com May. Rosaleen puxou os lençóis da sua cama e disse:

"Deite aí."

"Mas onde você vai dormir?"

"Ali", respondeu, tirando a coberta da cama de May, a colcha rosa e marrom que May tinha tricotado. Rosaleen se deitou e enfiou a cara nas dobras do travesseiro. Eu sabia que ela estava sentindo o cheiro de May.

Achei que iria sonhar com May, mas quando caí no sono foi Zach que veio à minha cabeça. Não sei dizer o que acontecia naquele sonho, mas acordei arfando um pouco, e percebi que tinha sonhado com ele. Ele parecia real e próximo de mim, como se eu pudesse encostar os dedos no seu rosto. Depois me lembrei onde ele estava, e senti um peso insuportável. Imaginei seu catre com os sapatos embaixo, e ele acordado naquele momento, olhando para o teto, ouvindo os outros garotos respirarem.

Do outro lado do quarto um barulhinho me assustou e passei por um daqueles momentos estranhos em que a gente não sabe bem onde está. Ainda meio dormindo, pensei que estivesse no apiário, mas aí ouvi o ronco de Rosaleen na outra cama. E então lembrei de May. Lembrei de May dentro do riacho.

Tive de me levantar, ir até o banheiro e jogar um pouco de água no rosto. Estava lá com a luz do abajur iluminando o ambiente quando olhei para baixo e vi a banheira com as meias vermelhas que May tinha vestido nos pés de porcelana. E então sorri, não teve jeito. Era o lado de May que eu não queria esquecer nunca.

Fechei os olhos e suas melhores imagens vieram à minha cabeça. Vi as trancinhas dela brilhando no esguicho, seus dedos arrumando as migalhas de bolachas, trabalhando com afinco para salvar a vida de uma única barata. O chapéu que ela usou no dia em que dançou conga com as Filhas de Maria. Mas vi

principalmente a luz de amor e angústia que aparecia tantas vezes no seu rosto.

No final, essa luz acabou queimando-a.

Depois da autópsia, depois que a polícia oficializou o suicídio, depois que a casa funerária deixou May o mais bonita possível, ela voltou para a casa rosa. No início da manhã de quarta-feira, dia 5 de agosto, um carro fúnebre preto parou na entrada da casa, e quatro homens de terno escuro carregaram o caixão de May para a sala. Quando eu perguntei a August por que May estava entrando pela porta da frente no caixão ela respondeu: "Nós vamos velar seu corpo até ela ser enterrada".

Eu não esperava isso, pois todo mundo que conhecia em Sylvan levava seus entes queridos direto da funerária para o cemitério.

August disse: "Nós vamos ficar sentadas aqui para nos despedirmos dela. É o que se chama de vigília. Às vezes as pessoas têm dificuldade em deixar os mortos ir embora, não conseguem se despedir. A vigília nos ajuda a fazer isso."

Se o corpo de uma pessoa fica *dentro* da sala de visitas, certamente as coisas se tornam mais fáceis. Era estranho pensar no corpo de alguém dentro de casa, mas se isso nos ajuda a dizer adeus, tudo bem, dava para entender.

"Vai ajudar a May também", disse August.

"Ajudar a May?"

"Você sabe que todos nós temos um espírito, Lily, e quando morremos o espírito volta para Deus, mas ninguém sabe realmente quanto tempo isso leva. Pode levar um segundo, ou pode levar uma ou duas semanas. De todo modo, sentadas aqui com May, nós estamos dizendo: 'Tudo bem, May, nós sabemos que aqui é a sua casa, mas está na hora de partir agora. Vá em paz'."

August mandou que deixassem o caixão com rodinhas diante da Nossa Senhora das Correntes e o deixassem aberto. Depois que os agentes funerários se foram, August e Rosaleen dirigiram-se ao caixão e olharam para May, mas eu não. Fiquei andando por ali, me examinando nos vários espelhos, e a uma certa hora June desceu com o violoncelo e começou a tocar.

Tocou “Oh! Susanna”, e nós todas sorrimos. Não há nada como uma pequena brincadeira em um velório para ajudar a relaxar. Fui para perto do caixão e fiquei ali entre August e Rosaleen.

Era a mesma May, só que sua pele estava esticada nos ossos do rosto. A luz do abajur que iluminava o caixão lhe dava uma espécie de brilho. Ela estava vestida com uma roupa azul-real que eu nunca tinha visto, com botões de pérola e gola de marinheiro, e com seu chapéu azul. Parecia que de um minuto para o outro abriria os olhos e sorriria para nós.

Foi essa mulher que ensinou à minha mãe tudo que se deve fazer para acabar com as baratas de uma forma gentil. Contei nos dedos havia quantos dias May tinha me contado que minha mãe tinha estado ali. Seis. Mas parecia seis meses. Eu ainda queria muito contar a August toda aquela história. Podia ter contado para Rosaleen, mas era para August que eu queria contar. Ela era a única pessoa que sabia o que tudo aquilo significava.

De pé ao lado do caixão, olhando para August, tive uma necessidade urgente de falar com ela naquele momento. Botar tudo para fora. *Eu não sou Lily Williams*, *sou Lily Owens*, *e* a minha mãe *esteve aqui*. *May me contou*. E então eu contaria a história toda. Se alguma coisa terrível tivesse de acontecer, aconteceria. Mas quando cheguei mais perto, vi que ela secava as lágrimas com a mão e procurava um lenço no bolso, e então percebi que seria egoísmo da minha parte jogar tudo em cima dela naquele momento em que todos choravam a perda de May.

June tocava com os olhos fechados, como se a chegada do espírito de May ao céu dependesse apenas dela. Eu nunca tinha ouvido uma música assim, que me fez pensar que a morte nada mais era senão uma passagem.

August e Rosaleen finalmente se sentaram, mas depois que eu fui para junto do caixão descobri que não conseguia sair dali. Os braços de May estavam cruzados no peito, como asas dobradas sobre si mesmas, uma pose que não me agradava. Peguei a mão dela. Estava gelada de cera, mas não me importei. *Espero que você seja mais feliz no céu*, eu disse. *Espero que não precise de nenhum muro lá*. *E se vir Maria*, *Nossa Senhora*, *diga que sabemos*

que Jesus é o grande nome aqui embaixo, mas nós estamos tentando ao máximo manter a memória dela. Por alguma razão eu senti nitidamente que o espírito de May estava pairando em um canto do teto e ouvia todas aquelas palavras, embora eu não estivesse falando em voz alta.

E eu gostaria que você procurasse a minha mãe. Diga a ela que me viu, que estou afastada de T. Ray pelo menos por enquanto. Diga a ela o seguinte: "Lily gostaria de receber um sinal para saber que você a ama. Não precisa ser nada grande, mas por favor mande algum tipo de sinal".

Soltei o ar com força, ainda segurando a mão dela, pensando como seus dedos eram grandes junto dos meus. *Eu acho que isso é uma despedida*, falei para ela. Senti um calafrio e minhas pestanas começaram a queimar. Lágrimas escorreram pelo meu rosto e mancharam o vestido dela.

Antes de sair dali, dei uma ajeitada em May. Dobrei suas mãos e enfiei-as debaixo do queixo como se ela estivesse pensando seriamente no seu futuro.

Às dez horas daquela manhã, enquanto June tocava mais músicas para May e Rosaleen mexia na cozinha, fui me sentar nos degraus da varanda com meu caderno para tentar escrever, mas na verdade minha atenção se voltava para August. Ela tinha ido ao muro das lamentações. Fiquei imaginando-a lá soltando sua tristeza no espaço entre as pedras.

Quando vi que ela voltava, parei de escrever e fiquei rabiscando nas margens do caderno. Ela fez uma pausa no quintal e olhou na direção da entrada da casa, protegendo os olhos do sol.

"Olhem quem vem lá!", disse e saiu correndo.

Eu nunca tinha visto August correr e não acreditava que ela pudesse atravessar o gramado tão depressa, as pernas compridas esticando-se debaixo da saia.

"É Zach!", gritou para mim, e eu larguei o caderno e saí correndo atrás dela.

Ouvi Rosaleen por trás de mim na cozinha gritar para June que Zach estava ali, ouvi a música de June parar no meio de uma nota. Quando cheguei na entrada da casa ele estava saindo

do carro de Clayton. August abraçou-o com força. Clayton olhou para o chão e sorriu.

Quando August soltou Zach eu vi como ele estava magro. Ficou ali me olhando, mas eu não consegui entender a expressão do seu rosto. Fui para junto dele, esperando dizer a coisa certa. Uma brisa fez com que uma mecha do meu cabelo cobrisse meu rosto, e ele puxou-a para o lado. Depois me puxou com força para junto do seu peito e me manteve assim por um instante.

"Você está bem?", perguntou June, segurando o rosto dele entre as mãos. "Nós ficamos muito preocupadas."

"Eu estou bem *agora*", disse Zach. Mas alguma coisa que eu não sabia identificar tinha desaparecido do seu rosto.

Clayton disse: "A menina que vende ingressos no cinema aparentemente viu a coisa toda. Eu conversei muito com ela, e, finalmente, ela disse à polícia qual dos meninos tinha jogado a garrafa. Então retiraram a queixa contra Zach".

"*Graças a Deus!*", disse August, e todas nós parecemos respirar ao mesmo tempo.

"Nós só passamos para dizer que sentimos muito o que aconteceu com May", disse Clayton. Ele abraçou August e depois June. Quando se virou para mim e colocou as mãos nos meus ombros, foi quase um abraço.

"Lily, que bom ver você de novo", disse, olhando em seguida para Rosaleen, que estava atrás do carro. "E você também, Rosaleen."

August pegou a mão de Rosaleen e puxou-a. Continuou de mãos dadas com ela, como fazia com May às vezes, e eu percebi que ela gostava de Rosaleen. Que gostaria de trocar seu nome para July e torná-la uma de suas irmãs.

"Eu não pude acreditar quando o sr. Forrest me contou sobre May", disse Zach.

Ao entrarmos em casa para que Clayton e Zach pudessem ver o caixão, fiquei pensando: *Eu gostaria de ter enrolado meu cabelo. Gostaria de ter feito um desses penteados novos de colmeia de abelha*.

Nós todos nos reunimos em volta de May. Clayton abaixou a cabeça, mas Zach olhou o rosto dela.

Ficamos de pé ali um tempão. Rosaleen murmurou alguma coisa, mas logo se calou.

Olhei para Zach, e vi seu rosto molhado de lágrimas.

"Sinto muito", disse. "Foi minha culpa. Se eu tivesse entregado o garoto que jogou a garrafa, não teria sido preso e nada disso teria acontecido."

Eu achava que ele nunca saberia que sua prisão tinha feito May se afogar no riacho. Mas era esperar demais.

"Quem te contou?", perguntei.

Ele fez um gesto com a mão como se aquilo não importasse.

"Minha mãe ouviu a notícia pelo Otis. Não queria me contar, mas sabia que alguém ia acabar contando mais cedo ou mais tarde." Limpou as lágrimas e acrescentou: "Eu gostaria de ter...".

August aproximou-se e tocou no braço de Zach.

"Eu também posso dizer que se tivesse contado logo para May que você tinha sido preso, em vez de esconder dela, nada disso teria acontecido. Ou se não tivesse deixado May ir para o muro naquela noite, nada disso teria acontecido. Se não tivesse esperado tanto tempo para procurar May lá fora...", ela parou, e olhou para o corpo de May. "Foi May que fez isso, Zach."

Mas tive medo de que a culpa desse um jeito de se grudar neles. A culpa é assim.

"Você bem podia me ajudar a cobrir as colmeias agora", disse August para Zach quando eles estavam indo embora. "Lembra como fizemos quando Esther morreu?", e virando-se para mim falou: "Esther era uma Filha de Maria que morreu no ano passado".

"É claro, eu posso ficar para ajudar", disse Zach.

"Quer vir também, Lily?", August perguntou.

"Quero sim." Cobrir as colmeias. Eu não tinha ideia do que fosse, mas não perderia isso nem por cinquenta dólares.

Depois que Clayton se despediu, nós vestimos os chapéus e véus e fomos cuidar das abelhas, levando um verdadeiro arsenal de tecido de crepe preto cortado em quadrados

gigantes. August nos ensinou a cobrir cada melgueira com um quadrado, prendendo-o com um tijolo e deixando a porta aberta para a entrada das abelhas.

Eu vi que August ficava um instante diante de cada colmeia, com os dedos trançados debaixo do queixo. *Para que você está fazendo isso?* Eu queria perguntar, mas me pareceu um ritual sagrado que não deveria ser interrompido.

Quando cobrimos todas as colmeias, fomos para debaixo dos pinheiros e ficamos olhando aquela cidadezinha de prédios pretos. Uma cidade de luto. Até mesmo o zumbido parecia triste debaixo das coberturas pretas, um zumbido baixo e longo, como as sirenes de nevoeiro devem soar através do mar à noite.

August tirou o chapéu e foi se sentar nas cadeiras de jardim da varanda de trás, seguida por mim e Zach. Ficamos ali de costas para o sol, olhando para o muro de lamentações.

"Há muito tempo os criadores de abelhas costumavam cobrir suas colmeias quando alguém da família morria", disse August.

"Por quê?", perguntei.

"Eles pensavam que se cobrissem as colmeias as abelhas não sairiam. A última coisa que queriam era que suas abelhas partissem num enxameamento quando ocorria uma morte. Ter abelhas por perto era uma garantia de que a pessoa voltaria a viver de novo."

Meus olhos se arregalaram.

"Verdade?"

"Conte para ela sobre Aristeu", disse Zach.

"Ah, sim, Aristeu. Todo criador de abelhas devia conhecer essa história." August sorriu para mim de uma forma que senti que estava prestes a chegar à Parte Dois da iniciação dos criadores de abelhas. A Parte Um tinha sido a picada. "Aristeu foi o primeiro criador de abelhas. Um dia todas as suas abelhas morreram, um castigo dos deuses por alguma coisa errada que ele tinha feito. Os deuses mandaram que ele sacrificasse um touro para mostrar que estava arrependido, voltasse até a carcaça nove dias depois e olhasse dentro dela. Aristeu fez exatamente o que mandaram, e quando voltou, viu um enxame

de abelhas saindo do touro morto. Suas próprias abelhas, renascidas. Levou-as para suas colmeias, e depois disso as pessoas passaram a acreditar que as abelhas têm poder sobre a morte. Os reis da Grécia construíam seus túmulos na forma de colmeia por essa mesma razão."

Zach estava sentado com os cotovelos nos joelhos, olhando para o círculo de grama, ainda achatado e verde da nossa dança com o esguicho.

"Quando uma abelha voa, uma alma se levanta", disse.

Olhei para ele sem entender.

"É um velho ditado", disse August. "Quer dizer que a alma da pessoa renasce na próxima vida se houver abelhas à volta."

"Isso está na Bíblia?", perguntei.

August riu.

"Não, mas quando os cristãos se escondiam dos romanos nas catacumbas, costumavam desenhar figuras de abelhas nas paredes. Para se lembrarem de que quando morressem seriam ressuscitados."

Enfiei as mãos debaixo das coxas e me ajeitei na cadeira, tentando imaginar como seriam as catacumbas, o que quer que fossem.

"Você acha que colocar panos pretos sobre as colmeias vai ajudar May a ir para o céu?", perguntei.

"Meu Deus, não", August respondeu. "Colocar panos pretos sobre as colmeias é para nós. Faço isso para lembrarmos que a vida dá passagem para a morte, e que a morte se vira e dá passagem para a vida."

Recostei-me na cadeira, olhando para o céu infinito, que cobria o mundo como a tampa de uma colmeia. Gostaria mais que qualquer outra coisa que pudéssemos enterrar May num túmulo de colmeia. Que eu própria pudesse deitar em um túmulo assim e renascer.

As Filhas de Maria apareceram carregadas de comidas. A última vez em que as vira, Queenie e a filha, Violet, tinham os menores chapéus do grupo, e dessa vez estavam sem chapéu. Acho que Queenie detestava cobrir o branco do cabelo, tinha orgulho dele, e Violet, que devia ter pelo menos quarenta anos,

não podia usar chapéu se a mãe não usasse. Se Queenie fosse para a cozinha e enfiasse a cabeça no forno, Violet enfiaria a dela também.

Lunelle, Mabelee, Cressie e Doçura estavam de chapéu preto, porém não espalhafatosos como os de antes, a não ser o de Lunelle, que tinha véu e pena vermelhos. As quatro tiraram os chapéus e os deixaram em cima do piano assim que chegaram, e dava vontade de perguntar: *De que adianta isso?*

Elas foram fatiar presunto, fritar frango, polvilhar páprica no prato de ovos. Nós comemos feijão, nabo, macarrão com queijo, bolo de caramelo — todo tipo de comidas de funeral. Comemos de pé na cozinha, segurando pratos de papel, comentando como May teria gostado daquilo.

Quando estávamos tão fartos que só tínhamos vontade de tirar uma soneca, fomos para a sala velar May. As Filhas passaram uma tigela de madeira com uma coisa chamada maná. Uma mistura salgada de sementes de girassol, gergelim, abóbora e romã coberta de mel e assada até a perfeição. O maná foi comido aos montes, e os presentes disseram que nem sonhariam em ir a um velório sem comer sementes. As sementes evitam que os vivos entrem em desespero, explicaram.

Mabelee disse: "Ela está muito bem, não está?".

Queenie deu um risinho de desdém.

"Se está tão bem, seria uma boa ideia exibi-la na janela da agência funerária."

"Oh, *Queenie!*", exclamou Mabelee.

Cressie notou que Rosaleen e eu ficamos sem entender e falou:

"A agência funerária da cidade tem uma janela. Ali era um banco antes. Hoje em dia eles colocam o caixão aberto bem na janela onde costumávamos descontar os cheques sem sair do carro", disse Queenie. "As pessoas podem chegar perto da janela e prestar suas condolências sem ter de sair do carro. Eles até levam o livro de convidados para a gente assinar."

"Não pode ser verdade", disse Rosaleen.

"É, sim", disse Queenie. "Estamos falando sério."

Elas podiam estar falando a verdade, mas não pareciam estar sérias. Estavam morrendo de rir, ali diante do corpo de May.

Lunelle disse:

"Eu fui até lá uma vez ver a sra. Lamar depois que ela morreu, pois tinha trabalhado para ela um tempo atrás. A mulher que estava na janela ao lado do seu caixão tinha sido caixa do banco ali, e quando eu saí ela disse: 'Tenha um bom dia'."

Eu me virei para August, que secava as lágrimas de tanto rir, e falei: "Você não vai deixar que exponham May na janela do banco, vai?".

"Meu bem, não se preocupe com isso", disse Doçura. "A agência funerária que tem essa janela é para os brancos. Só eles têm dinheiro suficiente para pagar por uma coisa ridícula dessas."

Todas riram histericamente de novo, e eu acabei rindo também, em parte aliviada porque ninguém passaria de carro pela agência funerária para ver May, e em parte porque o riso de todas aquelas Filhas era contagioso.

Mas vou dizer um segredo que nenhuma delas viu, nem mesmo August, a coisa que me causou mais alegria. Foi a Doçura ter dito o que disse, como se eu fosse uma delas. Ninguém da sala disse: *Doçura*, *você não devia caçoar dos brancos assim tendo uma branca na sala*. Não passou pela cabeça de ninguém que eu fosse diferente.

Até então eu pensava que o grande objetivo era que os brancos e os negros se dessem bem, mas depois disso decidi que um plano melhor seria todo mundo ser incolor. Lembrei do Eddie Hazelwurst dizer que eu me rebaixaria vivendo naquela casa com aquelas negras, e por mais que tentasse não conseguia entender por que o mundo tinha acabado assim, por que as mulheres de cor haviam se tornado o ponto mais baixo na escala da vida. Bastava olhar para elas para ver como eram especiais, uma verdadeira realeza oculta entre nós. Eddie Hazelwurst. Que merda de homem.

Senti um tal carinho por elas que pensei comigo mesma que no dia em que morresse gostaria de ser exibida na janela do

banco e dar uma boa risada com as Filhas de Maria.

No segundo dia de velório, muito antes de todas as Filhas chegarem, até mesmo antes de June descer do quarto, August encontrou um bilhete de May debaixo das raízes de um carvalho, a menos de dez metros do lugar onde ela morrera. O bilhete tinha sido coberto pelas folhas que brotaram durante a noite.

Rosaleen estava fazendo torta de creme de banana em homenagem a May, e eu, sentada na mesa comendo cereal, tentava encontrar alguma coisa decente no rádio transístor, quando August irrompeu pela cozinha, segurando o bilhete com as duas mãos como se as palavras pudessem cair se não fossem muito bem cuidadas.

August gritou no pé da escada:

"June, desça aqui. Eu encontrei um bilhete da May."

Esticou o papel na mesa e alisou-o com as mãos. Desliguei o rádio de plástico e olhei para o papel amassado com as palavras desbotadas por terem ficado ao relento.

June desceu as escadas descalça e apareceu na cozinha.

"Oh, meu Deus, August. O que diz o bilhete?"

"É bem... May", ela disse, levantando o bilhete e lendo para nós.

Queridas August e June,

Desculpem eu deixar vocês assim. Sei que vocês vão ficar tristes, mas pensem em como vou ficar feliz com April, mamãe, papai e Mamãe Grande. Imaginem nós todos juntos lá em cima, talvez isso ajude um pouco. Estou cansada de carregar o peso do mundo. Agora vou largar esse peso. É a minha hora de morrer, e a hora de vocês viverem. Não estraguem as coisas.

Muito amor, May.

August largou o bilhete na mesa, virou-se para June e abriu os braços para abraçá-la. As duas se enlaçaram, a irmã mais velha e a irmã mais moça, seio contra seio, com os queixos enfiados no pescoço uma da outra.

Ficaram assim tanto tempo que achei que eu e Rosaleen devíamos sair dali, mas finalmente se desprenderam e nós nos sentamos sentindo o cheiro da torta de creme de banana.

June disse:

"Você acha que era realmente a hora de May morrer?"

“Não sei”, disse August. “Talvez fosse. Mas May tinha razão quando disse que é nossa hora de viver. Foi seu desejo antes de morrer, então devemos fazer o que ela queria. Está bem, June?”

“O que você quer dizer com isso?”

Vimos August ir até a janela, pôr as mãos em cima do parapeito e olhar para o céu azul-anil, brilhante como tafetá. Dava a impressão de que ela estava tomando uma grande decisão.

June puxou uma cadeira e sentou.

“August, *o que é*?”

August voltou-se com ar sério.

“Vou te dizer uma coisa, June.” Aí deu uns passos e ficou diante da irmã: “Você vem vivendo sua vida pela metade há muito tempo. May disse que, quando é tempo de morrer, a gente deve morrer, e, quando é tempo de viver, deve viver. Não deixe a vida para trás, viva com todo seu empenho, sem medo”.

“Eu não sei de que você está falando”, disse June.

“Estou falando para você se casar com Neil.”

“O quê?”

“Desde que Melvin Edwards te largou no altar há muitos anos você nunca mais teve coragem de amar, recusou-se a se arriscar. Como May disse, chegou sua hora de viver. Não estrague as coisas.”

A boca de June abriu num grande círculo, mas nenhuma palavra saiu dos seus lábios.

De repente o ar ficou impregnado do cheiro de alguma coisa queimando. Rosaleen voou para o forno, tirou a torta e viu que o suspiro estava todo queimado.

“A gente come assim mesmo”, disse August. “Um pouco de gosto de queimado não mata ninguém.”

Durante quatro dias nós velamos o corpo de May. August não largava o bilhete, enfiava-o no bolso ou debaixo do cinto se a roupa não tivesse bolso. Eu notei que June ficou mais quieta depois que August tinha ralhado com ela por causa de Neil. Não estava exatamente de mau humor, e sim contemplativa. Sentava-se ao lado do caixão com a testa encostada nele, dando

a impressão de que não estava apenas se despedindo. Tentava encontrar suas próprias respostas para as coisas.

Uma tarde, August, Zach e eu fomos até as colmeias e tiramos os panos pretos. August disse que não podiam continuar ali muito mais tempo porque as abelhas tinham memorizado tudo sobre as colmeias e uma mudança assim podia deixá-las desorientadas. Elas podiam não encontrar mais o caminho de casa. *Nem me diga*, pensei.

As Filhas de Maria apareciam todo dia logo antes do almoço e ficavam na sala com May a tarde toda, contando histórias sobre ela. Todas nós também chorávamos um pouco, mas estávamos começando a nos conformar mais com a despedida. Eu esperava que May também estivesse conformada como nós.

Neil ficava conosco quase tanto quanto as Filhas, e parecia confuso pelo modo como June olhava para ele. Ela mal tocava violoncelo, porque teria de soltar a mão dele. Para dizer a verdade, nós passávamos quase tanto tempo observando Neil e June quanto vendo May passar para a outra vida.

Na tarde em que o carro funerário veio buscar May para o enterro, as abelhas zumbiram nas telas da janela da frente. Quando o caixão foi carregado, o zumbido aumentou e misturou-se com as cores do fim de tarde. Amarelo-dourado. Vermelho. Vestígios de marrom.

Eu ainda ouvia seu zumbido junto à lápide, embora estivéssemos a quilômetros de distância, em um cemitério para negros com túmulos e mato. O som vinha com a brisa enquanto nós nos juntávamos para ver o caixão de May baixar no chão. August passou uma sacola de papel com maná, que apanhamos aos punhados para jogar as sementes sobre o caixão na vala, e meus ouvidos não ouviram mais nada a não ser o zumbido das abelhas.

Naquela noite, na minha cama no apiário, quando fechei os olhos o zumbido passou pelo meu corpo. Correu por toda a Terra. Era o zumbido mais antigo que existe — das almas voando para longe.

11

As abelhas-operárias precisam fazer dez milhões de viagens para conseguir néctar suficiente para produzir meio quilo de mel.
Bees of the World

Depois do enterro de May, August parou de fazer mel, de vender mel e de patrulhar as abelhas. Ela e June faziam as refeições, que Rosaleen preparava, dentro do quarto. Eu mal via August, a não ser de manhã quando ela atravessava o quintal e seguia na direção da mata. Dava um adeus para mim, e se eu corresse para perguntar aonde ela ia e se eu podia ir junto, dava um sorriso e dizia que naquele dia não, que ainda estava guardando o seu luto. Às vezes ela ficava na mata até depois da hora do almoço.

Tive de controlar meu impulso de dizer: *Mas eu preciso conversar com você.* A vida é engraçada. Eu tinha passado mais de um mês andando por lá, evitando falar com August sobre a minha mãe quando era tão fácil, e agora que realmente precisava conversar com ela, não podia. Não se pode interromper o luto de ninguém com seus próprios problemas.

Eu ajudava Rosaleen na cozinha um pouco, mas a maior parte do tempo ficava escrevendo no meu caderno. Escrevia tantas coisas vindas do coração que usei todas as páginas.

Causou-me profunda surpresa a falta que eu sentia da nossa vida rotineira, do simples ato de despejar cera em um molde de vela ou consertar uma melgueira quebrada. E de me ajoelhar entre August e June para fazer as orações da noite para Nossa Senhora.

Eu ia até a mata de tarde, quando sabia que August não estava lá. Escolhia uma árvore e dizia: *Se um passarinho pousar nessa árvore antes de eu contar até dez, é minha mãe me mandando um sinal de amor.* Quando chegava a sete, começava a contar bem

devagar, arrastando os números. Às vezes contava até cinquenta e nada de passarinho.

Estudava o mapa da Carolina do Sul à noite, quando todo o mundo estava dormindo, tentando imaginar para onde eu e Rosaleen iríamos depois. Eu sempre quis ver as casas com cores do arco-íris de Charleston, onde havia cavalos de verdade e charretes nas ruas, mas por mais atraente que tudo isso pudesse ser, eu me sentia arrasada ao pensar em partir. E mesmo que outro caminhão de melões aparecesse milagrosamente e nos levasse até lá, Rosaleen e eu teríamos de arranjar trabalho, alugar uma casa e torcer para ninguém nos fazer perguntas.

Às vezes eu nem tinha vontade de sair da cama. Comecei a usar minhas calcinhas com os dias da semana fora de ordem. Era segunda-feira e vestia a calcinha de quinta-feira. Nem me importava.

Os únicos momentos em que eu via June era quando Neil chegava, o que acontecia diariamente. Ela se arrumava toda, punha brincos de argola, e os dois saíam para dar longos passeios no carro dele, o que, ela dizia, lhe faziam muito bem. O vento punha seus pensamentos em ordem, e o campo lhe fazia ver toda a vida que ainda havia ali esperando para ser vivida. Neil ficava no volante e June deslizava pelo assento da frente até ficar praticamente atrás do volante com ele. Honestamente, eu me preocupava com a segurança deles.

Zach apareceu algumas vezes só para nos visitar, e me encontrou na cadeira do jardim, sentada em cima das pernas e relendo meu caderno. Às vezes quando eu o via, meu estômago dava pulos.

"Você é um terço meu amigo, um terço meu irmão, um terço meu companheiro com as abelhas e um terço meu namorado", eu disse um dia. Ele replicou que havia terços demais na equação, o que eu já sabia, pois sou ruim em matemática, mas não *tão* ruim assim. Nós nos olhamos enquanto eu tentava imaginar qual terço seria apagado.

"Se eu fosse uma menina negra...", falei.

Ele colocou os dedos nos meus lábios e senti um gosto de sal.

"Nós não podemos pensar em mudar a cor da nossa pele. É preciso mudar o mundo, é assim que devemos pensar", ele disse.

Ele só falava em entrar para a faculdade de direito e esfregar a verdade no rabo dos outros. Não dizia rabo dos *brancos*, e eu ficava grata por isso, mas acho que é o que tinha na cabeça.

Havia um lugar dentro dele agora que não havia antes. Um lugar quente, carregado, raivoso. Estar junto dele era como pisar em um aquecedor de gás, em uma fileira de bicos de gás queimando na curva de seus olhos escuros e úmidos.

Suas conversas giravam em torno de tumultos raciais em New Jersey, policiais com cassetetes atacando meninos negros que atiravam pedras, coquetéis-molotovs, protestos passivos, causas justas, Malcolm X, e do grupo de Unidade Afro-Americana retribuindo na mesma medida as ações da Ku Klux Klan.

Eu tinha vontade de dizer a ele: *Lembra quando comíamos os cubinhos crocantes de limão de May debaixo dos pinheiros? Lembra quando você cantou "Blueberry Hill"? Lembra?*

Depois de um luto sem tréguas durante toda a semana, quando eu pensei que continuaríamos para sempre nos nossos mundos privados de tristeza e nunca mais faríamos uma refeição juntas nem trabalharíamos lado a lado no apiário, encontrei Rosaleen na cozinha arrumando lugar para quatro, colocando na mesa os pratos de louça domingueira com flores cor-de-rosa e rendilhado em volta das bordas. Fiquei felicíssima porque parecia que a vida estava voltando ao normal.

Rosaleen pôs uma vela de cera de abelha na mesa, e acho que foi a primeira refeição à luz de vela que fiz em toda a minha vida. O menu era composto de: galinha cozida no vapor, arroz com molho, feijão-manteiga, tomate fatiado, biscoitos e *luz de velas*.

Mal tínhamos começado a comer quando Rosaleen disse para June:

"Então, você vai se casar com Neil ou não?"

August e eu paramos de mastigar e ficamos atentas.

"Eu é que tenho de saber isso, vocês terão de descobrir."

"E como vamos descobrir, se você não nos contar?", Rosaleen perguntou.

Quando terminamos a refeição, August tirou algumas garrafas de Coca-Cola da geladeira e quatro pacotes de amendoim salgado. Nós ficamos vendo ela tirar as tampas das garrafas.

"O que é *isso*?", June perguntou.

"É minha sobremesa favorita e de Lily também", disse August, sorrindo para mim. "Nós gostamos de jogar os amendoins dentro da garrafa, mas vocês podem comer separado se preferirem."

"Acho que prefiro o meu separado", falou June, revirando os olhos.

"Eu queria fazer uma torta de frutas, mas August falou que íamos tomar Coca com amendoim", disse Rosaleen. "Coca e amendoim, que ideia!"

August riu.

"Elas não sabem como é delicioso, não é, Lily?"

"Não, senhora", falei, sacudindo os amendoins na garrafa até formar espuma, fazendo-os boiar no líquido marrom. Bebi e mastiguei sentindo ao mesmo tempo o doce e o salgado na boca, enquanto olhava pela janela e via os passarinhos voltarem para seus ninhos e a lua começar a jogar sua luz sobre os campos da Carolina do Sul, o lugar onde eu estava vivendo com três mulheres cujos rostos brilhavam à luz das velas.

Quando terminamos a Coca, fomos para a sala rezar juntas as nossas ave-marias, pela primeira vez desde a morte de May.

Eu me ajoelhei no tapete ao lado de June, e Rosaleen, como sempre, sentou-se na cadeira de balanço. August ficou ao lado da Nossa Senhora e dobrou o bilhete de May na forma de um aviãozinho de papel. Ela o pôs numa fenda num ponto do pescoço da Nossa Senhora. Depois deu um tapinha no ombro da Maria negra e soltou um longo suspiro que fez com que a sala parecesse viva de novo. E disse: "Bom, é isso aí".

Eu estava dormindo no quarto de May com Rosaleen desde que ela tinha morrido, mas quando Rosaleen e eu começamos a subir as escadas naquela noite eu disse num impulso:

"Sabe de uma coisa? Acho que vou me mudar de volta para o apiário." Tinha descoberto que estava sentindo falta de um quarto só para mim.

Rosaleen pôs as mãos na cintura.

"Meu Deus, depois de todo aquele exagero que você fez quando eu te deixei sozinha lá, agora é você que quer me deixar."

Na realidade, ela não se importava nada com o fato de eu querer me mudar, mas não podia deixar passar a oportunidade de me dar um pito.

"Vamos, eu te ajudo a levar suas coisas."

"Vai me ajudar *agora*?"

"Nada melhor que o presente", falou.

Creio que ela também estava sentindo falta de dormir sozinha.

Depois que Rosaleen saiu, olhei em volta do meu quarto no apiário, estava tão quieto! Só conseguia pensar que no dia seguinte a essa hora eu teria contado a verdade e tudo estaria diferente.

Peguei a foto da minha mãe e a imagem da Maria negra na sacola, pronta para mostrá-las para August. Coloquei tudo debaixo do travesseiro, mas, quando apaguei a luz, o medo encheu a minha cama estreita e dura, e eu pensei em todos os problemas que podiam surgir na vida. E me vi numa prisão nos Everglades, na Flórida. Por que Everglades não sei, mas sempre achei que lá devia ser o pior lugar do mundo para uma prisão. Com todos aqueles jacarés e cobras, sem falar do calor ainda pior que o daqui, e olhe que já ouvi falar de gente que fritou não só ovos, mas também bacon e salsichas nas calçadas da Carolina do Sul. Não podia nem imaginar como seria respirar na Flórida. Eu ia sufocar lá, e nunca mais veria August.

Tive medo a noite inteira. Teria dado tudo para voltar para o quarto de May e ouvir os roncos de Rosaleen.

*

Na manhã seguinte acordei tarde, pois além de ter dormido mal durante a noite, eu estava me habituando à preguiça, sem as minhas tarefas com as abelhas. O cheiro de bolo recém-assado pairava no ar desde a casa rosa até o meu catre e entrou pelas minhas narinas, despertando-me.

Ao chegar na cozinha, lá estavam August, June e Rosaleen, sujas de farinha, assando bolinhos de uma camada só, do tamanho de pães de mel. Cantavam enquanto trabalhavam, imitando as Supremes, as Marvelettes, as Crystals, e sacudindo os traseiros ao som de "Da Doo Ron Ron".

"O que vocês estão fazendo?", perguntei, rindo na entrada da porta.

Elas pararam de cantar e começaram a rir também, dando empurrões e cotoveladas umas nas outras.

"Vejam só quem acordou!", disse Rosaleen.

June usava calças de pescador com botões de flores dos lados que eu nunca tinha visto antes.

"Estamos assando bolos para o Dia de Maria", ela disse. "Você chegou em boa hora para nos ajudar. August não falou que hoje era Dia de Maria?"

Olhei para August e disse: "Não, não falou nada".

August, que estava usando um dos aventais de May, com babadinhos nos ombros, levou a mão à testa e disse:

"Acho que me esqueci de contar para ela. Nós celebramos o Dia de Maria todo mês de agosto há quinze anos. Venha tomar o café da manhã para poder nos ajudar depois. Temos tanta coisa para fazer que não sei se vamos dar conta de tudo."

Enchi uma tigela com cereais e leite, tentando refletir apesar do barulho reinante. Como eu poderia ter uma conversa com August, capaz de modificar a minha vida, com tudo *aquilo* acontecendo ali?

"Há mil anos as mulheres faziam exatamente isso", disse August. "Assavam bolos para festejar o Dia de Maria."

June olhou para meu rosto inexpressivo.

"Hoje é a Festa da Assunção. Dia 15 de agosto. Não diga que nunca ouviu falar disso."

É claro, a Festa da Assunção: o irmão Gerald falava disso a cada dois domingos no seu sermão. É claro que eu nunca tinha ouvido falar daquilo. Sacudi a cabeça.

"Maria só tem permissão para entrar na nossa igreja no Natal."

August sorriu e embebeu uma espátula de madeira na cuba de mel que estava em cima do balcão ao lado do forno. Enquanto passava mel em uma fornada de pãezinhos, me explicou em detalhes que a Assunção era a subida de Maria aos céus. Maria tinha morrido e acordado, e os anjos a carregaram em nuvens esvoaçantes.

"May foi quem começou a chamar a Assunção de Dia de Maria", June explicou.

"Mas não é só a Assunção", August falou, depositando os bolinhos na tampa do forno. "É uma lembrança especial em homenagem a Nossa Senhora das Correntes. Nós representamos a sua história. Além disso, damos graças pela colheita de mel. As Filhas de Maria vêm. São os nossos dois dias preferidos no ano."

"Vocês fazem isso durante dois dias?"

"Começamos hoje à noite e terminamos amanhã à tarde", disse August. "Coma logo o seu cereal, ainda temos de fazer bandeirinhas e guirlandas, e pendurar as lâmpadas do Natal, separar os castiçais, lavar a caminhonete e pegar as correntes."

Eu estava pensando. *Ei, calma aí.* Lavar a caminhonete? Pendurar as lâmpadas de Natal? Pegar as correntes? *As correntes?*

Ouvi uma batida na porta quando estava pondo a tigela de cereal na pia.

"Se esta não é a casa mais cheirosa de Tiburon, quero ser mico de circo", disse Neil entrando.

"Acho que você se livrou disso então", falou June.

Ofereceu-lhe um bolinho de mel, mas ele sacudiu a cabeça, o que era um sinal mudo de que tinha alguma coisa em mente. Neil nunca recusava comida. Nunca. Ficou ali, de pé no meio da cozinha, parecendo inquieto.

"O que está fazendo aí?", perguntou June.

Ele pigarreou e esfregou as costeletas.

"Eu... eu vim aqui para ter uma conversa com você."

Isso parecia tão formal vindo da sua boca que June apertou os olhos e observou-o por um instante.

"Você está bem?"

"Estou ótimo." Pôs as mãos nos bolsos e logo depois as retirou. "Só quero conversar um instante com você."

Ela ficou esperando.

"Tudo bem, estou ouvindo."

"A gente podia dar uma volta de carro."

Ela olhou em volta.

"Se você não notou, eu estou até o pescoço de coisas para fazer, Neil."

"Estou vendo, mas..."

"Então diga logo o que é", June falou, começando a se irritar. "O que pode ser tão terrivelmente importante assim?"

Olhei para August, que, virada para o lado, apertava os lábios, tentando parecer ocupada. Rosaleen, por sua vez, tinha parado de trabalhar e olhava para June, depois para Neil. E de novo para June.

"Droga", disse Neil. "Eu vim aqui planejando pedir pela centésima vez que você se case comigo."

Eu deixei cair minha colher na pia. August pôs de lado a espátula de mel. June abriu a boca e fechou-a sem dar uma palavra. Nós todas ficamos paradas ali.

Vamos. Não estrague seu tempo de viver.

A casa rangeu, como fazem as casas antigas. Neil olhou para a porta. Eu senti minha blusa úmida debaixo dos braços. Tive a sensação que costumava ter na quinta série quando a professora escrevia alguma palavra sem sentido no quadro-negro, como "feleante" e nós tínhamos dois minutos para descobrir que a palavra era "elefante" antes que ela tocasse a campainha e eu começava a suar tentando vencer o tempo. Tive essa sensação naquele momento, como se Neil fosse sair porta afora antes que June descobrisse a resposta no seu coração.

Rosaleen disse: “Não fique aí parada com a boca aberta, June. Diga alguma coisa”.

June olhou para Neil, e pude ler no rosto dela a luta para se render por dentro. Não só a Neil, mas à vida. Finalmente ela soltou a respiração e deu um suspiro.

“Tudo bem. Vamos nos casar.”

Rosaleen deu um tapa na coxa e um grito, e August o maior sorriso que eu já tinha visto no seu rosto. Eu olhei de um para o outro, tentando digerir aquilo.

Neil deu um passo à frente e beijou June na boca. Eu achei que os dois não iam parar de se beijar nem para respirar.

Quando acabaram, Neil disse:

“Vamos agora mesmo até a joalheria para comprar um anel antes que você mude de ideia.”

June olhou para August.

“Eu não queria deixar vocês com todo esse trabalho”, mas dava para ver que ela não estava se importando absolutamente com isso.

“Vá logo”, disse August.

Quando eles saíram, August, Rosaleen e eu nos sentamos e comemos bolinhos de mel ainda quentes e falamos sobre o que tinha acabado de acontecer. Tínhamos todo aquele trabalho à nossa frente, mas algumas coisas precisam ser ruminadas antes de conseguirmos continuar. E dissemos: “Vocês viram a cara de Neil?...”.

“Que beijo aquele, hein?...”

Mas o que mais fizemos foi olhar umas para as outras dizendo:

“June vai se *casar*!”

Aprontar tudo para o Dia de Maria foi um trabalho sem descanso. Primeiro August me mandou cuidar das bandeirinhas. Eu cortei montes de papel crepom grosso azul e branco em tiras até fazer bolhas nos dois polegares. Fiz umas voltinhas nas bordas com os dedos para dar um efeito crespo, depois peguei a escada de mão no quintal e pendurei as bandeirinhas nas árvores.

Cortei alguns gladíolos do canteiro e fiz uma guirlanda de quase dois metros prendendo as flores num cordão, que pensei que nunca conseguiria manter esticado. Quando perguntei a August o que eu devia fazer com aquilo ela falou: “Ponha a guirlanda na caminhonete”.

“É claro, como eu não tinha pensado nisso antes?...”

Depois fui procurar no armário do corredor as lâmpadas de Natal, que ela me fez prender em volta dos arbustos próximos aos degraus da varanda de trás, além de juntar metros e metros de fios de extensão.

Enquanto eu trabalhava, Zach, sem camisa, empurrava o cortador de grama. Coloquei as mesinhas de armar ao lado das árvores de murta para que as bandeirinhas ficassem esvoaçando e tocassem nos nossos rostos enquanto comíamos. Tentei não olhar para ele, para sua coxa brilhando de suor, a plaquinha de identificação pendurada na corrente em volta do pescoço, os shorts abaixo dos quadris, o pequeno tufo de cabelo começando a aparecer em volta do umbigo.

Zach tirou uma porção de mato do quintal, mesmo sem terem lhe pedido para fazer isso. Levantava a enxada e cortava tudo, enquanto eu, sentada nos degraus da varanda, limpava duas dúzias de castiçais de vidro sujos de cera de vela. Coloquei velas novas neles e espalhei tudo pelo gramado, debaixo das árvores, a maioria nos buraquinhos de terra onde o mato tinha crescido.

Na varanda dos fundos, August girava a manivela da máquina de sorvete. Aos seus pés eu vi um amontoado de correntes e perguntei: “Para que isso?”.

“Você vai ver.”

Às seis da tarde eu estava exausta com as preparações para o Dia de Maria, e o principal ainda nem tinha começado. Terminei a última tarefa da minha lista e estava indo para o apiário me vestir quando June e Neil chegaram.

June dançava com a mão estendida para que eu admirasse seu anel. Eu olhei o anel e reconheci que Neil tinha se esmerado no presente. Não era exatamente grande, mas muito

bonito. O brilhante era preso por um engaste ondulado de prata.

"É o anel mais lindo que eu já vi", disse.

Ela continuou com a mão estendida, virando-a de um lado para o outro para que o brilhante cintilasse com a luz.

"Acho que May teria gostado também", disse.

A primeira leva das Filhas de Maria chegou, e June correu para elas com a mão esticada.

Dentro do apiário levantei o travesseiro para ver se a foto da minha mãe e a imagem da Maria negra ainda estavam bem guardados. Com festa ou não, aquela *tinha* de ser a noite para eu contar a verdade a August. Ao pensar nisso tive um tremor de nervoso. Sentei no catre e senti o peito apertado.

Ao voltar para a casa rosa com shorts e top limpos e o cabelo bem escovado, parei para apreciar tudo. August, June, Rosaleen, Zach, Neil, Otis e todas as Filhas de Maria estavam no gramado recém-aparado ao lado das mesinhas de armar, com seu riso baixo e vibrante. Pilhas de comida, bandeirinhas azuis e brancas esvoaçando com a brisa, lâmpadas de Natal brilhando em espirais coloridos em volta da varanda, e todas as velas acesas, embora o sol ainda estivesse de fora. Todas as moléculas do ar desprendiam um fogo vermelho.

Eu disse para mim mesma: *Eu adoro este lugar de todo o coração*.

As Filhas me paparicaram, dizendo que eu estava cheirosa e que meu cabelo era lindo quando estava penteado. Lunelle disse: "Quer que eu faça um chapéu para você, Lily?".

"Você faz mesmo?" Onde eu usaria um chapéu criado por Lunelle era um mistério, mas eu queria ter um mesmo assim. Pelo menos podia ser enterrada com ele um dia.

"É claro. Vou fazer um chapéu que você não vai acreditar. Que cor você quer?"

August, que estava ouvindo, disse,"Azul", e piscou para mim.

Primeiro nós comemos. Àquela altura eu tinha aprendido que comer era uma alta prioridade para as Filhas. Quando terminamos, o céu não estava mais vermelho e a noite começava a cair à nossa volta, refrescando tudo, manchando e tingindo o fim de tarde em tons de roxo e azul-escuro.

Rosaleen trouxe o prato com bolinhos de mel e colocou-o na mesa.

August nos organizou em círculo em torno da mesa. O programa do Dia de Maria ia começar.

"São os bolinhos de mel de Maria. Bolos para a Rainha do Céu", disse ela.

Pegou um deles com a mão, tirou um pedaço e estendeu-o diante de Mabelee, que estava ao seu lado no círculo. August disse: "Este é o sangue da Mãe Abençoada". Mabelee fechou os olhos e abriu a boca, e August colocou-o na sua língua.

Depois que Mabelee engoliu, fez o mesmo que August: tirou um pedacinho do bolo e deu-o para a pessoa seguinte do círculo, que por acaso era Neil. Mabelee, que, mesmo de salto alto, não media mais que um metro e meio, quase precisou de uma escadinha para chegar à sua boca. Neil teve de se agachar com a boca escancarada para receber seu pedaço de bolo.

"Este é o sangue da Mãe", disse Mabelee, pondo o bolo lá dentro.

Eu não sabia nada mesmo sobre a Igreja Católica, mas desconfiava que o Papa teria desmaiado se visse isso. Mas não o irmão Gerald. Ele não perderia tempo desmaiando, começaria logo com seu exorcismo.

Da minha parte, era a primeira vez que eu via adultos alimentando uns aos outros e tive a impressão que ia ter uma crise de choro. Não sei o que deu em mim, mas por alguma razão aquele círculo de alimentação fez com que me sentisse melhor com relação ao mundo.

Por ironia do destino, quem me alimentou foi June. Abrindo a boca, fechando os olhos e esperando o corpo de Maria, ouvi June sussurrar no meu ouvido: "Desculpe por ter sido dura com você logo quando chegou", e a doçura do bolo de mel espalhou-se pela minha boca.

Eu bem que gostaria que Zach estivesse ao meu lado para eu pôr o bolinho na sua língua e dizer-lhe: *Espero que isso faça você ficar mais em paz com o mundo. Espero que lhe transmita um sentimento de ternura.* Mas tive de dar o pedacinho de bolo para Cressie, que o comeu de olhos fechados.

Depois que todos comeram, Zach e Neil foram para a sala e voltaram carregando Nossa Senhora das Correntes. Otis vinha atrás, puxando a pilha de correntes. Puseram a santa de pé dentro da caminhonete vermelha. August chegou perto de mim e disse:

"Nós vamos reencenar a história de Nossa Senhora das Correntes. Vamos levá-la para o apiário e acorrentá-la durante a noite."

Eu pensei: *Nossa Senhora vai passar a noite no apiário. Comigo.*

Quando August passou com a caminhonete devagarinho pelo quintal, Zach e Neil seguraram a Nossa Senhora com as mãos. A guirlanda de flores em volta do carro realçou o cenário.

June levou o violoncelo, e as Filhas seguiram a caminhonete em fila indiana, cantando com velas acesas nas mãos.

"Maria, estrela-do-mar, Maria, lua brilhante, Maria, favo de mel."

Rosaleen e eu ficamos para trás, segurando velas também, tentando cantarolar, pois não sabíamos a letra do cântico. Juntei as mãos em concha em torno da minha vela para que ela não apagasse.

Na porta do apiário Neil e Zach tiraram a estátua do carro e a levaram para dentro. Doçura cutucou Otis, e ele entrou para ajudá-los a colocar a santa entre a centrífuga e o tanque deflector.

"Muito bem", disse August. "Agora vamos começar a última parte da nossa celebração. Vamos nos juntar em semicírculo aqui em volta da Nossa Senhora."

June tocou uma música melancólica no violoncelo, e August contou a história da Maria negra do começo ao fim. Quando chegou na parte em que os escravos tocavam no coração de Nossa Senhora para criar coragem e fazer planos de fuga, June aumentou o volume.

"Nossa Senhora tornou-se tão poderosa", disse August, "que o senhor das terras foi forçado a prendê-la em casa, a acorrentá-la no galpão da carruagem. Ela foi humilhada e presa."

"A Mãe abençoada, abençoada", murmurou Violet.

Neil e Otis pegaram as correntes e começaram a prender Nossa Senhora. Pelo modo com que Otis sacudia as correntes em volta, acho que foi por milagre que não matou alguém.

"Mas toda vez que o senhor das terras acorrentava Maria no galpão da carruagem, ela quebrava as correntes e voltava para o seu povo", August continuou.

August fez uma pausa, caminhou pelo círculo e olhou para cada um em separado, com toda a lentidão. Depois levantou a voz.

"O que foi atado será desatado. O que foi lançado ao chão será levantado. Esta é a promessa de Nossa Senhora."

"Amém", disse Otis.

June voltou a tocar, dessa vez uma música mais alegre, graças a Deus. Olhei para Maria, presa dos pés à cabeça com correntes enferrujadas. Do lado de fora um relâmpago de verão cruzou o céu.

Todos pareciam entregues às suas meditações, ou o que quer que estivessem fazendo. Todos de olhos fechados, menos Zach. Ele olhava fixo para mim.

Eu voltei os olhos para a pobre Maria, morta de pena de vê-la daquele jeito.

"É só uma encenação", August tinha dito. "Para nos ajudar a lembrar. A lembrança é tudo."

Porém a coisa toda me enchia de tristeza. Eu detestava lembranças.

Virei-me e saí do apiário para o silêncio cálido da noite.

Zach me alcançou quando cheguei no jardim dos tomates. Pegou a minha mão e fomos andando, passamos por cima do muro de May e continuamos andando para a mata sem uma palavra. As cigarras estavam enlouquecidas, enchendo o ar com seu canto estranho. Por duas vezes esbarrei em teias de aranhas e senti aqueles fios finos e transparentes pelo meu rosto, e gostei da sensação. Um véu trazido pela noite.

Queria o rio. Seu isolamento. Queria me despir e deixar a água lamber a minha pele. Sugar as pedras do rio como tinha feito na noite em que Rosaleen e eu dormimos à beira do riacho. Nem mesmo a morte de May tinha estragado o rio para

mim. Eu tinha certeza de que o rio tinha feito tudo para que May saísse desta vida em paz. A gente podia morrer em um rio, mas talvez pudesse renascer nele também, como a história dos túmulos de colmeia de abelha que August me contou.

Por baixo das árvores, o luar fazia uma trilha. Conduzi Zach na direção do rio.

A água pode ser tão brilhante no escuro... Ficamos na margem observando os pontos de luz se movimentarem, deixando o som da água impregnar o ambiente. Estávamos de mãos dadas, e eu senti os dedos dele apertarem os meus.

"Havia um lago perto de onde eu morava", falei. "Às vezes eu entrava na água lá. Um dia os meninos da fazenda vizinha estavam pescando, com uma fieira cheia de peixinhos que já tinham apanhado. Eles me seguraram na margem e penduraram a fieira no meu pescoço, apertada demais para sair pela cabeça. Eu gritei: 'Me soltem, tirem isso de mim', mas eles riram e disseram: 'Qual é o problema, não gostou do colar de peixinhos?'"

"Malditos meninos", disse Zach.

"Alguns peixes já estavam mortos, mas a maioria se debatia com os olhos fixos em mim, amedrontados. Vi que se entrasse na água até o pescoço eles poderiam respirar. Mas quando a água me chegou nos joelhos eu voltei, com medo de me afundar mais. Acho que isso foi o pior que aconteceu. Eu podia ter ajudado os peixinhos, mas não tive coragem."

"Você não poderia ficar no lago para o resto da vida", disse Zach.

"Mas podia ter ficado mais tempo. Então implorei que eles desamarrassem a fieira do meu pescoço. *Implorei*. Eles me mandaram calar a boca, e eu fiquei sentada ali até o último peixe morrer no meu peito. Sonhei com isso um ano inteiro. Às vezes, no meu sonho, eu estava presa na fieira com eles."

"Eu sei como é isso."

Olhei o mais longe que meus olhos podiam alcançar.

"Quando você foi preso...", eu queria falar, mas não sabia como me expressar.

"O que você quer saber?"

“Isso mudou você, não é?”

Ele olhou para a água.

“Às vezes, Lily, sinto tanta raiva que tenho vontade de matar alguma coisa.”

“Aqueles meninos que me fizeram usar o colar de peixes tinham uma raiva assim também. Raiva do mundo, que os tornava maus. Quero que você me prometa, Zach, que não vai ficar como eles.”

“Eu não quero ficar assim.”

“Nem eu.”

Zach chegou o rosto perto do meu e me beijou. No início pareciam asas de mariposa passando pelos meus lábios, depois sua boca abriu a minha. Eu cedi. Ele me beijou com carinho, mas ao mesmo tempo com avidez, eu gostei do sabor da sua boca, do cheiro da sua pele, da maneira como os seus lábios se abriam e fechavam, abriam e fechavam. Era como se eu estivesse flutuando no rio. Escoltada pelos peixes. Enfeitada com os peixes. E mesmo com tanta beleza doendo dentro do meu corpo, com a vida pulsando debaixo da minha pele e ondas de amor tomando conta de mim, mesmo com tudo isso eu senti os peixes morrendo junto ao meu coração.

Quando parou de me beijar, ele olhou para mim com o rosto ardente.

“Ninguém vai acreditar como eu vou estudar este ano. Aquela prisão me fez sonhar em ter as melhores notas possíveis. E quando o ano terminar nada vai me impedir de sair daqui e ir para a faculdade.”

“Eu sei que você vai conseguir isso. Vai conseguir.” E não eram apenas palavras soltas. Eu sou boa para avaliar os outros, e sabia que ele seria advogado um dia. Mudanças ocorreriam, mesmo na Carolina do Sul, dava para sentir no ar, e Zach estaria no meio delas. Seria um desses líderes pela liberdade que Martin Luther King citava. Era assim que eu gostava de pensar em Zach. Um líder pela liberdade.

Ele me olhou, mudou de posição e disse:

“Eu quero que você saiba que eu...”, depois parou no meio da frase e virou-se para a copa das árvores.

Eu cheguei mais perto.

“Quer que eu saiba o quê?”

“Que eu gosto de você. Penso em você o tempo todo.”

Tive vontade de dizer que havia coisas que ele não sabia sobre mim, que talvez não gostasse se soubesse, mas só sorri e disse:

“Eu também gosto de você.”

“Nós não podemos ficar juntos agora, Lily, mas um dia, depois que eu for embora e me tornar alguém, vou te encontrar e então poderemos ficar juntos.”

“Você promete?”

“Prometo.” Tirou do pescoço a correntinha com a placa de identificação e passou-a pela minha cabeça. “Para você não se esquecer, O.k.?”

O retângulo de prata caiu debaixo da minha blusa, balançando entre meus seios. Zachary Lincoln Taylor, repousando ali, junto ao meu coração.

Preso ao meu pescoço.

12

Se a rainha fosse mais inteligente, provavelmente seria irremediavelmente neurótica. Como é tímida e arisca, talvez porque nunca saia da colmeia, passa os dias confinada na escuridão, numa espécie de noite eterna, trabalhando perpetuamente... Seu verdadeiro papel é menos de rainha que de mãe da colmeia, título que lhe é em geral conferido. Porém, na verdade, isso é uma ironia, tendo em vista sua falta de instinto maternal ou de capacidade de cuidar da prole.
The Queen Must Die: And Other Affairs of Bees and Men

Eu esperei August entrar no quarto dela. Esperar era minha especialidade. Esperar que as meninas da minha escola me convidassem para alguma coisa. Esperar que T. Ray mudasse seu comportamento. Esperar que a polícia aparecesse e nos levasse para a prisão em Everglades. Esperar que minha mãe me mandasse um sinal de amor.

Zach e eu ficamos ali fora até as Filhas de Maria terminarem a celebração no apiário. Ajudamos a limpar a bagunça do quintal, eu empilhando os pratos e copos, e Zach dobrando as mesas de armar. Queenie sorriu e disse:

"Por que vocês dois saíram antes de nós terminarmos?"

"Estava demorando muito", disse Zach.

"Então foi isso", ela disse e Cressie deu uma risadinha.

Quando Zach foi embora, voltei para o apiário e peguei a foto da minha mãe e a imagem da Maria negra debaixo do travesseiro. Apertei-as nas mãos com força, passei pelas Filhas, que terminavam de lavar os pratos na cozinha. Elas me chamaram: "Aonde você vai, Lily?".

Eu detestava ser grosseira, mas vi que não podia responder, não podia perder tempo com palavras inúteis. Queria saber sobre a minha mãe. Nada mais me importava.

Entrei sem hesitar no quarto de August, que cheirava a cera de abelha. Acendi a luz e me sentei na arca de carvalho ao lado da sua cama, e dobrei e desdobrei as mãos umas dez vezes. Elas estavam frias e úmidas, pareciam ter vontade própria. Só queriam ficar ali estalando os nós dos dedos. Eu as enfiei debaixo das coxas.

A única vez em que tinha estado no quarto de August foi quando desmaiei durante a reunião das Filhas de Maria e acordei na cama dela. Devia estar muito confusa naquele dia, pois tudo ali parecia novo para mim. Mesmo que a gente ficasse naquele quarto durante quatro horas, não conseguiria ver todas as coisas do quarto.

Para começar, tudo era azul. Colcha da cama, cortinas, tapete, almofada da cadeira, abajures. Mas não pensem que isso causava monotonia. Eram diferentes tons de azul: azul-celeste, azul-lacustre, azul-marinho, azul-piscina, mas tudo azul. Tive a sensação de um mergulhador no fundo do mar.

Na penteadeira, onde pessoas menos interessantes teriam uma caixa de joias ou um porta-retratos, August tinha um aquário de cabeça para baixo com um gigantesco favo de mel dentro. O mel tinha escorrido e formava pequenas poças na bandeja embaixo.

Nas mesinhas de cabeceira havia velas de cera de abelha, derretidas nos castiçais de latão. Eu não sabia se eram daquelas que eu tinha criado pessoalmente. Me emocionei só de pensar que ajudei a iluminar o quarto de August quando escurecia.

Examinei os livros muito bem arrumados nas prateleiras. *A linguagem avançada da criação de abelhas*, *A ciência do apiário*, *Polinização das abelhas*, *Livro de Ouro da Mitologia*, de Bulfinch, *Os mitos da Grécia*, *O cultivo do mel*, *Lendas do mundo inteiro sobre as abelhas*, *Maria através das eras*. Tirei o último da prateleira e o abri no meu colo para ver as figuras. Em algumas, Maria era morena de olhos castanhos; em outras, era loura de olhos azuis, mas sempre maravilhosa. Parecia uma candidata ao título de Miss América. Ou Miss Mississippi. Em geral são as moças de Mississippi que vencem o concurso. Tive vontade de ver Maria de maiô e saltos altos — antes da sua gravidez, é claro.

Mas o grande choque foram todas as figuras em que Maria recebia um *lírio*[*] do anjo Gabriel. Em cada uma delas, quando aparecia para anunciar que ela ia ter aquele filho, mesmo não sendo casada ainda, o anjo lhe trazia um grande lírio branco. Como se fosse um prêmio de consolação pelos mexericos que ela teria de aturar. Fechei o livro e coloquei-o de volta na estante.

Uma brisa entrou no quarto pela janela aberta. Fui até a janela e olhei para a escuridão lá de fora, para as árvores na borda da mata, a meia-lua parecendo uma moeda de ouro dentro de uma fenda, prestes a despencar do céu com um estalo. Vozes filtravam-se pela tela da janela. Vozes femininas. Aumentavam de volume e sumiam. As Filhas estavam se despedindo. Torci o cabelo com os dedos, fiquei andando no tapete em círculos, como um cachorro antes de se deitar no chão.

Pensei nos filmes passados em penitenciárias, onde vão eletrocutar um prisioneiro — inocente, é claro —, a câmera indo e voltando entre o pobre homem suando na sua cela e o ponteiro do relógio caminhando para a meia-noite.

Sentei na arca de carvalho de novo.

Ouvi passos nas tábuas do assoalho no corredor, firmes, sem pressa. Os passos de August. Sentei com o corpo aprumado, mais alta, o coração batendo tanto que dava para ouvir as batidas. Quando ela entrou no quarto, disse: "Achei que ia te encontrar aqui".

Tive vontade de sair voando pela porta ou mergulhar pela janela. *Você não precisa fazer isso*, disse a mim mesma, mas a curiosidade foi mais forte. Eu precisava saber.

"Lembra quando...", comecei, quase sussurrando. Tossi e continuei: "Lembra quando a senhora disse que precisávamos conversar?".

August fechou a porta. Um som definitivo. *Não dá para voltar atrás*, dizia o som. *É isso aí*.

"Lembro muito bem."

Coloquei a foto da minha mãe em cima da arca de carvalho.

August pegou a foto.

“Você é a cara dela escrita e escarrada.”

Virou-se para mim com aqueles olhos grandes e brilhantes, com fogo por dentro. Eu gostaria de poder ver o mundo através deles pelo menos uma vez.

“É minha mãe”, eu disse.

“Eu sei, meu bem. Sua mãe era Deborah Fontanel Owens.”

Olhei para ela e pisquei. Ela aproximou-se de mim e a lâmpada amarela da cabeceira cobriu-lhe os óculos e eu não pude mais ver seus olhos. Mudei de posição para poder vê-los melhor.

Ela puxou a cadeira da penteadeira para a arca de carvalho e sentou-se à minha frente.

“Que bom que finalmente vamos falar sobre isso.”

Eu podia sentir seus joelhos tocarem os meus. Passou-se um minuto inteiro sem que nenhuma de nós desse uma palavra. Ela olhou a foto e eu sabia que estava esperando que o silêncio fosse quebrado por mim.

“A senhora sabia que ela era minha mãe o tempo todo”, eu disse, pensando se meus sentimentos eram de raiva, de traição ou de pura surpresa.

Ela pôs a mão sobre a minha e deslizou o polegar pela minha pele.

“Assim que você apareceu, eu vi Deborah na minha frente quando tinha a sua idade. Eu sabia que Deborah tinha uma filha, mas achei impossível que fosse você; era demais acreditar que a filha de Deborah aparecesse sem mais nem menos na minha sala. Quando você disse que se chamava Lily, soube logo quem você era.”

Provavelmente eu devia ter esperado aquilo. Senti as lágrimas juntarem-se no fundo da garganta, sem mesmo saber por quê.

“Mas... mas... mas a senhora nunca disse uma palavra sobre isso. Por que não me contou?”

“Porque você não estava pronta para saber sobre ela. Eu não queria arriscar que você fosse embora. Queria que você tivesse a chance de ser você mesma num grupo sólido, de dominar seu coração primeiro. As coisas precisam amadurecer, Lily. A

gente precisa saber quando falar e quando calar, quando deixar as coisas seguirem seu curso. Isso é o que venho tentando fazer."

Eu fiquei quieta. Como podia ter raiva dela? Eu tinha feito a mesma coisa. Tinha guardado o que sabia, e minhas razões não eram nem um pouco tão nobres quanto as dela.

"May me disse", falei.

"May disse o quê?"

"Eu vi May fazendo uma trilha de bolachas e *marshmallows* para as baratas seguirem. Meu pai me contou um dia que minha mãe costumava fazer a mesma coisa. Imaginei que ela tivesse aprendido com May. Então perguntei: 'Você conheceu uma Deborah Fontanel?', e ela disse que sim, que Deborah tinha estado no apiário."

August sacudiu a cabeça.

"Meu Deus, há tanta coisa para contar. Lembra de eu ter falado que trabalhei como empregada em Richmond antes de arranjar o emprego de professora? Era na casa da sua mãe."

Na casa da minha mãe. Parecia estranho pensar nela com um teto sobre a cabeça. Uma pessoa com uma cama para dormir, uma mesa para comer, uma banheira para tomar banho.

"A senhora conheceu minha mãe quando ela era pequena?"

"Eu tomava conta dela", disse August. "Passava seus vestidos e arrumava o lanche para ela levar para o colégio. Ela adorava manteiga de amendoim. Só queria isso. Manteiga de amendoim de segunda a sexta."

Soltei a respiração ao perceber que estava quase sem ar.

"De que mais ela gostava?"

"Gostava das suas bonecas. Fazia festinhas para elas no jardim, e eu preparava uns sanduíches mínimos para pôr nos pratos." August fez uma pausa, como se estivesse recordando. "Mas ela não gostava de fazer os deveres de casa. Eu vivia em cima dela para ela fazer seus deveres. Corria pela casa soletrando palavras. Uma vez ela se escondeu no alto de uma árvore para não ter de decorar uma poesia de Robert Frost. Eu descobri onde ela estava, subi até lá com o livro e só a deixei descer quando ela decorou toda a poesia."

Fechei os olhos e vi minha mãe empoleirada no galho de uma árvore, ao lado de August, repetindo a poesia que eu própria tive de aprender para a aula de inglês. Deixei a cabeça cair e fechei os olhos.

"Lily, antes que a gente fale mais sobre sua mãe, quero que você me diga como veio parar aqui, está bem?"

Eu abri os olhos e fiz com a cabeça que sim.

"Você disse que seu pai tinha morrido."

Olhei para a mão dela ainda sobre a minha, com medo de que ela a tirasse dali.

"Eu inventei isso. Ele não está realmente morto. *Mas devia estar morto*."

"Terrence Ray", ela disse.

"A senhora conhece meu pai também?"

"Não, nunca vi seu pai, mas Deborah falava dele."

"Eu chamo meu pai de T. Ray."

"Não de papai?"

"Ele não faz o tipo de pai."

"Como assim?"

"Ele grita o tempo todo."

"Com você?"

"Com tudo que existe no mundo. Mas não foi por isso que eu saí de casa."

"Por que foi então, Lily?"

"T. Ray... disse que minha mãe...", as lágrimas escorreram, e minhas palavras saíram num tom agudo que eu não reconheci. "Disse que minha mãe me abandonou, que nos abandonou e fugiu de casa." Senti uma parede de vidro explodir no peito, uma parede que eu não sabia que estava ali.

August chegou o corpo para a beira da cadeira e abriu os braços, como tinha aberto para June no dia em que encontraram o bilhete suicida de May. Cheguei bem perto e senti os braços dela se fecharem em torno de mim. Uma coisa de uma beleza indescritível: August me abraçando.

Fiquei tão junto dela que sentia seu coração pulsar contra o meu peito. Suas mãos esfregaram minhas costas. Ela não disse *Vamos, pare de chorar, tudo vai ficar bem*, que é o que as pessoas

dizem quando querem que a gente fique quieta. Disse: “Eu sei que dói, eu sei. Ponha para fora. Ponha tudo para fora”.

E foi o que eu fiz. Com a boca encostada no seu vestido, parecia estar tirando o sofrimento da minha vida toda e levando-o para o seu peito, empurrando-o com toda a força, e ela nem pestanejou.

Ela estava molhada com as minhas lágrimas. A gola do seu vestido de algodão ficou colada na pele. Dava para ver sua pele escura brilhando nos pontos molhados. Ela era como uma esponja, absorvendo o que eu não conseguia mais aguentar.

Sentia o calor das suas mãos nas minhas costas, e toda vez que eu parava para fungar e respirar ouvia a respiração dela. Firme e constante. Inspirando e expirando. Quando o choro diminuiu, me deixei embalar pela sua respiração.

Finalmente me controlei e olhei para ela, tonta com a força de tudo que tinha explodido. Ela passou os dedos pelo meu nariz e deu um sorriso triste.

“Desculpe”, eu disse.

“Não precisa se desculpar.”

Foi até a penteadeira e pegou um lenço branco na gaveta de cima. Um lenço passado, dobrado, com as iniciais A. B. bordadas em linha prateada. Passou o lenço com cuidado pelo meu rosto.

“Quero que a senhora saiba”, eu disse, “que não acreditei em T. Ray quando ele me contou isso. Eu sei que ela nunca teria me abandonado assim. Queria descobrir alguma coisa sobre ela e provar que ele estava errado”.

August ajeitou os óculos.

“Foi isso que fez você fugir de casa?”

Eu confirmei:

“Além disso, Rosaleen e eu entramos numa encrenca na cidade, e eu sabia que se não fosse embora, T. Ray me mataria de pancada, e eu estava cansada de apanhar.”

“Que tipo de encrenca?”

Eu gostaria de não ter de continuar. Olhei para o chão.

“Vai explicar a razão dos machucados de Rosaleen e do corte na sua cabeça?”

"Ela só queria registrar seu nome para votar."

August apertou os olhos tentando entender.

"Vamos lá, comece do início da história, certo? Tenha calma e conte o que aconteceu."

Contei todos os detalhes para ela da melhor forma que pude, preocupada em não omitir nada: Rosaleen treinando a escrita do seu nome, os três homens insultando-a, ela cuspindo tabaco mascado nos sapatos deles.

"Um policial nos levou para a prisão", eu disse, sentindo as palavras soarem estranhas no meu ouvido. Só podia imaginar como soaram para August.

"Prisão?" Seus ossos pareciam ter amolecido um pouco no corpo. "Eles puseram vocês na *prisão*? Acusadas de quê?"

"O policial disse que Rosaleen tinha agredido os homens, mas eu estava lá, ela só se protegeu. Só isso."

August apertou o maxilar, e suas costas ficaram retesadas.

"Quanto tempo vocês ficaram lá?"

"Eu não fiquei quase nada. T. Ray foi me buscar, mas eles não deixaram Rosaleen sair, e os três homens voltaram e lhe deram uma surra."

"Minha mãe do céu", ela disse. As palavras ficaram pairando entre nós. Eu pensei no espírito de Maria oculto em toda parte. Seu coração como uma taça vermelha de bravura escondida entre coisas ordinárias. Não foi isso que August tinha dito? Aqui, em todo lado, mas oculto.

"Quando ela finalmente conseguiu sair?"

Algumas vezes a gente precisa respirar fundo e simplesmente falar:

"Eu fui ao hospital para onde Rosaleen foi levada para ser suturada, e... tapeei o guarda e fugi com ela."

"Minha mãe do céu", disse ela pela segunda vez, levantando-se e andando em volta do quarto.

"Eu nunca teria feito isso se T. Ray não dissesse que o homem, que tinha dado a surra em Rosaleen, odiava os negros mais que qualquer um na região, e que talvez voltasse lá e a matasse. Eu não podia deixar Rosaleen nas mãos dele."

Era assustador ver meus segredos revelados naquele quarto, como se um caminhão de lixo tivesse dado marcha à ré e despejado todos os seus tristes conteúdos no chão para ela separar. Mas não foi isso o que mais me amedrontou. August recostou-se na cadeira e olhou para fora pela janela, sua vista passando por cima da minha cabeça, fitando o nada além do ar pegajoso, seus pensamentos como um mistério agonizante.

Senti um calor subir no pescoço.

"Eu não quero ser uma má pessoa", eu disse, olhando as minhas mãos cruzadas juntas como em oração. "Mas parece que não consigo me controlar."

Seria de imaginar que eu já tivesse chorado o bastante, mas as lágrimas começaram a se formar nas minhas pálpebras.

"Eu faço coisas erradas. Conto mentiras todo o tempo. Não para você. Bom, já contei... mas tinha razão para isso. E detesto gente. Não só T. Ray, mas muitas pessoas. Minhas colegas de colégio, e elas não fizeram nada, só não ligavam para mim. Detesto Willifred Marchant, a poeta de Tiburon, sem nem a conhecer. E detesto Rosaleen quando ela me faz ficar encabulada. E quando cheguei aqui detestava June."

Fez-se uma onda de silêncio que aumentou como água; ouvi um ronco na cabeça, depois nos ouvidos.

Olhe para mim. Ponha de novo a mão em cima da minha. Diga alguma coisa.

A essa altura meu nariz estava escorrendo junto com os olhos. Eu fungava, limpava o rosto, sem conseguir fazer com que minha boca parasse de botar para fora todas as coisas horríveis sobre mim, e quando terminasse... se ela ainda pudesse me amar, se pudesse dizer *Lily, você continua a ser uma flor especial plantada na terra*, talvez eu tivesse coragem de me olhar nos espelhos da sala e ver o rio brilhando nos meus olhos, correndo apesar das coisas que tinham morrido nele.

"Mas isso não é nada", continuei, me levantando como quem vai a algum lugar, mas não havia para onde ir. Estávamos em uma ilha. Uma ilha azul flutuante em uma casa rosa, onde botei meus sentimentos mais íntimos para fora e esperava que não fosse jogada ao mar para esperar meu castigo.

"Eu..."

August olhava para mim, esperando. Eu não sabia se conseguiria dizer aquilo.

"Ela morreu por minha culpa, eu... matei a minha mãe." Comecei a soluçar e me ajoelhei no tapete. Foi a primeira vez que disse isso para outra pessoa, e o som das palavras partiu meu coração.

Provavelmente durante um ou dois momentos na vida inteira ouviremos um espírito escuro e sussurrante, uma voz vinda do centro das coisas. Seus lábios são lâminas, e ele não se calará até contar o único grande segredo que está no centro de tudo. Ajoelhada no chão, sem conseguir parar de tremer, ouvi a voz nitidamente: *Você não é amada*, *Lily Owens. Quem poderia amar você? Quem neste mundo poderia amar você?*

Sentei sobre os calcanhares, sem perceber que balbuciava as seguintes palavras: "Eu não sou amada". Quando olhei para cima vi partículas de poeira flutuando sobre a lâmpada da mesinha, e August de pé olhando para mim. Achei que ela tentaria fazer com que eu me levantasse, mas ela se ajoelhou ao meu lado e afastou o cabelo do meu rosto.

"Oh, Lily! Minha menina!"

"Eu matei minha mãe acidentalmente", disse, olhando-a dentro dos olhos.

"Preste atenção agora", disse August, puxando meu queixo para junto do seu rosto. "É uma coisa terrível conviver com isso. Mas não pense que você *não* é amada. Mesmo que tenha matado sua mãe acidentalmente, você é a menina mais adorável e mais querida que eu conheço. Rosaleen te ama. May te amava. Não precisa muita inteligência para ver que Zach te ama. Todas as Filhas te amam. E June também te ama do jeito dela. Só levou mais tempo para se afeiçoar a você porque tinha muito ressentimento da sua mãe."

"Tinha ressentimento da minha mãe? Por quê?", perguntei, percebendo que June devia saber quem eu era também.

"É complicado, é coisa da June. Ela nunca superou a ideia de eu trabalhar como empregada na casa da sua mãe", disse August, sacudindo a cabeça. "Eu sei que não era justo, mas ela

descontou em Deborah e depois em você. Mas mesmo assim ela acabou te amando também, não é?"

"Acho que sim", falei.

"Mas o que mais quero que você saiba é que *eu* te amo. Da mesma forma como amei sua mãe."

August levantou-se, mas eu fiquei onde estava, guardando essas palavras dentro de mim.

"Me dê sua mão", ela disse, puxando-me. Ao ficar de pé me senti tonta, como acontece quando a gente se levanta depressa demais.

Eu não sabia o que fazer com todo aquele amor chegando assim.

Queria dizer *Eu também te amo. Amo vocês todos.* O sentimento subiu em mim como uma rajada de vento, mas, quando chegou na minha boca, as palavras não saíram. Só muito ar e ansiedade.

"Nós duas precisamos tomar um pouco de ar", disse August, dirigindo-se para a cozinha.

August encheu dois copos com água gelada, que fomos tomar sentadas no balanço da varanda dos fundos, engolindo a água aos pouquinhos e ouvindo o sussurro do riacho. É incrível como esse som pode acalmar. Não nos preocupamos em acender a luz e isso nos tranquilizou também, ficamos ali no escuro, sentindo a calma nos invadir.

Depois de um instante August disse: "Há uma coisa que eu não consigo entender, Lily. Como você veio parar aqui?".

Eu tirei do bolso a imagem da Maria negra e passei para ela.

"Era da minha mãe. Encontrei no sótão junto com a fotografia dela."

"Oh, meu Deus", August falou, tapando a boca com a mão. "Eu dei isso para sua mãe pouco antes de ela morrer."

Largou o copo de água no chão e ficou andando pela varanda. Como eu não sabia se devia continuar a falar, esperei que ela dissesse alguma coisa, mas como ela se manteve calada, fiquei quietinha ao seu lado. Seus lábios estavam apertados e os olhos examinavam a noite. A gravura estava na sua mão, e a mão estava caída para o lado.

Ela levou algum tempo para se recompor, e nós duas finalmente conseguimos olhar para a gravura.

"Está escrito atrás Tiburon, C. S.", comentei.

August virou a santa.

"Deborah deve ter escrito isso." Um leve sorriso passou pelos seus lábios. "Era bem coisa dela. Sua mãe tinha um álbum cheio de fotografias, e escrevia, atrás de cada uma, o lugar onde tinha sido tirada, mesmo que fosse na sua própria casa." Passou a gravura para mim. Eu fiquei parada ali, passando o dedo na palavra Tiburon.

"Quem teria imaginado?", disse August.

Ficamos ali no balanço, dando pequenos impulsos com os pés para a frente e para trás. Ela olhava para a frente. A alça do seu sutiã caiu até o cotovelo, mas ela nem notou.

June sempre dizia que a maioria das pessoas come mais do que consegue mastigar, mas August mastigava mais do que comia. June gostava de implicar com August, dizendo que ela pensava demais, que de uma hora para outra parava de conversar e ia para um mundo privado onde ruminava seus pensamentos e digeria as coisas que em geral deixavam os outros engasgados. Eu queria dizer, *Me ensine a fazer isso. Me ensine a suportar tudo isso.*

Um trovão rugiu sobre as árvores. Eu pensei nas festas de boneca da minha mãe, nos sanduíches mínimos para as boquinhas pequenas, e fui tomada pela tristeza. Talvez porque teria gostado muito de estar presente em uma festa assim. Talvez porque todos os sanduíches seriam de manteiga de amendoim, o favorito da minha mãe, que eu nem apreciava tanto. Pensei se a poesia que August a obrigara a memorizar continuou na sua cabeça depois que ela se casou. Será que ela ficava deitada ouvindo os roncos de T. Ray, recitando a poesia quando ia dormir, pedindo a Deus para poder fugir com Robert Frost?

Dei uma olhada de lado para August, tentando me lembrar do momento em que estava no seu quarto, quando confessei a ela o pior dos erros humanos. Ao ouvir isso ela tinha dito: *Eu te amo. Da mesma forma como amei sua mãe.*

"Tudo bem", ela disse, como se não tivéssemos parado de falar. "A gravura explica por que você veio a Tiburon, mas não como *me* encontrou."

"Isso foi fácil. Nós tínhamos acabado de chegar aqui quando vi seu Mel da Madona Negra, e a imagem do rótulo era igual à que minha mãe tinha. A Madona Negra de Breznichar da Boêmia."

"Você disse isso de uma forma bonita", elogiou August.

"Eu andei praticando."

"Onde você viu o mel?"

"Na Loja e Restaurante Ensopado de Sapo, na entrada da cidade. Perguntei àquele homem de gravata-borboleta onde ele tinha conseguido o mel e ele disse onde a senhora morava."

"É o sr. Grady", ela disse, sacudindo a cabeça. "Juro que às vezes penso que era seu *destino* nos encontrar."

Era meu destino mesmo, eu não tinha dúvida nenhuma. Só queria saber onde eu iria acabar. Notei que nós duas estávamos com a mão no colo, de palma para cima, como se esperássemos que alguma coisa caísse ali.

"Quer que eu fale um pouco mais sobre sua mãe?", ela disse.

Eu fiz que sim. Todos os meus ossos estalavam de vontade de ouvir histórias sobre ela.

"Quando precisar parar e dar um tempo, me avise."

"Tudo bem", eu disse. Não podia imaginar o que me esperava. Alguma coisa que exigiria *um tempo*. Um tempo para quê? Para eu poder dançar de alegria? Para que ela pudesse me reavivar quando eu desmaiasse? Ou para que eu pudesse me recuperar de más notícias?

Um cachorro latia à distância. August esperou que ele silenciasse, depois disse: "Comecei a trabalhar para a mãe de Deborah em 1931. Deborah tinha quatro anos. Uma gracinha de criança, mas sempre aprontando alguma coisa. Aliás, muitas coisas. Para início de conversa, ela andava pela casa dormindo. Uma noite foi para fora e subiu em uma escada que os homens que trabalhavam no telhado tinha deixado junto da casa. Esse sonambulismo deixava a mãe dela maluca." August riu. "E sua mãe tinha uma amiga imaginária. Você já teve alguma?"

Eu sacudi a cabeça que não. Ela prosseguiu:

"Seu nome era Tica Tee. Deborah conversava em voz alta como se a amiga estivesse ali na nossa frente. Quando eu esquecia de pôr um lugar da mesa para a amiga, ela ficava brava. Mas às vezes eu punha o lugar e ela dizia: 'O que você está fazendo? Tica Tee não está aqui. Está trabalhando no cinema'. Sua mãe adorava Shirley Temple."

"Tica Tee", eu disse, querendo sentir o nome na minha língua.

"Aquela Tica Tee era uma coisa. Tudo que Deborah tinha dificuldade de fazer, Tica Tee fazia com perfeição. Tirava dez nos deveres de colégio para Deborah, ganhava estrelas de ouro na escola dominical, fazia a cama, limpava seu prato. As amigas de sua avó, que se chamava Sarah, diziam que ela devia levar Deborah a um médico em Richmond, especialista em crianças com problemas. Mas eu lhe dizia: 'Não se preocupe. Ela está só resolvendo as coisas a seu modo. Com o tempo vai esquecer a Tica Tee'. E esqueceu mesmo."

Por onde eu tinha andado que nunca ouvira falar de amigas imaginárias? Dava para entender isso. Uma parte sua sai de você e faz com que você veja como poderia ser com um pequeno esforço.

"Parece que eu e minha mãe não tínhamos nada em comum", eu disse.

"Tinham sim. Ela tinha uns lampejos como você tem. De repente fazia alguma coisa que as outras meninas nem pensavam em fazer."

"O quê, por exemplo?"

August olhou por cima do meu ombro e sorriu.

"Um dia ela fugiu de casa. Não me lembro bem por que razão. Procuramos sua mãe até o anoitecer e quando finalmente a encontramos, estava enroscada em uma vala de escoamento de água, dormindo."

O cachorro voltou a latir, e August se calou. Ficamos ouvindo aquele latido como se fosse uma espécie de serenata, eu de olhos fechados tentando imaginar minha mãe dormindo numa vala.

Depois de um intervalo perguntei: “Quanto tempo a senhora trabalhou para minha avó?”.

“Bastante tempo. Mais de nove anos. Até conseguir o emprego de professora, como já falei. Mas nós mantivemos contato depois que eu fui embora.”

“Aposto que odiaram quando você se mudou aqui para a Carolina do Sul.”

“A pobrezinha da Deborah chorou muito. Já tinha dezenove anos então, mas chorou como se tivesse seis.”

O balanço estava quase parando, e nenhuma de nós duas pensou em dar mais impulso.

“Como minha mãe veio parar aqui?”

“Eu estava aqui havia dois anos. Tinha começado a criação de abelhas, e June dava aulas no colégio quando recebi um telefonema interurbano de sua mãe, dizendo aos prantos que a mãe dela tinha morrido. ‘Eu não tenho mais ninguém no mundo a não ser você’, ela disse.”

“E o pai dela? Por onde ele andava?”

“O sr. Fontanel morreu quando ela era um bebê. Eu nunca o conheci.”

“Então ela veio para cá para ficar perto da senhora?”

“Deborah tinha uma amiga do colégio que acabara de se mudar para Sylvan. Foi ela quem a convenceu que lá era um bom lugar para morar. Disse que Deborah poderia arranjar um emprego e que os homens estavam voltando da guerra. Então ela se mudou para lá. Mas acho que foi muito por minha causa. Acho que ela queria ficar perto de mim.”

Os pontos estavam começando a se ligar.

“Minha mãe foi para Sylvan, conheceu T. Ray e se casou.”

“Isso mesmo.”

Quando nós tínhamos chegado na varanda o céu estava coberto de estrelas, a Via-Láctea brilhava como se fosse uma estrada real por onde se pudesse passar e encontrar sua mãe do outro lado com as mãos nos quadris. Mas naquele momento um nevoeiro úmido desceu sobre o quintal e parou sobre a varanda. Um minuto depois começou a garoar.

“O que eu nunca consegui entender foi por que ela se casou com *ele*”, eu disse.

“Acho que seu pai não foi sempre assim. Deborah falava muito dele. Tinha muito orgulho de ele ter sido condecorado na guerra, achava que ele era um homem valente. Dizia que ele a tratava como uma princesa.”

Tive vontade de rir na cara dela.

“Não é o mesmo Terrence Ray que eu conheço, posso garantir.”

“Sabe, Lily? As pessoas às vezes começam de uma forma e com o passar da vida se tornam completamente diferentes. Não duvido que ele amasse sua mãe no início. Na verdade, acho que a adorava. E sua mãe se absorveu com isso. Como muitas outras moças, ela era romântica demais. Mas depois de uns seis meses o amor começou a esfriar. Em uma de suas cartas eu me lembro que ela falou que as unhas de Terrence Ray eram sujas. Logo depois escreveu dizendo que não sabia se conseguiria viver em uma fazenda, esse tipo de coisa. Quando ele propôs o casamento ela não aceitou.”

“Mas se casou com ele”, eu disse, confusa.

“Mais tarde ela mudou de ideia e aceitou se casar.”

“Por quê? Se o amor já estava frio, por que se casou com ele?”

August pôs a mão na minha nuca e ajeitou meu cabelo com os dedos.

“Eu pensei muito se devia contar, mas talvez isso faça você compreender melhor o que aconteceu. Meu bem, Deborah estava grávida, por isso se casou.”

Antes que ela dissesse eu já sabia, mas mesmo assim suas palavras soaram como um martelo na minha cabeça.

“Grávida de *mim*?”, minha voz parecia cansada. A vida da minha mãe era pesada demais para mim.

“Isso mesmo, grávida de você. Ela e Terrence Ray se casaram perto do Natal. Ela me telefonou para contar.”

Indesejável, pensei. *Eu fui um bebê indesejável*.

Além disso, minha mãe teve de suportar T. Ray por *minha* causa. Felizmente estava escuro, e August não podia ver meu

rosto abatido. A gente pensa que quer saber uma coisa, e quando sabe, tem vontade de tirá-la da cabeça. Dali em diante, quando me perguntassem o que eu queria ser quando crescesse, planejava dizer *amnésica*.

Ouvi o barulhinho da chuva. Os respingos molharam meu rosto enquanto eu contava nos dedos.

"Eu nasci sete meses depois que eles se casaram."

"Ela me telefonou logo depois que você nasceu. Disse que era uma criança tão linda que os olhos dela doíam porque não parava de olhar para você."

Alguma coisa fez meus próprios olhos arderem como se tivesse entrado areia neles. Talvez minha mãe tivesse me paparicado afinal. Conversado comigo naquela linguagem boboca usada com os bebês. Enrolado meu cabelo de recém-nascida no alto da cabeça como se fosse cobertura de sorvete. Posto lacinhos cor-de-rosa no meu cabelo. O fato de não estar nos seus planos ter uma filha, não queria dizer que ela não tivesse me amado.

August continuou a falar enquanto eu revivia a história que tinha contado a mim mesma tantas vezes — minha mãe me adorava mais que tudo. Eu tinha vivido com essa ideia como um peixe dourado vive em um aquário, como se fosse o único mundo que houvesse. Deixar aquele mundo seria a morte para mim.

Fiquei sentada com os ombros caídos, olhando para o chão. Sem pensar na palavra: indesejável.

"Você está bem? Quer ir para a cama agora para pensar em tudo isso, e ouvir o resto amanhã de manhã?"

"Não", disse num rompante, respirando fundo, e tentando parecer natural. "Eu estou bem. Só preciso de mais um pouco de água."

Ela pegou meu copo vazio e foi para a cozinha, olhando para mim duas vezes. Quando voltou com a água, trazia um guarda-chuva pendurado no pulso.

"Daqui a pouco vou levar você até o apiário", disse.

Bebi a água com dificuldade, o copo tremendo na minha mão. O barulho dos meus goles foi aumentando até ficar mais

alto que o da chuva por uns segundos.

"Tem certeza de que não quer ir para a cama agora?", August insistiu.

"Tenho. Preciso saber..."

"Precisa saber o quê, Lily?"

"Tudo."

August sentou-se ao meu lado no balanço, resignada.

"Muito bem, então. Muito bem."

"Eu sei que ela só se casou por minha causa, mas a senhora acha que ela foi pelo menos um pouquinho feliz?"

"Acho que durante um tempo foi. Eu sei que ela tentou. Recebi mais de dez cartas dela e outros tantos telefonemas ao longo dos dois primeiros anos, e dava para ver que ela estava se esforçando. Você era quase o único assunto; dizia que você já estava sentando, dando os primeiros passinhos, brincando de massinha. Mas depois suas cartas ficaram cada vez menos constantes, e eu vi que ela estava infeliz. Um dia ela me telefonou. Foi no fim de agosto ou no início de setembro. Lembro porque nós tínhamos celebrado o Dia de Maria pouco tempo antes. Disse que estava se separando de T. Ray, que tinha de sair de casa. Queria saber se podia ficar uns meses comigo até ver para onde iria. É claro que eu disse que sim. Quando fui buscá-la na rodoviária ela nem parecia a mesma Deborah. Estava muito magra, com olheiras."

Meu estômago começou a dar voltas. Eu sabia que chegaríamos na parte da história que mais me afligia. Minha respiração acelerou-se.

"Eu estava junto quando a senhora pegou minha mãe na rodoviária? Ela me trouxe, não é?"

August falou baixinho por cima do meu cabelo.

"Não, meu bem, ela veio sozinha."

Eu percebi que tinha mordido a bochecha. O gosto de sangue me deu vontade de cuspir, mas engoli tudo.

"Por quê? Por que ela não me trouxe?"

"Eu só sei, Lily, que ela estava deprimida, meio fora de si. No dia em que saiu de casa, nada diferente aconteceu. Ela acordou e decidiu que não podia mais ficar lá. Telefonou para uma

senhora da fazenda vizinha, pedindo para ela ficar com você, e pegou o carro de Terrence Ray para ir até a rodoviária. Até chegar aqui, eu pensei que ela iria trazer você também."

O balanço rangeu quando nos sentamos, sentindo o cheiro da chuva quente, da mata molhada, da grama encharcada. *Minha mãe me deixou.*

"Eu detesto a minha mãe", disse. Minha vontade era gritar, mas as palavras saíram com toda a calma, baixas e ásperas como o barulho de carros passando lentamente pelo cascalho.

"Calma, Lily."

"Eu detesto a minha mãe. Ela não era nada como eu pensei que fosse."

Eu tinha passado a vida toda imaginando que ela me amava, que era um tipo de mãe perfeita. E era tudo mentira. Eu tinha inventado a minha mãe.

"Foi fácil ela me deixar, pois nunca me quis, para dizer a verdade."

August chegou mais perto, mas eu me levantei e empurrei a porta telada que dava para os degraus da varanda. Deixei a porta bater com força atrás de mim, depois sentei nos degraus ensopados, com as costas arqueadas, sob o beiral.

Ouvi August andando na varanda, senti o ar ficar mais espesso quando ela chegou perto de mim do outro lado da tela.

"Eu não sou boa para inventar desculpas, Lily. Sua mãe fez o que fez."

"Que mãe, hein?" Eu me sentia dura por dentro. Dura e enraivecida.

"Quer me ouvir um instante? Quando sua mãe chegou aqui em Tiburon, era pele e osso. May não conseguia que ela comesse nada. Ela chorou durante uma semana inteira. Mais tarde passou-se a chamar isso de crise nervosa, mas naquela época não havia um nome para esse estado de espírito. Levei-a ao médico daqui e ele receitou óleo de fígado de bacalhau e perguntou onde estava sua família branca. Disse que talvez ela precisasse ficar algum tempo em Bull Street. Então eu não levei mais sua mãe nesse médico."

“Bull Street? A instituição para doentes mentais?” Vi que a história estava piorando cada vez mais. “Mas lá é lugar para gente maluca”, eu disse.

“Acho que ele não sabia mais o que fazer com ela, mas ela não estava maluca. Estava deprimida, mas não maluca.”

“A senhora devia ter deixado minha mãe ir para lá. Gostaria que ela tivesse apodrecido lá.”

“Lily!”

Deixei August chocada, e estava contente com isso. Minha mãe procurava amor, e, em vez disso, encontrou T. Ray e a fazenda, e depois eu, e eu não fui suficiente para ela. Ela me deixou com T. Ray Owens.

Relâmpagos rasgaram o céu, mas mesmo assim eu não me mexi. Meu cabelo voava como fumaça em todas as direções. Eu senti meus olhos endurecerem, ficarem chatos e estreitos como moedas. Olhei para um cocô de passarinho no degrau de baixo que estava sendo lavado pela chuva.

“Está me ouvindo agora?”, disse August. Sua voz passava pela tela, com pontinhas de arame farpado em cada palavra. “Está?”

“Estou ouvindo.”

“Quando estão deprimidas, as pessoas fazem coisas que normalmente não fariam.”

“O quê, por exemplo? Abandonar os filhos?” Eu não conseguia parar. A chuva encharcava minhas sandálias, entrando entre os dedos.

Dando um longo suspiro, August voltou para o balanço e sentou-se. Parecia magoada comigo, desapontada, e isso me atingiu, parte do meu orgulho desapareceu.

Saí dos degraus e voltei para dentro, para a varanda telada. Quando me sentei ao lado de August no balanço, ela pôs a mão em cima da minha, e o calor passou da sua palma para a minha pele. Eu estremeci.

“Venha cá”, disse, puxando-me para junto dela, como se eu tivesse sendo acolhida debaixo da asa de um pássaro. Ficamos assim algum tempo, balançando para a frente e para trás, eu protegida debaixo daquela grande asa.

“O que deixou minha mãe tão deprimida?”, perguntei.

"Não sei a resposta toda, mas sei que Deborah não aguentava mais morar na fazenda, isolada das coisas, casada com um homem com quem realmente não queria estar."

A chuva aumentou, descendo em lençóis grandes e escuros. Por mais que eu tentasse, não conseguia entender meu coração. Ora eu detestava minha mãe, ora sentia pena dela.

"Tudo bem, ela estava com uma crise nervosa, mas como pôde me abandonar desse jeito?", eu disse.

"Depois de uns três meses ela começou a se sentir um pouco melhor e a dizer que sentia muito a sua falta. E finalmente voltou para Sylvan para te buscar."

Eu ajeitei o corpo e olhei para August, ouvindo a rápida sucção de ar através dos meus lábios.

"Ela voltou para me buscar?"

"Seus planos eram viver aqui em Tiburon com você. Chegou a pedir a Clayton que preparasse os papéis para seu divórcio. A última vez que vi sua mãe ela estava num ônibus acenando para mim pela janela."

Eu encostei a cabeça no ombro de August e sabia exatamente o que viria depois. Fechei os olhos, e lá estava a cena. O dia distante que nunca me deixaria... a mala no chão, minha mãe jogando suas roupas dentro sem dobrar nada. *Depressa*, ela dizia.

T. Ray me disse que ela voltou para pegar suas coisas. Mas ela voltou para me pegar também. Queria me trazer para cá, para Tiburon, para perto de August.

Se tivesse conseguido! Lembro do barulho das botas de T. Ray nas escadas. Tive vontade de esmurrar alguma coisa, de gritar com a minha mãe por ela ter sido apanhada, por não ter juntado suas coisas mais depressa, por não ter voltado antes.

Finalmente olhei para August, e quando falei senti um amargo na boca.

"Eu me lembro. Lembro que ela voltou para me buscar."

"Eu imaginava isso", disse August.

"T. Ray chegou e ela estava fazendo as malas. Os dois gritaram e brigaram. Ela...", parei de falar, ouvindo a voz deles na minha cabeça.

“Continue”, disse August.

Olhei para as minhas mãos trêmulas.

“Ela pegou uma arma que estava no armário, mas ele tirou a arma da sua mão. Tudo aconteceu tão depressa que se misturou na minha cabeça. Eu vi a arma no chão e a apanhei. Não sei por que fiz isso. Eu... eu queria ajudar. Queria entregar para ela. Por que fiz isso? Por que peguei aquela arma?”

August chegou para a ponta do balanço e olhou para mim. Seus olhos tinham um ar determinado.

“Lembra do que aconteceu em seguida, depois que você pegou a arma?”

Sacudi a cabeça.

“Só me lembro do barulho. Da explosão. Muito alta.”

As correntes do balanço se torceram. Olhei para cima e vi August franzir as sobrancelhas.

“Como a senhora soube que... minha mãe tinha morrido?”, perguntei.

“Quando ela não voltou como tinha combinado... quis saber o que tinha acontecido e telefonei para sua casa. Uma mulher respondeu, dizendo que era a vizinha.”

“Foi uma vizinha nossa que contou?”

“Ela disse que Deborah tinha morrido acidentalmente com um tiro de revólver. Foi só o que ela disse.”

Eu me virei e olhei a noite, os galhos das árvores gotejando, as sombras movendo-se pela varanda mal iluminada.

“A senhora não sabia que fui eu que... que dei o tiro?”

“Não, nunca imaginei uma coisa assim. Nem tenho certeza se posso imaginar agora.” August entrelaçou os dedos e pôs a mão no colo. “Tentei saber mais alguma coisa. Telefonei de novo, e Terrence Ray atendeu, mas não quis falar do assunto. Queria saber quem eu era. Cheguei a ligar para a delegacia de Sylvan, mas eles também não deram nenhuma informação, só disseram que foi uma morte acidental. Então fiquei sem saber. Todos esses anos.”

Ficamos sentadas em silêncio. A chuva tinha quase parado, deixando-nos com toda a sua quietude e um céu sem lua.

“Vamos”, disse August. “Quero te pôr na cama.”

Fomos andando pela noite, ouvindo o zumbido dos gafanhotos, os pingos de chuva no guarda-chuva, todos esses ritmos que nos invadem quando estamos desprevenidos. *Abandonou você*, eles diziam. *Abandonou você. Abandonou você.*

Saber algo pode ser uma maldição na vida de uma pessoa. Eu tinha trocado um pacote de mentiras por um pacote de verdades, e não sabia qual era o mais pesado. Qual deles exigia mais força para ser carregado? Mas era uma pergunta ridícula: depois que se conhece a verdade, não se pode voltar e pegar a mala de mentiras. Mais pesada ou não, a verdade passa a nos pertencer.

No apiário, August esperou que eu me enfiasse debaixo dos lençóis, depois se abaixou e beijou minha testa.

"Todo o mundo da face da Terra comete erros, Lily. Todo o mundo. Nós somos humanos. Sua mãe cometeu um erro terrível, mas tentou consertar."

"Boa noite", eu disse, virando para o lado.

"Não existe nada perfeito", August falou na porta. "Essa é a vida."

---

* *Lily*, em inglês. (N. T.)

13

A abelha-operária tem pouco mais de um centímetro de comprimento e pesa só umas trinta miligramas; no entanto, pode voar com uma carga mais pesada que ela própria.
The Honey Bee

O calor juntava-se nas dobras dos meus cotovelos, nos pontos macios por trás dos joelhos. Deitada debaixo dos lençóis, toquei nas minhas pálpebras. Tinha chorado tanto que elas estavam estufadas e entreabertas. Se não fosse pelas pálpebras eu não teria acreditado em nada do que tinha se passado entre mim e August.

Não me mexi depois que August saiu, fiquei ali olhando a superfície plana da parede, as centenas de bichinhos noturnos que passam e rastejam por prazer quando acham que a gente está dormindo. Quando me cansei de observá-los, coloquei o braço em cima dos olhos e me disse: *Durma, Lily. Por favor, vá dormir.* Mas é claro que não consegui.

Sentei no catre, sentindo que meu corpo pesava uma tonelada. Como se alguém tivesse levado um caminhão de cimento até o apiário, virado a caçamba para o meu peito e começado a despejar. Foi horrível me sentir um bloco de concreto no meio da noite.

Mais de uma vez, enquanto olhava para as paredes, pensei na Nossa Senhora. Queria falar com ela, perguntar: *Para onde eu vou quando sair daqui?* Mas ao vê-la antes, quando August e eu entramos, ela não parecia capaz de ajudar ninguém, presa com todas aquelas correntes. É preciso que a pessoa para quem rezamos pelo menos *pareça* capaz de ajudar.

Saí da cama me arrastando e fui ver Nossa Senhora. Decidi que nem mesmo Maria tinha de ser cem por cento capaz o

tempo todo. A única coisa que eu queria é que ela compreendesse. Alguém que desse um grande suspiro e dissesse: *Pobrezinha*, *eu sei como você se sente*. Se pudesse escolher, eu preferia alguém que entendesse minha situação, embora não pudesse consertar nada, do que o contrário. Mas essa sou eu.

Assim que cheguei perto senti o cheiro das correntes, um cheiro forte de ferrugem. Tive vontade de desamarrar a Nossa Senhora, mas é claro que teria estragado toda a encenação de August e das Filhas de Maria.

A vela vermelha tremulava aos pés de Maria. Afundei no chão e sentei de pernas cruzadas à sua frente. Ouvi o vento do lado de fora, alto nas árvores, uma voz cantada que me levou a tempos atrás, quando eu acordava no meio da noite com esse mesmo som e, cheia de sono e ansiedade, imaginava que fosse minha mãe entre as árvores, cantando seu amor insondável. Um dia fui para o quarto de T. Ray e gritei que tinha alguém na minha janela. Ele disse só três palavras:

"Que merda, Lily."

Eu detestava quando ele tinha razão. Não havia nenhuma voz no vento. Nenhuma mãe cantando. Nenhum amor insondável.

A coisa terrível, a coisa realmente terrível era a raiva em mim. Tinha começado na varanda dos fundos, quando a história da minha mãe caiu por terra, como se o chão debaixo dos meus pés tivesse desabado. Eu não queria ter raiva, e disse a mim mesma: *Você não está com raiva*. *Você não tem direito de estar com raiva*. *O que você fez com sua mãe foi muito pior do que o que ela fez com você*. Mas não dá para a gente controlar a raiva. Ou a gente está com raiva ou não está.

O quarto estava quente e silencioso. Mais um minuto e eu não conseguiria respirar de tanta raiva que sentia dentro de mim. Meus pulmões só soltavam o ar até um certo ponto e depois se fechavam de novo.

Eu me levantei e fiquei andando na escuridão. Atrás de mim, na mesa de trabalho, meia dúzia de vidros de Mel da Madona Negra esperava para ser entregue por Zach em algum lugar da cidade — talvez para Clayton, para a Loja e Restaurante

Ensopado de Sapo, para Amen Dollar ou para o Divine Do's, o salão de beleza dos negros.

Como ela teve coragem? Como teve coragem de me deixar? Eu era sua filha.

Olhei pela janela e tive vontade de quebrar todas as vidraças. Queria jogar alguma coisa até o céu para derrubar Deus do seu trono. Peguei um dos vidros de mel e atirei-o com toda a força. O vidro passou de raspão pela cabeça de Maria e foi cair na parede dos fundos. Peguei outro e atirei também. Ele caiu no chão ao lado de uma pilha de melgueiras. Joguei todos os vidros da mesa, até o mel espalhar-se por todos os lados, escorrendo como massa de uma batedeira elétrica. Fiquei ali naquele quarto viscoso cheio de vidros quebrados, mas nem me incomodei. Minha mãe tinha me abandonado. Para que me importar com o mel escorrendo pelas paredes?

Peguei um balde de estanho e, soltando um grunhido, atirei-o com tanta força que ele deixou uma marca na parede. Meu braço estava cansado, mas eu peguei uma bandeja de moldes de vela e joguei também.

Depois fiquei quieta, vendo o mel escorrer da parede até o chão. Um fio de sangue brilhante descia pelo meu braço direito. Não tinha ideia do que pudesse ter acontecido. Meu coração batia descompassado. Parecia que eu tinha aberto o zíper da minha pele e saído momentaneamente para fora do corpo, deixando uma pessoa louca no lugar.

O quarto girava como um carrossel e meu estômago subia e descia. Senti a urgência de tocar na parede com as duas mãos para fazer com que ela parasse de girar. Voltei para a mesa onde os vidros de mel tinham estado e apoiei-me nela. Não sabia o que fazer. Sentia uma tristeza enorme, não pelo que eu tinha feito, por pior que fosse, mas porque tudo parecia vazio — os sentimentos que eu tinha por ela, as coisas em que eu acreditava, todas as histórias sobre ela que tinham me sustentado como se fossem alimento, água e ar. Porque eu era a menina que ela tinha abandonado. Esse era o resumo de tudo.

Olhando em volta para a confusão que eu tinha causado, fiquei pensando se alguém da casa rosa teria ouvido os vidros

de mel baterem contra a parede. Fui até a janela e olhei para o quintal. As janelas do quarto de August estavam escuras. Senti o coração no meu peito. Doía demais. Como se tivessem pisado nele.

"Por que você me abandonou?", murmurei, vendo minha respiração criar um círculo no vidro.

Fiquei junto da janela por algum tempo, depois fui juntar alguns cacos de vidro que estavam no chão em frente à Nossa Senhora. Deitei de lado, puxando os joelhos para o queixo. Acima de mim, a Maria negra, salpicada de mel, não parecia nada surpresa. Fiquei deitada ali no vazio, cansada, sentindo tudo — até mesmo a raiva — se escoar. Não restava nada a fazer. Nenhum lugar para onde ir. Só ali, agora, onde estava a verdade.

Disse a mim mesma para não me levantar à noite e andar por ali, senão cortaria os pés com os cacos de vidro. Depois fechei os olhos e comecei a pensar no sonho que queria ter. Uma portinha na estátua de Maria negra se abriria, acima do abdome, e eu me esconderia lá dentro. Isso não era pura imaginação, pois eu tinha visto uma figura assim no livro de August — uma estátua de Maria com uma porta aberta e, lá dentro, todas aquelas pessoas no mundo secreto da consolação.

Acordei com as mãos grandes de Rosaleen me sacudindo, abri os olhos e a claridade me ofuscou. Senti seu rosto por cima do meu e um aroma de café e geleia de uva vindo da sua boca.

"Lily!", ela gritou. "O que foi que aconteceu aqui?"

Eu tinha me esquecido do sangue no meu braço, que já devia estar ressecado. Examinei o braço e vi um pedaço de vidro, pequeno como uma lasca de diamante, enfiado debaixo da pele. À minha volta, cacos de vidro e poças de mel. O chão estava todo manchado de sangue.

Rosaleen olhou para mim, esperando, abismada. Olhei para cima, tentando focalizar o rosto dela. Um raio de sol passava pela Nossa Senhora e nos envolvia.

"Me responda", falou Rosaleen.

Apertei os olhos para me proteger da claridade. Não conseguia abrir a boca para responder.

"Você está toda suja de sangue."

Eu fiz que sim e virei a cabeça. Ao ver aquela confusão toda no quarto, fiquei encabulada e me senti ridícula e tola.

"Eu... eu joguei uns vidros de mel na parede."

"Foi *você* quem fez essa bagunça?", ela perguntou, incrédula, como se esperasse que eu dissesse que um bando de vândalos tinha invadido o quarto durante a noite. Rosaleen bufou com tanta força que seu cabelo ficou em pé, o que não era fácil, considerando a quantidade de laquê que ela passava. "Meu Deus do céu!"

Eu me levantei, esperando o pito que ia levar, mas ela esticou os dedos grossos e tentou puxar o caco de vidro do meu braço.

"Vou ter de pôr mercurocromo nisso antes que infeccione. Vamos." Ela estava furiosa, como se quisesse me sacudir com força até meus dentes todos caírem.

Eu sentei na borda da banheira enquanto Rosaleen limpava meu braço com gelo enrolado em um pedaço de pano. Pôs um curativo no lugar e disse: "Pronto, pelo menos você não vai morrer de envenenamento no sangue".

Fechou o armário de remédios de cima da pia, depois fechou a porta do banheiro. Sentou no vaso sanitário e a barriga caiu por cima das pernas. Quando ela se sentava no vaso, ele desaparecia totalmente debaixo do seu corpo. Fiquei empoleirada na ponta da banheira, contente de ver que as portas dos quartos de August e June ainda estavam fechadas.

"Muito bem, agora diga: por que você jogou todo aquele mel nas paredes?"

Olhei para a fileira de conchas marinhas no parapeito da janela, e senti que elas pertenciam àquele lugar, embora estivéssemos a centenas de quilômetros do mar. August tinha dito que as pessoas deviam ter conchas no banheiro para lembrar que o mar era sua casa. As conchas, ela dizia, são as coisas favoritas de Nossa Senhora, depois da Lua.

Peguei uma das conchas, muito bonita, com um tom amarelado nas bordas.

Rosaleen ficou ali me observando.

"Vai me contar agora?", perguntou.

"T. Ray contou a verdade sobre a minha mãe", eu disse, enojada ao ouvir essas palavras. "Ela me deixou. Foi exatamente como ele disse. Ela me deixou." Por um instante, a raiva que tinha sentido na noite anterior ressurgiu, e tive vontade de atirar a concha na banheira, mas me controlei. Já tinha percebido que ataque histérico não servia de nada.

Rosaleen se mexeu e a tampa do vaso rangeu e saiu do lugar. Ela esfregou a cabeça com os dedos. Eu olhei para o lado, para o cano debaixo da pia, para uma mancha de ferrugem no linóleo.

"Então sua mãe foi embora mesmo", ela disse. "Meu Deus, eu tinha medo que isso fosse verdade."

Levantei a cabeça e me lembrei daquela noite na margem do riacho, depois que nós fugimos, quando contei a Rosaleen o que T. Ray tinha dito sobre a minha mãe. Queria que ela risse ao imaginar minha mãe me deixando, mas ela tinha hesitado.

"Você sabia, não é?"

"Eu não tinha certeza. Mas tinha ouvido uns boatos."

"Que boatos?"

Ela deu um suspiro fundo.

"Depois que sua mamãe morreu, ouvi T. Ray falando no telefone com aquela vizinha, a sra. Watson. Estava contando que não precisava que ela cuidasse de você porque já tinha contratado uma catadora de pêssegos do pomar para isso. Como estava falando sobre mim, eu fiquei ouvindo." Do lado de fora passou uma gralha, enchendo o banheiro com seus gritos frenéticos e Rosaleen teve de parar de falar.

Eu conhecia a sra. Watson da igreja, e das vezes em que ela parava para comprar pêssegos comigo. Ela era bem simpática, mas sempre me olhava como se visse uma tristeza indescritível escrita na minha testa, como se quisesse esfregar minha testa e apagar aquilo.

Agarrei-me na borda da banheira, sem saber se queria que Rosaleen continuasse a falar.

"Ouvi seu pai dizer à sra. Watson: 'Janie, você já fez demais cuidando de Lily por todos esses meses. Não sei o que seria de nós sem sua ajuda'." Rosaleen olhou para mim e sacudiu a cabeça. "Eu nunca entendi o que isso queria dizer. Mas quando você contou o que T. Ray tinha dito sobre sua mãe, acho que consegui entender."

"Não sei por que você não me contou isso antes", eu disse, cruzando os braços no peito.

"Como você descobriu?", perguntou Rosaleen.

"August me contou", respondi, lembrando de toda aquela choradeira da véspera no quarto de August, de me segurar na bainha do seu vestido, do monograma do lenço arranhando a minha bochecha.

"August?", repetiu Rosaleen, com um ar estupefato que não era do seu feitio.

"August ajudou a criar a minha mãe lá na Virginia."

Esperei uns segundos para Rosaleen digerir a informação.

"Foi para cá que minha mãe veio quando saiu de casa. Quando... a sra. Watson ficou tomando conta de mim. Ela veio direto para esta casa."

Os olhos de Rosaleen ficaram cada vez mais apertados, se é que era possível.

"Sua mãe...", ela parou no meio da frase e eu vi que estava tentando juntar os pauzinhos. Minha mãe me abandonando. A sra. Watson cuidando de mim. Minha mãe voltando e sendo morta.

"Minha mãe ficou três meses aqui e depois voltou para Sylvan. Acho que um dia ela pensou: *Isso mesmo. Eu tenho uma filhinha em casa. Acho que está na hora de buscar minha filhinha*."

Ouvi a amargura na minha voz, e percebi que podia manter esse tom para sempre. Dali em diante, toda vez que eu pensasse na minha mãe podia facilmente ser tomada de frieza e maldade. Apertei a concha até sentir que ela arranhava a palma da minha mão.

Rosaleen levantou-se. Eu olhei para cima e notei como ela parecia grande demais naquele banheiro. Também me levantei e durante um segundo ficamos imprensadas entre a banheira e o vaso sanitário, olhando uma para a outra.

"Eu gostaria que você tivesse me contado o que sabia sobre minha mãe. Por que não contou?"

"Oh, Lily", ela falou, com um tom carinhoso vindo do fundo da sua garganta. "Por que eu iria magoar você com uma coisa assim?"

Rosaleen foi comigo até o apiário com uma vassoura no ombro e uma espátula na mão. Eu levava um punhado de trapos e material de limpeza. Usamos a espátula para raspar e tirar o mel de todos os cantinhos possíveis. Até a calculadora de August estava respingada de mel.

Esfregamos o chão e as paredes, depois fomos cuidar da Nossa Senhora. Limpamos tudo muito bem, sem dar uma palavra, até o lugar voltar ao seu aspecto de sempre.

Eu trabalhava com um peso por dentro e com o espírito esvaziado. A única coisa que sentia era minha respiração saindo em baforadas das narinas. O coração caloroso de Rosaleen, preocupado comigo, transparecia no seu rosto suado. Nossa Senhora falava com os olhos, dizendo coisas que eu não conseguia entender. E era tudo.

As Filhas e Otis chegaram ao meio-dia, trazendo todo tipo de gulodices, como se não tivéssemos comido até o limite na noite anterior. Colocaram as comidas no forno para não esfriar e ficaram pela cozinha provando os croquetes de milho de Rosaleen, dizendo que nunca tinham tido o prazer de comer croquetes de milho tão gostosos, o que deixou Rosaleen inchada de orgulho.

"Parem de comer os croquetes de Rosaleen", disse June. "Eles são para o almoço."

"Deixe as moças comerem", Rosaleen disse, o que me espantou, pois ela sempre dava um tapa na minha mão quando eu pegava uma migalhinha que fosse de seus croquetes antes do jantar. Quando Neil e Zach chegaram os croquetes tinham

praticamente acabado, e Rosaleen estava a ponto de sair voando de tão inchada.

Eu estava muda num canto da cozinha. Minha vontade era sair engatinhando para o apiário e cair na cama. Queria que todos calassem a boca e fossem embora.

Zach chegou perto de mim, mas eu me virei e fiquei olhando para o ralo da pia. Pelo canto do olho, vi que August me vigiava. Sua boca estava brilhante, como se tivesse esfregado vaselina nos lábios, e eu vi que também tinha comido uns croquetes de milho. Ela veio até onde eu estava e fez um carinho no meu rosto. Eu não sabia se ela tinha tomado conhecimento da confusão armada no apiário, mas ela tinha um jeito de descobrir as coisas. Talvez estivesse querendo me dizer que estava tudo bem.

"Quero que você conte para o Zach a história sobre a minha mãe, conte que eu fugi de casa e tudo o mais."

"Não é melhor você mesma contar?"

Meus olhos começaram a encher-se de lágrimas.

"Não vou conseguir. Por favor, conte por mim."

Ela olhou para Zach.

"Tudo bem. Vou contar na primeira chance que tiver."

Depois ela levou o grupo para a última cerimônia do Dia de Maria. Fomos para o quintal, todas as Filhas com os lábios brilhando de gordura. June nos esperava lá, sentada em uma cadeira sem braços da cozinha, tocando violoncelo. Fizemos um círculo à sua volta, iluminadas pela luz do meio-dia. A música que ela tocou entrava na gente, passando pelas câmaras secretas do coração e fazendo a tristeza sair. Ao ouvir essa música, vi minha mãe no ônibus Trailways para Sylvan, e eu, uma menininha de quatro anos de idade, dormindo na cama sem saber o que iria acontecer logo depois.

A música de June se transformou em ar e o ar em dor. Fiquei balançando o corpo, tentando não respirar.

Foi um alívio quando Neil e Zach saíram do apiário com Nossa Senhora, pois parei de pensar no ônibus Trailways. Carregavam a santa debaixo do braço como se fosse um tapete enrolado, as correntes chicoteando o corpo dela para a frente e

para trás. Deviam ter usado o carro de novo, uma forma mais digna de tirá-la dali. Pior foi que puseram-na de pé em cima de um formigueiro, e as formigas saíram alucinadas para todo lado. Ficamos pulando e tirando-as dos pés.

A peruca da Doçura, que por alguma razão ela insistia em chamar de "chapéu-peruca", desceu para a testa com todos aqueles pulos e nós tivemos de esperar ela entrar em casa e depositá-la no lugar. Otis gritou:

"Eu disse para você não usar essa coisa, está quente demais para usar peruca. Está escorregando na cabeça de tanta transpiração."

"Se eu quiser usar meu chapéu-peruca, vou usar", ela falou por cima dos ombros.

"Nós sabemos disso", Otis disse, olhando para nós como se estivéssemos do seu lado, quando na verdade estávamos dando cem por cento de apoio à Doçura. Não porque *gostássemos* da sua peruca, era a coisa mais feia do mundo, mas porque não gostávamos de ver Otis dar tantas ordens.

Quando todos finalmente se organizaram, August falou: "Cá estamos nós, e cá está Nossa Senhora".

Eu olhei para ela, orgulhosa de vê-la tão limpa. August leu as palavras de Maria da Bíblia: "Eis que daqui em diante todas as gerações me proclamarão abençoada...".

"Maria abençoada", disse Violet. "Maria abençoada, abençoada." Olhou para o céu, e nós todos olhamos também, tentando ver um vestígio de Maria subindo pelas nuvens. "Maria abençoada", disse mais uma vez.

"Hoje estamos celebrando a Assunção de Maria", August falou. "Estamos celebrando o dia em que ela acordou, levantou-se e subiu aos céus. E estamos aqui para lembrar a história de Nossa Senhora das Correntes, para lembrar que essas correntes nunca conseguiram mantê-la presa. Nossa Senhora se soltava todas as vezes que era acorrentada."

August segurou a corrente que envolvia a Maria negra, soltou uma volta e passou-a para a Doçura, que soltou outra volta. Todos nos juntamos para soltar uma volta da corrente. Ficou gravado na minha cabeça o barulhinho da corrente

caindo aos poucos em cima da pilha que se formou aos pés de Maria, parecendo seguir as palavras de Violet. *Abençoada*, *abençoada*, *abençoada*, *abençoada*.

"Maria está subindo", disse August, quase num sussurro. "Está subindo aos céus." As Filhas levantaram os braços. Até Otis ficou com os braços erguidos no ar.

"Nossa Mãe Maria não será humilhada e presa", continuou August. "E nem serão suas filhas. Nós subiremos, Filhas. Nós... subiremos."

June voltou a tocar violoncelo. Eu queria levantar os braços como todos os demais, ouvir uma voz vindo a mim dos céus dizendo *Você subirá*, sentir que era possível, mas meus braços ficaram parados dos lados. Por dentro eu me senti pequena e desprezível, abandonada. Toda vez que fechava os olhos via o ônibus da Trailways.

As Filhas mantiveram os braços no ar, dando a ideia de que estavam subindo com Maria. Depois August pegou um vidro de mel da Madona Negra de trás da cadeira de June, e o que fez depois trouxe todos de volta à Terra. Ela abriu a tampa e virou o vidro na cabeça da Nossa Senhora.

O mel escorreu pelo rosto de Maria, pelos ombros e pelas dobras do seu vestido. Uma lasca de favo prendeu-se no cotovelo de Nossa Senhora.

Olhei para Rosaleen como se dissesse: *Que ótimo, nós ficamos um tempão tirando o mel dela, e agora estão cobrindo-a de mel*.

Cheguei à conclusão de que nada que aquelas mulheres fizessem me surpreenderia de novo, mas isso durou só um segundo, porque as Filhas juntaram-se em volta de Nossa Senhora como um círculo de abelhas-operárias, e esfregaram o mel no alto da sua cabeça, nas bochechas, no pescoço, nos ombros e braços, nos seios, na barriga.

"Venha nos ajudar, Lily", disse Mabelee. Rosaleen já tinha entrado na delas e passava mel nas coxas de Nossa Senhora. Eu fiquei para trás, mas Cressie puxou minha mão e me arrastou para passar o mel, aquecido pelo Sol, bem no coração vermelho de Nossa Senhora.

Eu me lembrei que tinha visitado Nossa Senhora no meio da noite e posto a mão naquele mesmo lugar. *Você é minha mãe*, tinha dito para ela. *Você é mãe de milhares de pessoas.*

"Eu não entendo por que estamos fazendo isso", disse.

"Nós sempre lhe damos um banho de mel. Todo ano", Cressie explicou.

"Mas por quê?"

August estava passando mel no rosto de Nossa Senhora.

"As igrejas costumavam banhar com água benta suas estátuas especiais como uma forma de homenagem", ela disse. "Principalmente as estátuas de Nossa Senhora. Às vezes a banhavam com vinho. Nós escolhemos o mel", continuou ela, descendo para o pescoço. "O mel, Lily, é preservador. Lacra o favo nas colmeias para mantê-lo protegido e puro, de modo que as abelhas possam sobreviver no inverno. Quando banhamos Nossa Senhora com mel, pode-se dizer que estamos preservando-a para o outro ano seguinte, pelo menos dentro dos nossos corações. É o que estamos fazendo."

"Eu não sabia que mel era preservador", disse, começando a gostar de senti-lo nos meus dedos, deslizando como se fosse óleo.

"Bom, as pessoas não usam o mel para isso, mas sua ação é tão forte que era usado para embalsamar os corpos. As mães enterravam seus bebês mortos no mel, para mantê-los frescos."

Eu nunca tinha considerado esse uso do mel. Podia ver as agências funerárias vendendo vidros grandes de mel para gente morta, em vez de caixões. Tentei imaginar *isso* na janela da agência funerária.

Comecei a passar as mãos pela madeira, um tanto constrangida com a intimidade do que estávamos fazendo.

A um dado momento, Mabelee inclinou muito a cabeça e ficou com o cabelo cheio de mel, mas o pior foi com Lunelle, que ficou com os cotovelos pingando de mel. Tentou lamber aquilo, mas é claro que sua língua não ia até lá.

As formigas, atraídas pelo mel, vieram em fila indiana para o lado de Nossa Senhora, e para não ficarem para trás abelhas

apareceram em bando e pousaram na cabeça da santa. Quando alguém produz mel, em pouco tempo os insetos aparecem.

Queenie disse:

"Acho que os próximos a aparecer vão ser os ursos que comem mel." Eu ri, e cobri um pedacinho da base da estátua que ainda estava sem mel.

Nossa Senhora ficou coberta de mãos marrons e negras que seguiam suas próprias direções, mas depois de algum tempo uma coisa muito estranha começou a acontecer. Aos poucos nossas mãos passaram a fazer os mesmos movimentos, deslizando para cima e para baixo da estátua em pinceladas longas e lentas, depois mudando para um movimento lateral, como os bandos de pássaros que mudam de direção no céu ao mesmo tempo, e a gente fica imaginando quem comandou tudo aquilo.

Esse ritual durou um tempão, e ninguém conversava. Estávamos preservando Nossa Senhora, e eu me senti contente — pela primeira vez desde que soube sobre a minha mãe — de estar fazendo aquilo.

Finalmente, paramos. Nossa Senhora continuou ali com as correntes espalhadas pela grama, toda dourada de mel.

As Filhas, uma por uma, enfiaram as mãos num balde d'água para tirar o mel. Eu fiquei por último, querendo manter o máximo que pudesse aquela película de mel na minha pele. Era como se estivesse usando um par de luvas com propriedades mágicas. Como se eu pudesse preservar tudo que tocasse.

*

Deixamos Nossa Senhora no quintal enquanto comíamos, depois voltamos e a lavamos com água com o mesmo cuidado que tínhamos lavado com mel. Depois que Zach e Neil a carregaram de volta para a sala de visitas, todos foram embora. August, June e Rosaleen começaram a lavar os pratos, mas eu despistei e fui para o apiário. Deitei no catre e tentei não pensar.

Vocês já notaram que, quanto mais a gente tenta não pensar, mais elaborados ficam seus pensamentos? Enquanto eu tentava

não pensar, passei vinte minutos me fazendo essa fascinante pergunta: se um milagre da Bíblia fosse acontecer com você, qual gostaria que fosse? Eu eliminei a multiplicação dos pães e peixes, pois não podia nem sonhar com comida. Achei que andar sobre as águas devia ser interessante, mas de que adiantava? Quer dizer, qual é o sentido de ficar andando sobre as águas? Então me decidi pelo milagre de ressurgir dos mortos, pois uma parte minha ainda se sentia morta como um prego.

Tudo isso aconteceu antes de eu perceber que estava pensando. Voltei a fazer força para *não* pensar quando August bateu na porta.

"Lily, posso entrar?"

"É claro", respondi, mas não me levantei. *Impossível não pensar.* Tentem ficar cinco segundos perto de August sem pensar.

Ela entrou segurando uma caixa de chapéu com listas douradas e brancas. Ficou um instante olhando para mim, parecendo mais alta que nunca. O ventilador da prateleira da parede soprou sobre sua gola, fazendo-a balançar em volta do pescoço.

Ela me trouxe um chapéu, pensei. Talvez tivesse me comprado um chapéu de palha na loja Amen Dollar para me alegrar. Mas aquilo não fazia nenhum sentido, realmente. Por que um chapéu de palha iria me alegrar? Depois pensei por um instante que poderia ser o chapéu que Lunelle tinha prometido fazer para mim, mas isso também não tinha lógica. Lunelle não teria tido tempo de fazer um chapéu tão depressa assim.

August sentou-se no antigo catre de Rosaleen e pôs a caixa no colo.

"Trouxe umas coisas que pertenciam à sua mãe para você."

Eu olhei para a caixa redonda. Respirei fundo, com certa dificuldade. *Coisas que pertenciam à minha mãe.*

Não me mexi. Cheirei o ar vindo da janela, produzido pelo ventilador. Dava para sentir que tinha ficado pesado com a chuva da tarde, mas o céu continuava o mesmo.

"Você não quer ver?", ela perguntou.

"Basta me *dizer* o que tem dentro."

Ela pôs a mão na tampa e deu uma batidinha.

"Não tenho certeza se consigo me lembrar. Só me lembrei desta caixa hoje de manhã. Achei que seria bom abrirmos juntas. Mas você não precisa olhar se não quiser. São umas coisinhas que sua mãe deixou aqui no dia em que foi para Sylvan te buscar. Depois de um tempo eu dei as roupas dela para o Exército da Salvação, mas guardei o resto das coisas, por menores que fossem. Estão nesta caixa há dez anos, eu acho."

Eu me sentei. Podia ouvir meu coração batendo forte. Fiquei pensando se August podia ouvi-lo também, do outro lado do quarto. *Tum-tum*. *Tum-tum*. Apesar do pânico que sentimos com essa aceleração, há alguma coisa familiar e confortadora quando ouvimos o coração bater assim.

August pôs a caixa em cima da cama e tirou a tampa. Eu me estiquei um pouco para ver o que havia dentro, mas não consegui ver nada a não ser papel fino branco, amarelado nas bordas.

Ela retirou um pequeno embrulho da caixa e tirou o papel fino.

"O espelho de bolso da sua mãe", disse. Era um espelhinho oval, com moldura de tartaruga, do tamanho da palma da minha mão.

Saí da cama e sentei no chão, encostada na cama. Estava um pouco mais perto que antes. August dava a impressão de que esperava que eu pegasse o espelho. Eu praticamente tive de sentar em cima das mãos para não o pegar. Enfim August levantou-o e se olhou. Círculos de luz projetaram-se na parede por trás dela.

"Se *você* olhar aqui, vai ver o rosto da sua mãe te olhando", disse.

Eu nunca vou me olhar nesse espelho, pensei.

Largando o espelho na cama, August tirou da caixa de chapéu uma escova de cabelos com cabo de madeira e me ofereceu. Antes de pensar, eu peguei a escova. Senti o cabo esquisito na minha mão, frio e macio, como se tivesse sido

usado demais. Pensei se ela daria suas cem escovadelas diárias no cabelo.

Quando eu estava devolvendo a escova para August, vi um fio de cabelo comprido, preto e ondulado preso nas cerdas. Levei a escova para bem perto do meu rosto e olhei para ela, para o cabelo da minha mãe, uma parte genuína do seu corpo.

"Aí está", disse August.

Eu não conseguia tirar os olhos daquele fio de cabelo. Tinha vindo da cabeça dela e agora estava ali como um pensamento que ela tivesse deixado na escova. Então, eu vi que por mais que tentasse, por mais que quebrasse vidros de mel, por mais que achasse que podia deixar minha mãe para trás, ela nunca desapareceria completamente da minha vida. Encostei com força as costas na cama e senti as lágrimas chegando. A escova e o cabelo que pertenceram a Deborah Fontanel Owens dançaram diante dos meus olhos.

Devolvi a escova para August, que deixou uma joia na minha mão. Um alfinete de ouro, no formato de uma baleia com um olhinho preto e um jato de água feito de pedrinhas brilhantes saindo da cabeça.

"Ela estava com esse alfinete no suéter no dia em que chegou aqui", disse August.

Segurei o alfinete, fui de joelhos até a cama de Rosaleen e coloquei-o ao lado do espelho de bolso e da escova, trocando várias vezes os objetos de lugar, como se estivesse fazendo uma colagem.

Eu costumava pôr meus presentes de Natal na cama daquele jeito. Em geral T. Ray me dava quatro presentes que a dona do Sylvan Mercantile escolhia: um suéter, um par de meias, um pijama e um saco de laranjas. Feliz Natal. Dava para apostar qual seria a lista de presentes. Eu fazia com eles uma linha vertical, um quadrado, uma linha diagonal, qualquer tipo de arrumação que me desse a impressão de ser uma figura de amor.

Quando olhei para August, ela estava tirando um livro preto da caixa.

“Enquanto ela estava aqui, eu dei para sua mãe este livro de poesia inglesa.”

Peguei o livro, folheei as páginas e notei marcas de lápis nas margens, não palavras, mas uns rabiscos estranhos, uns tornados em espiral, uma porção de letras V, lulas com olhinhos, panelas com tampas, panelas com caras, panelas com umas coisas torcidas fervendo dentro, pequenas poças que de repente se tornavam ondas terríveis. Eu estava diante dos sofrimentos particulares da minha mãe, e tive vontade de ir para fora e enterrar o livro no chão.

Página quarenta e dois. Notei oito versos de William Blake sublinhados, sendo que algumas palavras tinham sublinhado duplo.

Oh, Rosa, vós estais enferma!
O inseto invisível,
Que voa na noite,
Em meio à tempestade uivante,
Encontrou vossa cama
De alegria carmesim,
E o obscuro e secreto amor dele
Vossa vida destrói.

Fechei o livro. Queria que as palavras se afastassem de mim, mas elas se grudaram. Minha mãe era a rosa de William Blake. Eu queria desesperadamente lhe dizer que sentia muito ser um dos insetos invisíveis que voavam na noite.

Coloquei o livro na cama com o resto das coisas e me virei para August, que remexia na caixa de novo, fazendo um barulhinho no papel fino.

“Uma última coisa”, ela disse, tirando um porta-retratos com moldura oval de prata escurecida.

Ao me passar o porta-retratos, segurou a minha mão por um instante. Nele, a foto de uma mulher de perfil com a cabeça abaixada para uma menininha sentada numa cadeira alta, a boca suja de comida de bebê. O cabelo da mulher era todo cacheado, bonito, como se tivesse sido escovado uma centena de vezes. Ela segurava a colherinha na mão direita. Seu rosto estava iluminado. A menininha tinha um babador enfeitado no meio com um ursinho. Uma mecha de cabelo no alto da

cabeça estava presa com um laço. Ela levantava uma das mãos para a mulher.

Eu e minha mãe.

A única coisa que me importou no mundo foi ver seu rosto virado para o meu, nossos narizes quase se tocando, seu sorriso franco e lindo com faíscas se irradiando. Ela tinha me dado de comer com uma colherinha. Tinha esfregado o nariz no meu e passado sua luz para o meu rosto.

Pela janela aberta senti o cheiro de jasmim, o cheiro típico da Carolina do Sul. Fui até a janela, coloquei os cotovelos no parapeito e respirei o mais fundo possível. Por trás de mim, August se mexeu no catre, que rangeu e depois parou.

Olhei para a foto e fechei os olhos. Achei que May devia ter ido para o céu e pedido que minha mãe mandasse o sinal que eu queria. O sinal que me mostraria que eu era amada.

14

Uma colônia sem rainha é uma comunidade melancólica e infeliz; dá quase para ouvir lamentos e gemidos lá dentro... Se não houver uma intervenção, a colônia morre. Mas ao introduzir-se uma nova rainha,
uma mudança extraordinária ocorre.
The Queen Must Die: And Other Affairs of Bees and Man

Depois que August e eu vimos tudo que havia na caixa de chapéu, eu me recolhi e fiquei ali por algum tempo. August e Zach cuidaram das abelhas e do mel, mas eu passei a maior parte do tempo à beira do riacho, sozinha. Só queria ficar comigo mesma.

O mês de agosto estava tórrido, com dias escaldantes. Eu arrancava umas folhas enormes do jardim para me abanar, enfiava os pés descalços na água, sentia a brisa levantar-se da superfície do riacho e passar por mim, mas mesmo assim tudo em mim estava entorpecido pelo calor, tudo menos meu coração, que ficou parado como uma escultura de gelo no meu peito. Nada podia aquecê-lo.

As pessoas, em geral, preferem morrer a perdoar. É difícil *mesmo*. Se Deus dissesse em linguagem direta:

"Estou te dando uma chance: ou você perdoa ou morre — muita gente iria providenciar seu caixão."

Enrolei as coisas da minha mãe no papel em pedaços, enfiei tudo na caixa de chapéu e coloquei a tampa. Deitada no chão para guardar a caixa debaixo de meu catre, encontrei uma pequena pilha de ossos de camundongos. Juntei todos e lavei-os na pia. Todo dia eu os carregava no bolso sem saber por que fazia isso.

Quando acordava de manhã, a primeira coisa em que pensava era na caixa de chapéu. Era quase como se a minha

própria mãe estivesse escondida debaixo da cama. Uma noite eu tive de me levantar e passar a caixa para o outro lado do quarto. Depois precisei tirar minha fronha, enfiar a caixa dentro dela e amarrá-la com uma das minhas fitas de cabelo. Tudo para conseguir dormir.

Quando eu ia à casa rosa para usar o banheiro, pensava: *Minha mãe sentou neste mesmo vaso sanitário*, e me detestava por pensar nisso. O que importava onde ela tinha feito pipi? Ela não tinha se importado muito com o *meu* banheiro quando me deixou com a sra. Watson e T. Ray.

Eu falava comigo mesma: *Não pense nela. Tudo é coisa do passado.* Mas no minuto seguinte, juro por Deus, ficava imaginando minha mãe na casa rosa ou no muro de lamentações, enfiando seus problemas entre as pedras. Eu apostaria vinte dólares como o nome de T. Ray estava enfiado no meio daquelas fendas. Talvez o nome Lily também estivesse. Eu gostaria que ela tivesse sido inteligente o suficiente ou amorosa o suficiente para perceber que todo mundo tem problemas graves, só que não abandonam os filhos.

De uma forma estranha eu devia gostar da minha pequena coleção de mágoas e sofrimentos. Eles me supriam com uma solidariedade real, dando-me a sensação de que eu era especial. Era a menina abandonada pela mãe. Era a menina que tinha se ajoelhado em grãos de milho. Era um caso especial.

Estávamos bem no meio da estação de mosquitos, e o tempo todo eu ficava espantando-os à beira do rio. Sentada na sombra violeta, tirava do bolso os ossinhos de camundongos e ficava brincando com eles na mão. Olhava para as coisas até parecer que ia me dissolver nelas. Às vezes esquecia de almoçar e Rosaleen vinha me procurar trazendo um sanduíche de tomate. Quando ela ia embora, eu jogava tudo no riacho.

Às vezes tinha uma necessidade imperiosa de me deitar no chão, fingindo que estava dentro daqueles túmulos de colmeias. Senti a mesma coisa logo depois que May morreu, só que multiplicada por cem.

August disse:

“Acho que você precisa chorar suas mágoas um pouco mais. Vá em frente.” — Mas naquele momento eu não conseguia parar.

Sabia que August devia ter explicado tudo a Zach e a June também, porque eles estavam cheios de dedos comigo, como se eu fosse um caso psiquiátrico. Talvez fosse mesmo. Talvez *eu* é que deveria ir para Bull Street, não minha mãe. Pelo menos ninguém me fazia perguntas nem dizia:

“Pelo amor de Deus, saia dessa.”

Eu me perguntava quanto tempo August levaria para reagir às coisas que eu tinha contado: que tinha fugido de casa, tinha tirado Rosaleen da prisão. Rosaleen era uma fugitiva. August estava me dando um tempo, um tempo para ficar à beira do riacho e fazer o que tinha de fazer, da mesma forma que deu um tempo a si própria depois que May morreu. Mas isso não duraria para sempre.

O mundo tem a peculiaridade de continuar girando por mais tristes que sejam as coisas. June marcou a data do casamento, 10 de outubro, num sábado. O irmão de Neil, reverendo da igreja africana metodista-episcopal de Albany, Geórgia, ia casar os dois no quintal dos fundos, debaixo das árvores de murta. June nos explicou todos os seus planos numa noite, durante o jantar. Ela entraria por uma aleia coberta de pétalas de rosa, com um vestido de rayon branco com alamares que Mabelee estava bordando. Eu não conseguia imaginar o que fossem alamares. June fez um desenho num bloco de papel, mas mesmo assim não entendi. Lunelle ficou encarregada de fazer o chapéu do casamento, o que eu achei muita coragem de June. Nunca se sabia o que Lunelle iria inventar.

Rosaleen se ofereceu para fazer o bolo de casamento em camadas, e Violet e Queenie para decorar o bolo com um “tema de arco-íris”. Mais uma vez achei muita coragem de June.

Um dia fui à casa rosa no meio da tarde, morta de sede, buscar uma jarra de água para levar para o riacho, e encontrei June e August abraçadas, no meio da cozinha.

Fiquei observando do lado de fora da porta, embora fosse um momento privado entre elas. June agarrava-se às costas de August com mãos trêmulas.

"May ia adorar esse casamento", disse. "Ela me falou uma centena de vezes que era teimosia minha não me casar com Neil. Meu Deus, August, por que não resolvi isso mais cedo, enquanto ela estava viva?"

August virou-se ligeiramente e me viu na porta. Segurou June, que começava a chorar, mas manteve os olhos em mim. E disse: "Arrependimentos não servem de nada, você sabe disso".

No dia seguinte eu realmente tive vontade de comer. Entrei para almoçar e vi Rosaleen com um vestido novo e o cabelo recém-trançado. Ela estava enfiando guardanapos de papel no peito para protegê-lo.

"Onde você arranjou esse vestido?", perguntei.

Ela fez uma pose, deu uma voltinha, e quando eu sorri deu outra voltinha. O vestido parecia uma tenda — metros de tecido estampado caindo dos ombros, sem cintura marcada nem pregas. O fundo era de um vermelho brilhante com gigantescas flores brancas. Dava para perceber que ela estava apaixonada pelo vestido.

"August me levou à cidade ontem e eu comprei isso", disse. Fiquei espantada de repente ao ver as coisas acontecerem sem a minha participação.

"Seu vestido é bonito", menti, notando pela primeira vez que não havia sinal de preparativos para o almoço.

Ela alisou a frente da roupa, olhou para o relógio em cima do fogão e foi pegar uma bolsa branca e velha de vinil que tinha herdado de May.

"Você vai a algum lugar?", perguntei.

"É claro que vai", disse August, entrando na cozinha e sorrindo para Rosaleen.

"Vou terminar o que comecei", falou Rosaleen, levantando o queixo. "Vou me registrar para votar."

Meus braços penderam para os lados, e eu fiquei de boca aberta.

"Mas e o fato de... o fato de... você sabe o que é."

Rosaleen apertou os olhos.

"*O quê?*"

"O fato de você estar fugida da polícia. E se eles reconhecerem seu nome? E se você for apanhada?"

Olhei para August.

"Acho que não vai ter problemas", ela explicou, tirando as chaves da caminhonete do prego atrás da porta. "Nós vamos registrar o nome dela na escola para negros."

"Mas..."

"Pelo amor de Deus, eu só vou pegar meu título de eleitora", disse Rosaleen.

"Foi isso que você disse naquela última vez."

Ela ignorou minha observação. Pegou a bolsa de May e pendurou-a no braço.

"Quer vir conosco, Lily?", August perguntou.

Eu queria e não queria. Olhei para os meus pés, bronzeados e descalços.

"Vou ficar aqui e preparar alguma coisa para comer."

August levantou as sobrancelhas.

"É bom ver você com fome."

As duas foram para a varanda de trás e desceram para o jardim. Eu as segui até a caminhonete. Quando Rosaleen entrou, eu disse: "Não vá cuspir nos sapatos de ninguém, o.k.?".

Ela deu uma gargalhada que fez seu corpo todo tremer. Parecia que todas as flores do seu vestido estavam voando com uma rajada de vento.

Voltei para dentro, fervi duas salsichas de cachorro-quente e comi as duas sem pão. Depois fui até a mata, peguei umas plantinhas que brilhavam ao sol, mas me cansei delas e joguei-as fora.

Fiquei sentada no chão, esperando me afundar naquele humor sombrio, pensando na minha mãe, mas só conseguia pensar em Rosaleen. Imaginei-a numa fila, praticando escrever seu nome e conseguindo direitinho. Seu grande momento. De repente desejei ter ido com elas. Gostaria de estar lá mais que tudo no mundo. Gostaria de ver a cara dela quando recebesse

seu título de eleitor. Queria lhe dizer: *Rosaleen, sabe de uma coisa? Estou orgulhosa de você.*

O que eu estava fazendo ali no meio da mata?

Resolvi me levantar e entrar. Ao passar pelo telefone no corredor senti um ímpeto de falar com Zach. De fazer parte do mundo de novo. Disquei o número dele.

Quando ele atendeu, eu disse: "Quais são as novidades?".

"Quem está falando?"

"Muito engraçado", falei.

"Sinto muito sobre... tudo", ele falou. "August me contou o que aconteceu." O silêncio flutuou entre nós por um instante, depois ele disse: "Você vai ter de voltar?".

"Quer dizer, para o meu pai?"

Ele hesitou e respondeu: "É".

No instante em que ele disse isso eu tive a sensação de que era exatamente o que aconteceria. Meu corpo sentia isso.

"Acho que sim", falei. Enrolei o fio de telefone no dedo e olhei para o hall da porta da frente. Por um instante não consegui desgrudar os olhos dali, me imaginando indo embora e não voltando mais.

"Eu vou te visitar", ele disse. E eu tive vontade de chorar.

Zach batendo na porta da casa de T. Ray Owens. Isso nunca poderia acontecer.

"Eu perguntei quais eram as novidades, lembra?" Não esperava nada de novo, mas precisava mudar de assunto.

"Para começar, eu vou para a escola de brancos este ano."

Eu fiquei sem fala, e apertei o telefone.

"Tem certeza de que quer fazer isso?" Eu sabia como eram aquelas escolas.

"Alguém tem de fazer isso. É melhor a coisa começar por mim."

Ao que parecia, nós dois estávamos fadados ao sofrimento.

Rosaleen voltou para casa como eleitora registrada nos Estados Unidos da América. Naquela noite, nós ficamos na mesa esperando para jantar, enquanto ela pessoalmente telefonava para cada uma das Filhas.

"Eu só queria dizer que tirei o título de eleitora", dizia a cada vez, e depois de uma pausa continuava. "Vou votar para o presidente Johnson e o sr. Hubert Humphrey. Não quero saber do sr. Pisswater."* Ela ria toda vez que dizia isso, como se fosse a melhor piada do mundo. "Goldwater, Pisswater, entendeu?"

Isso continuou até mesmo depois do jantar. Quando pensamos que tinha acabado, ela dizia:

"Vou dar meu voto para o sr. Johnson."

Quando finalmente terminou e deu boa-noite, eu fiquei vendo-a subir as escadas com o vestido vermelho e branco do dia do seu registro como eleitora e desejei mais uma vez ter estado lá.

Arrependimentos não servem de nada, *você sabe disso*, August tinha dito para June.

Subi as escadas correndo e agarrei Rosaleen, que estava prestes a dar seu próximo passo. Dei-lhe um grande abraço e disse num rompante:

"Eu te amo." Nem eu sabia que iria dizer aquilo.

Naquela noite, quando os gafanhotos, os sapos de árvores e todas as outras criaturas musicais cantavam com força, eu andei em volta do apiário com a sensação de que estava no início da primavera. Eram dez horas e eu me sentia com disposição para esfregar o chão e lavar as janelas.

Ajeitei os potes de cerâmica nas prateleiras, peguei a vassoura e comecei a varrer o chão e debaixo do tanque e do gerador, onde, ao que parecia, ninguém passava uma vassoura havia uns bons cinquenta anos. Mesmo assim não me senti cansada. Tirei os lençóis da cama e fui buscar lençóis limpos na casa rosa, andando na ponta dos pés para não acordar ninguém. Peguei uns trapos e sabão em pó caso precisasse.

Voltei para o apiário e, sem ter me dado conta, me vi tomada por um frenesi de limpeza. À meia-noite, o quarto estava brilhando.

Mexi nas minhas coisas e joguei um bocado delas fora. Lápis velhos, umas histórias que eu tinha escrito e que não prestavam para nada, uns shorts rasgados, um pente com a metade dos dentes faltando.

Depois juntei os ossos de camundongos que guardava no bolso, percebendo que não precisava ficar com eles todo o tempo. Mas também sabia que não podia jogá-los fora, então amarrei tudo com uma fita de cabelo vermelha e coloquei na prateleira ao lado do ventilador. Olhei para eles um instante, pensando como eu podia ter me ligado a *ossos de camundongo*. Então compreendi que às vezes a gente precisa cuidar de alguma coisa, só isso.

Àquela altura comecei a me sentir cansada, mas tirei as coisas da minha mãe da caixa de chapéu — o espelho de tartaruga, a escova, o livro de poesia, o alfinete de baleia, a foto nossa com os rostos colados — e coloquei tudo na prateleira junto dos ossos de camundongo. O quarto ficou com um aspecto bem diferente.

Quando estava quase dormindo, pensei nela. Ninguém é perfeito. Basta a gente fechar os olhos, respirar e deixar os enigmas do coração humano se soltarem.

Na manhã seguinte apareci na cozinha com o alfinete de baleia preso no meu top azul preferido. Estava tocando um disco de Nat King Cole: *Unforgettable*, *That's What You Are*. Acho que estava ligado para a gente não ouvir o barulho da máquina de lavar Lady Kenmore na varanda. Era uma invenção maravilhosa, mas barulhenta como um misturador de cimento. August estava sentada com os cotovelos em cima da mesa, terminando seu café e lendo outro livro da biblioteca ambulante.

Quando levantou os olhos, deu de cara comigo e viu o alfinete de baleia. Eu notei que ela sorriu antes de voltar à sua leitura.

Preparei meus cereais com passas. Quando terminei de comer, August disse: "Vamos ver as colmeias. Preciso te mostrar uma coisa".

Vestimos aquela roupa toda para mexer com as abelhas, ou pelo menos eu vesti. August usava apenas chapéu e véu.

Quando estávamos indo para lá, August alargou o passo para não pisar numa formiga. Eu me lembrei de May.

“Foi May quem ensinou minha mãe a salvar as baratas, não foi?”

“Quem mais seria?”, disse August sorrindo. “Sua mãe ainda era adolescente. May a viu matar uma barata com um mata-moscas, e disse: ‘Deborah Fontanel, toda criatura viva é especial. Você quer matar uma delas?’ Depois a ensinou a fazer uma trilha de *marshmallows* e bolachas.”

Eu passei o dedo no alfinete de baleia do meu ombro e fiquei imaginando a cena. Depois olhei em volta para observar o mundo. O dia estava tão bonito que não dava para imaginar que alguma coisa pudesse estragá-lo.

Segundo August, quem nunca tivesse visto um grupo de colmeias de manhã cedo tinha perdido a oitava maravilha do mundo. Imaginem aquelas caixas brancas enfiadas debaixo dos pinheiros. O sol batendo nos galhos, brilhando nas gotículas de orvalho que secam nas tampas. Centenas de abelhas rodopiam em volta das melgueiras, se aquecendo, mas a maioria, fazendo suas necessidades, pois as abelhas são tão limpas que não gostam de sujar o interior das suas colmeias. De longe dão a impressão de uma pintura daquelas que se vê num museu, mas os museus não captam o som. A uns quinze metros de distância ouvimos um zumbido que parece vir de outro planeta. A um metro nossa pele começa a vibrar. O cabelo da nuca fica arrepiado. A cabeça diz *Não se aproxime*, mas o coração nos leva direto para o lugar do zumbido, onde somos engolidos por ele. Ficamos ali pensando: *Estou no centro do Universo, onde tudo é uma canção para a vida*.

August levantou a tampa de uma colmeia.

“Esta aqui está sem a rainha”, disse.

Eu tinha aprendido o bastante para saber que a colmeia sem rainha é uma sentença de morte para as abelhas. Elas param de trabalhar e ficam completamente desmoralizadas.

“O que aconteceu?”, perguntei.

“Descobri isso ontem. As abelhas estavam pousadas ali na prancha de entrada, com ar muito melancólico. Quando a gente vê abelhas se lamentando, pode apostar que a rainha

morreu. Então eu procurei pelos favos e vi que estava certa. Não sei o que aconteceu. Talvez tivesse chegado a sua hora."

"E o que vai fazer?"

"Telefonei para a Central do Condado e eles me puseram em contato com um homem em Goose Creek, que disse que viria para cá hoje com uma nova rainha. Quero que a colmeia volte ao normal antes que as operárias comecem a pôr ovos. Se começarem, será uma confusão total."

"Eu não sabia que as abelhas-operárias podiam pôr ovos", falei.

"Na verdade elas só põem ovos não fecundados por zangões. Enchem as colmeias com esses ovos, e, quando morrem naturalmente, não há outras para substituí-las."

Abaixando a tampa, August disse: "Só queria te mostrar como é uma colônia sem rainha".

Levantou os véus do seu chapéu e depois os meus também, e percebeu que eu examinava o brilho dourado dos seus olhos.

"Lembra quando eu contei a história de Beatriz, a freira que fugiu do convento? Lembra que a Virgem Maria esperou por ela?"

"Lembro. Achei que a senhora sabia que eu tinha fugido, como Beatriz. Que a senhora tentava me dizer que Maria estava me esperando em casa, cuidando das minhas coisas até eu voltar."

"Não era nada disso que eu estava tentando te dizer. Não era na sua fuga que eu estava pensando, estava pensando na fuga da sua *mãe*. Estava tentando plantar uma ideia na sua cabeça."

"Que ideia?"

"De que Nossa Senhora podia ficar no lugar de *Deborah* e ser uma mãe substituta para você."

A luz fazia desenhos na grama. Olhei para eles e falei com certo constrangimento: "Uma noite, na casa rosa, eu disse para Nossa Senhora que ela era minha mãe. Pus a mão no seu coração como a senhora e as Filhas sempre fazem nas reuniões. Tinha tentado isso antes e desmaiei, mas dessa vez fiquei firme, e um pouco depois realmente me senti mais forte. Mas então perdi a força. Acho que preciso tocar no coração dela de novo".

“Preste atenção agora, Lily. Vou dizer uma coisa e quero que se lembre para sempre, está bem?”, disse August.

Seu rosto ficou com um ar sério e decidido. Seus olhos não piscaram.

“Está bem”, respondi, sentindo uma carga elétrica passar pela minha espinha.

“Nossa Senhora não é um ser mágico existente por aí, como se fosse uma fada madrinha. Não é a estátua que você vê na nossa sala. Ela está *dentro* de você. Entendeu o que eu estou falando?”

“Nossa Senhora está dentro de mim”, repeti, sem entender muito bem.

“Você tem de encontrar uma mãe dentro de você. Todos nós temos de encontrar. Mesmo quem tem uma mãe precisa encontrar essa parte dentro de si mesmo.” Estendeu a mão para mim. “Me dê a sua mão.”

Eu levantei a mão esquerda e pus em cima da sua, e ela segurou-a e apertou a palma no meu peito, no meu coração que batia.

“Você não precisa pôr a mão no coração de Maria para ter força, consolo e salvação, e todas as outras coisas que precisamos ao longo da vida. Basta pôr a mão bem aqui no seu próprio coração. *No seu próprio coração*.”

August chegou mais perto, mantendo a pressão na minha mão.

“Toda vez que seu pai te tratou mal, era a voz de Nossa Senhora em você que dizia: ‘Não, eu não vou aceitar isso. Eu sou Lily Melissa Owens, não vou aceitar isso’. Mesmo que você não pudesse ouvir essa voz, ela estava ali dizendo essas palavras.”

Peguei minha outra mão e a coloquei sobre a sua. Ela pôs a mão livre por cima, e nós formamos uma pilha de mãos brancas e negras pousadas no meu peito.

“Quando você não estiver segura de si, quando começar a sentir dúvidas, ela estará dentro de você dizendo: ‘Levante e viva como a menina gloriosa que você é’. Ela é o poder dentro de você, compreendeu?”

Suas mãos se mantiveram no meu peito, mas a pressão diminuiu.

"E sempre que seu coração se ampliar, é Maria agindo também. Ela não é só o poder dentro de você, é também o amor. E levar isso a sério, Lily, é o único propósito grande o suficiente para uma vida humana. Não só amar — mas *persistir* no amor."

August fez uma pausa. As abelhas zumbiam no ar. Ela tirou as mãos do meu peito, mas eu deixei a minha.

"Essa Maria de quem estou falando está no seu coração o dia todo, dizendo: 'Lily, você é minha casa eterna. Nunca tenha medo. Eu sou o bastante. Nós somos o bastante'."

Fechei os olhos, e na frescura da manhã, ali entre as abelhas, senti por um instante exatamente o que ela estava falando.

Quando abri os olhos, August não estava mais ali. Olhei para a casa e a vi atravessando o quintal, seu vestido branco todo iluminado.

Bateram na porta às duas horas da tarde. Eu estava sentada na sala de visitas, escrevendo no caderno novo que Zach deixara na minha porta, anotando tudo que tinha me acontecido desde o Dia de Maria. As palavras saíam tão depressa que eu não conseguia segui-las, e era nisso que estava pensando. Não prestei muita atenção na porta. Mais tarde me lembraria que não era uma batida comum. Parecia mais um murro.

Continuei a escrever, esperando que August abrisse. Tinha certeza de que era o homem de Goose Creek com a nova abelha rainha.

Ouvi a batida de novo. June tinha saído com Neil. Rosaleen estava no apiário lavando uma nova remessa de potes de cerâmica, uma tarefa minha, mas que ela tinha se oferecido para fazer, quando viu que eu precisava muito escrever. Eu não sabia onde August estava. Provavelmente no apiário também, ajudando Rosaleen.

Quando olho para trás, penso: como eu não vi logo quem estava ali?

Na terceira batida eu me levantei e fui abrir a porta.

T. Ray olhou para mim, bem barbeado, com uma camisa branca de manga curta e o cabelo do peito aparecendo na abertura do pescoço. Estava sorrindo. Não um sorriso amoroso, mas o sorriso de quem andou caçando um coelho o dia todo e acabou de encontrar sua presa acuada dentro do oco de um tronco, sem possibilidade de escapar.

"Muito bem, muito bem. Olhe quem está aqui."

Eu fui tomada de um pânico súbito, imaginando que ele podia me arrastar para sua caminhonete e me levar de volta para a fazenda de pêssegos, onde nunca mais ninguém ouviria falar de mim. Dei um passo para trás, e com uma gentileza forçada que me surpreendeu e que parece que o pegou desprevenido, disse:

"Não quer entrar?"

O que mais eu podia fazer? Eu me virei e fiz força para voltar com calma para a sala.

As botas dele socavam o chão.

"Que merda!", ele disse, por trás da minha cabeça. "Se quiser fingir que estou fazendo uma visita social, vamos fingir, mas essa não é uma visita social, está me ouvindo? Passei metade do verão te procurando, e você vai embora comigo bonitinha, senão vai no chute e no grito, para mim dá no mesmo."

Eu mostrei a cadeira de balanço.

"Não quer se sentar?"

Estava tentando parecer aborrecida, quando por dentro sentia um pânico absoluto. *Onde estaria August?* Minha respiração ficou curta, parecendo a de um cachorro ofegante.

Ele afundou-se na cadeira de balanço e empurrou-a para a frente e para trás, com aquele sorriso sádico no rosto.

"Então você estava aqui todo o tempo, morando com umas pretas. *Meu Deus!*"

Sem perceber, eu tinha me aproximado da estátua de Nossa Senhora, e fiquei imóvel ali enquanto ele olhava para a estátua.

"Que diabo é isso?"

"Uma estátua de Maria. Você sabe, a mãe de Deus." Minha voz estava fina. Por dentro eu forçava a cabeça tentando descobrir alguma coisa para dizer.

“Parece uma coisa achada num ferro-velho”, ele falou.

“Como você me encontrou?”

Deslizando para a ponta da cadeira de vime, ele tirou sua faca do bolso da calça, a que usava para limpar as unhas.

“Foi *você* quem me guiou para cá”, disse, muito contente de contar a novidade.

“Eu não fiz isso.”

Ele tirou a faca da bainha, fincou a ponta no braço da cadeira e cortou umas lascas de madeira, começando a explicar com toda a calma.

“Você me guiou para cá, sim. Ontem a conta do telefone chegou, e sabe o que encontrei? O telefonema a cobrar dado no escritório de um advogado em Tiburon, sr. Clayton Forrest. Um grande erro, Lily, telefonar para mim a cobrar.”

“Você foi ao escritório do sr. Clayton e ele disse onde eu estava?”

“Não, mas a secretária velha dele ficou feliz de me dar a informação. Disse que eu te encontraria aqui.”

A idiota da srta. Lacy.

“Onde está Rosaleen?”, ele perguntou.

“Ela foi embora há muito tempo”, menti. Ele podia *me* raptar para Sylvan, mas não precisava saber onde Rosaleen estava. Eu podia poupar Rosaleen pelo menos daquilo.

Ele não comentou sobre Rosaleen. Parecia feliz de entalhar o braço da cadeira de balanço como se fosse um menino de onze anos pondo suas iniciais em uma árvore. Acho que estava contente por não precisar falar com ela. Fiquei imaginando como eu sobreviveria em Sylvan sem Rosaleen.

De repente ele parou de se balançar e aquele sorriso nojento sumiu da sua boca. Fixou o olhar no meu ombro com os olhos bem apertados. Eu olhei para baixo para ver o que estava chamando sua atenção, e percebi que era o alfinete de baleia na minha blusa.

T. Ray levantou-se e chegou mais para perto, parando deliberadamente a um metro e meio de mim, como se o alfinete fosse algum trabalho de vodu.

“Onde você arranjou isso?”, perguntou.

Minha mão tocou sem querer no pequeno jato de pedrinhas.

"August me deu. A mulher que mora aqui."

"Não minta para mim."

"Não estou mentindo. Ela me deu. Disse que pertencia a..." e tive medo de continuar. Ele não sabia da ligação entre minha mãe e August.

O lábio superior dele ficou branco, como acontecia quando ele se irritava muito.

"Eu dei esse alfinete para sua mãe quando ela completou vinte e dois anos. Agora me diga como essa August conseguiu isso?"

"Você deu esse alfinete para minha mãe? *Você?*"

"Porra, me responda logo."

"Foi para cá que minha mãe veio quando nos deixou. August disse que ela estava usando isso no dia em que chegou aqui."

Ele voltou para a cadeira de balanço com um ar trêmulo e afundou-se no assento.

"Que merda", disse, tão baixo que eu mal pude ouvir.

"August cuidava da minha mãe quando ela era criança na Virginia", eu disse, tentando explicar.

Ele ficou olhando em frente, para o vazio. Pela janela, no verão da Carolina do Sul, eu via o sol batendo no teto da sua caminhonete e iluminando as pontas das estacas da cerca sumidas debaixo do jasmim. A caminhonete estava cheia de lama, como se ele tivesse atravessado pântanos para me procurar.

"Eu devia saber." Sacudiu a cabeça, falando como se eu não estivesse na sala. "Procurei por ela em todo lugar que me passou pela cabeça. E ela estava bem aqui. Meu Deus, ela estava bem aqui."

Ele parecia assombrado com essa ideia. Sacudiu de novo a cabeça e olhou em volta, como se estivesse pensando: *Aposto como ela sentou nessa cadeira. Aposto que ela pisou nesse tapete.* Seu queixo tremia ligeiramente, e pela primeira vez eu percebi quanto ele devia ter amado minha mãe, como devia ter sofrido quando ela foi embora.

Antes de vir para cá, minha vida não era mais que um buraco onde minha mãe devia ter estado, e esse buraco me tornou diferente, me deixou com ânsia de alguma coisa, mas eu nunca pensei no que ele tinha perdido ou como isso pode ter feito com que ele mudasse.

Pensei nas palavras de August: *As pessoas às vezes começam de uma forma e com o passar da vida se tornam completamente diferentes. Não duvido que ele amasse sua mãe no início. Na verdade, acho que a adorava.*

Eu nunca imaginei que T. Ray pudesse adorar alguém a não ser a Snout, a cachorra da sua vida, mas vendo-o naquele momento, descobri que ele tinha amado Deborah Fontanel, e que quando ela o deixou ele se entregou à amargura.

T. Ray enterrou a faca no braço da cadeira e levantou-se. Eu olhei para o cabo da faca solta no ar, depois para ele, que andava pela sala tocando nas coisas, no piano, no cabide de chapéus, numa revista *Look* pousada na mesa de armar.

"Você está aqui sozinha?", ele perguntou.

Eu senti o que ia acontecer. Era o final de tudo.

T. Ray andou na minha direção e agarrou o meu braço. Quando me esquivei, ele bateu em cheio na minha cara. Ele já tinha me dado muitos tapas rápidos e fortes na bochecha, que fazem com que a gente prenda a respiração, mas dessa vez foi diferente, não foi bem um tapa. Dessa vez ele me bateu com muita força. Eu ouvi a respiração forçada sair dos seus lábios quando virou a mão em mim, vi seus olhos arregalados. E senti o cheiro da fazenda e dos pêssegos na sua mão.

O impacto me atirou em cima da Nossa Senhora. A estátua caiu no chão um instante antes de mim. Eu não senti dor no início, mas quando sentei, com os pés debaixo de mim, a dor passou do ouvido para o queixo. E caí de novo no chão. Olhei para ele com as mãos no peito, imaginando se ele me arrastaria até a caminhonete.

T. Ray gritava:

"Como você ousou me deixar? Está precisando de uma lição, é disso que está precisando!"

Eu enchi os pulmões de ar e tentei me controlar. A Maria negra continuava no chão ao meu lado, exalando um forte cheiro de mel. Lembrei da gente passando o mel em cada greta da madeira até ela ficar toda coberta. Fiquei ali com medo de me mexer, olhando para a faca enfiada no braço da cadeira do outro lado da sala. Ele chutou minha canela com sua bota grossa, como se eu fosse uma lata na estrada que ele chutava porque estava na sua frente.

Ficou por cima de mim e disse, num murmúrio:

"Deborah, você não vai me deixar de novo." Seus olhos estavam frenéticos, amedrontados. Fiquei na dúvida se tinha entendido bem suas palavras.

Notei que minhas mãos continuavam em cima do meu peito e apertei-as com força.

"Levante-se!", ele gritou. "Vou te levar para casa."

Deu um puxão no meu braço e me levantou. Quando fiquei de pé, saí correndo porta afora. T. Ray veio atrás de mim, e me agarrando pelo cabelo, fez com que eu olhasse para ele. Então vi a faca na sua mão. Ele a sacudia na frente do meu rosto.

"Você vai voltar comigo!", gritou. "Não devia ter me deixado nunca."

De repente passou pela minha cabeça que ele não estava mais falando comigo e sim com Deborah. Como se tivesse voltado dez anos no tempo.

"T. Ray. Sou eu, Lily."

Ele não me ouviu. Continuou agarrando meu cabelo, não me soltou.

"Deborah", disse de novo. "Sua filha da puta."

Ele parecia enlouquecido de angústia, revivendo a dor que tinha trancado no peito todo esse tempo e que agora, liberada, o dominava. Fiquei imaginando até quando ele tentaria levar Deborah de volta. Ao que perecia, talvez quisesse até matá-la.

Eu sou sua casa eterna. Eu sou o bastante. Nós somos o bastante.

Olhei dentro dos seus olhos, que pareciam estranhos e nublados.

"Papai!", gritei.

E gritei de novo.

"*Papai!*"

Ele ficou assustado, olhou para mim, respirando com força. Soltou meu cabelo e jogou a faca no tapete.

Eu cambaleei para trás, mas me equilibrei. Ouvi minha respiração entrecortada enchendo todo o ar. Queria olhar para a faca sem que ele notasse, mas não teve jeito. Procurei ver onde ela estava. Quando olhei para cima, vi seus olhos ainda fixos em mim.

Por um instante nenhum de nós dois se mexeu. Eu não conseguia saber o que ele estava tramando. Meu corpo tremia, mas senti que devia continuar a falar.

"Desculpe... Desculpe ter ido embora sem avisar", falei, dando uns passinhos para trás.

A pele acima dos olhos dele caiu por cima das pálpebras. Ele olhou para a janela, como se estivesse vendo a estrada que tinha trazido minha mãe para lá.

Ouvi o soalho do corredor ranger. Ao me virar, vi August e Rosaleen na porta. Fiz um sinal com a mão para que elas fossem embora. Acho que precisava resolver as coisas por mim mesma, estar ali quando ele voltasse ao normal. Agora ele parecia muito inofensivo, ali parado.

Por um instante achei que elas iam entrar de qualquer jeito, mas August pôs a mão no braço de Rosaleen e as duas desapareceram.

Quando T. Ray se virou, apertou os olhos e eu vi uma mágoa imensa refletida neles. Olhou para o alfinete da minha blusa e disse: "Você se parece com ela". Com essa frase, vi que ele tinha dito tudo.

Então me abaixei e peguei a faca, dobrei a lâmina e a entreguei para ele.

"Tudo bem", eu disse.

Mas não estava tudo bem. Eu tinha acabado de olhar, por uma fresta, o lugar que ele mantinha trancado, o terrível lugar que agora seria lacrado para não mais ser aberto, se possível. De repente ele pareceu envergonhado. Esticou os lábios para fora, tentando reconquistar seu orgulho, sua raiva, a revolta

com que tinha entrado ali. Suas mãos entravam e saíam dos bolsos.

"Nós vamos para casa", ele disse.

Eu não respondi, fui até a estátua de Nossa Senhora jogada no chão e coloquei-a de pé. Senti August e Rosaleen por perto, dava quase para ouvir a respiração delas. Pus a mão no rosto, que estava inchado do tapa que ele me deu.

"Eu vou ficar aqui. Não vou embora." As palavras saíram duras e claras da minha boca. Como pérolas que eu estivesse preparando havia semanas na minha barriga.

"O que você disse?"

"Disse que não vou embora."

"Você acha que eu vou sair daqui te deixando para trás? Eu nem conheço essa gente." T. Ray parecia lutar para dar força às suas palavras. A raiva tinha se esvaído quando ele largou a faca.

"*Eu* conheço. August Boatwright é uma boa pessoa."

"Como você sabe que ela te quer aqui?"

"Lily pode ficar aqui comigo o tempo que quiser", disse August, entrando na sala seguida de Rosaleen. Eu fui para junto delas. Ouvi o carro de Queenie chegando na entrada da casa. O silencioso daquele carro era inconfundível. Aparentemente August tinha chamado as Filhas.

"Lily disse que você tinha ido embora", T. Ray falou para Rosaleen.

"Mas resolvi voltar."

"Não estou nada interessado se você está aqui ou se vai embora. Mas Lily vai comigo para casa."

Mesmo ouvindo essas palavras eu podia sentir que ele não me queria, não me queria de volta na fazenda, não queria se lembrar *dela*. O seu outro lado — o lado bom, se é que ele tinha um — talvez estivesse pensando que eu ficaria melhor aqui.

Era só orgulho agora. Como ele poderia voltar atrás?

A porta da frente abriu, e Queenie, Violet, Lunelle e Mabelee entraram, muito nervosas, com ar de quem vestiu a roupa com as costas para a frente. Queenie olhou para o meu rosto.

"Está todo mundo bem?", perguntou, arfando.

“Nós estamos bem”, August respondeu. “Este é o sr. Owens, o pai de Lily. Ele veio fazer uma visita a ela.”

“Eu não consegui falar com a Doçura nem com Cressie”, disse Queenie. As quatro se alinharam ao nosso lado, com as bolsas coladas no corpo como se fossem usá-las para dar uma surra em alguém.

Fiquei imaginando o que ele pensaria de nós. Um bando de mulheres — Mabelee com menos de um metro e meio de altura, Lunelle com o cabelo espetado pedindo para ser trançado, Violet murmurando “Maria abençoada”, e Queenie, a durona da Queenie, com as mãos nos quadris e o lábio esticado para fora, como se dissesse: *Duvido que você tente levar essa menina daqui.*

T. Ray fungou e olhou para o teto. Sua resolução estava fragmentada, dando quase para ver os pedacinhos caindo.

August viu isso também. Deu um passo à frente, e eu notei mais uma vez como ela era alta.

“Sr. Owens, o senhor faria um favor a Lily e a todas nós se a deixasse ficar aqui. Ela está aprendendo a criar abelhas comigo e tem feito isso com todo o afinco. Nós amamos Lily e vamos tomar conta dela, eu prometo. Vamos colocá-la no colégio aqui e mantê-la na linha.”

Eu tinha ouvido August dizer mais de uma vez: *Quando você precisa de uma coisa de alguém, deve sempre dar a essa pessoa uma maneira de ela entregar essa coisa a você.* T. Ray precisava de um pretexto para me deixar ali, e era isso que August estava lhe dando.

Meu coração bateu forte, e eu fiquei observando-o. Ele olhou uma vez para mim, depois deixou a mão cair de lado.

“Bons ventos te conduzam”, ele disse, caminhando para a porta. Tivemos de abrir nossa pequena barreira de mulheres para lhe dar passagem.

A porta da frente bateu na parede de trás quando ele a empurrou com força e saiu. Nós nos entreolhamos sem dar uma palavra. Parecíamos ter sugado todo o ar da sala e o prendido nos nossos pulmões, até termos certeza de que podíamos soltá-lo.

Ouvi a caminhonete dele ser ligada e, antes que me desse conta, saí correndo atrás dele pelo quintal.

Rosaleen me chamou, mas não houve tempo para explicação.

A caminhonete deu à ré na entrada, fazendo voar terra para os lados. Eu balancei os braços e disse: “Pare! Pare!”.

Ele freou e olhou para mim pelo para-brisa. Por trás de mim, August, Rosaleen e as Filhas chegaram na varanda da frente. Eu me aproximei do carro quando ele espichou a cabeça para fora da janela.

“Eu quero te perguntar uma coisa”, falei.

“O quê?”

“No dia em que minha mãe morreu, você disse que quando eu peguei a arma, ela disparou.” Meus olhos estavam grudados nos dele. “Eu preciso saber. Fui eu quem atirei?”

As cores do quintal mudaram com as nuvens, passando de amarelo para verde-claro. Ele pôs a mão no rosto, olhou para baixo, depois virou os olhos para mim.

Quando falou, a rudeza tinha desaparecido da sua voz.

“Eu podia dizer que fui eu. É isso que você quer ouvir. Podia dizer que foi ela mesma, mas estaria mentindo. Foi você quem atirou, Lily. Sem querer, mas foi você.”

Olhou para mim mais um instante, depois deu partida no carro, me deixando ali com o cheiro de óleo do carburador. As abelhas estavam por todo lado, esvoaçando sobre as hortênsias e as murtas espalhadas pelo jardim, o jasmim da orla da mata, a hortelã enroscada na cerca. Talvez ele estivesse dizendo a verdade, mas nunca se sabia cem por cento com T. Ray.

Ele saiu devagar, sem desembestar pela estrada como eu esperava. Fiquei parada ali até perder de vista a caminhonete, depois me virei para August, Rosaleen e as Filhas na varanda. Esse é o momento que me lembro com maior clareza — eu na entrada da casa olhando para elas. Lembro delas esperando. Todas aquelas mulheres, todo aquele amor, esperando.

Olhei para a estrada pela última vez. Lembro de ter pensado que provavelmente ele me amava da sua forma mesquinha. Ele tinha perdido todo o direito sobre mim, não tinha?

Ainda digo a mim mesma que, quando ele partiu naquele dia, não estava dizendo "bons ventos te conduzam", e sim *Oh, Lily, você está melhor aí na casa dessas mulheres de cor. Você nunca teria desabrochado comigo como vai desabrochar com elas.*

Eu sei que é uma ideia quase absurda, mas acredito na força da imaginação. Às vezes imagino que vou receber um presente dele no Natal, não os antigos presentes de suéter-meias-pijama, mas uma coisa realmente inspirada, como uma pulseira de berloques de ouro catorze quilates e um cartão dizendo: *Com muito amor, T. Ray.* Ele usaria essa palavra "amor", e o mundo não pararia de girar, seguiria seu curso, como o rio, como as abelhas, como tudo o mais. Ninguém deveria ignorar por completo os absurdos. Olhem para mim. Eu mergulhei em um absurdo atrás do outro, e aqui estou na casa rosa. Acordo maravilhada todos os dias.

No outono, a Carolina do Sul mudou de cor, passando para o vermelho rubi com fortes sombras alaranjadas. Eu vejo isso agora do meu quarto no primeiro andar, o quarto que June deixou, quando se casou no mês passado. Eu nunca poderia imaginar que um dia tivesse um quarto assim. August comprou uma cama nova para mim e uma penteadeira, em estilo provençal francês, pelo catálogo da Sears and Roebuck. Violet e Queenie me doaram um tapete estampado com flores que estava se perdendo no quarto de guardados, e Mabelee fez umas cortinas de bolinhas azuis e brancas com franjas na borda para as janelas. Cressie tricotou quatro almofadas em forma de polvo, de oito pernas, de várias cores, para eu deixar em cima da cama. Um polvo já me bastaria, mas como esse é o único trabalho manual que Cressie sabe fazer, ela os faz aos montes.

Lunelle fez um chapéu para mim, o mais lindo que já tinha feito, mais lindo ainda que o chapéu de casamento de June. Parece um pouco com o chapéu do papa. É bem alto, e não para de subir no ar. Mas é mais redondo que o chapéu do papa. Achei que seria azul, mas ela preferiu usar marrom e dourado. Penso que sua intenção foi retratar uma antiga colmeia. Eu só

uso o presente de Lunelle nas reuniões das Filhas de Maria, pois em outro lugar um chapéu assim engarrafaria o trânsito.

Clayton vem toda semana conversar conosco sobre as providências que está tomando com relação a mim e a Rosaleen em Sylvan. Disse que não se pode espancar uma pessoa na prisão e que acha que vai ganhar essa batalha. De qualquer forma, até o Dia de Ação de Graças as acusações contra mim e Rosaleen serão arquivadas.

Às vezes Clayton traz a filha Becca quando vem nos ver. Ela é um ano mais moça que eu. Sempre a imagino igual à foto do seu escritório, segurando a mão dele, pulando uma onda. Eu guardo as coisas da minha mãe em uma prateleira especial no meu quarto, mas não deixo Becca tocar em nada. Algum dia vou deixar que ela pegue nelas, pois imagino que é isso que uma amiga faria. O sentimento de que esses objetos são sagrados está começando a enfraquecer. Dentro em breve vou emprestar a escova da minha mãe para Becca, dizendo: "Quer escovar o cabelo com ela?", "Quer usar o alfinete de baleia?".

Becca e eu nos encontramos com Zach na lanchonete e sentamos com ele sempre que possível. Somos chamadas de "namoradas de negro", e quando os ignorantes fazem bolinhas de papel e atiram em Zach no corredor, o que parece ser a diversão preferida entre as classes, Becca e eu também somos alvos delas. Zach diz que não devíamos andar do mesmo lado do corredor que ele. E nós dizemos: "Bolinhas de papel, grande coisa!".

Na fotografia na mesinha de cabeceira minha mãe ri para mim o tempo todo. Acho que perdoei a nós duas, mas às vezes no meio da noite meus sonhos são impregnados de tristeza, e eu tenho de acordar e nos perdoar mais uma vez.

Fico no meu quarto novo escrevendo tudo que sinto. Meu coração não para de falar. Sou eu quem cuida do muro agora. Vivo colocando orações e pedras novas nele. Não me surpreenderá se o muro de lamentações de May durar mais que todos nós. No final dos tempos, quando todas as construções do mundo tiverem ruído, lá estará ele.

Todo dia paro diante da Maria negra, que olha para mim com seu rosto sábio, mais do que velho e feio, de uma maneira bonita. Parece que as fendas se aprofundam no seu corpo toda vez que a vejo, que a pele de madeira envelhece diante dos meus olhos. Nunca me canso de olhar para aquele braço grosso estirado para cima, o punho como uma lâmpada prestes a explodir. Essa Maria é um músculo de amor.

Sinto-a em momentos inesperados, sua assunção aos céus acontece em vários pontos dentro de mim. Ela sobe de repente, mas não vai para o céu, vai cada vez mais fundo dentro de mim. August diz que ela vai para os buracos que a vida cavou em nós.

Estamos num outono maravilhoso, mas todo dia, todo santo dia, me lembro daquela tarde tórrida de agosto quando T. Ray foi embora. E me vejo de novo parada na entrada, com todas aquelas pedrinhas e areia em volta dos meus pés, olhando para a varanda. E lá estão elas. Todas aquelas mães. Tenho mais mães que qualquer menina. Elas são as luas que brilham sobre mim.

---

* *Pisswater:* água de pipi. Um trocadilho com *Goldwater*, água de ouro, sobrenome do candidato republicano na época. (N. T.)

Notas da autora

Agradeço às seguintes fontes, não só pelas informações que me ofereceram sobre abelhas, criação de abelhas e fabricação de mel, mas também por me fornecerem as epígrafes de abertura de cada capítulo: *The Dancing Bees*, de Karl Von Frisch; *The Honey Bee*, de James L. Gould e Carol Grant Gould; *The Queen Must Die: And Other Affairs of Bees and Men*, de William Longgood; *Man and Insects*, de L. H. Newman; *Bees of the World*, de Christopher O'Toole e Anthony Raw e *Exploring the World of Social Insects*, de Hilda Simon.

Agradecimentos

Meus profundos agradecimentos à minha agente, Virginia Barber, com seu incrível bom senso, apoio e competência. À minha editora, Pamela Dorman, cuja brilhante orientação e editoração fizeram toda a diferença. Às pessoas da Viking, que trabalharam com assiduidade neste livro — Susan Petersen Kennedy, Clare Ferraro, Nancy Sheppard, Carolyn Coleburn, Paul Slovak, Leigh Butler, Hal Fessenden, Carla Bolte, Paul Buckley, Roseanne Serra, Bruce Giffords, Maureen Sugden, Ann Mah, e ao grupo do departamento de vendas, todos muito solidários. A Dave e Janice Green, dedicados contadores na Pot o'Gold Honey Company, em Hemingway, Carolina do Sul, que me introduziram ao seu mundo de abelhas e foram uma fonte de ajuda inestimável. À Poets & Writers, Inc. e seu maravilhoso programa de Intercâmbio de Escritores, que me proporcionou oportunidades fundamentais e favoráveis com relação a este romance. À *Nimrod*, a revista literária que publicou meu conto — A vida secreta das abelhas — (outono/inverno de 1993), no qual se baseia o primeiro capítulo deste livro, e me estimulou a transformar o conto em romance. A Debbie Daniel, escritora e amiga, que leu os primeiros capítulos do livro e me deu sugestões. A Ann Kidd Taylor, que lia o manuscrito à medida que eu ia escrevendo e me deu excelente retorno e assistência. A Terry Helwig, Trisha Harrell, Carolyn Rivers, Susan Hull, Carol Graf, Donna Farmer e Lynne Ravenel — mulheres extraordinárias, que me ajudaram nos momentos difíceis. À minha família, maravilhosa e cooperativa — Bob, Ann, Scott, Kellie, meus pais (nada semelhantes aos pais deste romance). E, antes de tudo, à meu marido, Sandy, por todas as razões deste mundo.



ROLAND SCARPA

O mais recente livro de SUE MONK KIDD, *A invenção das asas* (Paralela), estreou em nº 1 na lista do *New York Times* e teve os direitos de cinema comprados por Oprah Winfrey. Seu romance anterior, *A sereia e o monge*, também nº- 1 na lista de mais vendidos do *New York Times*, ganhou o prêmio Quill de 2005 como melhor obra de ficção e foi transformado em filme para a TV. Ela mora perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Copyright © 2002 by Sue Monk Kidd
Copyright da tradução © 2004 by Ediouro Publicações Ltda.
Todos direitos reservados.
A edição original foi publicada em acordo com Viking Penguin, membro da Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House.
A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.
TÍTULO ORIGINAL The Secret Life of Bees
CAPA estúdio insólito
IMAGEM DE CAPA © Luka/ Corbis/ Latinstock
PREPARAÇÃO Mariana Rodrigues
REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz
ISBN 978-85-438-0091-2
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

